ANDREW LANE

intrínseca



O JOVEM

SHERLOCK HOLMES

TEMPESTADE DE FOGO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Copyright © Andrew Lane
Todos os direitos reservados.

Originalmente publicado por Macmillan Children’s Books, Londres

TÍTULO ORIGINAL
Fire Storm

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

PREPARAÇÃO
Ulisses Teixeira

REVISÃO
Sheila Louzada
Umberto Figueiredo

REVISÃO DE EPUB
Camila Dias

E-ISBN
978-85-8057-424-1

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

ANDREW LANE

O JOVEM SHERLOCK HOLMES

TEMPESTADE DE FOGO

LIVRO QUATRO

Tradução de Leonardo Alves

intrínseca






intrínseca

Dedicado à memória de meu pai, Jack Lane, que faleceu enquanto eu escrevia este livro. Descanse em paz, pai.

E meus agradecimentos sinceros ao pessoal adorável do Scottish Children's Book Trust (que, sem chegar a falar nada, meio que me deu a ideia de ambientar um livro em Edimburgo); ao pessoal do Book Zone for Boys na Irlanda (que provavelmente também merece ter um livro ambientado lá); a Helen Palmer, por mencionar o beco de Mary King; a Polly Nolan, por editar de forma tão compreensiva e sensata; a Nathan, Jessica e Naomi Gay, por todo o interesse; e a Jessica Dean, que garantiu que esta série de livros conquistasse o máximo de visibilidade.

Capítulo um

— PARE! — GRITOU RUFUS Stone. — Você está me *matando*!

Sherlock afastou o arco das cordas do violino.

— Não faça tanto drama.

— Não estou fazendo drama. Mais alguns segundos e meu coração teria saltado pela garganta e me estrangulado só para não precisar suportar mais essa coisa. Parecia um gato sendo torturado!

Sherlock sentiu sua autoconfiança murchar como uma folha seca no outono.

— Não achei que estivesse tão ruim — protestou ele.

— Esse é o problema — respondeu Stone. — Você não sabe *qual* é o problema. Se não souber qual é o problema, não pode consertá-lo.

Ele massageou a nuca e se afastou alguns passos, e era evidente que se esforçava para encontrar uma maneira de explicar a Sherlock o que exatamente havia de errado. Vestia uma camisa listrada larga, as mangas enroladas displicentemente, e um colete que parecia fazer parte de um terno fino, mas a calça era de cotelê e o couro das botas estava gasto. Ele se virou e olhou para Sherlock por um momento. Seu rosto tinha uma expressão de absoluta perplexidade e — como o menino percebeu, com um aperto angustiante no peito — de *decepção*.

Sherlock virou-se para não ver aquela expressão no rosto de alguém que ele considerava um amigo e também uma espécie de irmão mais velho.

Deixou o olhar passear pelo cômodo em que os dois se encontravam — por qualquer lugar que não fosse Stone. Eles estavam no sótão de um edifício antigo de Farnham. Stone alugava um quarto no segundo andar, e, como a senhoria gostava dele, deixava-o ensaiar e praticar com o violino — e ensinar ao único aluno de música que ele já aceitara — no amplo espaço do sótão.

O cômodo era grande e empoeirado, os feixes de luz do sol que vazavam pelas brechas no telhado formavam escoras diagonais que pareciam ajudar os esteios de

madeira a sustentar o teto triangular. De acordo com Stone, a acústica era ligeiramente pior que a de um celeiro, mas consideravelmente melhor que a de seu quarto. Havia caixas e baús empilhados ao longo das paredes baixas, e um alçapão em um canto abria-se para uma escada que dava no cômodo em que Sherlock e Stone se encontravam. Subir e descer aquela escada segurando o violino e o arco com uma das mãos era complicado, mas Sherlock gostava do isolamento do sótão e da sensação de espaço.

Um dia, pensou ele, vou ter meu próprio lugar para morar — algum lugar para onde eu possa me retirar do mundo e não ser incomodado. E não vou deixar ninguém entrar.

Lá fora, pombos voejavam e pousavam, bloqueando a luz por instantes. O frio da rua penetrava no sótão, dedos de ar gelado abrindo caminho pelo espaço entre as telhas.

Sherlock suspirou. O violino parecia pesado em sua mão, e também um pouco desajeitado, como se o menino nunca tivesse segurado um instrumento assim antes. No suporte à sua frente estava a partitura de uma peça de Mozart — de acordo com Stone, era a transcrição para violino de uma ária famosa chamada "A rainha da noite", da ópera *A flauta mágica*. Pelo que Sherlock entendera, as notas pretas presas entre as linhas da pauta eram como um código, mas o menino logo o decifrara: uma criptografia simples de substituição. Uma bolinha preta *naquela* linha sempre significava uma nota que soava *assim* — a menos que estivesse acompanhada de uma cerquilha, o que a fazia subir ligeiramente para um "sustenido", ou de um "b" angular pequeno, que baixava a nota ligeiramente, para um "bemol". Sustenido e bemol eram meio caminho para a nota seguinte ou a anterior à que ele estava tocando. Era um código simples e fácil de aprender — mas então por que Sherlock não conseguia transformar a música escrita em algo que Rufus Stone pudesse ouvir sem fazer careta?

O menino sabia que seu progresso não estava sendo tão rápido quanto Rufus gostaria, o que o deixava com raiva. Queria ter sido capaz de pegar o instrumento e tocar com perfeição já na primeira vez e em todas as outras, mas infelizmente a vida não era assim. *Deveria* ser, pensou Sherlock, com rebeldia. Ele se lembrava de ter sentido o mesmo em relação ao piano na casa de sua família. Passara horas sentado ao instrumento, tentando descobrir por que não conseguia tocá-lo logo de início. Afinal, a questão do piano era sua lógica invariável: quando se apertava

uma tecla, uma nota saía. A mesma tecla sempre produzia a mesma nota. Com certeza, era preciso apenas lembrar qual tecla gerava qual nota para que se pudesse tocar. O problema era que, por mais que tivesse pensado no assunto, Sherlock nunca conseguira se sentar ao piano e tocar como sua irmã fazia — um som fluido e belo, como as águas de um riacho.

Quatro cordas! O violino só tinha quatro cordas! Seria assim tão difícil?

— O problema — disse Stone de repente, virando-se e encarando Sherlock — é que você está tocando as notas, mas não a melodia.

— Isso não faz o menor sentido — retrucou Sherlock, na defensiva.

— Faz todo o sentido. — Stone suspirou. — As árvores não são a floresta. A floresta é formada por todas as árvores, em conjunto, e mais os arbustos, os animais, os pássaros e até mesmo o ar. Sem tudo isso, resta apenas um monte de madeira... nenhum sentimento, nenhuma *atmosfera*.

— Então de onde vem o *sentimento* na música? — perguntou Sherlock, frustrado.

— Não das notas.

— Mas no papel só tem as notas! — protestou Sherlock.

— Então acrescente algo seu. Acrescente alguma emoção.

— Mas *como*?

Stone balançou a cabeça.

— São as pequenas lacunas que você inclui... as hesitações, as ênfases sutis, as ligeiras variações de velocidade. É *aí* que mora o sentimento.

Sherlock fez um gesto na direção da partitura no suporte.

— Mas isso não está escrito! Se o compositor quisesse que eu fosse mais rápido ou mais devagar, teria escrito isso na música.

— Ele escreveu — retrucou Stone. — Em italiano. Mas isso é só uma orientação. Você precisa decidir *como* quer tocar a música. — Ele suspirou. — O problema é que você está tratando isso como um exercício de matemática ou de gramática. Quer ter todas as peças diante de si e acha que seu trabalho é montar o conjunto. A música não é assim. Ela demanda interpretação. Demanda que você acrescente algo seu. — Ele hesitou, tentando achar as palavras certas. — Qualquer execução, na verdade, é um dueto entre você e o compositor. Ele dá as linhas gerais, mas você acrescenta os detalhes. É a diferença entre ler e *representar* uma história. — Percebendo a expressão desolada no rosto de Sherlock, ele

continuou: — Olhe, você já viu Charles Dickens lendo um de seus próprios contos diante de uma plateia? Experimente algum dia, vale o preço do ingresso. Ele faz uma voz diferente para cada personagem, anda de um lado para o outro no palco, fala mais rápido nas partes empolgantes e lê como se nunca tivesse visto aquilo antes e estivesse tão ansioso quanto a plateia para descobrir o que vai acontecer. É *assim* que você deve tocar: como se nunca tivesse ouvido a música antes. — Ele hesitou e fez uma careta. — Quer dizer, de um jeito bom. Seu problema é que você toca a música como se nunca a tivesse ouvido antes e a estivesse descobrindo ao longo do caminho.

Sherlock pensou que era mais ou menos isso mesmo.

— Será que devo desistir? — perguntou ele.

— Nunca desista — replicou Stone energicamente. — *Nunca*. De *nada*. — Ele passou a mão pelo cabelo mais uma vez. — Talvez eu tenha abordado a questão do jeito errado. Vamos tentar um caminho diferente. Certo, você encara a música como se fosse um problema matemático... bom, vejamos quais músicos escreviam matemática em suas composições.

— Existe algum? — perguntou Sherlock, desconfiado.

Stone refletiu por um instante.

— Vamos pensar. Johann Sebastian Bach era famoso por colocar códigos e brincadeiras matemáticas em suas melodias. Se você olhar a *Oferenda musical*, algumas das peças são um espelho de si mesmas. A primeira nota e a última são iguais; a segunda e a penúltima são iguais; e por aí vai, até o meio da peça.

— Uau. — Sherlock estava impressionado com a audácia da ideia. — E ainda assim funciona como música?

— Ah, sim. Bach era um compositor excepcional. Suas brincadeiras matemáticas não prejudicam a música, pelo contrário: a incrementam. — Stone sorriu, percebendo que finalmente prendera a atenção do menino. — Não sou especialista em Bach, mas acredito que exista outra peça dele estruturada de acordo com uma espécie de sequência matemática, em que um número leva ao seguinte de acordo com alguma regra. É uma peça com nome italiano. Agora, tentemos com Mozart de novo, mas desta vez, enquanto estiver tocando, quero que recupere aqueles sentimentos. *Lembre-se* deles e deixe-os orientar seus dedos.

Sherlock voltou a erguer o violino até o ombro, acomodando-o entre o queixo e o pescoço. Deixou que os dedos da mão esquerda encontrassem as cordas na

extremidade do braço. Dava para sentir o quanto a pele da ponta de seus dedos havia engrossado sob a tutela incansável de Stone. O menino ergueu o arco e o manteve firme acima das cordas.

— Comece! — ordenou Stone.

Sherlock observou as notas na folha, mas, em vez de tentar *entendê-las*, deixou que seu olhar *deslizasse* por elas, encarando a folha como um conjunto inteiro, e não enxergando cada nota individualmente. Olhando a floresta, não as árvores. Ele se lembrou das notas que estava tocando antes, e então respirou fundo e começou.

Nos minutos seguintes, o tempo pareceu um borrão. Os dedos de Sherlock iam de uma corda a outra, apertando-as para emitir as notas certas uma fração de segundo antes que seu cérebro pudesse enviar qualquer sinal para *dizer* aos dedos quais eram. Era como se o seu corpo já soubesse como agir, deixando a mente livre para flutuar além da música e procurar seu significado. Ele tentou pensar na peça como se alguém a estivesse cantando, e deixou que o violino se tornasse a voz, hesitando em algumas notas, reforçando outras para enfatizar sua importância.

A página chegou ao fim sem que ele sequer se desse conta.

— Bravo! — gritou Stone. — Não está perfeito, mas melhorou. Você até me convenceu de que estava sentindo a música, não só a tocando. — Ele fitou os raios inclinados de luz solar que penetravam no cômodo. — Vamos parar por aí: em harmonia, por assim dizer. Continue treinando as escalas, mas também quero que você treine notas individuais. Sustente uma nota de maneiras diferentes... com tristeza, com felicidade, com raiva. Deixe que a emoção entre na música e veja como ela muda a nota.

— Eu... não sou bom com emoções — confessou Sherlock, com a voz contida.

— Eu sou — respondeu Stone, baixinho. — O que significa que posso ajudar. — Ele pôs a mão no ombro de Sherlock por um instante e apertou, então a recolheu. — Agora vá embora. Vá ver aquela menina americana, passe um tempo com ela.

— Virginia? — Sherlock sentiu o coração se acelerar, mas não sabia se era de felicidade ou pavor. — Mas...

— Sem "mas". Vá vê-la.

— Tudo bem — disse Sherlock. — À mesma hora amanhã?

— À mesma hora amanhã.

O menino enfiou o violino no estojo e desceu a escada, meio deslizando, até o segundo andar da casa, depois correu pelos degraus até o térreo. A senhoria de Stone — uma mulher mais ou menos da mesma idade do músico, com cabelo escuro e olhos verdes — saiu da cozinha para dizer algo quando Sherlock passou rápido, mas ele não ouviu. Em segundos o menino estava sob a fria e insensível luz do sol.

Farnham estava movimentada como sempre: as ruas de paralelepípedos ou de lama estavam cheias de gente indo para todos os lados, cuidando de seus afazeres. Sherlock ficou parado por um instante, observando a cena — as roupas, as posturas, a variedade de embrulhos, caixas e bolsas que as pessoas carregavam —, e tentou entender aquilo tudo. Aquele homem ali — o que tinha uma erupção vermelha na testa — estava segurando um pedaço de papel como se sua vida dependesse daquilo. Sherlock sabia que havia uma clínica a alguns minutos de caminhada atrás do sujeito e uma farmácia logo adiante. Com certeza quase absoluta, ele estava indo buscar os remédios receitados em sua consulta. O homem do outro lado da rua — tinha roupas boas, mas estava com a barba por fazer e os olhos vermelhos, e seus sapatos estavam gastos e sujos de lama. Talvez um vagabundo usando um paletó doado por algum paroquiano? E quanto àquela mulher que passou bem na frente de Sherlock, erguendo a mão para afastar o cabelo dos olhos? As mãos pareciam mais velhas que a mulher em si: brancas e enrugadas, como se tivessem ficado muito tempo dentro d'água. Uma lavadeira, obviamente.

Será que era isso o que Rufus Stone queria dizer quanto a ver a floresta em vez das árvores? O menino não estava olhando para as pessoas como se fossem pessoas e sim vendo suas histórias e possíveis futuros, tudo de uma só tacada.

Por um momento Sherlock ficou tonto diante da dimensão de tudo o que estava observando, e então o momento passou e a cena se desfez em uma multidão de gente indo para todos os lados.

— Você tá bem? — perguntou uma voz. — Por um instante achei que fosse desmaiar.

Sherlock se virou e deu de cara com Matthew Arnatt — Matty — a seu lado. O garoto era menor que Sherlock, e um ou dois anos mais novo; por um segundo, porém, Sherlock não viu um menino, seu amigo, mas um conjunto de

sinais e indícios. No entanto, foi só por um segundo, e depois ele voltou a ver Matty — o firme e confiável Matty.

— Quer dizer que Albert não está se sentindo bem — disse Sherlock, referindo-se ao cavalo que puxava o barco de Matty, onde o menino morava, sempre que ele queria se mudar de cidade.

— De onde você tirou isso? — perguntou Matty.

— Tem feno na manga da sua roupa — indicou Sherlock. — Você tem dado de comer com a mão para ele. Normalmente você o deixa pastar onde quer que ele esteja amarrado. Só alimentaria um cavalo com a mão se estivesse preocupado, achando que ele não está comendo direito.

Matty ergueu uma sobrancelha.

— Você não precisa me jogar na cara que às vezes gosto de dar o rango para ele — respondeu o menino. — Albert é o mais próximo de uma família que eu tenho. — Ele encolheu os ombros, constrangido. — Então gosto de dar alguma coisa especial para ele de vez em quando.

— Ah. — Sherlock guardou a informação para análise posterior. — Como você sabia que eu estava aqui? — perguntou ele depois de um tempo.

— Dava para ouvir você tocando — respondeu Matty, sucinto. — A cidade inteira ouviu você tocando. Deve ser por isso que Albert não tava conseguindo comer.

— Engraçadinho.

— Não quer ir comer alguma coisa? Tem muita comida sobrando no mercado.

Sherlock pensou por um instante. Ele deveria ficar com Matty ou ir encontrar Virginia?

— Não posso — disse ele, lembrando-se de repente. — Meu tio falou que eu deveria estar de volta para o almoço. Ele quer que eu catalogue e organize uma coleção de sermões antigos que ele adquiriu recentemente em um leilão.

— Que alegria — respondeu Matty. — Divirta-se com isso. — Ele sorriu. — Talvez *eu* possa ir encontrar Virginia no seu lugar.

— E talvez eu possa pendurar você em uma ponte, de cabeça para baixo e mergulhado até o nariz na água — retrucou Sherlock.

Matty apenas o encarou.

— Eu só tava brincando — disse ele.

— Mas eu não.

Sherlock percebeu que o olhar de Matty insistia em se desviar para a rua, na direção do mercado.

— Pode ir — acrescentou ele. — Vá pegar algumas frutas machucadas e pães velhos. Talvez eu o veja mais tarde. Ou amanhã.

Matty deu um breve sorriso de agradecimento e saiu correndo, esquivando-se e enfiando-se pela multidão até sumir de vista.

Sherlock andou um pouco pela estrada que saía de Farnham, rumo à casa dos tios. Sempre que uma carroça passava ele se virava para encarar o condutor, mas a maioria evitava seu olhar. O menino não levava isso a mal — vinha fazendo isso havia tempo suficiente para saber que o índice de sucesso era de aproximadamente uma em cada vinte carroças. Depois de um tempo, um dos condutores olhou para ele e gritou:

— Aonde você vai, garoto?

— Mansão Holmes — respondeu ele, também gritando.

— Eles não oferecem trabalho de bico.

— Eu sei. Vou... visitar uma pessoa.

— Pode subir, então. Vou passar pelos portões principais.

Enquanto jogava seu violino para cima da carroça em movimento e a escalava, caindo no meio de um monte de feno, Sherlock se perguntou por que ainda não gostava de admitir que morava lá. Talvez achasse que as pessoas fossem tratá-lo de forma diferente se soubessem que a família dele fazia parte da burguesia local proprietária de terras. Ele achava uma idiotice imensa que algo simples como herdar um terreno e uma casa pudesse separar alguém de outras pessoas. Quando crescesse, Sherlock faria questão de nunca distinguir ninguém por esse aspecto social.

A carroça avançou barulhenta pela rua durante uns vinte minutos, e então Sherlock pulou para fora, gritando um "Obrigado!" alegre por cima do ombro. Olhou o relógio. Faltava meia hora para a refeição: tempo suficiente para que ele se lavasse e talvez trocasse de camisa.

Como sempre, o almoço era uma ocasião silenciosa. O tio de Sherlock — Sherrinford Holmes — ocupava o tempo alternando-se entre comer, ler um livro e tentar afastar a barba da comida e do texto, enquanto a tia — Anna — falava em um monólogo contínuo sobre seus planos para o jardim, sua satisfação em ver que os dois lados da família Holmes pareciam estar se falando de novo, fofocas

diversas sobre outros donos de terras da região, e sobre sua esperança de que no ano seguinte o clima fosse melhor do que o que acabara de passar. Vez ou outra, perguntava a Sherlock o que ele vinha fazendo ou como estava se sentindo, mas, ao tentar responder, o menino percebia que a tia continuara falando sem lhe dar atenção. Como sempre.

Mas ele reparou que a Sra. Eglantine — a ameaçadora e severa governanta da mansão — destacava-se por sua ausência. As criadas serviram a comida com a habitual deferência silenciosa, mas a presença trajada de preto que ficava à janela, parcialmente oculta pela luz que vinha de fora, não estava lá. Ele se perguntou por um instante onde estaria a governanta, e então, com um toque de prazer, percebeu que não se importava nem um pouco.

Sherlock terminou de comer antes dos tios e perguntou se poderia se retirar.

— Sim, pode — respondeu o tio, sem tirar os olhos do livro. — Deixei uma pilha de sermões antigos na escrivaninha da minha biblioteca. Eu ficaria grato, meu rapaz, se você pudesse organizá-los de acordo com o autor, e depois ordenar cada pilha pela data. Estou tentando — disse ele, levantando por um momento o olhar sob as sobrancelhas cheias e encarando Sherlock — catalogar o crescimento e o desenvolvimento das cisões na cristandade, com referência particular à criação recente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na América. Esses sermões deverão se mostrar muito úteis para esse propósito.

— Obrigado — respondeu Sherlock, retirando-se.

A biblioteca de tio Sherrinford cheirava a livros velhos e secos, mofo, encadernações de couro e fumo de cachimbo. Quando as portas se fecharam às suas costas, Sherlock sentiu o silêncio como algo quase físico: uma verdadeira pressão nos ouvidos.

A escrivaninha de Sherrinford estava coberta por pilhas altas de papéis soltos de todos os tamanhos e espessuras. Alguns eram datilografados, outros escritos à mão em diversos estilos; a maioria estava presa com laços ou barbante. Ao se sentar, um pouco trêmulo, na cadeira de couro barulhenta do tio, Sherlock se deu conta, com um aperto no coração, de que as pilhas de papel eram mais altas que ele e o impediam de ver o restante da biblioteca. A tarefa seria longa e tediosa.

Ele começou a trabalhar. O processo parecia simples — pegar um texto da pilha mais próxima, descobrir quem era o autor e o ano em que fora escrito para depois colocá-lo em uma das várias pilhas no chão atrás de si —, mas é claro que

não foi tão corriqueiro assim. Alguns sermões não tinham o nome do autor escrito em lugar algum, outros não tinham data e outros ainda não eram datados nem assinados. Sherlock logo percebeu que precisaria tirar suas conclusões com base em outras pistas. Uma delas era a caligrafia. Analisando a escrita irregular e fina, era óbvio que alguns sermões tinham sido redigidos pela mesma pessoa, e o menino ficou feliz de colocá-los todos na mesma pilha. Outros textos mencionavam lugares específicos — em geral, igrejas —, o que significava que ele poderia situá-los ao menos na mesma região geográfica e, portanto, provavelmente atribuí-los ao mesmo autor ou grupo de autores. Com o tempo, Sherlock percebeu que alguns dos textos datilografados apresentavam as mesmas características — um *n* apagado, um *a* particularmente alto —, o que indicava que talvez tivessem sido redigidos na mesma máquina de escrever. Assim, também colocou-os em uma mesma pilha. O menino não chegou a ler atentamente nenhum dos sermões — isso teria sido uma perda de tempo a que ele não podia se permitir —, mas, enquanto os folheava à procura de indicações de autoria e data, ainda assim conseguiu registrar um ou outro detalhe: os altos e baixos da vida no campo, o desejo insatisfeito do amor de Deus, a análise cuidadosa de assuntos, afinal, imperscrutáveis. Também achou ter compreendido a personalidade dos homens que haviam escrito os sermões: um era sério e sisudo, apavorado pelo fogo eterno do inferno; outro se deslumbrava com a beleza da criação divina; um terceiro se concentrava em detalhes e pormenores, ignorando completamente o contexto mais amplo. Pelo menos um, pensou Sherlock, era de uma mulher que escrevia os sermões a serem apresentados pelo marido.

No fim das contas, o trabalho o manteve ocupado por umas boas duas horas, durante as quais ele não foi perturbado.

Depois de algum tempo, ele decidiu fazer um intervalo e esticar as costas doloridas. Levantou-se e se afastou da escrivaninha, impressionado com o fato de que as pilhas de papel não pareciam nada menores, apesar de outras catorze ou quinze pilhas terem surgido no chão.

O menino passou a circular pelas estantes repletas de livros de seu tio, deslizando os olhos pelos títulos sem se concentrar em nenhum. Por algum tempo, ele não sabia bem o que estava procurando, ou mesmo se estava realmente procurando algo, mas então lhe ocorreu conferir se o tio tinha algum

livro sobre Bach, ou sobre música em geral. Talvez Sherlock pudesse descobrir alguns detalhes sobre a maneira como os compositores usavam a matemática em suas obras. Embora Sherrinford Holmes passasse seu tempo escrevendo sermões e outros textos religiosos para vigários e bispos de todo o país, sua biblioteca não era apenas um repertório de livros sobre cristianismo. Havia uma boa seleção de títulos sobre praticamente todos os assuntos do mundo.

E, pensou Sherlock consigo mesmo, Johann Sebastian Bach *era* um notório compositor de músicas religiosas. Ele com certeza criara muito material para órgãos de igrejas, e Sherlock tinha uma forte impressão de haver visto o nome do compositor junto a diversas peças nos hinários da capela na Escola Deepdene para Meninos, e também nos da igreja local. Faria sentido que um escritor religioso tivesse livros sobre Bach em sua coleção.

Sherlock embrenhou-se mais nas penumbras das estantes, procurando qualquer coisa relacionada a música. A porta não estava visível quando ele a ouviu se abrir. Imaginou que fosse o tio, então voltou-se em direção à luz para lhe dizer como o trabalho avançava, mas saiu do corredor entre duas estantes bem a tempo de ver as anquinhas pretas de uma saia de crinolina desaparecerem atrás de uma estante do outro lado da biblioteca.

Sra. Eglantine? O que ela estava fazendo ali?

Ela parecia saber exatamente aonde ia. Confuso, Sherlock se aproximou devagar, fazendo o máximo de silêncio possível. Ele não sabia por quê, mas tinha a sensação de que a governanta fazia algo secreto, clandestino, algo que ela desejava que permanecesse em segredo. Com certeza não iria espanar as estantes — essa tarefa estava abaixo dela, e era reservada a uma das criadas.

Sherlock olhou pelo canto da estante, mantendo o corpo e a maior parte do rosto escondidos. *Era* a Sra. Eglantine. Ela estava ajoelhada mais ou menos no meio do corredor entre as estantes, a saia de crinolina espalhada à sua volta, tirando blocos inteiros de livros e largando-os no tapete. Parte da mente de Sherlock sofreu ao ver os livros serem tratados com tanto descaso, alguns caíram abertos, com as páginas dobradas ou a lombada amassada. Depois de ter retirado todos, ela se abaixou ainda mais, com a cabeça perto do tapete, e observou o espaço recém-liberado. O que quer que estivesse procurando não estava lá. Bufando de decepção, a governanta enfiou de volta os livros às pressas, aparentemente sem se importar com a ordem em que estavam antes ou se os

enfiava de cabeça para baixo ou na orientação certa.

Ela olhou para a esquerda, na direção contrária à de Sherlock. Alerta, ele recuou logo antes de ela virar a cabeça para a direita e olhar em sua direção. O menino sabia que era um exagero da imaginação, mas ele quase conseguia ver a intensidade do olhar da governanta queimar o tapete e levantar a poeira.

Sherlock contou até vinte e voltou a espionar na mesma hora em que começou a ouvir o barulho de batidas irregulares. Convencida de que não estava sendo observada, a Sra. Eglantine vasculhava outra prateleira, mais alta, jogando os livros no chão. De novo examinou atentamente o espaço vazio, fez uma careta de frustração e enfiou os livros de volta de qualquer jeito.

— Como você ousa entrar na minha biblioteca! — gritou uma voz. — Saia daqui agora!

Sherlock ergueu a vista, em choque. Na outra extremidade da fileira de estantes estava Sherrinford Holmes. Ele devia ter entrado em silêncio, sem que Sherlock nem a Sra. Eglantine percebessem.

A governanta se endireitou devagar.

— Você é um idiota — disse ela, lentamente e com clareza. — Não possui autoridade nesta casa... não mais. *Eu* sou a responsável aqui.

Prólogo

O CHINESINHO SEGUROU A AGULHA com dedos firmes e mergulhou a ponta no frasco de tinta na mesa à sua frente. Próximo ao frasco estava o antebraço de um marinheiro, que ocupava a cadeira do outro lado da mesa. Era um antebraço imenso — parecia um presunto na bancada de um açougueiro.

— Você ter certeza de querer âncora azul? — perguntou o chinês.

Ele se chamava Kai Lung. Seu rosto era enrugado, e o cabelo trançado que pendia por suas costas tinha cor de fuligem.

— Já falei — respondeu o marinheiro —, quero uma âncora! Porque eu moro e trabalho num barco, entendeu?

— Eu poder fazer um peixe — argumentou Kai Lung, em voz baixa.

Âncoras eram fáceis. E também sem graça. Kai Lung tinha a impressão de que passava metade de seu tempo tatuando âncoras azuis em antebraços musculosos de marinheiros, às vezes com o nome de uma mulher embaixo, dentro de um lindo pergaminho. O problema era que a outra metade do tempo ele passava transformando tatuagens com nomes de *antigas* paixões em outras coisas: arame farpado, flores, qualquer imagem que pudesse disfarçar as letras. Ele insistiu:

— Eu poder fazer peixe bonito, talvez peixe-japonês, com escamas das cores do arco-íris. Você gostar da ideia? Tatuagem de peixe boa para marinheiro, não?

— Quero a âncora — disse o homem, teimoso.

— Certo. Tudo bem. Âncora, então. — Ele deu um suspiro. — Você pensar em algum tipo especial de âncora, ou uma comum mesmo?

O marinheiro franziu o cenho.

— Quantos tipos de âncora existem?

— Âncora comum, então.

Ele se preparou para fazer a primeira marca com a agulha. A tinta entraria no pequeno furo no braço do marinheiro e tingiria o tecido inferior. Ao longo dos anos, a camada externa da pele se desgastaria, mudaria e se bronzearia, mas a

tinta ficaria ali, sob a pele, para sempre. Se usasse a quantidade suficiente de furos e de cores, Kai Lung podia desenhar qualquer coisa — um peixe, um dragão, um coração... ou uma âncora azul. Mais uma âncora azul.

A porta se abriu de repente, empurrada com força pelo lado de fora, e bateu na parede. A maçaneta de dentro deixou uma marca na parede de tijolos expostos. Havia um homem sob o batente. Ele era tão alto e largo que não sobrava muito espaço no vão da porta ou acima de sua cabeça raspada. Suas roupas estavam amarrotadas e sujas. Parecia que ele tinha passado algum tempo viajando vestido com elas, e talvez também dormindo com elas.

— Você — rosnou ele com sotaque americano, olhando para o marinheiro. — Fora!

O sujeito apontou o polegar para trás por cima do ombro, caso a instrução não tivesse sido clara.

— Ei! Eu marquei hora!

O marinheiro se levantou, cerrando os punhos e se preparando para brigar. Avançou em direção à porta. O recém-chegado deu um passo à frente. O topo da cabeça do marinheiro mal chegava ao queixo dele. Sem tirar os olhos do marinheiro, o homem estendeu a mão esquerda e agarrou a maçaneta. Apertou. Por um instante, nada aconteceu, e então, com tristeza no coração, Kai Lung viu a maçaneta ficar amassada e retorcida sob a pressão. Em poucos segundos, mais parecia uma bola de papel que de metal.

— Tudo bem — disse o marinheiro. — Tem outros tatuadores por aí.

O recém-chegado deu um passo para o lado, e o marinheiro passou por ele sem olhar para trás.

— Você me fez perder cliente — disse Kai Lung. Ele não tinha medo do recém-chegado. Era tão idoso e havia visto tanto em sua longa vida que poucas coisas o assustavam. Àquela altura, a morte era uma velha amiga. — Espero que traga outro para compensar.

O homem recuou, abrindo caminho, e outro sujeito entrou na saleta minúscula da residência de Kai Lung. Era mais baixo e mais bem-vestido que seu arauto, e segurava uma bengala. Uma onda gélida pareceu acompanhá-lo para dentro do cômodo. Kai Lung sentiu algo se espalhar por seu corpo, e levou algum tempo para entender o que era.

Medo. Era medo.

— Você querer tatuagem? — perguntou, tentando manter um tom de voz calmo.

— Eu gostaria de fazer uma tatuagem na testa — respondeu o homem. Seu sotaque também era americano. — É um nome, o nome de uma mulher.

A voz era tranquila e firme. A luz atrás dele deixava seu rosto na penumbra, mas a iluminação fraca da lamparina a óleo de Kai Lung fez brilhar o topo da bengala. Por um momento o chinês achou que fosse um pedaço grande e grosseiro de ouro maciço; arquejou, impressionado, mas de repente percebeu o que realmente era. O topo da bengala estava esculpido na forma de uma caveira humana.

— Você querer nome da mulher na *testa*? — perguntou Kai Lung. — A maioria querer nome de namorada no braço, ou talvez no peito... perto do coração.

— A mulher não é minha "namorada" — disse o homem. Sua voz continuava tranquila, mas em algum lugar lá no fundo havia um tom que fez Kai Lung estremecer. — E, sim, quero o nome dela tatuado na testa, perto do cérebro, para que eu me lembre. É melhor que seu trabalho seja bom. Não tolero erros.

— Sou o melhor tatuador da cidade!— respondeu Kai Lung, orgulhoso.

— Foi o que me disseram. É por isso que estou aqui.

Kai Lung suspirou.

— Qual é nome da mulher?

— Eu o escrevi. Você sabe ler?

— Eu ler muito bem.

O homem estendeu a mão esquerda. Segurava um pedaço de papel. Kai Lung o pegou com cuidado, evitando tocar na pele do sujeito. Olhou o nome no papel. Estava escrito com uma letra esmerada, e o chinês não teve dificuldade para entender.

— Virginia Crowe — disse ele. — É isso?

— É exatamente isso.

— Qual cor você querer? — perguntou Kai Lung.

Ele esperava que o homem dissesse "azul", mas se surpreendeu:

— Vermelho. Quero em vermelho. Da cor do sangue.

Capítulo dois

SHERLOCK SENTIU O FÔLEGO FICAR preso na garganta. Como ela se *atrevia* a falar com o tio dele daquela forma? A sensação deu lugar a um lampejo súbito de alegria: a governanta jamais sobreviveria àquela afronta. Estaria fora da casa dentro de uma hora, e ninguém lamentaria.

Sherrinford Holmes fechou o punho junto da perna, mas a expressão em seu rosto não era de raiva. Estava mais para frustração e impotência do que para a ira justificada de um homem que flagrou uma criada bisbilhotando seus pertences. Sherlock esperou que o tio explodisse de fúria, demitisse a Sra. Eglantine imediatamente e a expulsasse da casa sem oferecer referências, mas ele apenas balançou a cabeça e bateu inutilmente com o punho na coxa.

— Você não tem esse *direito*! — gritou.

— Tenho todo o direito — retrucou a governanta. — Tenho todos os direitos que eu quiser nesta casa, qualquer direito que eu decida exercer, porque você e aquela sua esposa insuportável sabem o que vai acontecer se *algum dia* me irritarem.

— V-você é uma mulher cruel e má — gaguejou Sherrinford Holmes.

Ele parecia incapaz de sustentar o olhar da Sra. Eglantine. O homem encarava o tapete, e Sherlock ficou chocado ao ver que seus olhos estavam se enchendo de lágrimas.

A governanta deu passos muito lentos e calculados pelo corredor, entre as estantes, até parar em frente ao tio de Sherlock. Ela era mais baixa, mas seu porte a fazia parecer imensa diante dos ombros curvados de Sherrinford.

— Seu idiota patético! — exclamou a Sra. Eglantine. Ela levantou a mão e pegou o queixo dele com a ponta dos dedos. Assistindo a tudo das sombras, Sherlock viu, horrorizado, as marcas nas bochechas do tio. — Você fica sentado aqui, dia após dia, escrevendo palavras inúteis para que outros idiotas patéticos e iludidos do país inteiro repitam como papagaios, e você acha, realmente *acha* que

está fazendo algo digno de nota. Isso não quer dizer nada, seu velho. Eu devia fazer tudo cair à sua volta só para lhe mostrar quão pouco o mundo se importaria se você parasse. Eu poderia fazer isso. Com o que eu sei, poderia arruinar esta família.

— Então por que hesita? — perguntou Sherrinford, a voz abafada pelos dedos que apertavam seu rosto.

A governanta ficou em silêncio por um instante; abriu a boca, mas nenhuma resposta saiu.

— Você não pode — continuou Sherrinford. — Se você revelasse o que sabe, sim, minha família estaria arruinada, mas você perderia acesso a esta casa. E, então, aonde iria? Você passou um ano ou mais vasculhando-a, de alto a baixo, de um canto a outro. Não sei o que procura, mas sei que deve ser muito importante e que você jamais fará qualquer coisa que represente um risco para sua busca.

— Acho que você sabe o que estou procurando — disse ela, com um tom de desprezo, soltando o rosto do homem. — E acho que está aqui, dentro desta biblioteca. É por isso que você fica sentado naquela escrivaninha, dia após dia, como uma galinha velha chocando uma ninhada de ovos que nunca nascerão. Mas já vasculhei todo o restante da casa, e tenho certeza de que está nesta biblioteca.

— Saia — disse Sherrinford —, ou *vou* dispensá-la, e que Deus me proteja das consequências. *Vou* dispensá-la, só para encerrar este pesadelo e para saber que a impedi de encontrar o tesouro patético que você acha que deve estar aqui, o que quer que seja.

A Sra. Eglantine passou por ele a passos firmes, em direção à porta. Quando chegou ao final do corredor, virou-se para encarar Sherrinford. Dois pontos de cor intensa brilhavam como brasa no branco glacial do rosto da governanta.

— Você não pode se livrar de mim sem sofrer as consequências — sibilou ela. — E eu não posso dar cabo de você sem perder o tesouro. A pergunta é: quem tem mais a perder? — Ela se preparou para sair, mas voltou a se virar. — Exijo que você se livre daquele seu sobrinho — acrescentou. — Livre-se dele. Mande-o embora.

— Ele a assusta? — perguntou Sherrinford. — Você receia que ele descubra sua verdadeira posição nesta casa e tome alguma atitude?

— O que ele *poderia* fazer? É só um menino. Pior: é só um Holmes.

Em seguida ela deu meia-volta e foi embora. Alguns instantes depois Sherlock ouviu a porta da biblioteca se abrir e se fechar.

— Ela *tem* medo de você — disse Sherrinford em voz baixa.

O menino demorou um pouco para perceber que o tio falava com ele. De alguma forma, Sherrinford sabia que ele estava ali.

— Não entendo — disse Sherlock, indo para o corredor, para a luz.

— Não tem mesmo por que você entender. — O tio balançou a cabeça como se de repente a sentisse muito pesada. — Esqueça tudo o que viu. Esqueça tudo o que ouviu. Afaste isso de seus pensamentos. Faça como eu e finja que não há problema algum nesta casa e que tudo está calmo e sereno, na paz de Deus. Finja que a serpente de satã não rastejou para dentro de nosso convívio.

— Mas, tio...

Sherrinford franziu a testa e ergueu a mão magra.

— Não — disse ele, determinado. — Não tocarei mais nesse assunto. Ele nunca mais será mencionado. — Sherrinford suspirou. — Eu gostaria de lhe perguntar até onde você avançou na catalogação dos sermões, mas estou cansado. Vou repousar um pouco, aqui na paz de meu *sanctum sanctorum*. — Ele olhou os livros desarrumados nas estantes e no chão. — Depois, botarei um pouco de ordem aqui. Eu normalmente pediria que uma governanta fizesse isso, mas nas atuais circunstâncias...

Sherlock se retirou da biblioteca em silêncio. Ao sair e fechar a porta, ouviu o tio murmurando algo para si mesmo.

A Sra. Eglantine estava no corredor, e o menino permaneceu nas sombras, observando-a. Ela falava com uma das criadas.

— Diga à cozinheira que irei vê-la em breve. O menu desta semana é totalmente inadequado. Precisará ser alterado. Diga-lhe que só ficarei satisfeita quando for revisto por completo.

Enquanto a criada saía apressada e a Sra. Eglantine permanecia imóvel por um instante, pensativa, Sherlock percebeu que seus próprios pensamentos se viravam em uma direção audaciosa. A governanta parecia se sentir à vontade para vasculhar a casa inteira em busca de algo. E se ele fosse vasculhar o quarto dela enquanto ela estivesse ocupada? Talvez conseguisse descobrir alguma pista sobre o que a mulher estava procurando. Se Sherlock achasse algo, e então encontrasse

o objeto escondido antes dela, então já não haveria mais motivo para que a governanta permanecesse na casa. Ainda que ele não descobrisse o que a Sra. Eglantine procurava, talvez conseguisse revelar o motivo do poder dela sobre seus tios. Se o menino pudesse libertá-los *disso*, retribuiria toda a hospitalidade que recebia deles.

A Sra. Eglantine encaminhou-se para os fundos da casa, possivelmente rumo ao que viria a ser uma conversa tensa com a cozinheira. Sherlock sentiu uma pontada de pena. Ele gostava da cozinheira; a mulher sempre lhe oferecia uma fatia de pão com geleia ou um bolinho com creme quando ele passava pela cozinha. Era a única dentre os criados que tinha coragem de enfrentar a Sra. Eglantine.

Como seu tio se encontrava na biblioteca e sua tia devia estar bordando na sala de estar, como costumava fazer à tarde, Sherlock sabia que seus parentes provavelmente não o incomodariam. Também sabia que, segundo o horário de trabalho da criadagem, naquele momento as lareiras dos quartos principais estariam sendo limpas. Não haveria ninguém no andar de cima, onde ficavam as acomodações dos empregados e o quarto de Sherlock.

Ele chegou ao andar superior sem ver ninguém. Seu quarto era o primeiro depois da escada. Ao lado havia um cômodo que teria acomodado o mordomo se a família tivesse dinheiro para contratar um. Após a curva do corredor ficavam os quartos da Sra. Eglantine e os dos diversos rapazes e moças que trabalhavam no estábulo e nos jardins, e também a escada dos fundos, que eles usavam para circular pela casa sem serem vistos. Só Sherlock e a Sra. Eglantine tinham permissão para usar a escadaria principal.

Ele dobrou o corredor. O restante do andar estava vazio, claro. A porta da Sra. Eglantine estava fechada, mas não trancada. Isso teria sido uma terrível quebra do contrato implícito entre patrão e empregado. Teoricamente, os tios de Sherlock podiam entrar nos quartos dos empregados a qualquer momento, por qualquer motivo, e, embora esse direito teoricamente valesse também para o menino, ainda assim ele sentiu o coração bater mais rápido e as mãos começarem a suar enquanto se preparava para pegar a maçaneta.

Girou-a sem fazer barulho, abriu a porta e entrou, fechando-a atrás de si em seguida.

O cômodo tinha cheiro de lavanda e talco, e também um leve aroma floral

mais marcante, que lembrava orquídeas mortas. O piso de madeira era coberto por apenas um tapete puído no centro do quarto. A cama estava bem-arrumada, e toda a roupa que a governanta tinha estava pendurada dentro de um armário estreito ou dobrada e guardada na cômoda. Tirando uma escova de cabelo no parapeito da janela, um desenho de uma paisagem emoldurado pendurado na parede e uma Bíblia em uma estante perto da cama, não havia qualquer ornamento.

O quarto tinha um aspecto tão impessoal que era difícil acreditar que alguém de fato morasse e dormisse ali todos os dias. Considerando a frieza da Sra. Eglantine e sua imobilidade quase inumana, Sherlock imaginava que ela fosse para seu quarto tarde da noite, ao fim de um dia de trabalho, e ficasse simplesmente *parada*, como uma estátua, voltando a se mexer apenas quando o sol nascesse e fosse hora de voltar ao serviço. Desligar a falsa humanidade até que fosse preciso fingir outra vez.

O menino afastou essa ideia. A mulher não era uma criatura sobrenatural. Era tão humana quanto ele — só que muito mais desagradável.

Ele apoiou as costas na porta. Ocorreu-lhe que a Sra. Eglantine talvez tivesse feito exatamente o mesmo no quarto *dele* antes de revistar o cômodo, e isso o deixou irritado. Se ela havia vasculhado a casa inteira, como dissera, então *certamente* vasculhara seu quarto. Maldita! *O que* estava procurando, e por que isso a deixava invulnerável a demissões?

Sherlock logo memorizou a posição de tudo o que via: a escova, a Bíblia, até o ligeiro ângulo do quadro que estava torto e a distância entre o lençol de cima da cama e os travesseiros. Levando em conta o detalhismo da Sra. Eglantine, o menino tinha a sensação de que ela perceberia se algo fosse deixado minimamente fora do lugar. Antes de sair, ele precisaria se assegurar de que tudo estivesse de volta à posição original.

Começou pela cômoda, vasculhando rapidamente em meio às roupas de cada gaveta. Reprimiu a sensação de culpa dizendo-se que havia uma grande chance de que a Sra. Eglantine tivesse feito o mesmo com as roupas *dele*. Não encontrou nada, então passou a mão pelo piso sob a cômoda para ver se algo caíra ali embaixo. Também nada.

Deu as costas para a cômoda, mas então teve uma ideia súbita e se virou de novo. Rapidamente puxou cada gaveta até o fim e passou a mão por baixo,

tentando descobrir algum pedaço de papel ou envelope preso ali. Depois, olhou no espaço vazio da cômoda para ver se havia algo enfiado no fundo. Porém, exceto pela poeira, as teias de aranha e um lenço de renda velho, não encontrou nada.

Depois de ter certeza de que a cômoda estava tal como antes de ele chegar, Sherlock voltou-se para o armário, mas um barulho do lado de fora o paralisou. Seu coração batia tão forte que chegava a doer. Aquilo havia sido uma das tábuas do piso rangendo? Tinha alguém do outro lado da porta, tentando escutar o que havia no interior do quarto da mesma forma que Sherlock tentava escutar lá fora? A Sra. Eglantine terminara sua conversa com a cozinheira e voltara ao quarto por algum motivo?

O menino ouviu o barulho de novo: um som de raspagem, difícil de situar. Sherlock procurou desesperadamente algum lugar onde se esconder. Debaixo da cama? Dentro do armário? Deu um passo curto, hesitante, com medo de que o piso rangesse a seus pés e o entregasse.

Antes que pudesse se mexer de novo, ouviu o barulho pela terceira vez, e então o reconheceu com uma onda de alívio. Era uma pá recolhendo as cinzas em uma das lareiras do andar inferior, e o som ecoava pelas chaminés. Sherlock relaxou e voltou a abrir as mãos.

Agora que sua atenção havia sido atraída para a lareira, o menino foi até lá. Passou as mãos pelo carvão frio para ver se algo havia sido escondido ali, e até entortou o pescoço para olhar dentro da chaminé, mas não encontrou nada.

Voltou a revistar o quarto, olhando embaixo da cama, mas achou apenas uma mala vazia. O armário estava ocupado por alguns vestidos pendurados em cabides e dois chapéus em uma prateleira — tudo preto, é claro. Sherlock não sabia ao certo se isso era apenas uma característica de todas as governantas ou se a Sra. Eglantine passava a vida inteira vestida de preto. Ela *era* uma "senhora", o que significava que era casada ou viúva, mas Sherlock só conseguia imaginá-la percorrendo a nave da igreja com um vestido de noiva preto. Ele estremeceu e afastou da cabeça a imagem grotesca.

Parou sobre o tapete e olhou em volta. Havia conferido todos os lugares óbvios. O quarto era bem pequeno, e ele podia ver praticamente todos os esconderijos. Não havia nada estranho, nada que ele não esperaria encontrar no quarto de uma governanta.

Se ele quisesse esconder algo em *seu próprio* quarto, onde o faria?

Com uma ideia repentina, Sherlock deu um passo para o lado e puxou o tapete. Embaixo havia só o piso de madeira. Ele não esperava encontrar nada — a Sra. Eglantine certamente era sagaz, e esconder algo embaixo do único tapete do cômodo era simples e óbvio demais —, mas ainda assim precisava conferir, por via das dúvidas.

Olhando o piso de madeira, Sherlock decidiu testar as tábuas com o pé, para ver se alguma estava solta. Talvez a governanta tivesse levantado uma delas e escondido algo embaixo. Se havia feito isso, então recolocara a tábua bem demais para Sherlock perceber. Ele precisaria de um pé de cabra para erguê-las, e isso deixaria marcas.

O quadro na parede insistia em chamar sua atenção. Sherlock o ignorou por um ou dois minutos, pensando que sua mente ordenada estava apenas incomodada com a inclinação da moldura, mas seus pensamentos insistiam em voltar a ele. Ocorreu-lhe que podia haver algo oculto atrás da imagem. Com cuidado, ele retirou o quadro da parede e o virou para ver o verso.

Só havia uma anotação de preço feita a lápis.

Ele suspirou e recolocou o quadro na parede, inclinado exatamente no mesmo ângulo.

Com as mãos na cintura, examinou o quarto mais uma vez. Se havia algum segredo ali dentro, estava muito bem-escondido.

Aliás, se é que o segredo estava de fato *dentro* do quarto.

Movido por um impulso, ele atravessou o cômodo até a janela estreita que dava vista para os jardins atrás da casa. Não viu ninguém, então era seguro. A janela estava ligeiramente aberta. Ele a abriu mais e se inclinou para fora.

Havia algo pendurado em um pedaço de barbante preso por um prego na madeira do batente da janela — um embrulho que pendia a menos de um metro do parapeito. Era tão pequeno que quase não se conseguia ver do jardim, a menos que alguém soubesse exatamente o que procurar.

Sherlock o puxou para dentro e o apoiou no parapeito. O barbante estava coberto de alcatrão, para resistir às intempéries, a coisa estava embrulhada em um oleado. Deixou uma poeira avermelhada na janela, o que deu a Sherlock a impressão de que havia sido coberto com pó de tijolo para que fosse ainda mais difícil vê-lo do lado de fora. Alguém se esforçara muito para esconder aquilo.

Hesitando por um instante, e tremendo de ansiedade, Sherlock desamarrou o barbante e abriu o embrulho.

No interior havia um papel dobrado. Sherlock limpou as mãos com um lenço antes de desdobrá-lo cuidadosamente, registrando mentalmente quais dobras ficavam por baixo e quais ficavam por cima. Já era um problema o menino estar no quarto dela; Sherlock com certeza não queria que a Sra. Eglantine soubesse que ele havia encontrado e mexido em seus papéis secretos.

Os papéis se desdobraram em duas folhas grandes. A de cima era um conjunto de plantas baixas da mansão Holmes — esquemas de todos os cômodos em todos os andares, tudo em escala. Muitos cômodos haviam sido riscados com tinta vermelha. Na maioria havia anotações ou setas apontando elementos específicos, junto de pontos de interrogação. Ao lado de uma parede particularmente grossa entre a sala de jantar e a de visitas havia a seguinte anotação: "Procurar compartimentos secretos na parede. Com acesso por qualquer um dos lados."

A segunda folha era ligeiramente menor. Tinha um conjunto de palavras e expressões escritas na mesma caligrafia das anotações feitas nas plantas baixas. Estavam contornadas por retângulos, e esses retângulos estavam ligados por linhas e setas formando uma espécie de trama. Parecia que a Sra. Eglantine — presumindo-se que fosse ela — estava tentando relacionar uma série de elementos, descobertas e pensamentos para formar um padrão coerente — sem sucesso. Sherlock passou o olhar por algumas anotações e viu nomes de integrantes da família Holmes, e também nomes que ele não conhecia, além de lugares dos quais achava que já ouvira falar e palavras que pareciam aleatórias, mas que supostamente tinham algum significado para a governanta. No centro, como uma aranha no meio da teia, as palavras *pratos de ouro* haviam sido circuladas duas vezes com traços enfáticos.

Pratos de ouro? Era *isso* o que ela procurava?

Com relutância, Sherlock voltou a dobrar os papéis, tomando o cuidado de usar os mesmos vincos na mesma ordem em que desfizera o embrulho. Ele queria poder guardá-los para analisá-los melhor, mas seria arriscado. E não podia copiá-los — havia informação demais ali, e levaria muito tempo. Sherlock agora sabia mais do que antes, porém não fazia ideia do que tudo aquilo significava.

Ele envolveu os papéis com o tecido, voltou a amarrá-los com o barbante e, depois de conferir se o jardim continuava deserto, baixou o embrulho

cuidadosamente.

Por fim, fechou a janela, lembrando-se de deixar uma fresta aberta.

Deu uma última olhada pelo quarto, para ver se algo lhe passara despercebido e também para verificar se deixara algum vestígio. A resposta para ambas as perguntas foi não.

Depois de esperar alguns instantes junto à porta tentando ouvir se era seguro sair, Sherlock deixou o quarto da Sra. Eglantine e seguiu pelo corredor. Por um momento pensou em entrar no próprio quarto, mas ali não haveria nada a fazer a não ser descansar e pensar, e ele tinha outras prioridades. Foi para o térreo.

A pesada porta de carvalho que dava para a entrada e os jardins fechou-se com um baque quando Sherlock chegou ao saguão. Alguém havia acabado de sair da casa. Por uma janela estreita ele viu uma figura de roupas pretas indo até uma carroça, que a esperava. Era a Sra. Eglantine. Ela havia vestido um casaco, o que significava que provavelmente iria à cidade. Devia ter encerrado a conversa com a cozinheira, e Sherlock sentiu um arrepio ao perceber que escapara por um triz. Se o casaco estivesse guardado no quarto, e não na cozinha, ela talvez o tivesse encontrado.

Fazendo barulho, a carroça se afastou, saiu pelos portões e desapareceu pela estrada. O menino virou-se e foi até a cozinha.

— Sr. Sherlock! — gritou a cozinheira quando ele surgiu.

Ela era uma mulher grande, que quase sempre estava com o rosto alegre avermelhado pelo calor dos fornos e as mãos cobertas de farinha, mas agora parecia pálida, e a pele em torno de seus olhos estava enrugada, como se ela estivesse tentando parar de chorar. Ela continuou:

— Acabei de pôr o pão no forno. Volte daqui a uns minutos para comer uma fatia quentinha e deliciosa com manteiga fresca que acabamos de bater!

— Obrigado — disse ele —, mas eu estava procurando a Sra. Eglantine.

O rosto da cozinheira pareceu envelhecer cinco anos em cinco segundos.

— Ela foi à cidade. E já vai tarde! Pelo visto, a qualidade dos legumes e verduras que tenho feito para esta casa não atende às expectativas dela. — A mulher fungou. — Qualquer um acharia que ela é a dona da casa, e não a Sra. Holmes, e que aqui é um hotel grã-fino, e não uma casa de campo.

— Ela é mesmo difícil de agradar — disse Sherlock, com cuidado.

Amyus Crowe lhe ensinara que afirmações genéricas, soltas assim, costumavam

incentivar pessoas falantes a falar ainda mais, e a cozinheira era uma das pessoas mais falantes que ele conhecia.

— É mesmo. Nunca vi ninguém com tanto olho para achar defeito, e a língua é afiada como faca de açougueiro. Já trabalhei com centenas de governantas ao longo dos anos, mas ela com certeza é a mais arrogante e desagradável.

— Por que meus tios a contrataram, afinal? — perguntou Sherlock. — Imagino que ela tenha apresentado boas referências de empregos anteriores.

— Se apresentou, nunca vi nenhuma.

— Sempre a vejo pela casa — disse ele. — Parada, sem fazer nada, só vigiando e ouvindo.

— Ela é assim mesmo — concordou a mulher. — Como um corvo, empoleirado em um galho esperando uma minhoca. — Seu rosto agora estava começando a ficar corado de novo. Ela fungou outra vez. — Assim que ela chegou, virou esta cozinha de cabeça para baixo. Levou tudo para o jardim e esfregou as paredes e o chão. Tudo bem, ela fez tudo sozinha. Fechou a porta e trabalhou durante um dia inteiro, foi sim. Disse que já esteve em outras casas que tinham ratos e camundongos, e que queria garantir que não tivesse nenhum aqui. Cara de pau! Como se eu fosse deixar algum rato entrar na minha cozinha!

— Ela é uma mulher estranha — concordou Sherlock.

— Fiz uns biscoitos hoje, mais cedo — confidenciou a cozinheira. — Quer alguns, para enganar o estômago até a hora do chá?

— Eu adoraria — respondeu ele, sorrindo. — Na verdade, ficaria feliz de pular o chá e só comer seus biscoitos.

— É bom ver que alguém gosta do que eu cozinho — disse a mulher, com um sorriso largo.

Ela parecia mais alegre agora.

Depois de devorar três biscoitos, Sherlock deixou a cozinha. Ele não sabia se havia feito muito progresso, mas parecia certo que a Sra. Eglantine chantageara os tios dele para poder entrar na casa e que procurava por algo. Seriam os pratos de ouro mencionados em suas anotações? Sherlock imaginava que era possível, mas parecia improvável. Por que seus tios teriam pratos de ouro? Para que eles usariam esse tipo de coisa? Já fazia mais de um ano que Sherlock morava com os tios e nunca vira nenhum prato diferente dos usados no dia a dia e dos de porcelana fina, para os domingos e para quando havia visitas. Nenhum dos dois

conjuntos tinha qualquer traço de ouro, nem sequer uma borda folheada.

De repente, Sherlock não conseguia encarar a perspectiva de permanecer em casa pelo restante do dia. Sentia-se oprimido como se usasse um casaco pesado. Precisava sair. Por alguns segundos, pensou em ir até a casa de Amyus Crowe — e Virginia —, mas achou que havia mais a ser feito em relação à Sra. Eglantine. Se ela estava em Farnham, comprando legumes e verduras mais frescos que os da cozinheira, então o menino talvez pudesse encontrá-la e observá-la escondido por algum tempo. Afinal, talvez os legumes fossem apenas uma desculpa. Talvez ela tivesse outro motivo para ir à cidade.

Sherlock saiu pela porta da frente e foi ao estábulo, onde ficava seu cavalo. Ele o considerava *seu* cavalo, embora na verdade o tivesse roubado do maligno barão Maupertuis, pouco depois de se mudar para a mansão Holmes. Felizmente, o barão não aparecera para recuperá-lo, e o cavalo parecia bastante satisfeito de ficar com alguém que cuidava dele e o levava para cavalgar com regularidade. Sherlock o batizara de Philadelphia, como uma espécie de brincadeira. O cavalo não parecia se incomodar.

Depois de selar Philadelphia da maneira como aprendera com o cavalariço que trabalhava para a família Holmes, Sherlock saiu a trote pelo portão da propriedade e seguiu pela estrada que levava a Farnham. Ao longo dos últimos meses ele aprendera a cavalgar bastante bem, desde aquela viagem turbulenta que fizera com o irmão à Rússia.

Enquanto o cavalo trotava calmamente por entre as árvores altas da floresta Alice Holt, Sherlock lembrou a si mesmo que aquela viagem tivera a ver com a misteriosa Câmara Paradol — a gangue criminosa internacional que também estivera envolvida nas tramas colossais do barão Maupertuis. Não se ouvia falar deles desde que o plano de assassinar o chefe do serviço secreto russo e incriminar Mycroft, irmão de Sherlock, fracassara, mas Sherlock sabia que eles continuavam agindo em algum lugar. O menino às vezes perguntava a Mycroft sobre eles, mas o irmão alegava estar igualmente intrigado quanto às atividades do grupo. A única certeza era de que, em algum canto do mundo, eles estavam em atividade.

Sem que Sherlock se desse conta, a periferia de Farnham o cercou: os barracos com teto de palha que margeavam a estrada desde a mansão Holmes deram lugar a construções de tijolos vermelhos e telhas. Em vez de trotar até o centro e correr

o risco de ser visto pela Sra. Eglantine, ele amarrou o cavalo em um estábulo que conhecia, na entrada da cidade, e pagou algumas moedas ao cavalariço para que desse comida e água ao animal. Seguiu o restante do caminho a pé.

Se a Sra. Eglantine falara a verdade sobre os legumes, então estaria no mercado. Sherlock seguiu na direção dele, à sombra de um edifício de dois andares cercado de colunas. A área do mercado estava abarrotada de barracas oferecendo todo tipo de comida, de frutas a ervilhas frescas, de carne defumada a frutos do mar.

Sherlock não via a Sra. Eglantine em lugar algum, mas notou Matty parado junto a uma barraca de legumes. Parecia estar esperando que algo caísse perto dele.

Matty viu Sherlock e acenou. O menino reparou que Matty voltou a olhar de relance para a barraca, por um instante fez uma expressão indecisa e, então, se aproximou de Sherlock.

— Esperando pelo almoço? — perguntou o menino.

— Não costumo separar a comida em "refeições" — admitiu Matty. — Como sempre que dá.

— Muito sábio. Você viu a Sra. Eglantine por aí?

— A governanta? — Matty estremeceu. — Tento ficar longe dela. Aquela mulher é do mal.

— Sim, mas você a *viu*?

Matty fez um gesto com a cabeça na direção de um comerciante vendendo trutas frescas dispostas no chão.

— Ela tava ali faz alguns minutos. Disse que o peixe tava muito pequeno.

— Você viu para que lado ela foi?

O menino deu de ombros.

— Desde que ela vá para longe de mim, não me interessa. Por quê? O que foi?

Sherlock pensou se devia contar a Matty sobre o confronto entre seu tio e a Sra. Eglantine, mas decidiu não falar nada. Era assunto particular da família — pelo menos por enquanto.

— Só preciso saber onde a Sra. Eglantine está — respondeu ele. — Acho que ela está planejando algo.

— Não deve ser muito difícil achar aquela mulher — disse Matty. — Ela se veste como se todo dia fosse domingo, e ainda por cima como se alguém tivesse

morrido...

À medida que os meninos andavam pelo mercado, passando pelos vários vendedores, fregueses e curiosos que lotavam o lugar, Sherlock escutava fragmentos de conversas vindo de todos os lados.

"... e eu falei que, se ele voltasse sem aquilo, eu ia embora..."

"... você me deu sua palavra de que o negócio estava fechado, Bill..."

"... se eu vir você com aquele sujeito de novo, menina, vou lhe dar um tabefe tão forte que sua cabeça vai ficar girando por uma semana..."

Uma voz em particular chamou a atenção de Sherlock. Tinha sotaque americano. Ele reconheceu o sotaque de suas conversas com Amyus Crowe e do tempo que passara em Nova York. Virou a cabeça, achando que talvez fosse Crowe, mas o rosto que viu era mais jovem, liso e anguloso. O cabelo do homem estava preso em um rabo de cavalo apertado, e no lado direito da cabeça parecia faltar a orelha. Só o que o menino conseguia ver era que no lugar da orelha havia apenas uma cicatriz escura. As roupas estavam empoeiradas e surradas, e ele conversava com um sujeito louro de cabelo curto e rosto cheio de cicatrizes redondas, como se tivesse tido uma varíola grave.

— ... vai nos esfolar vivos e usar nossa pele para fazer chapéu — dizia o homem sem orelha. — Precisamos achar Crowe e a filha dele. Os dois são nossa única chance!

— Bom, sabemos o que vai acontecer conosco se *não* os encontrarmos. Você se lembra de Abner?

— Sim. — O rosto do homem de cabelo escuro se contorceu ante a lembrança desagradável. — Só fica olhando para a parede agora, depois do que o chefe fez com ele. É como se não tivesse mais nada dentro da cabeça, só o necessário para respirar e comer...

Os sujeitos andavam em uma direção, Sherlock e Matty em outra, e o menino só conseguiu escutar isso antes que os dois se afastassem demais. Mas parecia sério. Sherlock decidiu que iria ver o Sr. Crowe assim que possível. O americano precisava saber que alguém o estava procurando.

Quando terminou de pensar no assunto, ele e Matty já haviam chegado ao outro lado do mercado.

— Espere aqui um minuto — disse Matty.

Ele saiu correndo, indo em direção ao edifício de dois andares com colunas.

Matty desapareceu nas sombras, e Sherlock o perdeu de vista. Estava prestes a se virar e observar a multidão à procura de uma mulher de preto quando a cabeça do amigo apareceu acima do parapeito, correndo pelo alto do edifício. Ele acenou para Sherlock, que acenou também, impressionado com a rapidez com que Matty subira ali. O barqueiro magricela passeou o olhar aguçado pela multidão. Em poucos segundos já apontava para algo.

Sherlock perguntou sem emitir som, esperando que Matty entendesse as palavras com sua habilidade de ler lábios: *É a Sra. Eglantine?*

Bolo de carne!, respondeu Matty. Sherlock não sabia se ele estava fazendo algum som, mas o movimento de seus lábios era claro o bastante. *Brincadeira!*, gesticulou ele. *Ela está ali!*

Sherlock fez um sinal de positivo com o polegar, e a cabeça de Matty sumiu do parapeito.

O menino se enfiou na multidão de compradores e comerciantes, seguindo na direção para a qual Matty apontara. Ele observou a cabeça das pessoas a sua frente, procurando o peculiar penteado repuxado da Sra. Eglantine. Depois de alguns instantes, vira praticamente todas as variações possíveis de cabelo, cabeça e chapéu: escuro, ruivo, louro, grisalho, branco e careca; cacheado, rabo de cavalo e aparado; cabeças descobertas, toucas, cachecóis, bonés, chapéus-coco... tudo menos uma mulher de cabelo preto preso tão apertado que parecia pintado na cabeça. E enfim ele a viu. A governanta estava em uma das últimas barracas, de costas para o menino. Conversava com um homem baixo de cabelo comprido e oleoso penteado para trás nas laterais e dividido no meio. O sujeito tinha a pele marcada, e seu casaco estava coberto de sujeira e gordura nos ombros, nos cotovelos e punhos. Não era o tipo de homem com quem Sherlock imaginaria a Sra. Eglantine tendo algum tipo de relação.

O menino se aproximou, tomando o cuidado de olhar para outro lado a fim de que eles não percebessem que alguém os ouvia.

Ao chegar mais perto, escutou o homem dizer:

— O tempo tá andando, querida, e ainda não vi nenhum sinal daquele negócio. Você tem certeza de que tá na casa?

— Só pode estar lá — respondeu a Sra. Eglantine, com sua voz calculada e fria. — E você não precisa me lembrar há quanto tempo eu trabalho naquele *lugar*.

— Tem algo que eu possa fazer para acelerar as coisas? — perguntou o homem.

— Você pode se livrar do Sherlock, aquele pivete — retrucou ela. — Ele vive bisbilhotando por aí e é esperto demais para o meu gosto.

— Quer um sumiço temporário ou do tipo permanente?

— Tão permanente — sibilou a mulher — que quero que ele seja picotado e espalhado por uma área tão grande que ninguém jamais conseguirá encontrar todos os pedaços.

Capítulo três

CHOCADO, SHERLOCK SENTIU O QUEIXO cair. Ele sabia que a Sra. Eglantine o odiava, mas o fato de que o sentimento fosse suficiente para querer que ele *morresse*, a ponto de chegar a pedir que alguém o *matasse*... isso foi um choque. O que Sherlock havia feito contra ela? Isto é, além de questionar sua posição e desafiar sua autoridade.

O homem de cabelo oleoso estava falando alguma coisa, e o menino se concentrou para ouvir.

— Vou pensar no assunto — respondeu ele —, vou mesmo, mas o problema é que eu poderia ter um bom rendimento em cima do que sei sobre aqueles arrogantes dos Holmes, mas estou me contendo. Em vez de fazê-los me pagar um guinéu por semana para guardar o segredo, tô usando essa influência para manter você trabalhando para eles. — O homem deu uma risada de deboche. — Vamos falar a verdade, quem contrataria uma megera mal-humorada como você sem ser obrigado? Tô perdendo dinheiro com esse acordo enquanto você desfruta um belo empreguinho e um salário.

A Sra. Eglantine começou a falar, mas o homem levantou uma das mãos e ela se calou.

— Eu sei o que você vai dizer — prosseguiu ele. — Vai falar que quando encontrar esse seu tesouro que tá escondido na casa vai rachar comigo, e vamos ficar ricos. O problema é que esse tesouro é o que se chama de "hipotético"... Eu nunca vi e não tô convencido de que existe. Por outro lado, o dinheiro que a família Holmes poderia me pagar pelo segredo deles é real. Dinheiro na mão... ou cerveja na barriga, no meu caso. Então preciso decidir: é melhor eu ter um pouco de dinheiro real ou um monte de dinheiro hipotético?

A Sra. Eglantine fungou.

— Nós temos um acordo, Sr. Harkness — disse ela. — Se voltar atrás agora, ninguém mais acreditará em você.

— Sou um chantagista — observou Harkness, tranquilo. — A única coisa em que as pessoas acreditam é que eu vou revelar seus segredos se não for pago com regularidade. — Ele suspirou. — Olhe, nós temos nos dado bem ao longo dos anos, querida. Você desenterra segredos familiares nos lugares onde trabalha e os traz para mim, e eu os uso para ganhar algumas pratas de vez em quando. Mas, desde que você ouviu falar desse suposto tesouro, a coisa toda foi para o saco. Por que não podemos voltar ao que era antes?

— Em primeiro lugar — disse a Sra. Eglantine, com um tom gélido —, eu *não* sou sua "querida", nem nunca vou ser, e, em segundo, suas chantagens triviais sobre as pessoas da cidade por causa de roubos ridículos e romances ainda piores mal lhe rendem dinheiro suficiente para bancar aquelas apostas que você gosta de fazer nos cavalos e nas lutas ilegais. Se quer ter algum futuro, sou sua única chance.

Harkness suspirou.

— Você tem uma língua afiada, mas também persuasiva nessa sua boca, Betty. Tudo bem... vou deixar rolar por mais um mês. Mas só um mês, ouviu? Depois disso, vou cravar meus dentes na família Holmes e arrancar todo o dinheiro que eu puder.

— Para você — retrucou ela —, eu sou Sra. Eglantine. *Nunca* tome a liberdade de me chamar pelo primeiro nome. — Ela pareceu degelar um pouco, estendendo a mão para tocar o braço dele. — Estou quase encontrando, Josh... *sei* que estou. Só preciso de mais tempo. — Hesitou por um instante. — E preciso que aquele pivete intrometido do Sherlock fique fora do meu caminho. Você pode fazer isso por mim?

— Vou mandar um dos meus rapazes cuidar disso — prometeu ele. — Você tem tempo para um rango?

Ela balançou a cabeça.

— Aquela família maldita está esperando a refeição da noite. Juro, Josh, às vezes a vontade que dá é de envenenar todos eles e vê-los se contorcer em agonia no tapete da sala de jantar. Mas ainda não. Preciso voltar.

— Mantenha contato. — Ele riu. — E avise se achar os tais pratos de ouro de que vive falando.

— Eu vou achar. — A Sra. Eglantine se virou, e então voltou a olhar para o homem. — Ah, quase esqueci. Achei isto no quarto de uma das criadas. — Ela

enfiou a mão em um bolso escondido da saia de crinolina e tirou uma carta. — É um bilhete de um garoto que se diz apaixonado por ela.

— Não estou interessado em fofocas — respondeu Harkness.

— Você estaria se soubesse que o garoto em questão é o filho mais velho do prefeito de Farnham.

Harkness inclinou a cabeça, subitamente interessado.

— O filho do prefeito namorando uma criadazinha sem-vergonha? Isso deve valer umas pratas. O prefeito é muito preocupado com as companhias do rapaz. Fala para todo mundo que o filho vai se casar com uma nobre. Ele vai querer que esse segredo fique *muito* bem-guardado. — Harkness franziu o cenho. — A carta tá escrita na letra do garoto? E ele assinou?

— Com amor e beijos.

Harkness sorriu.

— As pessoas não aprendem, não é? Por via das dúvidas, nunca registro nada por escrito. — Ele estendeu a mão e pegou a carta da Sra. Eglantine. — Obrigado por isto. Quer o dinheiro agora, ou eu ponho na conta?

— Pague depois. Só não esqueça.

— Ah, não vou esquecer. Tenho uma excelente memória.

Eles se separaram, e a Sra. Eglantine seguiu para um lado enquanto Josh Harkness foi para outro. Sherlock quase esperou que o homem tentasse dar um beijo na bochecha dela, com base naquela sugestão de amizade no final da conversa, mas, se ele pensou nisso, não chegou a tentar.

O olhar do menino passou, incerto, de um para o outro. Deveria seguir a Sra. Eglantine ou Josh Harkness? Ele pensou que não precisava seguir *nenhum* dos dois — poderia simplesmente ir procurar Matty e passar o resto do dia em Farnham —, mas sabia que deveria aproveitar aquela oportunidade. Havia mais em jogo do que ele imaginara: não apenas sua própria segurança, mas também o futuro de sua família. Ele *tinha* que descobrir o que estava acontecendo e resolver o problema. Se pudesse.

Depois de alguns segundos, decidiu que o melhor era seguir o homem de cabelo oleoso. A Sra. Eglantine estava voltando para a mansão — ela mesma dissera isso. Sherlock sabia onde ela estaria e tinha uma boa ideia do que a mulher estaria fazendo. O sujeito é que era o fator de incerteza no momento, e era sobre ele que Sherlock precisava descobrir muito mais. Qualquer ameaça

imediata contra ele, Sherlock, viria daquela direção.

Harkness agora possuía alguma informação incriminadora envolvendo uma das criadas da mansão Holmes. Quem seria? Sherlock não sabia o nome de nenhuma, e raramente falava algo com elas, mas todas pareciam bastante simpáticas e trabalhavam bem. E daí que uma delas encontrara felicidade com um garoto de classe social diferente? Sherlock não entendia por que alguém precisava ser punido por isso, que dirá o pai do garoto.

Mais uma vez, ocorreu-lhe que o sistema inglês de classes operária, média e alta era não só inútil e arcaico, como também prejudicial para a própria essência da sociedade.

Depois de conferir se a Sra. Eglantine não se virara para voltar por algum motivo, Sherlock esgueirou-se pela multidão para ir atrás do amigo dela.

O menino manteve-se bem afastado, para o caso de Harkness olhar por cima do ombro. Ele provavelmente não conhecia o rosto de Sherlock, mas parecia o tipo de homem que sempre verificava se não estava sendo seguido. Enquanto os dois avançavam pela multidão, Sherlock não pôde deixar de perceber que algumas pessoas — em geral, as mais bem-vestidas — se afastavam do caminho do homem e viravam o rosto para não olhá-lo. Harkness parecia ser conhecido por muita gente — e não no bom sentido. Sherlock lembrou-se no mesmo instante de alguns dos garotos mais velhos na Escola Deepdene que implicavam com os mais novos. Eles desfilavam pelos corredores da escola mais ou menos do mesmo jeito, e os outros saíam do caminho como peixinhos pequenos fugindo de um maior.

Sherlock sentiu uma presença a seu lado. Virou a cabeça ligeiramente, sem saber se queria descobrir quem era. Talvez a Sra. Eglantine tivesse olhado para trás e o visto. Mas não — era Matty. Ele sorriu para Sherlock, comendo uma couve-flor crua.

— O guê gue tá acontecendo? — perguntou de boca cheia.

— Estamos seguindo uma pessoa.

— Quem? A Sra. Eglantine?

Sherlock balançou a cabeça.

— Não. Um homem com quem ela estava conversando. Acho que o nome dele é Harkness. Josh Harkness.

O rosto de Matty pareceu congelar. Ele arregalou os olhos, preocupado.

— Josh Harkness? Um sujeito baixo com cabelo que parece lavado com querosene?

— Esse mesmo.

Matty balançou a cabeça.

— Melhor não se meter com esse homem, Sherlock. Já ouvi histórias sobre ele. O pessoal dos barcos no canal fala dele aos sussurros. Ele fica com parte dos lucros da maioria dos ladrões que atuam na cidade. Pega cinco por cento dos rendimentos, uma vez por semana. E se alguém não pagar, ele pega cinco por cento do corpo deles... Corta fora. Dedos das mãos, dos pés, orelhas, nariz... o que for necessário para formar cinco por cento do peso da pessoa. É a regra, e ele nunca varia. — Matty estremeceu. — A gente conversou, eu e ele, um pouco depois que cheguei a Farnham. Ele me pegou pelo ombro no mercado e falou baixinho: "Percebi que você não se incomoda de surrupiar punhados de comida aqui e ali, meu jovem. Não tem problema... que ninguém diga que Josh Harkness priva um menino de seu alimento. Mas aceite o conselho de um amigo: se algum dia você evoluir para pegar dinheiro em vez de frutas e pães, eu fico com parte. Pergunte a qualquer um. E se eu não receber minha parte..." — Matty fez um sinal de corte com os dedos. — "Bom, de um jeito ou de outro, eu fico com uma parte, se é que você me entende." Ele é do mal, Sherlock. Mesmo em uma lista de pessoas que não são boas, ele fica quase no topo.

Sherlock assentiu, pensativo, enquanto os dois avançavam pela multidão.

— Entendo. Fiquei com a sensação de que o sujeito não tinha muitos escrúpulos, mas ele sabe algo sobre minha família... alguma informação que está usando para ameaçá-los.

— É, o homem mexe com chantagem também. Ele coleciona todo tipo de segredinho das pessoas e toda semana as obriga a pagar o que puderem para ele não falar nada. — Matty balançou a cabeça. — São uns pence aqui, uns xelins ali, e algumas libras a cada semana, mas no final acumula. Ele tá fazendo uma fortuna sem nenhum trabalho.

— E está lucrando com a infelicidade das pessoas — disse Sherlock, sério. Ele percebeu que a ideia o enfurecia. — Harkness é um parasita da raça humana, e alguém precisa fazer algo. Por que ninguém faz nada?

— As pessoas chantageadas têm muito medo de ir à polícia, porque seus segredos vão ser revelados se elas fizerem isso. Além do mais, ele provavelmente

tá chantageando metade dos guardas de Farnham. A última coisa que fariam é denunciá-lo.

— Então acho que precisarei agir por minha conta.

Sherlock ficou surpreso ao ouvir as próprias palavras, mas elas pareciam transmitir o que era o certo a se fazer.

Matty estava prestes a acrescentar algo, mas, lá na frente, Josh Harkness dobrou uma esquina, saindo do mercado. Ele ainda segurava a carta roubada. Sherlock fez um gesto para que Matty ficasse quieto. Juntos, os dois se afastaram da multidão e foram até a mesma esquina. Sherlock se esgueirou até o canto da parede de tijolos e espiou com cuidado, quase esperando ficar cara a cara com o chantagista, mas o homem estava mais adiante, andando por uma rua vazia. Ele esperou até Harkness chegar quase no final da rua. Se Sherlock e Matty fossem atrás quando o homem estivesse ainda na metade do caminho, ele acabaria vendo os dois imediatamente, caso se virasse. Só haveria eles na rua.

Harkness chegou ao fim da via e virou à esquerda. Assim que ele sumiu de vista, Sherlock puxou Matty e começou a correr.

Os dois levaram apenas alguns segundos para chegar ao final. Ali, da mesma forma que antes, Matty esperou enquanto Sherlock espiava pela esquina. Harkness estava a uns seis metros de distância, ainda caminhando, ignorando tudo à sua volta. Sherlock supôs que o homem tinha muita confiança em si mesmo.

O menino começou a sentir um cheiro atacar-lhe as narinas: um odor intenso, uma mistura de produtos químicos de limpeza e algo mais desagradável, como esgoto. Seus olhos começaram a lacrimejar, irritados pelo vapor do que quer que fosse aquilo.

No final da rua, em vez de entrar em outra rua ou viela, Harkness parou diante de uma porta e a abriu com uma chave. Ele deu uma olhada desconfiada para os dois lados, ainda segurando a carta roubada. Sherlock recuou para não ser visto, tentando reprimir um espirro insistente. Quando achou que seria seguro dar mais uma olhada pela esquina, o homem já havia desaparecido.

— O que tem ali? — perguntou a Matty.

O amigo olhou pela esquina também, por baixo de Sherlock. E fungou.

— Um curtume — respondeu ele, com firmeza. — Eles pegam as peles de vaca que vêm das fazendas e dos abatedouros e curam para transformar em

couro.

— Curam?

Ele já ouvira a palavra antes, mas não sabia direito o que significava.

— É. — Matty lhe lançou um olhar de deboche. — Você deveria sair mais vezes. "Curar" é o que eles fazem para transformar pele em couro. A pele fica mais rígida e dura mais, não apodrece.

— E como eles fazem isso?

— Usam umas facas afiadas para raspar o máximo possível da carne, depois banham as peles com um troço químico.

Sherlock fungou de novo, sentindo uma fisgada no fundo do nariz e da garganta, provocada pelo amoníaco.

— Sim, estou sentindo o cheiro da química.

Matty fez uma careta.

— Dá para sentir em toda Farnham. São uns produtos bem horríveis.

Sherlock franziu o cenho.

— Como assim?

— Bom, um cara me falou que o produto era chamado "ureia".

Sherlock pensou por um instante. *Ureia*. Parecia inócuo. Parecia... ah. Sim. Parecia "urina". Ele olhou para Matty, franzindo a testa.

— Está me dizendo que eles tratam couro com *urina*?

Matty confirmou com a cabeça.

— E com outras coisas, mas você provavelmente não quer nem pensar nisso. Só aceite um conselho: tape o nariz sempre que passar por aquele lugar. — Ele balançou a cabeça. — Ouvi uma história sobre um dos homens que trabalhavam ali. Ele estava tentando usar uma vara comprida para mexer as peles em um tanque grande que tem lá, mas perdeu o equilíbrio e caiu dentro dele.

Sherlock arregalou os olhos.

— Caiu dentro do...?

— Exatamente.

— E o que aconteceu?

— Ele morreu afogado.

— Afogado em...?

— É. — Matty estremeceu. — Quando eu morrer, quero que seja tranquilamente, durante o sono. Não afogado em uma banheira de...

— Precisamos entrar lá — disse Sherlock, determinado.

— *O quê?*

— Eu falei que precisamos entrar lá.

— Tá *maluco*?

— Josh Harkness entrou lá.

— Sim. Eu *sei*. Por isso mesmo. O lugar é mais fedido que aquela cabana de onde você me resgatou naquela estação ferroviária americana no ano passado, que aliás fedia como se alguém tivesse ficado preso e morrido lá, e ainda por cima neste lugar aqui tá um dos homens mais perigosos em um raio de centenas de quilômetros. Às vezes eu me pergunto se você bate bem, Sherlock.

Sherlock suspirou.

— Olhe, bem que eu queria que não fosse necessário, mas ele possui alguma informação sobre minha família. Está chantageando meus tios. Eles são boas pessoas. Nunca prejudicaram ninguém, e já faz mais de um ano que cuidam de mim e me alimentam. Preciso fazer algo para retribuir. — Sherlock olhou a rua com uma expressão séria. — Concluí que não gosto de chantagistas.

— Tudo bem. — Matty olhou em volta. — Mas tentar aquela porta seria perda de tempo. Harkness provavelmente trancou depois de entrar, e mesmo que não tenha trancado, não sabemos onde vai dar. Pode ser bem no meio de uma sala cheia de gente. Tem uma janela quebrada depois da esquina. Acho que podemos entrar por ali.

— Como é que você sabe que tem uma janela quebrada depois da esquina?

Matty fitou Sherlock com uma expressão exasperada.

— Eu sei onde ficam todas as janelas quebradas de Farnham... só para o caso de eu precisar. Você nem imagina o que as pessoas deixam em cima das mesas de cozinha. Mas, nesse caso aqui, decidi nunca usar a janela assim que descobri o que havia ali dentro e quem era o dono.

Sherlock franziu o cenho.

— Por que será que Harkness não a consertou?

Matty deu de ombros.

— Talvez ele saiba que ninguém em sã consciência invadiria o lugar, sabendo quem ele é e tal. Talvez a janela deixe entrar um pouco de ar fresco. Deus sabe que aquele local precisa de uma ventilação.

Sherlock assentiu e saiu com Matty pela esquina, caminhando pela rua e

passando pela porta fechada por onde Harkness havia entrado. Por via das dúvidas, o menino evitou olhar para o lado, para o caso de a porta estar ligeiramente aberta e Harkness estar olhando para fora, vigiando para ver se alguém o havia seguido. A confiança com que o homem caminhara desde o mercado sugeria que ele não esperava estar sendo seguido, ou que não se importava, mas Sherlock não podia correr o risco. Talvez o sujeito fosse mais esquivo do que parecia.

O menino sentiu um arrepio ao passar em frente à porta. Quase esperava que ela se abrisse de repente. Deixando-a para trás e chegando à esquina, deu um suspiro silencioso de alívio.

Matty estava logo ao seu lado. Juntos, os dois entraram em um beco de paralelepípedos deserto.

A parede do curtume formava um dos lados do beco. Sherlock viu a janela de que Matty falara. Ficava a mais de dois metros de altura, e o vidro estava todo rachado. A moldura do canto inferior direito estava vazia.

O cheiro que saía do buraco na janela fez Sherlock ter vontade de se virar e vomitar. Mas ele contraiu os músculos da barriga e engoliu em seco algumas vezes. Não podia se dar ao luxo de ser traído pelo próprio corpo. Tinha trabalho a fazer.

Sherlock olhou para a janela: era alta demais para subir sozinho, e o reboco da parede tinha tudo para esfarelar se ele tentasse usá-la para firmar o pé. Teria que pensar em outra forma de entrar.

— Suba nos meus ombros que eu dou impulso — disse Sherlock. — Você abre a janela e entra, e depois me puxa.

— Não vai dar certo — respondeu Matty, seguro do que dizia. — Acredite, sou especialista em entrar nos lugares. Posso subir e passar pela janela sem problema, mas não vou aguentar seu peso pelo tempo de puxar você para cima. — Ele fez uma careta. — Vai ter que ser o contrário. Eu me abaixo, você sobe em mim, entra pela janela e *me* puxa para cima.

O olhar de Sherlock se alternou entre a janela alta e o corpo franzino de Matty. Ele assentiu, relutante.

— Tem razão — disse —, mas não quero machucá-lo.

Matty deu de ombros.

— Acontece — respondeu ele, em tom casual. — Arranhões e hematomas

saram. Juro, se uma bota no rosto for a pior parte do meu dia hoje, vou ficar feliz como pinto no lixo.

— Pintos gostam de lixo? — perguntou Sherlock.

Matty o encarou.

— É só uma expressão — respondeu ele. — As pessoas falam isso o tempo todo.

— Nunca ouvi.

— Como eu disse, você deveria sair mais. Ver gente. — Matty sorriu. — Agora vamos. Você tá perdendo tempo. — Ele se abaixou, firmando as mãos nas coxas. — Suba logo. Você tá tão magro quanto no dia em que nos conhecemos, mas acho que ganhou um pouco de músculo, e isso pesa.

Antes que tivesse tempo de reconsiderar a ideia, Sherlock apoiou o joelho direito nas costas de Matty e levantou a perna esquerda, alçando-se até ficar de pé. Matty grunhiu, mas manteve as costas firmes. Sherlock logo enfiou a mão no buraco da janela e tateou à procura da trava. Soltou-a, recolheu a mão e abriu a janela. Deu um pulo para subir e sentiu Matty vacilar sob seus pés. Apoiou a barriga na moldura da janela e se contorceu para entrar. A madeira raspou em sua pele. Antes de cair no chão, ele se segurou ali na janela e se encolheu, olhando em volta.

Estava em um cômodo pequeno, sem ninguém, mas cheio de caixas. Apoiada de pé em uma das paredes havia uma calha de madeira parecida com um escorrega infantil. O piso ficava a mais ou menos um metro e meio da beira da janela — obviamente construído um pouco acima do nível do chão. Isso facilitava as coisas. Sherlock desceu até o assoalho, virou-se e se inclinou para fora da janela. Matty olhava para cima na expectativa. Quando viu Sherlock, estendeu a mão. Sherlock a pegou e puxou o menino. Matty era surpreendentemente pesado, e Sherlock sentiu os músculos das costas, mas conseguiu içar o garoto pela janela sem muitos problemas.

Os dois passaram pelas caixas até uma porta no meio da parede. Estava fechada. Sherlock girou a maçaneta e abriu-a ligeiramente.

Pela fresta, viu uma sala grande que ocupava o centro da construção. Havia uma plataforma suspensa que contornava o cômodo, com várias portas saindo para outros aposentos e uma passagem à direita que supostamente levava à porta principal, mas quase tudo ficava no mesmo nível da rua. No meio do espaço

havia quatro tanques de madeira, que pareciam barris imensos cortados pela metade. Todos continham algum líquido. Em dois dos barris, o líquido era claro e embolotado, como uma sopa, com bolhas surgindo devagar na superfície, mas nos outros era algo mais límpido, mais parecido com água.

O cheiro que emergia dos tanques era tão forte que Sherlock podia jurar que o próprio ar estava borbulhando acima deles.

— Agora vou ficar uma semana sem comer — reclamou Matty, sussurrando.

— Respire pelo nariz — sugeriu Sherlock.

— Eu tô respirando pelo nariz. O que preciso é respirar pelas *orelhas*.

Não havia sinal de Josh Harkness, mas dois outros sujeitos estavam na sala. Andavam de um tanque para outro, usando pedaços compridos de madeira do tamanho do corpo deles para mexer os líquidos. Cada vez que faziam isso, o cheiro ficava pior por um momento.

— Conheço aqueles caras — disse Matty. — Eles andam pela cidade recolhendo dinheiro para Harkness. São gente do mal.

Sherlock olhou para as várias portas fechadas. Em uma delas devia estar Josh Harkness. O menino não se atreveria a explorar o local até que soubesse onde estava o chantagista.

Enquanto Sherlock pensava nisso, uma porta do outro lado da sala se abriu e Harkness apareceu. Não segurava mais a carta.

— Continuem mexendo os couros — gritou ele para os homens junto aos tanques. — Aquele último lote saiu mole e cheio de manchas. Não pago vocês para ficarem à toa.

— Não faz diferença se a gente mexe ou não mexe, chefe — respondeu um dos homens, também gritando. — Tem a ver com a qualidade das peles. As vacas que o senhor tá usando são tão velhas quanto minha vó. As peles é que são moles e cheias de marcas. Se o senhor quer couro melhor, tem que trazer peles melhores.

— Não discutam comigo! — berrou Harkness. — Se vocês acham que sabem fazer melhor, então abram seus próprios curtumes! Até lá, vão trabalhar com o que receberem!

Os homens deram de ombros, trocaram um olhar e voltaram a mexer os tanques. Harkness os encarou com uma expressão raivosa por uns instantes, depois saiu pisando duro pela plataforma até uma escada que dava no centro do

salão. Ele se aproximou de um dos tanques e ficou na ponta dos pés para olhar lá dentro. O cheiro não parecia incomodá-lo.

— Não tem peles suficientes neste aqui — gritou ele. — Joguem mais algumas.

Os dois sujeitos foram até um lugar que Sherlock não conseguia enxergar, pois sua visão estava atrapalhada pelos tanques. Harkness foi até eles pisando duro. Por um momento a sala pareceu vazia.

Sherlock aproveitou a oportunidade. Saiu rápido e em silêncio para a plataforma de madeira e correu até a porta de onde Harkness havia surgido pouco antes. Matty o seguiu sem fazer barulho.

Ele chegou à porta, abriu-a às pressas e entrou, fechando-a antes que os três sujeitos reaparecessem de trás dos tanques. Parte da mente de Sherlock, a emocional, estava preocupada pensando em como sair dali, mas o restante, a parte lógica, dizia que, se os homens haviam sumido uma vez, então era provável que sumissem de novo. Ele só precisava esperar. Por enquanto, o importante era vasculhar os segredos daquele cômodo.

Sherlock olhou à sua volta. Em uma parede estavam apoiadas várias das traves de madeira, cada uma com um gancho na ponta — provavelmente para tirar o couro dos tanques. As outras paredes tinham prateleiras repletas de caixas de papelão identificadas por letras: *A*, *B*, *C* e assim por diante. Ele foi até a primeira caixa, puxou-a da prateleira e tirou a tampa.

Estava cheia de papéis: recortes de jornal, cartas, documentos que pareciam oficiais e uma ou outra fotografia. Sherlock passou os olhos por alguns. Os recortes de jornal eram uma combinação estranha de reportagens sobre atividades criminosas — roubos, assassinatos e outros delitos — e matérias de natureza mais social — nascimentos, casamentos e óbitos. Os documentos oficiais eram muito parecidos: algumas atas de tribunal ou depoimentos de testemunhas, com um punhado de folhas autenticadas de papel ofício e algumas certidões de nascimento e de casamento. Uma ou duas pareciam ter sido arrancadas dos livros de registro de uma igreja. As cartas iam de declarações manuscritas de amor ou ódio a propostas comerciais datilografadas, além de uns desafios a duelo. Algumas das fotografias eram retratos simples, inocentes até, normalmente com o nome da pessoa anotado no verso, enquanto outras eram do tipo que fez Sherlock virar o rosto de repente, envergonhado. No geral, a caixa era uma

amostra completa da vida humana.

Ele pensou por um momento. Ainda que a maior parte do que havia dentro da caixa — com exceção de algumas fotografias — fosse completamente inocente, devia ter algum significado mais sério nos seus respectivos contextos. A carta que a criada da mansão Holmes recebera do namorado — e que Sherlock presumia que estivesse agora em outra caixa naquela sala — parecia apenas uma simples declaração de amor, até que se visse quem a escrevera: o filho do prefeito, um homem que não pertencia à classe da criada. Devia ser o mesmo caso com todas as outras. Um nascimento podia ser apenas um nascimento — ou não, se a mãe não fosse casada. Isso seria um escândalo. Um casamento poderia ser bastante inocente — a menos que o noivo já tivesse se casado antes e sua primeira esposa ainda estivesse viva. Então seria bigamia. Até uma morte — *principalmente* uma morte — podia ser suspeita se parentes fossem herdar dinheiro de acordo com o testamento. Então seria assassinato.

Sherlock olhou em volta, sério. Se fosse divulgado, o conteúdo daquelas caixas poderia destruir vidas em um instante; no entanto, destruiria vidas mais lentamente se não fosse. Josh Harkness sugaria dinheiro das pessoas que ameaçava até deixá-las na miséria, dormindo na rua.

Ele fixou os olhos na caixa com a letra *H*. Em algum lugar ali dentro estava o segredo que a Sra. Eglantine havia descoberto sobre a família Holmes. Se quisesse, Sherlock poderia dar uma olhada rápida. Descobrir o que ela sabia — um segredo tão poderoso que seus tios prefeririam manter aquela víbora peçonhenta por perto a se livrar dela e correr o risco de vê-lo revelado.

Ou o menino podia destruir aquela, e todas as outras, e libertar centenas de pessoas desse flagelo.

Vendo por esse lado, havia mesmo alguma opção?

A única questão era: como?

Capítulo quatro

SHERLOCK SABIA QUE PRECISARIA USAR as ferramentas à sua disposição para destruir as cartas, as fotografias e os outros documentos. Havia caixas demais para ele e Matty tirarem do curtume, e os dois seriam vistos se tentassem. Não, ele precisaria destruí-las ali mesmo.

Mas como? Pensou em talvez provocar um incêndio. Claro, isso destruiria o material de chantagem no tesouro de Harkness, mas também a casa, e o fogo provavelmente se espalharia para os prédios vizinhos. Havia uma boa chance de que pessoas morressem, e Sherlock não queria carregar esse peso na consciência. Por um instante ele se sentiu paralisado, o cérebro rodopiando enquanto organizava as diversas imagens que vira desde que ele invadira o curtume com Matty, pouco antes. E então se deu conta: os tanques! Ele poderia jogar as caixas nos tanques! Se os papéis não fossem apagados ou dissolvidos pelos químicos alcalinos, ficariam encharcados e se desintegrariam sozinhos. Havia algo de poético em usar parte do ridículo império de Josh Harkness para destruir a outra.

— Certo — disse ele —, vamos lá.

— Graças a Deus — respondeu Matty. — Eu tava quase desmaiando com esse cheiro.

— Não — explicou Sherlock —, eu quis dizer que é hora de destruirmos isso tudo.

Matty apenas o encarou.

— Não podemos deixar Harkness escapar — insistiu Sherlock. — Ele está arruinando a vida das pessoas aos poucos.

— E ele vai arruinar a *nossa* vida muito mais rápido se fizermos alguma coisa para irritá-lo. — Matty balançou a cabeça, desesperado. — O sujeito é um animal! É mais perigoso que um texugo raivoso encurralado!

Teimoso, Sherlock também balançou a cabeça.

— Não me importo. Não posso sair daqui e depois andar pela cidade sabendo

que, de cada três ou quatro pessoas que vejo, uma está pagando para que ele fique de boca fechada. As pessoas têm direito à privacidade.

— Ainda que os segredos deles possam mandá-los para a cadeia se forem revelados? — perguntou Matty, astuto.

— Ainda assim — disse Sherlock. — Se alguém cometeu um crime, existe um processo para isso. É registrado. A polícia investiga. São coletados indícios e provas. Se as provas são suficientes, a pessoa é presa. Josh Harkness não está punindo os criminosos porque se considera um membro informal da polícia... ele está lucrando em cima de consciências culpadas.

Matty fez uma careta.

— Isso aqui ainda são provas — disse ele. — E acho que você tem uma opinião muito cor-de-rosa sobre a polícia. É como eu falei antes, os policiais também tão tirando um dinheiro ou então roubando aqui e ali no tempo livre. Um bandido de uniforme ainda é um bandido.

Sherlock se lembrou da ocasião em que seu irmão Mycroft fora acusado de assassinato, alguns meses antes. O menino precisava admitir que a polícia não havia mostrado muito interesse em procurar indícios na época, mas, ainda assim, o princípio era válido.

— Olhe — disse ele —, reconheço que o sistema não é perfeito. Nem sei como seria um sistema perfeito. Talvez a polícia deva receber melhores salários. Talvez as pessoas precisem ser avaliadas antes de serem admitidas na força policial. Talvez precisem de mais treinamento. Talvez precisem de consultores para ajudá-los a investigar crimes difíceis. Não *sei*. Só sei que gente como Josh Harkness não é a resposta. Ele não está fazendo nada para *impedir* os crimes... na verdade, por ele, quanto mais crimes acontecerem, melhor.

— Não vou convencer você a desistir disso, vou?

— Não.

— E você vai fazer com ou sem a minha ajuda.

— Exatamente.

— Então acho que é melhor eu ajudar, no mínimo para que você saia vivo dessa. Minha vida seria muito mais entediante sem você.

— Obrigado — falou Sherlock.

— Não tô falando que isso é bom ou ruim — respondeu Matty. — Só tô falando. — Ele suspirou. — Certo, qual é o plano?

— Vamos pegar essas caixas e jogar tudo que tem dentro nos tanques.

Matty deu de ombros.

— Não sei por quê, mas eu sabia que a gente teria que chegar perto dos tanques. Você sabe que aqueles caras não vão deixar a gente voltar a esta sala mais uma vez, e muito menos duas, né?

— Então vamos ter que distraí-los.

— Com o quê?

— Ainda estou pensando nisso. — Sherlock refletiu por um instante. — Tem que ser algo que atraia todos eles para o mesmo lado do edifício.

— Fogo? — sugeriu Matty.

— Perigoso demais.

— E se eu deixar que eles me vejam e tentem me perseguir?

— Aí terei que dar conta das vinte e seis caixas sozinho.

— Ah. — Os olhos de Matty se iluminaram. — E se esperarmos até o anoitecer para então voltarmos, invadirmos e destruirmos tudo de uma vez, com calma?

Sherlock balançou a cabeça.

— Este lugar é tão importante que Harkness deve ter vigias à noite. Só conseguimos entrar agora porque é dia e tem muita atividade no curtume. À noite, com tudo tranquilo, qualquer vigia vai nos ouvir ou nos ver, então isso exclui a opção de esperarmos escondidos até o sol se pôr. Não, precisamos fazer isso agora. — Ele pensou por um momento. — Talvez — disse, devagar — possamos levantar algumas tábuas do piso. Esta sala foi feita acima do nível do solo. Poderíamos esconder as caixas embaixo do piso. Harkness não saberia o que havia acontecido com elas. — Ele franziu a testa, considerando os problemas óbvios. — Não, seria impossível levantar as tábuas sem deixar lascas e marcas. Ele descobriria na hora.

— Bom, eu não sei o que fazer — disse Matty. — Que tal a gente deixar pra lá, então?

— Não. Tem que haver uma solução. — Sherlock esvaziou a mente, na esperança de que as diversas peças que rodopiavam em sua cabeça formassem alguma imagem com sentido. Aos poucos, elas formaram. — Certo, eis o que vamos fazer. Você vai se esgueirar pelos tanques até o outro lado e abrir um buraco em um deles.

— Com o quê?

— Você tem alguma faca?

Matty enfiou a mão no bolso e tirou um canivete. A lâmina estava dobrada para dentro do cabo.

— Tenho isto.

— Use-a para fazer um furo nas chapas de madeira que formam o corpo do tanque mais afastado, ou enfie a lâmina entre duas chapas e solte-as. Faça isso sem ser visto.

— Tudo bem. Considerando que eu não seja visto, o que acontece depois?

— O líquido dentro do tanque vai começar a vazar. Quando eles perceberem, vão chamar todo mundo para ajudar a fechar o buraco e limpar a sujeira do chão.

— E então vão ficar distraídos por algum tempo. É aí que a gente pega as caixas e joga no tanque mais próximo?

— Isso mesmo. Só que precisamos arranjar um jeito mais rápido de fazer isso. Lembra que, quando entramos, vimos uma calha de madeira encostada na parede?

— Lembro — respondeu Matty, incerto.

— Eles provavelmente usam aquilo para jogar as peles de vaca dentro dos tanques. Não acredito que as ergam por cima dos ombros e joguem uma de cada vez... seria difícil e faria muita bagunça. Acho que eles simplesmente descem tudo pela rampa. Enquanto todos estiverem distraídos, vou pegar a calha e apoiá-la daqui até o tanque mais próximo. E assim podemos despejar as caixas dentro do tanque.

— É um plano — disse Matty. — Não sei se é bom, mas não consigo pensar em nada melhor.

— Certo, vamos lá.

Sherlock foi até a porta e abriu-a ligeiramente. O cheiro de esgoto do curtume ficou mais forte, irritando o nariz dele e fazendo-o lacrimejar. Olhando para fora, ele viu que o lugar continuava vazio, mas ainda ouvia vozes. O que quer que Harkness estivesse fazendo com seus funcionários, estava demorando.

O menino virou a cabeça e olhou para Matty.

— Certo... vá! — sussurrou ele.

Matty passou por Sherlock e se espremeu porta afora. Avançando em silêncio, ele percorreu a plataforma de madeira até uns degraus que desciam na parte

central do espaço e passou por outra calha de madeira. Esgueirou-se pela sala, escondendo-se atrás de cada tanque, até sumir da vista de Sherlock.

Os minutos seguintes foram enervantes. Sherlock esperou, quase sem respirar, sem saber se Matty estava mesmo furando o tanque mais afastado. Estaria ele tentando desesperadamente penetrar uma madeira dura demais para a lâmina? Teria sido pego por Harkness ou um dos seus homens?

Algo se mexeu em um dos lados, atraindo a atenção de Sherlock. Um dos homens vinha pela lateral de um tanque, carregando uma das madeiras com gancho na ponta. Ele parou e começou a enrolar um cigarro com uma das mãos. Sherlock virou os olhos para onde Matty sumira, mas não viu o menino. O empregado não parecia agir como se algum invasor tivesse sido descoberto, então Sherlock deduziu que o amigo ainda estava em segurança.

Prestes a desviar os olhos, Sherlock viu uma cabeça aparecer por trás de um dos tanques. Era Matty. De onde estava, o garoto não via o sujeito com a trave de madeira, mas, se andasse alguns metros, ficaria no campo de visão dele. Sherlock tentou desesperadamente mentalizar para que Matty olhasse em sua direção, mas seu amigo parecia estar se preparando para correr até a escada.

Estava prestes a fazer algum barulho para chamar a atenção de Matty quando seu amigo o encarou. Sherlock fez um gesto para que ele não saísse dali. Matty balançou a cabeça. Sherlock indicou com a cabeça o lugar onde o empregado estava e imitou um movimento de caminhada com os dedos. O amigo entendeu e assentiu.

Sherlock voltou a olhar na direção do sujeito. Ele havia acendido o cigarro e agora caminhava para a frente, a madeira apoiada no ombro como um rifle. Mais alguns passos e ele veria Matty se olhasse para a esquerda.

Sherlock não sabia o que fazer. Ele ficaria exposto se atraísse a atenção do homem, mas também não poderia deixar que Matty fosse descoberto.

Alguém berrou do outro lado dos tanques. Pela voz, devia ter sido o sujeito que discutira com Harkness.

— Vazamento! — gritou ele. — Vocês sabem o que fazer! Marky, pegue algumas folhas para limpar o chão. Nicholson, você e eu precisamos botar um pouco de fibra para selar esse buraco logo e prender uma tábua por cima!

O sujeito com a trave de madeira correu para ajudar. Sherlock gesticulou para Matty, que correu até a escada, e então foi rápido até ele.

— Comece a trazer as caixas para fora — disse. — Vou pegar a calha.

Matty sumiu para dentro do depósito e Sherlock correu até a calha, que estava apoiada no corrimão. Era mais pesada do que parecia, e Sherlock precisou de toda a sua força para arrastá-la até o depósito e então empurrá-la do corrimão até o tanque mais próximo.

Quando Sherlock terminou, Matty já havia empilhado quatro caixas. Enquanto ele voltava para buscar mais, Sherlock pegava uma de cada vez e as empurrava pela calha. A inclinação não era suficiente para que as caixas deslizassem por conta própria, mas o menino descobriu que podia usar a segunda caixa para empurrar a primeira, e então a terceira para empurrar as duas. Em menos de um minuto, as quatro caixas estavam na calha e ele forçava a última, tentando fazer as quatro descerem.

A primeira caixa estava balançando em cima do tanque. Sherlock recuou um passo e então correu para a frente, acertando a última caixa da mesma forma que fizera com outros jogadores no campo de rúgbi da Escola Deepdene. A caixa deu um tranco, a força do impacto sendo transmitida para a primeira, que caiu dentro do tanque.

Mas ainda era muito cedo para comemorar. Enquanto Matty trazia as caixas, Sherlock as empilhava na calha e as forçava para a frente. Uma caixa após a outra, todas caíram no tanque. Sherlock viu-as boiando na substância tóxica, para então elas se encherem do líquido e afundarem. Transformaram-se em nada, esperava ele.

Do outro lado dos tanques, dava para ouvir vozes gritando e batidas de martelo.

O processo virou uma série de movimentos repetitivos. Pegar caixa. Colocar caixa na calha. Empurrar a caixa com o máximo de força. Pegar outra caixa. Sherlock sentia os músculos doloridos com o esforço.

Com o tempo, ele percebeu Matty a seu lado, ajudando a empurrar as caixas.

— São as últimas — disse Matty.

O amigo parecia exausto. Seu cabelo e seu rosto estavam cobertos de poeira.

— O que...? — gritou alguém.

Sherlock olhou para o meio do salão. Josh Harkness encarava os meninos. Seu rosto era uma máscara de descrença enfurecida.

— Rápido — disse Sherlock. — Vamos colocar as últimas caixas ali!

— Deixei as mais leves para o final — respondeu Matty. — Deve dar para jogar direto.

Ele tinha razão. Sherlock pegou a caixa com a letra *Y* e, equilibrando-se como um arremessador de peso, jogou-a para o tanque.

— Ei! — gritou Harkness. — Parem com isso!

A caixa bateu na beirada, e por um instante Sherlock achou que ela fosse cair para trás, mas felizmente o embalo ajudou a tombá-la para dentro.

— Peguem esses garotos! — berrou Harkness.

Dois dos empregados que Sherlock vira antes vieram correndo do final do salão. Hesitaram por um instante quando viram os meninos, mas a fúria terrível no rosto de Harkness os impeliu adiante. Seguravam as traves de madeira como se fossem lanças.

Sherlock pegou Matty pelo ombro e o puxou pela plataforma, levando-o ao cômodo por onde eles haviam entrado. Atrás de si, ouviu o barulho de passos apressados subindo a escada de madeira.

Matty chegou à porta primeiro. Ele se virou para dizer algo a Sherlock. Antes que pudesse falar qualquer coisa, Sherlock o empurrou para trás e se abaixou. Uma trave de madeira voou por cima dele, e o gancho afiado cravou-se no batente da porta.

— Saia! — gritou Sherlock. — Rápido!

Matty engatinhou para dentro da sala. Sherlock se virou para enfrentar o homem que o atacara. Ele puxava o pedaço de madeira, tentando soltá-lo do batente. Seu amigo estava a uns três metros de distância, aproximando-se com uma expressão violenta no rosto. Harkness pegara uma escada de algum lugar e estava subindo pela lateral do tanque no qual as caixas haviam sido jogadas, obviamente com a esperança de resgatar alguma coisa da bagunça que Sherlock fizera com o material de chantagem.

Por um instante Sherlock fez uma oração silenciosa para que ele caísse no tanque, e então correu para dentro do depósito, atrás de Matty. Bateu a porta, mesmo sabendo que isso lhes daria apenas alguns segundos.

Matty já estava na janela. Ele se virou, viu Sherlock e juntou as mãos para fazer um calço: palmas viradas para cima e dedos entrelaçados.

— Suba você — disse ele. — E me puxe depois.

Atrás de Sherlock, algo bateu na porta, fazendo-a estremecer.

Sherlock atravessou o cômodo em três passos, abaixou-se, pegou as pernas de Matty e o ergueu até a janela.

— Vá! — disse ele. — Eu vou atrás.

Matty parecia disposto a argumentar, mas já estava com metade do corpo para fora. Sensatamente, esforçou-se para sair, e não para ficar.

A porta se abriu de repente. Um homem surgiu sob o batente, e um outro logo atrás.

— Seu moleque! — rosnou o sujeito da frente.

Ele deu um passo adiante, a madeira erguida na mão.

Sherlock pegou uma das traves que estavam agrupadas na parede. Preparou-se, segurando-a na diagonal diante do corpo, os pés afastados, sabendo que ia ter que brigar. Às vezes parecia que, mesmo com toda a lógica do mundo, na maioria das ocasiões ele ainda precisaria brigar.

O sujeito era de altura mediana e tinha barriga, mas as orelhas distorcidas e o nariz quebrado indicavam que ele já fora lutador de boxe — provavelmente lutas clandestinas, em ringues no meio do campo, sem seguir as regras oficiais. Ele avançou um passo, também com a madeira na diagonal, mas com a ponta para baixo. O homem sorria.

— Eu vou ser o João Pequeno — disse ele —, e você pode ser Robin Hood.

— Isto não é brincadeira de criança — respondeu Sherlock.

— Não mesmo.

De repente ele atacou com a madeira, tentando arrebentar o joelho de Sherlock com a ponta sem gancho. O menino se defendeu com o próprio bastão. Quando as madeiras se chocaram, a vibração súbita subiu pelo braço de Sherlock e fez seus dentes doerem.

O homem fez um gesto com a cabeça, reconhecendo a manobra inesperada de Sherlock. Ele atacou uma segunda vez com a extremidade inferior da haste, mas estava apenas fintando. Mudou a direção do golpe de repente, descendo a extremidade superior em direção à cabeça de Sherlock. O menino ergueu a própria trave com as mãos para evitar que a arma do sujeito o derrubasse e provavelmente rachasse seu crânio, mas, antes que as barras de madeira se tocassem, o homem revertera o golpe de novo, acertando a virilha de Sherlock. O menino se retorceu, mas a barra o atingiu no quadril direito. Ele dobrou um dos joelhos e se abaixou bem a tempo de ver o gancho da madeira passar dois

centímetros acima de sua cabeça.

Sherlock tentou se levantar desesperadamente, ignorando as ondas de dor que se espalhavam do seu quadril até o joelho. Com o homem desequilibrado, Sherlock estendeu a madeira e prendeu o gancho no calcanhar do sapato dele. Quando puxou, o sujeito caiu de costas e soltou um palavrão. Seu corpo atingiu o chão com um baque, e o piso de madeira vibrou todo.

O outro homem passou por cima do companheiro caído. Ele era mais cuidadoso, agitando a barra de madeira de um lado para o outro, tentando evitar que Sherlock previsse de onde viria o golpe seguinte. Fintou uma, duas vezes, e então puxou a barra e atacou Sherlock como se estivesse usando uma lança em vez de um cajado. Sherlock deu um pulo para trás e percebeu que o gancho afiado na extremidade poderia ser tão mortal quanto a ponta de uma lança.

O sujeito recuou a madeira mais uma vez. Em vez de atacar Sherlock, porém, ele virou a cabeça ligeiramente e falou com o companheiro:

— Levante-se, idiota! Vá lá para fora. Pegue o outro garoto se ele ainda estiver por lá. Se não estiver, não deixe que este aqui saia pela janela.

O homem balançou a cabeça enquanto se levantava sofregamente. Sua expressão era um misto de mau humor e fúria.

— Quero esse aí, Marky. Eu *realmente* quero esse aí. Você viu o que ele fez.

— Vi você cair de bunda no chão — debochou Marky. — Agora vá lá para fora. Agora não é hora de músculos feridos e egos feridos. O chefe vai querer falar com esse menino, e, do jeito que conheço você, sei que vai cortar a garganta do garoto, porque ele o fez de idiota, e então o chefe vai descontar em nós dois.

O sujeito — provavelmente Nicholson, considerando os nomes que Sherlock ouvira antes — recuou e se virou para a porta da rua. Lançou um último olhar cruel para Sherlock e então saiu.

— Você não quer sair pela janela — disse Marky, sorrindo para Sherlock. — Se Nicholson o pegar, você já vai estar morto antes de pisar no chão, apesar do que eu falei para ele. Nicholson não gosta de passar vergonha. Não gosta nem um pouco.

— Então, qual é a alternativa? — perguntou Sherlock, fitando os olhos de Marky fixamente em busca de algum sinal de que o homem estava prestes a atacar com o gancho da trave.

— A alternativa é você largar essa madeira e vir comigo. O chefe quer falar

com você, só isso. Só quer ter uma conversinha.

Sherlock balançou a cabeça.

— Considerando o que eu fiz, acho que tenho mais chance com seu amigo lá fora do que com Josh Harkness. Pelo menos vou morrer rápido.

Marky deu de ombros.

— Entendo seu ponto de vista, de verdade. É uma situação difícil, não é? Se sair pela janela, você morre logo em seguida, mas rápido. Se vier comigo, continua vivo por um pouco mais de tempo, mas sua morte será mais lenta e dolorosa. — Ele baixou o tom de voz, tentando fazer Sherlock relaxar. — Sabe, garoto, se eu fosse você...

De repente ele atacou, tentando cravar o gancho no ombro de Sherlock e puxá-lo para si, mas o menino havia percebido que as pálpebras de Marky se abriram ligeiramente, o que significava que ele estava prestes a fazer algum movimento. Fora um dos ensinamentos de Amyus Crowe: como prever, a partir de gestos mínimos, o que as pessoas fariam. Ele chamava isso de "linguagem corporal". Sherlock agitou a madeira para a esquerda e a direita à sua frente, bloqueando a arma de Marky e desviando-a para o lado.

— Então é assim que você quer — disse Marky, recuando de novo. — Um impasse, certo? Só que, quando o chefe chegar, vão ser dois contra um, e você não vai ter nenhuma chance.

— Sempre há uma chance — respondeu Sherlock, com o máximo possível de petulância.

— Duas vias de fuga — observou Marky —, e ambas estão bloqueadas. A menos que você seja um mago capaz de atravessar o chão, não tem como escapar.

— Tenho, se... — Sherlock se conteve para não falar o nome de Matty — ... se meu amigo tiver fugido antes que Nicholson chegasse à janela. Ele irá direto à polícia. E os homens chegarão em questão de minutos.

Marky balançou a cabeça em desprezo.

— Os polícia daqui não vão se atrever a fazer nada contra o chefe. Ele sabe muita coisa sobre todo mundo.

— Mas como ele vai provar? — retrucou Sherlock. — Todo o material de chantagem acabou de ser destruído.

Marky franziu o cenho, pensativo.

— Quando os policiais descobrirem que todas as cartas, todos os documentos

que Harkness usava para ameaçá-los desapareceram nos tanques do curtume, vão entender que ele não terá mais como chantageá-los. E o que vão fazer depois? — Sherlock percebeu a expressão perturbada de Marky e continuou, com um tom mais urgente: — Em primeiro lugar, eles vão vir aqui para confirmar se é verdade, e depois vão retribuir toda a "gentileza" de Harkness. Quando ele tiver perdido o poder, será exatamente como qualquer agricultor ou cervejeiro de Farnham... só que todo mundo o odeia. Com muita sorte ele chegará inteiro à cadeia.

Pela maneira como Marky curvou os ombros, Sherlock viu que acertara em cheio.

— Como ele vai pagar a você? — perguntou ele. — Todo o material que ele tem usado para chantagear as pessoas desapareceu, um dos tanques está contaminado e outro está vazando. Um dos empreendimentos dele está arruinado e o outro está com problemas. Se eu fosse você, começaria a procurar outro emprego. — O menino fez uma breve pausa. — A menos que ele também saiba algo sobre você. Mas, se for isso, então a prova está naquele tanque, junto com todas as outras. Josh Harkness só tem a palavra dele, mas não vai chegar muito longe com isso. Ninguém vai acreditar em uma história sem provas.

— Você é um garoto esperto — reconheceu Marky. Ele assentiu, pensativo. — Tem razão... Harkness já era. Se a polícia não o pegar, então não vai demorar até alguns donos de terra daqui, que têm sido chantageados por ele, resolverem fazer justiça com as próprias mãos. Em pouco tempo Harkness vai acabar virando adubo em alguma plantação. — Ele relaxou e largou a madeira. — Se alguma coisa acontecer... se eu for pego... fale bem de mim. Fale para os polícia que eu deixei você fugir. — Ele fez um gesto decidido com a cabeça. — É hora de mudar de profissão — concluiu Marky, e então se virou e sumiu pela porta.

Sherlock mal podia acreditar no que havia acontecido. Tinha imaginado que precisaria lutar para fugir. Ficara falando com Marky para distraí-lo, para ganhar tempo e pensar em um plano de ataque, mas pelo visto ele se livrara na base da conversa.

Ele olhou para a janela. Era tentador, mas o outro sujeito — Nicholson — provavelmente já estava ali embaixo, e, depois do que acontecera, Sherlock duvidava que ele estivesse disposto a discutir.

Com relutância, o menino foi até a porta e voltou ao salão central do curtume.

Olhou em torno, tentando encontrar Josh Harkness, mas não o viu. O único indício de que ele estivera ali era um amontoado de papel úmido e manchado e de caixas de papelão ao lado do tanque mais próximo, no meio de uma poça de líquido marrom. O cheiro estava pior do que antes — provavelmente porque Harkness agitara o conteúdo dos tanques ao tentar recuperar seu material de chantagens. Com apenas um rápido olhar, Sherlock concluiu que aqueles papéis não serviriam para mais nada. O pouco que restava de texto impresso ainda visível nas folhas manchadas estava borrado e incompreensível.

O menino contornou a plataforma, indo na direção de onde a porta principal provavelmente ficava, torcendo para que Harkness já tivesse ido embora.

Ele estava errado.

O chantagista surgiu de trás de um dos tanques. Seu cabelo estava todo emaranhado, e seus olhos pareciam arregalados a ponto de quase saltarem do rosto. Harkness segurava uma faca em cada mão. A luz se refletia ameaçadoramente nas lâminas curvas e afiadas.

— Facas de esfolar — disse ele, em tom casual, embora a expressão em seu rosto não indicasse nenhuma casualidade. — Usadas para arrancar o couro da carcaça das vacas. Muito afiadas. Muito afiadas mesmo. Como você está prestes a descobrir.

— Não vai adiantar nada me matar — observou Sherlock, com uma voz tranquila apesar da aceleração repentina das batidas de seu coração.

— Não vai adiantar nada — concordou Harkness —, mas pelo menos vou dormir um pouco melhor hoje à noite. Você arruinou minha vida. Roubou meu ganha-pão e tirou o teto de sobre a minha cabeça.

— Salvei muitas pessoas da ruína e do desespero — respondeu Sherlock. — Acho que é uma troca bastante justa.

— Ninguém perguntou nada. — Harkness se movimentou. — Há menos de meia hora, eu estava satisfeito com o que tinha. Agora, não tenho mais nada. Precisarei começar do zero.

— Se as pessoas daqui deixarem. — Como quem não queria nada, Sherlock desceu os poucos degraus que levavam até o meio do salão. Ele estava muito vulnerável na plataforma. — Quando descobrirem que você já não tem poder sobre elas, algumas vão vir atrás de você. Sua melhor opção é fugir.

— Nisso você tem razão. — Harkness assentiu. — Mas vou arrancar o

máximo possível de sua pele para levar comigo, e, quando conseguir me instalar em algum lugar, vou curti-la e transformá-la em um colete, para que todo mundo possa olhar para mim e ver o que acontece com quem deixa Josh Harkness furioso.

Antes que Sherlock pudesse dar qualquer resposta, Harkness ergueu a mão direita acima do ombro e, de repente, agitou-a para a frente, arremessando uma das facas na direção da cabeça do menino. A lâmina pareceu girar lentamente no ar. Sherlock se abaixou, e a faca ficou cravada na madeira do tanque mais próximo.

Harkness balançou a outra faca, jogando-a da mão esquerda para a direita.

— Você não pode fugir para sempre, garoto. Mas, por favor, tente. Vai ser muito mais divertido para mim.

Sherlock se virou e tentou arrancar a faca do tanque, mas estava presa. De repente, seu instinto o fez inclinar a cabeça para o lado, e no mesmo instante a segunda faca passou voando junto a seu rosto. Essa acertou o tanque pelo cabo, rebateu e caiu no chão. Sherlock se abaixou para pegá-la, mas Harkness já corria em sua direção, os braços estendidos, e o menino deu impulso e rolou pelo chão para se esquivar.

O chantagista pegou a faca do chão e puxou a outra do tanque com uma força extraordinária. Ele se virou para Sherlock.

— Quanto mais você resistir — rosnou ele —, melhor aquele colete vai ficar em mim.

— Vá sonhando — respondeu Sherlock. — A única roupa que você vai ganhar é um uniforme de prisioneiro.

Ele estendeu a mão para o lado, na direção da escada que Harkness havia usado para subir na beirada do tanque. Puxou-a pelos degraus de cima e a girou para apontar a outra extremidade para Harkness. O homem arregalou ainda mais os olhos. Ele recolheu a mão direita de novo, preparando-se para jogar uma das facas, mas Sherlock correu e o acertou com o primeiro degrau da escada, empurrando-o para trás. Pego de surpresa, Harkness cambaleou, balançando os braços. Antes que pudesse se equilibrar e reagir, seu calcanhar direito ficou preso na massa de papel e papelão que ele havia tirado do tanque. O homem escorregou e caiu. Sua cabeça bateu no piso de madeira, fazendo um barulho alto. Seus olhos se reviraram nas órbitas.

Antes que ele se recuperasse, Sherlock jogou a escada para o lado e pulou em cima do tórax dele, prendendo seus braços com os joelhos. O menino pegou as facas das mãos inertes de Harkness e as ergueu, firmando-as com a ponta voltada para o rosto do homem. Harkness ficou horrorizado. Antes que ele se libertasse, Sherlock baixou as facas de repente, uma de cada lado do pescoço do chantagista. As lâminas ficaram cravadas no piso de madeira, prendendo também o tecido do casaco dele.

Sherlock levantou-se e encarou o homem.

— É aqui que a polícia vai encontrá-lo — disse ele. — Lembre-se de que às vezes os coelhos reagem.

O menino então se virou e correu para a porta.

Capítulo cinco

SHERLOCK RESPIROU O AR PURO depois de sair da delegacia, onde apresentara uma versão editada do que havia acontecido. Era como estar coberto de lama e mergulhar em um rio límpido. Ele sentiu os pulmões expelirem os odores terríveis do curtume. Sabia que o ar das ruas não era exatamente fresco, mas, comparado ao fedor do curtume, era o ideal de pureza.

Tendo a sensação de que suas roupas estavam impregnadas com o cheiro, ele decidiu que precisava se trocar assim que possível.

O menino encontrara Matty parado embaixo da janela do curtume. Ele deu um sonoro suspiro de alívio quando viu Sherlock.

— Eu não sabia o que tinha acontecido com você — disse Matty. — Achei que Harkness o tivesse pegado. — O menino franziu o cenho. — O que aconteceu com ele? Você não o... *matou*, certo?

Sherlock balançou a cabeça, cansado.

— Conversamos um pouco — respondeu ele. — Deixei-o lá e disse à polícia onde ele estava.

Matty deu de ombros.

— Não vai fazer diferença. Quando alguém pesca o peixe grande do lago — disse ele —, o segundo maior assume. É assim que são as coisas.

— Eu sei — respondeu Sherlock —, mas não posso fazer nada quanto a isso. Não agora. Pelo menos tiramos Harkness de circulação e destruímos o material de chantagem dele. Isso vai deixar muita gente feliz. — Ele franziu o cenho, reparando na postura tranquila de Matty, que estava parado no meio do beco. — O que aconteceu com aquele sujeito que mandaram aqui para fora, o Nicholson?

— O cara com uma pança de cerveja? Ele saiu e ficou aqui, parado. Não estava nada feliz. Parecia que ia arrancar a cabeça de alguém assim que pusesse as mãos nele.

— E onde você estava?

Matty apontou para uma pilha de engradados do outro lado do beco.

— Quando ouvi o sujeito se aproximando, eu me escondi ali. Ele não estava exatamente quieto, falou palavrões que eu nunca tinha ouvido antes.

— E o que aconteceu depois?

— Ele ficou ali por alguns minutos, depois o amigo dele saiu.

— Marky.

— É, ele mesmo. O cara pegou o braço do outro e falou alguma coisa. Aí de repente os dois foram embora.

Sherlock assentiu.

— Consegui convencer Marky de que, sem as chantagens de Harkness, a cidade seria bem pouco acolhedora com eles. Acho que decidiram tentar a sorte em outro lugar.

— Para onde vamos agora?

— Para casa — respondeu Sherlock.

— Não tenho casa, só o barco.

— Estava falando da mansão Holmes.

Matty balançou a cabeça, resoluto.

— Não gosto daquela governanta estranha — disse ele —, e ela não gosta nada de mim também. Prefiro ficar aqui fora mesmo, se não se importa.

— Acredito — respondeu Sherlock — que você vai ver a influência da Sra. Eglantine na casa dos Holmes diminuir bastante daqui a mais ou menos uma hora. Com certeza você será bem-vindo na mansão Holmes de agora em diante. — Ele examinou o amigo com um olhar crítico. — Bom, isso se você tomar um banho e pentear o cabelo.

* * *

Montado com Matty no lombo de Philadelphia, Sherlock seguia trotando por aquelas estradinhas conhecidas em direção à mansão Holmes.

— Você acha que vão me deixar comer alguma coisa quando a gente chegar lá? — gritou Matty por cima do ombro de Sherlock.

— Acredito que isso possa ser providenciado.

Eles levaram mais ou menos meia hora para chegar à propriedade, e, no momento em que cruzaram o portão principal e por todo o caminho até a casa, Sherlock sentiu Matty ficar cada vez mais tenso. Os dois ignoraram a entrada principal da mansão e foram direto até o estábulo, onde deixaram o cavalo aos cuidados de um dos cavalariços.

— Vamos — disse Sherlock. — Estou ansioso para encerrar este assunto.

Ele entrou pela porta principal, seguido de Matty. O sombrio corredor parecia vazio, mas as aparências enganam, como ele bem sabia.

— Sra. Eglantine! — gritou Sherlock.

Parte das sombras se destacou e deu um passo à frente. O corredor pareceu ficar uns dez graus mais frio.

— Jovem Sr. Holmes — disse uma voz, com um tom tão frio que poderia ter congelado o ar. — Como você parece determinado a fazer desta casa um hotel, indo e vindo a seu bel-prazer, talvez deva pagar pelo privilégio de se hospedar aqui.

— Imagino que hotéis contratem governantas consideravelmente melhores que a que trabalha aqui — retrucou ele.

A expressão no rosto da Sra. Eglantine não se alterou, mas Sherlock sentiu o corredor ficar ainda mais gelado.

— Deboche, criança — chiou ela. — Aproveite enquanto pode. Seus dias nesta casa estão contados.

— Se você espera que seu amigo Josh Harkness faça algo comigo, vai ficar decepcionada. O Sr. Harkness está preso, e não vai sair da cadeia tão cedo.

— É mentira sua — respondeu a governanta, entre os dentes, mas Sherlock percebeu que subitamente ela havia assumido uma postura defensiva.

— Eu nunca minto — disse ele, simplesmente. — Deixo isso para gente como você. — Ele fez uma breve pausa, preparando o ato seguinte. — Por favor, avise meus tios que desejo falar com eles na sala de jantar.

— Avise você mesmo.

A voz dela poderia cortar vidro.

— Você é que é a criada aqui, não eu. Encaminhe minha solicitação. Agora. E, por favor, tenha a bondade de pedir também que a cozinheira prepare alguns sanduíches e um jarro de limonada. Meu amigo e eu estamos com fome e sede.

A governanta o encarou; sua expressão indicava que ela estava reavaliando

Sherlock, e não gostava do que via. Ela se virou e desapareceu em meio às sombras.

— Venha — disse Sherlock ao amigo. — Vamos nos preparar para falar com eles.

Ele conduziu o amigo pelo corredor até a sala de jantar. Ocorreu-lhe que podia ter escolhido realizar o confronto na sala de visitas, onde os convidados eram recebidos, mas Sherlock queria fazer isso em algum lugar mais formal, menos confortável.

Na mesa no meio da sala de jantar havia apenas dois candelabros e um cesto de frutas. Matty pegou uma pera enquanto Sherlock se sentava em uma cadeira do outro lado da mesa, diante da luz que vinha das janelas. Matty contornou a mesa também e ficou atrás do amigo, comendo a pera.

Sherlock tentou acalmar o ritmo da respiração. Ele sabia o que queria conquistar nos minutos seguintes, mas entendia que estava lidando com pessoas, não peças de xadrez, e as pessoas às vezes faziam coisas inesperadas.

E se a influência da Sra. Eglantine sobre os tios dele fosse maior do que a mera posse de alguma informação incriminatória? Talvez eles defendessem a Sra. Eglantine, apesar do que já havia acontecido na casa. Talvez os três se unissem contra Sherlock.

A porta se abriu e Sherrinford Holmes entrou, seguido de perto por tia Anna.

— É incomum que o senhor do próprio lar seja convocado pelo tutelado — disse ele, em um tom brando.

— Peço desculpas se a Sra. Eglantine deu a entender que eu o estava convocando — respondeu Sherlock, baixinho. — Eu apenas gostaria de conversar com vocês dois sobre um assunto sério.

— Esse assunto tem alguma relação com o que aconteceu na biblioteca hoje? — perguntou o tio. — Se tiver, lembro-me claramente de ter dito que aquilo não seria mais mencionado.

— Quero falar sobre um homem chamado Josh Harkness — respondeu Sherlock — e de sua influência sobre esta família.

Ele pensou em pedir aos tios que se sentassem, mas seria falta de educação. Eram a casa e a sala de jantar deles, e Sherlock não queria parecer arrogante.

Antes que Sherrinford respondesse, a Sra. Eglantine entrou na sala. Vinha seguida por duas criadas; uma trazia um prato de sanduíches e a outra segurava

uma bandeja com um jarro e quatro copos. Elas puseram tudo na mesa.

— Por favor — disse Sherlock à Sra. Eglantine enquanto as criadas saíam —, fique aqui um instante. Você tem tanto a ver com este assunto quanto meus tios.

Ela abriu a boca como se fosse dizer algo, mas voltou a fechá-la. Parecia inquieta, insegura. Até mesmo assustada.

— Você não me apresentou a seu amigo — disse Sherrinford.

Ele puxou uma cadeira junto à mesa para a esposa. Tia Anna se sentou, e ele também.

— Este é Matthew Arnatt — respondeu Sherlock. — Ele mora em Farnham.

— Um cigano — disse a Sra. Eglantine. — Não vale nada.

— Já falei — respondeu Matty por trás de Sherlock — que não sou cigano.

Sherrinford Holmes deu um ligeiro tapa na mesa.

— Ainda que fosse — disse ele —, os ciganos são um povo antigo e nobre. Além do mais, você tem o nome de um homem que foi discípulo de Jesus Cristo e autor de um dos quatro evangelhos. Você é bem-vindo em minha casa, Matthew.

— Joia — respondeu o menino.

— Está com fome? — perguntou a tia de Sherlock. — Talvez queira um sanduíche e um copo de limonada.

— Eu quero sim, se não for incômodo — disse o menino, estendendo a mão por cima do ombro de Sherlock e pegando alguns sanduíches.

— Então — falou Sherrinford Holmes —, o que é tão importante para que você tenha convocado uma reunião de família, e o que isso tem a ver com esse homem mencionado, um indivíduo cujo nome me recuso a pronunciar?

Sherlock respirou fundo.

— Josh Harkness é um chantagista — disse ele. — Ele reúne informações sobre pessoas, informações que essas pessoas prefeririam manter em segredo, e ameaça revelá-las se não receber dinheiro regularmente.

— Você está sugerindo — respondeu Sherrinford, com um ligeiro tom de advertência — que, de alguma forma, esse criminoso descobriu algum segredo de nossa família? Sou um respeitável estudioso da Bíblia, e minha esposa é um modelo para a comunidade. Que segredos seriam esses capazes de chamar a atenção de tamanho cafajeste?

Sherlock balançou a cabeça.

— Não importa o que ele descobriu ou deixou de descobrir. A questão é que todos os arquivos dele, toda a coleção de documentos e cartas, foram destruídos.

A Sra. Eglantine arquejou e cobriu a boca com a mão.

— Tem certeza? — perguntou Sherrinford Holmes, inclinando-se para a frente. — "Mas a língua, nenhum homem pode domar. É um mal irrefreável; está cheio de peçonha mortal." Tiago, capítulo 3, versículo 8.

— A gente tem certeza absoluta — interrompeu Matty, enquanto mastigava um pedaço de sanduíche. — Nós dois destruímos tudo aquilo.

— Você viu? — perguntou Sherrinford. — Você viu isso pessoalmente?

— Vi. O conteúdo de todas as caixas ficou ilegível.

Sherrinford Holmes se recostou na cadeira e passou a mão direita pela testa. Estendeu a esquerda e tocou o braço da esposa.

— Então o pesadelo... acabou.

Ele suspirou.

Durante mais ou menos um minuto, o cômodo ficou em silêncio. Nenhum ruído, nenhum movimento, mas algo mudou. Foi como se uma nuvem tivesse saído da frente do sol. A sala pareceu ficar mais clara e aquecida.

— Você fez a esta família, e a muitas outras, um grande bem — disse Sherrinford. — Vejo em você o mesmo traço de caráter de seu irmão, e também de seu pai... *meu* irmão. Estou em dívida com você. — Ele se virou e encarou a Sra. Eglantine. — E já não estou mais sujeito a você, mulher maligna. Você jamais encontrará o que quer que esteja procurando nesta casa. Faça suas malas. Se não estiver fora desta casa em uma hora, eu mesmo me encarregarei de empilhar todos os seus pertences e atear fogo, e também lhe darei uma surra de chibata. Espero que nunca mais tenha que ver seu rosto ou ouvir sua voz por toda a minha vida. Você *não* é bem-vinda aqui.

— Ainda sei o seu segredo! — anunciou a Sra. Eglantine, dando um passo à frente. — Não será tão fácil se livrar de mim.

— Ninguém acreditará em você — disse tia Anna. Ela se levantou, e sua estatura diminuta parecia se impor sobre a governanta alta. — A Inglaterra está cheia de governantas rancorosas. Ninguém acredita na conversa delas, e por um bom motivo. É como dizem: "Fofoca e mentira andam de mãos dadas."

Sherrinford confirmou com a cabeça.

— "Tua voz será uma repreensão para o transgressor; e, diante de tua

repreensão, que a língua do caluniador cesse sua perversidade" — citou ele, baixinho. — Saia daqui agora, mulher, enquanto ainda pode.

A Sra. Eglantine dirigiu um olhar furioso aos quatro presentes ali: Sherlock, Matty, tio Sherrinford e tia Anna. Abriu e fechou a boca algumas vezes, como se soubesse que tinha alguma coisa a dizer mas não soubesse exatamente o quê. Até que, por fim, deu meia-volta e saiu da sala como se fosse uma sombra sendo expulsa por uma cortina aberta.

— Será que é simples assim? — perguntou Sherrinford.

Ele estendeu a mão e pegou a da esposa.

— Vocês precisarão vigiá-la — respondeu Sherlock. — Ela talvez tente roubar alguma coisa. Pode até tentar se esgueirar para dentro da casa de novo quando não tiver ninguém por perto. Ela quer algo que está aqui, e não acho que vai desistir tão fácil. Mas agora será muito mais difícil. Ela perdeu o poder de influência.

— Mal posso acreditar — disse tia Anna. — A Sra. Eglantine tem sido uma presença maligna aqui por tanto tempo que quase não consigo imaginar como é viver sem ela.

— Vocês têm alguma ideia do que ela tava procurando? — perguntou Matty.

Sherrinford balançou a cabeça.

— Ela nunca disse. Levei algum tempo para perceber que ela estava procurando alguma coisa. Ela se ofereceu para trabalhar como governanta há três anos, e, como suas referências eram impecáveis, contratei-a sem receios. Mas a mulher era rabugenta, e os criados não se afeiçoaram a ela. Depois de algum tempo, pedi para ela ir embora, mas ela revelou conhecimento sobre... certos fatos a respeito desta família que eu não gostaria que fossem divulgados. Então nos obrigou a deixá-la ficar e a lhe dar dinheiro, que era transferido àquele homem detestável, Joshua Harkness. — Ele suspirou. — Um dia, peguei-a vasculhando nosso quarto. Exigi saber o que ela estava fazendo. A mulher falou para eu não me meter em um assunto que não era da minha conta. Respondi que ela estava em minha casa e que saber o que ela fazia era, sim, da minha conta. Ela deu uma risada de desprezo e disse que a casa passara a ser dela.

— Percebemos que ela estava vasculhando todos os cômodos, um a um — continuou a contar tia Anna em voz baixa, quando ficou evidente que Sherrinford não falaria mais nada. — Mas nunca descobrimos o que ela

procurava. Não há muitos objetos de valor nesta casa.

— A Sra. Eglantine tem a planta baixa da casa — lembrou Sherlock. — Está em seu quarto, pendurada do lado de fora da janela. Vocês precisam recuperá-la, antes que outra pessoa a encontre.

Sherrinford balançou a cabeça e sorriu. Sherlock não se lembrava de jamais ter visto o tio sorrir.

— Acredito que tenho uma garrafa de vinho madeira, que reservei para uma ocasião especial — disse ele. — Duvido que venha a ter ocasião mais especial que esta na vida. Entendo que vocês dois são praticamente crianças, mas sinto que seus parentes e Deus me perdoarão se eu lhes oferecer uma taça. Uma pequena, é claro.

Sherrinford Holmes deu uma olhada de esguelha para sua esposa e ergueu uma sobrancelha de um jeito inquisidor. Tia Anna assentiu, e ele foi até o aparador para buscar uma garrafa e algumas taças.

— Acho que lhe devemos uma explicação — disse ele enquanto voltava e se sentava. — Com a Sra. Eglantine, sua vida aqui tem sido desagradável, para usar um termo delicado. Depois do que você conseguiu, o mínimo que podemos fazer é dizer o que ela sabia.

Sherlock balançou a cabeça.

— Não precisa — respondeu ele. — Toda família tem o direito de guardar seus segredos.

— Mas este tem a ver com você — disse Sherrinford. — Já o guardamos por tempo demais.

Ele apertou o braço da esposa, que lhe deu um tapinha leve e reconfortante na mão.

Sherlock sentiu como se o chão a seus pés estivesse se abrindo aos poucos. Um segredo que tinha a ver com *ele*?

Sherrinford abriu a boca para dizer algo, mas hesitou. Olhou para Matty e franziu o cenho.

— Talvez... — começou — devamos conversar mais tarde. Quando pudermos tratar disso em particular.

Sherlock olhou para Matty.

— Qualquer que seja a história — disse ele, com firmeza —, não quero que continue em segredo. Matty é meu amigo. Quero que ele saiba tudo o que há

para saber sobre mim.

Sherrinford não pareceu se convencer.

— Ainda assim, Sherlock, este *é* um assunto familiar. Não sei se seria adequado se outras pessoas soubessem algo sobre isso. Talvez seu irmão deva ser consultado antes de falarmos diante de outras pessoas.

— Outras pessoas já descobriram. — Sherlock fitou o tio e a tia. — Olhem, uma vez ouvi Mycroft dizer que a luz do sol é o melhor produto de limpeza. Na ocasião, achei que ele estava falando literalmente, que um cômodo fica cheio de poeira e teias de aranha se as cortinas permanecerem fechadas, mas percebi que usava o sentido figurado. Ele queria dizer que a situação só piora quando tentamos esconder algo. Saber a verdade, e deixar que *todo mundo* saiba, costuma ser a melhor opção.

Sherrinford suspirou.

— Muito bem — disse ele, devagar, servindo o vinho nas taças. — Trata-se de seu pai. Desde a época em que éramos pequenos, Siger, seu pai, era uma criança estranha, mesmo naqueles tempos. Em alguns dias, ele era agitado e cheio de energia, capaz de subir em qualquer árvore e pular qualquer cerca, e engolia a comida e falava tão rápido que as pessoas não conseguiam entender. Em outros, simplesmente permanecia na cama ou ficava à toa em casa, sem disposição nem ânimo. Nosso pai dizia que era uma fase. Nossa mãe não tinha tanta certeza. Ela pediu diagnósticos a vários médicos. Os que vieram quando Siger estava correndo para todos os lados sem parar disseram que ele era naturalmente alvoroçado. Os que o viram quando Siger mostrava completa indiferença a tudo à sua volta disseram que ele era naturalmente sensível e delicado... melancólico. Quando a melancolia ou a agitação se tornaram um fardo pesado demais para nossos pais, ele foi levado a um sanatório, e lá o mantiveram em observação.

— Meu pai era... *é*... louco? — sussurrou Sherlock.

— Eu jamais o descreveria assim — respondeu Sherrinford, sério. — Ele era... *é*... meu irmão, e em alguns dias era impossível perceber qualquer problema com ele. — Sherrinford fez uma pausa. — Mas, em outros dias, ficava tão inquieto que chegava a ser perigoso, ou tão deprimido que falava em tirar a própria vida. Eu disse que no sanatório o "mantinham em observação", e não que "cuidavam" dele, porque certa vez o visitei, e nunca esquecerei o horror abjeto daquele ambiente. Tenho certeza de que aquele lugar o marcou. — Ele ficou em silêncio,

olhando para a mesa, mas Sherlock suspeitou de que o tio estivesse relembrando o passado longínquo. — Um médico que veio vê-lo quando Siger morava em casa, entre uma temporada e outra no sanatório, era particularmente erudito. Ele havia ouvido falar de um francês que descrevera uma doença chamada de *folie à double forme*, ou "insanidade em duas formas". Bom, esse médico experimentou diversos medicamentos... uma solução alcoólica de heléboro-negro para induzir o vômito, uma decocção de dedaleiras e sumo da cicuta. Houve algum efeito, mas não foi suficiente. A única coisa que ajudava de verdade era morfina.

Morfina! A palavra foi como uma faca de gelo no coração de Sherlock. O menino já havia passado por algumas experiências com essa substância. Os homens do barão Maupertuis o drogaram com láudano, que era uma solução de morfina e álcool, e a Câmara Paradol depois usara uma substância semelhante em Mycroft, o irmão de Sherlock. Será que aquele produto horrível estava misturado à história da família inteira?

— O que é morfina? — perguntou Matty.

— É uma substância derivada do ópio, que por sua vez é a seiva ressecada da papoula. É um produto químico maligno, do qual não mais falarei, mas que ajudou a estabilizar as oscilações emocionais extremas de Siger. — Sherrinford deu uma risada sem ânimo. — O nome da substância foi inspirado no deus grego dos sonhos: Morfeu.

Sherlock balançou a cabeça.

— Não sei se entendi. Meu pai estava doente, e essa substância o deixou melhor. Qual é o problema?

— O problema — respondeu Sherrinford — é que nossa sociedade não vê com bons olhos as pessoas com... problemas mentais. Sendo medicado com morfina, Siger cresceu e ficou forte, e ninguém fora da família jamais soube que havia algo errado. Casou-se com uma mulher de boa família e alistou-se no Exército. Se alguém descobrisse que ele tinha uma doença na cabeça, Siger seria expulso do Exército na hora. Seus amigos e vizinhos se afastariam. A família seria maculada pela vergonha... Não me importo tanto com isso, mas ele e sua mãe perderiam *tudo*. Além do mais, o estigma perseguiria seu pai, sua mãe, você e seu irmão. Vocês seriam taxados como filhos de um louco. As pessoas presumiriam que vocês também provavelmente enlouqueceriam.

— Como a Sra. Eglantine descobriu isso? — sussurrou Sherlock.

— Ela trabalhava no sanatório — respondeu tia Anna, baixinho. — Quando jovem. Deve ter visto Siger algum dia, um grande acaso, quando ele estava mais velho e de farda. Percebeu o escândalo que a família enfrentaria se o mundo soubesse que ele havia passado algum tempo em um sanatório e que dependia de remédios para permanecer são, e começou a nos chantagear.

Sherlock franziu o cenho.

— É isso que não entendo — disse ele. — Por que *vocês*? Por que não chantageou meu pai, minha mãe ou Mycroft?

— Talvez ela tenha chantageado — respondeu Sherrinford. — Nunca perguntamos.

Uma ideia surgiu na mente de Sherlock. Ele hesitou antes de falar, pensando várias vezes nessa ideia, examinando-a de todos os ângulos só para confirmar se não havia esquecido nada. Era uma ideia grave, e ele queria ter certeza de que fazia sentido para não dizer algo constrangedor.

— Pelo que vocês nos contaram — falou ele cuidadosamente depois de um tempo —, o segredo que vocês guardavam se referia a meu pai e à família dele. Entendo que, se o segredo fosse revelado, a vergonha da família não atingiria *vocês*. Nós, sobretudo *ele*, é que teríamos problemas.

Tia Anna sorriu para Sherlock e estendeu a mão por cima da mesa para tocar na dele.

— Meu querido Sherlock — disse ela. — Não podíamos permitir que isso acontecesse a Siger. Ele é da família. Cresceu junto com Sherrinford. Não podíamos cruzar os braços e deixar que ele sofresse tamanha vergonha. Eu me lembro de como Siger estava orgulhoso ao entrar para o Exército. Seria muito errado tirar isso dele.

— Mas a vida de vocês foi prejudicada pela presença da Sra. Eglantine nesta casa.

— Em alguns momentos na vida, nosso Bom Senhor nos impõe alguma provação — disse Sherrinford. — Ele nos testa, e não podemos demonstrar fraqueza.

— O que mais poderíamos ter feito? — perguntou tia Anna, mais pragmática. — Responder àquele detestável Sr. Harkness que não pagaríamos nada e então assistido a nossos parentes serem humilhados em público? Não seria correto.

Sherlock encarou os tios. Percebeu que tinha passado a vê-los de uma forma

diferente. Os dois já não pareciam ser relíquias antiquadas e obsoletas, vindas de uma época esquecida; eram pessoas vivas, com emoções, sentimentos e preocupações. Ele tentou imaginar o tio Sherrinford e seu pai brincando quando pequenos. Tentou imaginar sua tia mais jovem, vestindo suas melhores roupas, talvez comparecendo ao casamento de Siger Holmes com a mãe de Sherlock. Por um instante o garoto percebeu que conseguia imaginar todas essas coisas.

— Obrigado — disse ele apenas. — Em nome dos meus pais, que por motivos diferentes não podem agradecer pessoalmente, obrigado.

— Era o mínimo que podíamos fazer — disse Sherrinford.

— Não era — respondeu Sherlock. — E por isso foi um gesto tão nobre e altruísta.

— Agora — disse tia Anna —, preciso sair e contratar outra governanta. Esta casa não vai se administrar por conta própria, e as criadas são tão avoadas que precisam que alguém fique vigiando-nas o tempo todo, senão nem consigo imaginar o que poderia acontecer.

— E eu preciso arrumar a biblioteca — disse tio Sherrinford. — Isso talvez tome algum tempo.

Os dois se levantaram. A tia de Sherlock deu um último sorriso, o tio acenou distraidamente mais uma vez, e os dois saíram da sala de jantar.

— Gente boa — comentou Matty.

— Boa não chega nem aos pés deles — respondeu Sherlock.

— Então, o que você quer fazer agora?

O menino refletiu por um instante.

— Eu estava pensando em ir ao chalé de Amyus Crowe. Acho que ele precisa saber o que aconteceu. E provavelmente também devemos lhe contar sobre aqueles americanos que o estavam procurando no mercado hoje. Os sujeitos mencionaram o nome dele.

Matty deu de ombros.

— Ele pode nos dar algum conselho para o caso de Josh Harkness decidir ficar na cidade e tentar vir atrás de nosso couro para compensar o prejuízo do curtume — disse Matty. — E acho que seria bom rever Virginia.

Sherlock o encarou, mas Matty olhou para ele com ar inocente.

— Você não precisa vir — disse Sherlock, em tom neutro. — Achei que Albert talvez precisasse ser alimentado.

— Ele é um cavalo — respondeu Matty, dando de ombros. — Está cercado de comida em qualquer lugar em que eu o amarre. É como me deixar em uma padaria. Ele vai comer grama até se empanturrar e depois vai dormir.

— Você acha que cavalos ficam entediados? — perguntou Sherlock. — Afinal, eles passam o tempo todo parados no meio do mato.

Matty ergueu uma sobrancelha.

— Nunca pensei nisso. Acho que eles não se importam. Talvez fiquem pensando coisas profundas sobre o mundo e tudo que há nele, ou talvez não pensem em nada muito além do próprio focinho. — Ele franziu o cenho e encarou Sherlock. — Você pensa demais. Alguém já lhe disse isso?

Os dois saíram para o sol do fim de tarde. Sherlock pegou um cavalo emprestado no estábulo, e os dois seguiram na direção da casa onde moravam Amyus Crowe e a filha.

No caminho, Sherlock percebeu que seus pensamentos se alternavam entre dois extremos: nervosismo diante da ideia de rever Virginia e incerteza sobre seus sentimentos em relação ao pai: um homem que, para Sherlock, sempre parecera uma força da natureza, com sua risada forte e seu amor pelo ar livre, mas que agora o menino via que era muito mais complexo.

Sherlock não conseguia deixar de imaginar se a *folie à double forme* de que seu pai sofria era hereditária, como uma marca de nascença, ou apenas uma doença contagiante, como gripe.

Ao se aproximarem do pequeno chalé, Sherlock reparou que a égua de Virginia não estava no cercado.

— Não vejo Sandia — observou ele. — Virginia não está aqui.

— Quer sair para procurá-la?

Sherlock o encarou, irritado.

— Vamos entrar — respondeu ele, mal-humorado. — Faz uma meia hora desde a última vez que você comeu. Já deve estar com fome de novo.

— Provavelmente — concordou Matty.

Eles desmontaram e prenderam os cavalos à cerca na frente do chalé. Enquanto caminhavam até a porta, algo incomodava Sherlock, e ele levou alguns instantes para entender o que era. O amontoado de objetos que ficava do lado de fora do chalé — machados, botas enlameadas e outras coisas assim — havia sumido.

A porta estava fechada, o que não era normal. Sherlock bateu, com um pressentimento estranho de que havia algo muito errado. Seus pensamentos voltaram à conversa entreouvida no mercado. Ele presumira que os americanos quisessem a ajuda do Sr. Crowe. Será que se enganara?

Nenhuma resposta veio do interior do chalé.

O menino bateu mais uma vez. Ainda sem resposta.

Ele olhou para Matty, a seu lado. O amigo o encarou, franzindo o cenho.

Sherlock abriu a porta.

No interior não havia qualquer objeto pessoal. Amyus Crowe e Virginia não estavam ali, tampouco havia qualquer sinal de que algum dia tivessem estado.

Capítulo seis

CHOCADO, SHERLOCK ENTROU. O TAMANHO, a disposição, a mobília — tudo lhe parecia familiar mas, ao mesmo tempo, diferente. O espaço, sem a bagunça de sempre, estava muito maior do que em sua memória.

A área de parede exposta o incomodou — Sherlock acostumara-se a vê-la coberta de desenhos e mapas. O reboco estava marcado pelos furos dos alfinetes que antes prendiam papéis, e isso ao menos tranquilizou Sherlock, confirmando que ele estava no chalé certo e que não havia confundido a casa de Amyus Crowe com outra de mesmo tamanho e formato na rua mais adiante.

— Eles devem ter saído às pressas — disse Matty, entrando no chalé atrás do amigo.

— Talvez tenham deixado um bilhete. — Sherlock indicou o térreo. — Olhe por aqui. Eu vejo lá em cima.

— Não tem nada aqui — disse Matty. — Se eles tivessem deixado um bilhete, estaria à vista.

— Talvez não quisessem que o bilhete fosse encontrado por qualquer pessoa que entrasse. Talvez o tenham escondido.

Matty o encarou com uma expressão cética.

— Você está inventando coisas — disse ele. — Reconheça, eles fugiram. Eu mesmo já fiz isso vezes sem conta. Alguém tá cobrando o aluguel, então você desaparece no meio da noite. Junta as trouxas e vai para um lugar novo onde ninguém o conheça. — Ele franziu o cenho. — Mas eu não imaginava que o Sr. Crowe fosse de fugir. Quem tá atrás dele deve ser de meter medo mesmo, para que ele tenha dado no pé desse jeito.

— Você está esquecendo aqueles dois americanos que vi no mercado — observou Sherlock. — Eles disseram que queriam alertar o Sr. Crowe sobre algo.

— Talvez o Sr. Crowe tenha fugido deles.

— Mas ele não teria *fugido* — protestou Sherlock. — Não sem falar conosco.

Matty deu de ombros.

— Talvez eles não sejam tão bons amigos quanto você pensa — retrucou ele. — Pela minha experiência, coisas como amizade são esquecidas quando a situação aperta e o dinheiro acaba.

Sherlock o encarou.

— Está falando sério?

Matty evitou o olhar do amigo.

— O mundo é cruel, Sherlock. Sempre foi fácil para você. Mas espere até ficar pobre, com frio e fome. Aí você vai ver de que vale a amizade.

— Você é meu amigo. — Sherlock sentia-se como se, de repente, o mundo que ele conhecia estivesse desaparecendo. — Nunca me esquecerei disso. Estou falando sério. Não é mentira!

— Eu sei que você tá falando sério, mas sua barriga tá cheia e você tem dinheiro no bolso. Fale isso de novo depois de perder tudo. — Matty balançou a cabeça. — Olhe, estou indo procurar algum bilhete. Vou ser a pessoa mais feliz do mundo se encontrar.

Enquanto o menino começava a olhar dentro de gavetas e atrás de almofadas, Sherlock subiu a escada estreita de madeira, quase batendo a cabeça no teto baixo. Sentia-se mal, em parte porque seus amigos haviam desaparecido, mas também por causa das palavras de Matty. Seria a amizade assim tão descartável? Matty achava que Sherlock o abandonaria se a situação ficasse difícil para ele?

Será que ele o abandonaria?

Sherlock sentiu um calafrio e enterrou o pensamento lá no fundo da mente. No momento ele tinha questões mais importantes com que se preocupar.

O andar de cima estava tão vazio quanto o térreo. A cama de Amyus Crowe estava arrumada, e seu armário, vazio. O banheiro não tinha sequer uma escova de dentes ou de cabelo.

Sherlock parou na porta do quarto de Virginia, remexendo-se inquieto. Nunca entrara naquele cômodo antes, e, embora fosse óbvio que a menina não estava lá, ele sentia que não deveria entrar. Como se, por alguma razão, fosse proibido.

Não, que bobagem, disse o menino a si mesmo. Era só um quarto.

Entrou. Assim como no quarto do pai, a cama estava arrumada, e o armário, vazio. Não havia qualquer pertence pessoal na cômoda ou no peitoril da janela.

Sherlock pensou ter sentido um traço do perfume dela no ar. Estranho... ele

nem sabia que ela usava perfume, não achava que fosse o tipo de garota que *usaria* perfume, mas, se fechasse os olhos, conseguia imaginá-la logo às suas costas.

Quando estava prestes a sair, viu de relance algo colorido no travesseiro. Virou-se e se debruçou sobre a cama.

Ali, no travesseiro, havia uma mecha do cabelo cor de cobre dela.

Sherlock sentiu algo envolver seu coração e apertá-lo com força. De repente parecia impossível respirar.

— Encontrou alguma coisa? — gritou Matty do térreo.

— Não — respondeu Sherlock, sentindo o aperto no peito diminuir. Sua voz parecia estridente a seus próprios ouvidos. — E você?

— Nada. Não tem nada nos armários da cozinha nem na despensa. Tá tudo limpo. Isso significa que eles levaram a comida também. Pela minha experiência, isso quer dizer que eles não vão voltar.

Sherlock desceu a escada, abaixando-se para não bater a cabeça no teto de novo. Quando voltou à sala do térreo, observou outra vez os furos no reboco da parede do outro lado. Ele nunca se dera conta de que havia tantos papéis pregados ali.

— Nenhum sinal — disse Matty. — Eles foram embora de vez. Que façam boa viagem, então.

Sherlock balançou a cabeça com energia.

— Amyus Crowe não fugiria assim, sem se despedir. Ainda que tivesse que ir embora às pressas por algum motivo urgente, deixaria uma mensagem. E Virginia... — Ele se interrompeu, sem querer terminar a frase. Ainda não tinha certeza dos sentimentos da menina, embora estivesse cada vez mais ciente do que sentia por ela. — Bom — continuou, sem jeito —, ela também teria falado alguma coisa. Precisamos continuar procurando.

Antes que Sherlock se mexesse, seu maior receio foi expressado por Matty:

— É, podem ter sido aqueles homens no mercado. Eles devem ter vindo aqui e levado o Sr. Crowe e Virginia. Ou então ele soube que os homens viriam e meteu o pé com a filha. Mas por que alguém perseguiria o Sr. Crowe?

Sherlock pensou por um instante, lembrando-se dos pequenos detalhes que Amyus Crowe deixara escapar sobre seu passado nos Estados Unidos: caçando criminosos fugitivos depois da Guerra de Secessão.

— Acho que o Sr. Crowe fez muitos inimigos em seu país natal. Deve ter sido por isso que ele veio para cá com Virginia. Talvez algo do passado dele o tenha alcançado.

— Deve ser algo bem assustador, se ele preferiu fugir em vez de encarar. Você sabe como ele é grande e corajoso. Não imagino o Sr. Crowe se assustando com qualquer coisa menor do que um elefante enlouquecido.

Sherlock o encarou.

— Quando foi que você viu um elefante?

Matty fechou a cara.

— Já vi em figuras, ué.

— Não, com certeza há algo errado. — Irritado, Sherlock deu um soco na própria coxa. — Só preciso descobrir o que é.

— Talvez tenha alguma coisa lá fora — sugeriu Matty.

— Podemos dar uma olhada. Vamos nos limitar às paredes externas ou a até um ou dois metros de distância do chalé, senão vamos acabar explorando o campo inteiro.

Os dois saíram, e Sherlock se virou automaticamente para a direita, enquanto Matty foi para a esquerda. Sherlock analisou as paredes de tijolos e o teto de palha, olhando de cima a baixo enquanto andava. Passou por duas janelas e uma glicínia plantada próxima à parede, mas não viu nada que parecesse deslocado. Pensou se haveria algo enfiado no teto de palha, por dentro ou por fora, mas abandonou a ideia. Se Amyus Crowe tivesse deixado alguma mensagem, seria em algum lugar mais acessível, algum lugar onde ele sabia que Sherlock procuraria.

Mais ou menos na metade do caminho até os fundos do chalé, Sherlock quase tropeçou em algo no chão. Por um momento achou que fosse uma cobra, e deu um pulo para trás, mas o objeto permaneceu imóvel, e parecia sujo e marrom demais. O menino se abaixou para analisá-lo. Era um tubo, feito de tecido mas reforçado por dentro com aros para manter a forma. Ia de um buraco na parede do chalé até uma elevação na grama, e ali desaparecia. Seria algum experimento de Amyus Crowe? Sherlock só conseguiu imaginar essa possibilidade, mas o objeto não indicava para onde o Sr. Crowe e Virginia haviam ido.

Ele reencontrou Matty nos fundos do chalé.

— Achou algo estranho? — perguntou.

— Nada. — Matty franziu o cenho por um instante. — Só um coelho morto.

Bom, a maior parte de um coelho morto. Tava sem cabeça.

— Onde? Estava caído no chão?

O menino negou com a cabeça.

— Tava do lado de um pedaço de lenha. Parecia ter sido colocado ali de propósito, mas nem imagino por quê.

Sherlock deixou seus pensamentos correrem soltos por um instante.

— Um coelho morto sem cabeça? — disse ele, depois de um tempo. — Preciso admitir, se isso é uma mensagem, é bem difícil de decifrar. — Ele suspirou. — Certo, vamos continuar. Encontro você de novo na porta da frente.

— Mas você já conferiu esse pedaço — reclamou Matty —, e eu já conferi o outro!

— Dois pares de olhos são melhores que um. Você pode pegar algo que eu tenha deixado passar e vice-versa. Vamos, só vai levar mais alguns minutos.

Os dois se separaram e retomaram a busca. Sherlock não viu nada que Matty pudesse ter deixado passar. Parou um instante para observar o coelho morto, caído na grama junto a um pedaço de lenha que Amyus Crowe provavelmente pretendera usar no fogão, mas o animal não revelava nada. Tirando o fato de que estava sem cabeça e de que as patas dianteiras tocavam a extremidade inferior da madeira, era apenas um coelho morto. Havia muitos espalhados pelo campo.

Matty já o esperava quando Sherlock chegou à porta da frente. Ergueu uma sobrancelha, curioso. Sherlock balançou a cabeça em negativa. Matty deu de ombros, indicando que não havia encontrado nada que o amigo tivesse deixado passar.

— Vi um negócio que parece um tubo — disse —, mas só isso.

Desconsolado, Sherlock voltou a entrar com ele no chalé. Passou os olhos pelo cômodo vazio, com as mãos na cintura.

— Continuo com a sensação de que não estou vendo alguma coisa — disse ele, frustrado.

— Se *você* não tá vendo, então de jeito nenhum que *eu* vou ver — respondeu Matty.

— Não se subestime. Você tem um olho bom para detalhes.

Sherlock observou mais uma vez a parede cheia de furos, tentando ignorar os detalhes — cada furo individualmente — e enxergar a imagem inteira.

— Matty — disse —, acho que tem uma mensagem aqui.

O menino olhou para Sherlock e depois para a parede.

— Você tá vendo coisas.

— Sim, estou. Você tem uma caneta?

— E eu lá tenho cara de quem anda com caneta no bolso?

Sherlock suspirou.

— Um lápis, então?

— Também não.

— Uma faca?

— Isso — respondeu Matty — eu posso arranjar. — Ele enfiou a mão no bolso e pegou a mesma faca que havia usado no tanque do curtume. — Aqui. Não quebre.

— Não vou quebrá-la. — Sherlock se aproximou da parede. Observou-a por alguns instantes, tentando recriar mentalmente tudo que estava pregado ali antes. — Havia um mapa grande aqui, não é?

Ele apontou a lâmina para um trecho da parede.

— Acho que sim.

— Certo. — Arranhando o reboco com a faca como se fosse uma caneta, Sherlock ligou quatro furos para formar, de acordo com suas estimativas, um retângulo na posição, forma e dimensão certas. — Este é o mapa. Tinha dois pedaços de papel por aqui, à direita. — Cada vez mais confiante, ele localizou dois conjuntos de quatro furos e também os ligou. Agora havia três retângulos na parede. — Lembro que também havia algumas coisas aqui. Acho que eram retratos.

— Estavam inclinados — observou Matty. Sherlock apontou quatro furos que pareciam corresponder à sua memória, mas Matty balançou a cabeça. — Uns dois centímetros para a esquerda — disse. — Não, aí não... um pouquinho para baixo... É, aí mesmo.

Um a um, Sherlock ligou os diversos furos até recriar tudo que havia sido pregado à parede. Alguns itens tinham sido afixados com apenas um alfinete, não quatro, e nesses casos o menino fazia um *X* para indicar o item inteiro.

Recuou para observar o trabalho. O reboco estava coberto com uma série entrecruzada de riscos e *X*.

— Você esqueceu alguns — indicou Matty.

— Não — respondeu Sherlock. — Não esqueci. Esses furos são novos.

— Tem certeza?

— Certeza *absoluta*. Observe com atenção.

Matty aproximou-se da parede, estreitando os olhos.

— Não — disse Sherlock —, afaste-se. Tente olhar para *além* da parede e ignore os furos que marquei.

Matty balançou a cabeça, mas obedeceu. De repente arregalou os olhos, surpreso.

— É uma seta! — gritou.

— Exatamente.

Ele seguiu o olhar de Matty. Furos que não se ligavam a nada antes preso à parede — furos *novos* que deviam ter sido feitos de propósito — formavam uma seta que apontava para a janela.

Os meninos seguiram a indicação e olharam a paisagem verdejante do lado de fora.

— Será a direção que eles tomaram? — perguntou Matty, incerto. — Se for, acho que isso não ajuda muito.

— É mais perto — disse Sherlock. — Esta é a janela que dá no cercado de Sandia, a égua de Virginia. O Sr. Crowe está nos dizendo para procurarmos no cercado. Ele deixou uma mensagem lá.

— Quanto trabalho. Ele podia simplesmente ter pregado um bilhete na parede.

— Como você disse, se ele tivesse deixado um bilhete, qualquer pessoa acharia — respondeu Sherlock. — Ele deixou uma pista que indica uma mensagem. — O menino estendeu a faca para Matty. — Aqui, obrigado.

Matty deu de ombros.

— Pode ficar — disse ele. — Do jeito que as coisas tão, você provavelmente vai precisar dela mais do que eu.

Os dois saíram juntos do chalé. Sherlock conduziu o amigo até a área cercada que era visível pela janela. Eles pularam o portão.

— Por onde começamos? — perguntou Matty, olhando para o chão. — Não tô vendo nada óbvio.

— Não será algo óbvio — observou Sherlock. — O Sr. Crowe deve ter escondido a mensagem para que ninguém a encontrasse. — Ele pensou por um instante. — Se eu tivesse um rolo de barbante, poderíamos fazer uma malha de

quadrados e conferir um de cada vez, e assim teríamos certeza de que exploramos tudo. Sem isso, corremos o risco de que algo passe despercebido.

— Que tal — sugeriu Matty — se começarmos cada um de um lado e andarmos para a frente, olhando o chão, até nos encontrarmos? Damos então um passo para o lado, viramos e vamos até a cerca de novo. Aí viramos, damos outro passo para o lado e recomeçamos mais uma vez. Dessa forma, vamos conferir faixas do cercado e cobrir o espaço inteiro.

— Parece um bom plano. — Sherlock assentiu. — Vamos lá.

Os dois passaram meia hora avançando e recuando pelo cercado, cada um examinando o terreno minuciosamente enquanto andava, conferindo cada punhado de mato, toca de coelho e monte de esterco que a égua de Virginia deixara. Depois de alguns minutos, Sherlock começou a sentir dor nas costas por causa da posição desconfortável em que precisava ficar: encurvado e dando passos curtos. O menino imaginou que, de longe, ele e Matty deviam parecer galinhas ciscando.

— Achei uma coisa! — exclamou Matty.

— O que foi?

O menino pegou algo do chão e o mostrou. Era um garfo.

— É um garfo — disse Sherlock.

— Eu sei que é um garfo. Será que é importante?

Sherlock deu de ombros.

— Deixe-o aí. Se não encontrarmos nada, talvez tenhamos que cavar.

Cinco minutos depois, foi Sherlock quem descobriu algo.

— Matty, venha cá!

O menino enfiou o garfo no chão e correu para onde Sherlock estava agachado.

— O que foi?

Sherlock indicou um buraco que descia chão adentro na diagonal e cuja boca era contornada por raízes.

— Acho que é uma toca de coelho.

— Parabéns. Já achei umas cinco.

— Mas esta tem algo dentro.

Sherlock enfiou a mão na toca para pegar o que vira. Seus dedos tocaram em alguma coisa peluda e grudenta. Pinçando o objeto, ele recolheu a mão.

Era a cabeça de um coelho, com o pescoço cortado ensanguentado.

— Uma cabeça de coelho dentro de uma toca de coelho — comentou Matty, em tom irônico. — Que descoberta surpreendente. Quer dizer que o Sr. Crowe e Virginia foram capturados por uma raposa?

— Você vê — respondeu Sherlock —, mas não entende. Dê uma olhada no pescoço.

Matty assim o fez, e então assentiu ao compreender.

— A cabeça foi cortada por uma lâmina afiada, não arrancada ou mordida. — Ele pensou por um instante. — Essa deve ser a cabeça do coelho que vimos atrás do chalé. Ainda assim... uma raposa ou um arminho pode ter pegado a cabeça de cima da mesa da cozinha e só ter... largado aqui.

— Acho que não. Se um animal tivesse roubado isto, teria comido uma parte. Haveria marcas de mordida. Mas parece que alguém simplesmente cortou a cabeça e a colocou neste buraco.

Matty se concentrou na cabeça de coelho.

— Está bem recente — reconheceu ele. — Foi morto provavelmente há menos de um dia.

— É uma mensagem — disse Sherlock, pensativo —, mas a pergunta é: que tipo de mensagem? — Ele hesitou por um instante. — Não — continuou —, a pergunta a ser feita é: existe mais alguma mensagem além desta?

Matty olhou em volta e suspirou.

— Quer dizer que precisamos terminar de explorar o cercado?

— Sim. O fato de termos achado algo não significa que não há mais nada a encontrar.

— Eu estava com medo de que você fosse dizer isso.

Sherlock deixou a cabeça de coelho onde a encontrara, e os meninos retomaram a busca, vasculhando o mato à procura de algo que pudesse ter sido largado ou jogado. Depois de uns quarenta e cinco minutos, chegaram ao final do cercado.

— Nada? — perguntou Matty enquanto eles voltavam ao chalé.

— Nada — confirmou Sherlock. — Ou é a cabeça de coelho, ou não há nada ali.

Matty olhou para onde eles haviam deixado a cabeça.

— Não entendo que mensagem pode ser essa, a menos que o Sr. Crowe tenha

escrito em um pedacinho de papel e enfiado na boca do bicho. Mas isso seria nojento.

— Não é a cabeça em si — respondeu Sherlock —, ou pelo menos eu acho que não. É mais provável que seja o lugar onde ela estava, ou mesmo sua existência. Acho que o Sr. Crowe não teve tempo de fazer algo complicado, como escrever um bilhete. Só pôde fazer alguns furos na parede para indicar a direção, e então enfiar a cabeça em um buraco.

— Ele teve tempo de caçar e matar um coelho — disse Matty.

— Acho que já tinha o coelho. Provavelmente o pegou antes e estava preparando uma refeição... cortando a cabeça, tirando as tripas e a pele. Acho que algo aconteceu e ele precisou ir embora, e, depois de esvaziar o chalé de tudo que ele e Virginia tinham, só restaram alguns segundos para bolar uma mensagem.

Matty suspirou, frustrado.

— Tá, mas *qual* mensagem? Acho que ele pensava que fôssemos mais inteligentes do que realmente somos.

— Uma cabeça de coelho e um pedaço de lenha — murmurou Sherlock, tentando fazer a cabeça se agitar e conceber alguma revelação súbita que só poderia ocorrer se ele ficasse repetindo o óbvio.

— Tora — sussurrou Matty, quando eles entraram no chalé.

— Perdão?

— Fala-se tora, não lenha. Tora é um tronco cortado, e lenha é quando a tora vai para uma fogueira. Normalmente é você quem gosta de saber as palavras certas... precisa aprender essas coisas, então.

— Cabeça de coelho e uma *tora* — corrigiu-se Sherlock. A ideia fugidia em sua cabeça finalmente começou a se agitar. — Um coelho *decapitado* e uma *tora*. Matty, você é um gênio!

— Sou? — perguntou o menino, surpreso.

— Bom, tecnicamente não, mas você tem uma capacidade extraordinária de despertar a genialidade dos outros. É tão óbvio!

— É?

— Lembra quando os homens de Duke Balthassar sequestraram você e o levaram a Nova York, e nós o localizamos?

Matty assentiu, confuso.

— Lembra quando eu o encontrei naquele prédio? Que você tentou me dizer que eles o levariam de trem para a Pensilvânia?

Matty sorriu.

— É, aquilo foi esperto, não foi?

— Você apontou para a cabeça e apertou os olhos, como se pensasse, e depois indicou uns vândalos na rua. Levei algum tempo para juntar as peças, mas consegui.

— Sim, eu me lembro, mas e daí?

Sherlock suspirou, exasperado.

— Não está vendo? Foi isso o que Amyus Crowe fez aqui. Uma cabeça decapitada e uma tora. Ele e Virginia estão indo para Edimburgo, *a capital da Escócia*!

Matty franziu o cenho.

— Isso não faz o menor sentido — disse ele, desconfiado. — O que isso tudo tem a ver com Edimburgo e a Escócia?

— Faz todo o sentido — respondeu Sherlock. Ele sentia a chama pura e fria da vitória se espalhar pelo corpo, consumindo o cansaço e a dor nos músculos. Ele conseguira! Decifrara o código! *Sabia* que era aquilo! — Eu não diria que é a melhor pista do mundo, mas o Sr. Crowe precisou usar os recursos que estavam ao seu alcance. Podia usar os furos na parede para nos indicar o lado de fora do chalé, tinha o corpo do coelho e as toras lá atrás. Combinou os ingredientes para formar uma pista, e então levou Virginia a Edimburgo porque era o único lugar para o qual ele podia apontar com uma mensagem!

— Mas por que ele nos indicou que foi para Edimburgo? — perguntou Matty.

— Deve querer que o procuremos lá. É o único motivo. Se não quisesse ir embora sem se despedir, poderia ter deixado um bilhete dizendo apenas "Adeus". Não faria diferença para quem o encontrasse. Mas é evidentemente importante que ninguém saiba que ele foi para Edimburgo. Acho que ele corre perigo. Acho que quer nossa ajuda.

— Vamos atrás dele, não é? — disse Matty, alegre.

— Bom — respondeu Sherlock, hesitante —, temos outras opções. Talvez devamos contar ao meu irmão.

— Quanto tempo isso vai levar? E o que ele vai fazer? Pelo que sei do seu irmão, duvido que ele vá pegar o próximo trem para a Escócia. Vai só enviar um

monte de telegramas, mandando gente procurá-lo, mas as pessoas não vão reconhecer Virginia nem o Sr. Crowe.

Sherlock balançou a cabeça.

— Nunca fomos a Edimburgo — disse ele. — Não sabemos nada da cidade. Como poderemos ajudá-los se nós mesmos nos perdermos?

— Eu já fui a Edimburgo — retrucou Matty, animado. — Meu pai levou minha mãe e eu para lá de balsa. Demoramos semanas para chegar. Ficamos por um mês e tanto, enquanto ele procurava trabalho.

— Ainda assim... nós, dois garotos, sozinhos na Escócia?

— Você foi aos Estados Unidos. E à Rússia.

— Nos Estados Unidos eu estava com o Sr. Crowe.

— Até que você e Virginia fugiram sozinhos.

— Não foi de propósito — protestou Sherlock. — Não conseguimos descer do trem antes que deixasse a estação. E Mycroft foi à Rússia comigo.

— Até ele ser preso.

— Mas isso não fazia parte do plano. De qualquer forma, estávamos com Rufus Stone. Ele ajudou. — Uma luz intensa pareceu se acender na cabeça de Sherlock. — E se pedirmos para Rufus ir conosco?

— Será que ele iria? — perguntou Matty, desconfiado. — Achei que ele e o Sr. Crowe não fossem com a cara um do outro.

— É verdade — reconheceu Sherlock. — Os dois são como cão e gato, mas... — Ele pensou por um instante. — Tenho quase certeza de que meu irmão está pagando Rufus Stone para ficar em Farnham e cuidar para que eu não arranje problemas. Mycroft ainda acha que a Câmara Paradol vai tomar alguma atitude contra mim. Se eu disser a Rufus que você e eu iremos a Edimburgo, ele vai ter que nos acompanhar, não? Se ele precisa me manter longe de problemas, não terá escolha.

— Ele não pode só impedir que você pegue um trem?

Sherlock sorriu.

— Você conhece Rufus Stone. Sabe como ele é. Se tiver que escolher entre me impedir de ir à Escócia e ir comigo para uma aventura, o que *acha* que ele vai preferir?

— Faz sentido — concordou Matty. — Quando falaremos com ele?

— Vamos reunir um pouco mais de informações primeiro. Quero dar uma

olhada na estação de Farnham. Se Virginia e o Sr. Crowe foram para a Escócia, não devem ter ido a cavalo ou de carroça. Ficariam muito vulneráveis. Não, eles foram de trem.

Matty franziu o cenho, pensando cuidadosamente no que o amigo dissera. Sherlock o observou, tendo uma sensação súbita de companheirismo. Matty se tornara parte de sua vida de uma forma que ele nunca imaginaria. Em muitos sentidos, o menino era o contrário de Sherlock — seguia o instinto, enquanto Sherlock seguia a lógica; era emotivo, enquanto Sherlock era frio; agia por impulso, enquanto Sherlock preferia sempre pensar em todas as opções antes —, mas era esperto e incrivelmente leal. Era o mais próximo que ele tinha de um melhor amigo. Sherlock se perguntou se seria sempre assim.

— Se o Sr. Crowe comprou duas passagens para Edimburgo na bilheteria da estação de Farnham — disse ele, devagar —, deixou rastros. Se os americanos estão atrás dele, podem ir direto à bilheteria e perguntar aonde ele foi. Ele não é de passar despercebido.

— Não é mesmo — concordou Sherlock. — Então o que ele faria?

Matty deu de ombros.

— Sei lá.

— O Sr. Crowe provavelmente vai comprar duas passagens para uma estação intermediária, como Guildford, por exemplo, mas pode saltar do trem com Virginia antes disso, talvez em Ash Wharf. E lá pode comprar duas passagens para Edimburgo. Se tiver alguém atrás deles, irá de Farnham direto para Guildford e perderá o rastro, porque ninguém na bilheteria se lembrará do Sr. Crowe.

— Isso seria esperto — reconheceu Matty.

— Na verdade — continuou Sherlock —, se eu fosse ele, compraria duas passagens para Guildford, saltaria em Ash Wharf, compraria duas passagens para Londres e, quando chegasse lá, compraria outras duas para Edimburgo. Dessa forma, o rastro ficaria ainda mais confuso.

— Tem certeza de que ele faria isso?

Sherlock assentiu.

— Ele é um caçador. Sabe quais rastros uma presa pode deixar, e vai tomar cuidado para não fazer o mesmo.

— E agora, fazemos o quê?

— Vamos para Farnham.

Os dois se afastaram do chalé e cavalgaram até o centro de Farnham, e Sherlock não podia deixar de sentir uma ponta de culpa. Ele detestava deixar o chalé vazio e desprotegido. O que aconteceria com a casa até Amyus Crowe e Virginia voltarem? Eles *voltariam*, Sherlock tinha certeza. Ele faria de *tudo* para voltarem.

O bilheteiro da estação — um idoso alto com suíças cheias e brancas — confirmou que um sujeito grande de terno branco e chapéu, acompanhado de uma garota com roupas de menino, comprara duas passagens no dia anterior. Sherlock ficou feliz de saber que as passagens eram para Guildford. Até aí, havia acertado na mosca.

— Olhe — disse Matty, apontando para o outro lado da rua.

Em um espaço triangular pequeno junto a um estábulo havia um cavalo pastando. Estava amarrado a uma cerca por uma rédea comprida.

— Aquela é Sandia — disse Matty.

— Tem certeza? — perguntou Sherlock.

— Absoluta.

— Pelo menos sabemos que ela está bem. Virginia provavelmente pagou alguém na estação para ficar de olho nela. Se houve tempo para isso, eles não foram levados à força. Devem ter descoberto que havia gente atrás deles. Pelo que conheço do Sr. Crowe, ele conseguiu se manter um passo à frente.

De repente Sherlock se sentiu muito melhor.

— Vamos para Ash Wharf agora?

O menino pensou por um instante. Chegava o momento em que o acúmulo de indícios apenas confirmava o que ele já sabia. Estava bem confiante em suas deduções.

— Não, vamos falar com Rufus Stone. Precisamos lhe dizer o que vamos fazer, e depois temos que conversar com meus tios. — Sherlock se lembrou do que havia acontecido mais cedo naquele dia. — Acho que os ânimos ainda estão favoráveis para que eles não me proíbam de viajar por alguns dias, ainda mais se souberem que Rufus Stone irá conosco.

Matty virou-se para ir, mas Sherlock estendeu a mão e o segurou. O amigo voltou-se para ele, intrigado.

— O que foi?

Sherlock hesitou, pensando em como formular a pergunta. Pensando se *deveria* perguntar.

— Aquilo que você disse antes, sobre a amizade acabar quando a situação aperta e o dinheiro acaba... você falou sério mesmo?

Matty desviou o olhar. Apertou os lábios por um instante, e então respondeu:

— Já tive amigos — disse baixinho. — Não tenho mais. Eles foram embora, um por um, quando acharam conveniente. Então aprendi que é assim que as coisas são.

— Não comigo — respondeu Sherlock. — E não com Amyus Crowe e Virginia.

Matty assentiu, relutante.

— Pelo menos você me convenceu de que eles não *queriam* ir embora. É um começo. Agora vamos. O tempo tá passando.

Encontraram Stone onde Sherlock havia imaginado: em suas acomodações, tocando sozinho no sótão. Os meninos ainda estavam na rua quando ouviram a melodia, algo que parecia uma música dançante agitada. À medida que subiam a escada, o som foi ficando cada vez mais alto, até que eles entraram no sótão e a música pareceu preencher o espaço inteiro, girando e rodopiando em torno da figura magricela de Rufus Stone, que movia o arco loucamente sobre as cordas. Ele não deu qualquer indicação de que havia escutado os meninos chegarem. De olhos fechados, Stone tocou notas cada vez mais intensas no instrumento até terminar com um último floreio. Por uma fração de segundo o ar pareceu estremecer como gelatina, e então tudo voltou ao normal.

— É uma baita música — disse Matty, satisfeito.

— Muita gentileza sua — respondeu Stone, virando-se e sorrindo para os dois. — Mas preciso admitir que ela soa melhor se for tocada à luz de uma fogueira no meio da floresta à meia-noite. O problema é que, à medida que vou envelhecendo, prefiro cada vez mais o conforto de uma casa seca e quente. — Ele fitou Sherlock e Matty. — Aconteceu alguma coisa, não foi? Contem-me.

Os dois relataram tudo para Rufus Stone: Sherlock apresentava os fatos e Matty completava com descrições vívidas. O homem foi ficando mais e mais sério à medida que os meninos falavam. Quando Sherlock terminou descrevendo o que exatamente os dois planejavam fazer, Stone ficou parado por um instante, pensando.

— Vocês pretendem mesmo ir a Edimburgo? — perguntou, enfim.

— Sim — respondeu Sherlock.

— E não há nada que eu possa dizer para fazê-los mudar de ideia?

— Não — respondeu Matty.

Stone suspirou.

— Então ainda bem que eu sempre deixo uma maleta pronta perto da porta. Não vai ser a primeira vez que preciso ir embora de repente.

— A diferença — disse Sherlock, baixinho — é que vamos voltar. Trazendo mais duas pessoas.

Capítulo sete

SOMENTE NO DIA SEGUINTE OS três puderam partir para Edimburgo.

Depois de convencerem Rufus Stone a acompanhá-los, como o adulto responsável — tarefa que Sherlock achou surpreendentemente fácil, considerando a situação —, Matty foi providenciar alguém que tomasse conta de Albert enquanto Sherlock voltava à mansão Holmes, para conversar com os tios. Como já esperava, eles ainda estavam deslumbrados e distraídos pela derrocada da Sra. Eglantine e pela consequente liberdade adquirida subitamente. O menino introduziu a questão da viagem como fato consumado, e, como previra, eles concordaram. Afinal, já haviam aceitado que ele viajasse aos Estados Unidos e à Rússia antes. Edimburgo, em comparação, era logo ali ao lado. Ou logo ali em cima.

Tio Sherrinford quase pôs o plano inteiro a perder quando pediu para ser apresentado a Rufus Stone.

— Minha consciência — proclamou ele — não me permite que eu deixe meu sobrinho atravessar o país com um homem que não conheço. Não sei nada sobre ele.

Pensando no estilo boêmio das roupas de Rufus Stone e em seu brinco e dente de ouro, Sherlock reprimiu uma careta de preocupação. Se Sherrinford conhecesse Rufus Stone, provavelmente proibiria o sobrinho de manter qualquer contato com ele em Farnham, que dirá viajar em sua companhia até a Escócia. Sherlock passara a sentir grande respeito pelos tios — algo que beirava o amor familiar —, mas eles não eram as pessoas mais compreensivas do mundo. Nervoso, o menino disse:

— Se serve de alguma coisa, Mycroft conhece o Sr. Stone há anos e o contratou recentemente para me dar aulas de violino.

— Ah — respondeu Sherrinford, assentindo com a cabeça. — Nesse caso, retiro meu pedido. Seu irmão é um homem perspicaz, e confio em seu

julgamento no que tange ao caráter de alguém. — Ele olhou de esguelha para a esposa. — Sabe, lembro-me de Mycroft dizer que havia algo errado com a Sra. Eglantine assim que ele a conheceu. Talvez eu devesse ter contado a ele o que a mulher estava fazendo conosco. Mycroft talvez pudesse ter ajudado.

— O que está feito, está feito — respondeu Anna, tocando a mão dele. — O Bom Senhor não deposita em nossos ombros um fardo que não possamos carregar, e os que Ele deposita, nos fortalecem.

Sherlock jantou com os tios aquela noite. A comida não estava no mesmo nível de sempre — as ondas de choque da demissão da Sra. Eglantine pareciam ter se propagado até a cozinha —, e não houve muita conversa. Tio Sherrinford e tia Anna pareciam abalados pela magnitude do que havia acontecido. Não havia sequer o fluxo contínuo de opiniões, fofocas e comentários da tia sobre os eventos do dia. Assim que terminou de comer, Sherlock pediu licença e foi se deitar. O dia havia sido cheio, e ele precisava recuperar as energias para o que viria a seguir.

Sherlock, Matty e Rufus Stone encontraram-se na estação de Farnham bem cedo na manhã seguinte. Os três traziam, cada um, uma mala com roupas, objetos de higiene pessoal e outros itens necessários em viagens.

— Esta ideia — disse Rufus Stone, com uma expressão grave — é extraordinariamente ruim. Meu surto inicial de entusiasmo se desfez como uma poça de água da chuva absorvida pela terra. Edimburgo é uma cidade grande, cheia de gente. O que vocês pretendem fazer é mais ou menos como procurar uma formiga específica em um formigueiro. Não será fácil.

— Nada que vale a pena é fácil — observou Sherlock.

— *Touché*.

Stone sorriu. Ele pagou pelas passagens; comprou os bilhetes com destino a Londres, considerando que poderiam comprar as passagens para Edimburgo lá e que seria constrangedor e potencialmente perigoso deixar rastros, considerando todo o cuidado que Amyus Crowe tivera. Sherlock oferecera parte do dinheiro que Mycroft havia mandado, mas Stone deu de ombros.

— Seu irmão paga o meu salário regularmente para ensinar você a tocar violino — comentou ele. — De qualquer jeito é o dinheiro dele que está comprando as passagens. Não faz diferença quem de nós o entrega.

O trem só partiria dali a uma hora, então Rufus sugeriu que tomassem uma

xícara de chá e comessem um sanduíche. Os meninos concordaram, animados. A casa de chá mais próxima ficava do outro lado da rua. Enquanto os três comiam, Sherlock viu pela janela dois homens parados diante da estação e olhando em volta. Um deles tinha cabelo preto, preso em um rabo de cavalo; o outro tinha as faces e a testa cobertas de marcas de varíola.

— Aqueles dois são os homens que estão atrás de Amyus Crowe? — perguntou Rufus, seguindo o olhar de Sherlock.

Matty assentiu.

Eles viram os homens irem até a bilheteria e fazerem uma pergunta ao atendente. O sujeito balançou a cabeça em negativa. Um dos homens fez mais uma pergunta e passou um punhado de dinheiro pelo balcão. O atendente destacou dois bilhetes e lhes entregou.

— Eles compraram passagens — indicou Rufus. — Quer dizer que provavelmente embarcarão no mesmo trem que nós. Ou sabem de Edimburgo, ou estão se dirigindo a Guildford. Qualquer que seja o destino, precisamos ficar longe deles.

Depois de terminarem os sanduíches e o chá, os três atravessaram a rua de volta à estação. Após alguns minutos, o trem se arrastou pela plataforma — um monstro de ferro negro envolvido por vapor e chiando como um demônio bíblico. Eles ocuparam um dos compartimentos. Sherlock tentou encontrar os americanos, mas não viu onde eles haviam entrado no trem — ou mesmo se entraram.

Àquela altura, o menino já estava acostumado a viajar de trem. Passou um tempo distraindo-se com a paisagem que corria pela janela, mas, quando se cansou disso, esperou chegar à próxima grande estação — que acabou sendo Guildford — e saiu rapidamente do trem para comprar o jornal de um vendedor na plataforma. Era uma edição londrina do *Times*, provavelmente parte de uma remessa grande que chegara de trem mais cedo.

A locomotiva soltava uma nuvem branca de vapor pela plataforma quando o menino voltou do jornaleiro. Enquanto ele seguia junto às paredes de madeira dos vagões, uma brisa repentina dispersou o vapor, e Sherlock viu um dos americanos caminhando pela plataforma. Era o mais alto, o de cabelo preto com traços grisalhos e uma cicatriz enrugada no lugar da orelha direita. Ele vinha da bilheteria. Seu companheiro — o sujeito com marcas de varíola no rosto —

estava parado diante da porta do vagão, mantendo-a aberta para que o trem não saísse antes que o amigo voltasse. Quando se aproximou do outro, o homem de cabelo preto balançou a cabeça. O que quer que ele estivesse procurando — Sherlock desconfiava de que fossem informações sobre Amyus Crowe —, o homem estava desapontado.

Eles voltaram para dentro do trem, e Sherlock foi ao vagão onde estavam seus amigos, pensando se os homens saberiam sobre ele, Matty e Rufus Stone. Rufus não passara muito tempo com o Sr. Crowe, mas Sherlock e Matty o acompanhavam com frequência. A maioria das pessoas em Farnham provavelmente vira Sherlock e o Sr. Crowe juntos em algum momento, e habitantes de cidades pequenas eram fofoqueiros inveterados — algo com o que Josh Harkness havia lucrado. Bastariam alguns pence ou uma caneca de cerveja para eles descobrirem que Amyus Crowe passava tempo com alguém mais além da filha. Se os sujeitos tivessem uma descrição de Sherlock e Matty, poderiam reconhecê-los no trem. O trio precisaria tomar cuidado.

Sherlock chegou ao vagão no mesmo instante em que o vigia da plataforma soprava o apito para avisar aos passageiros que o trem estava prestes a sair. O menino se acomodou no assento. Matty parecia dormir, e Rufus Stone estava ocupado tentando decorar uma partitura, reproduzindo com os dedos as notas que lia. Como não queria interrompê-los, Sherlock se recostou no assento e abriu o jornal.

As páginas apresentavam matérias sobre política e relatos do que havia acontecido em outros países. Como Mycroft falara com desprezo sobre jornalistas e o pouco que eles sabiam de fato sobre os motivos verdadeiros de tudo que acontecia, Sherlock fez apenas uma leitura rápida das matérias. Certa vez seu irmão lhe dissera que ler um artigo de jornal sobre política era como ler uma crítica literária escrita por alguém que, em vez de ler o livro, apenas se baseara no que ouvira de pessoas encontradas na rua.

O menino procurou algum relato sobre a presença do Exército britânico na Índia, mas não havia nada. Já fazia algum tempo desde que Sherlock não tinha notícias do pai. O menino sabia que a situação estava agitada por lá, mas ficava preocupado. Não conseguia evitar.

A primeira página do jornal era cheia de anúncios pessoais, e Sherlock estava prestes a ignorá-los quando algo estranho chamou sua atenção. Eram textos

curtos, em geral de dez ou vinte palavras — escritos por leitores que haviam pagado para publicá-los —, mas Sherlock percebeu que abriam pequenas janelas para um mundo do qual ele provavelmente não descobriria mais nada. "Cachorro perdido, região de Chelsea, atende pelo nome Abednego. Recompensa generosa pela restituição, vivo ou morto." O menino achava compreensível que alguém amasse um animal a ponto de oferecer dinheiro para recuperá-lo se ele desaparecesse, mas que tipo de pessoa batizaria o cachorro em homenagem a um personagem obscuro da Bíblia e desejaria recuperá-lo mesmo que morto? Não fazia sentido. E quanto ao "Precisa-se urgentemente de criado, essencial apresentar boas referências. Deve saber tocar ocarina"? Era óbvio que as pessoas precisavam de bons empregados, mas por que alguém desejaria um criado com habilidades musicais, e ainda por cima com um instrumento tão inusitado? Cada anúncio era um recorte da vida, e Sherlock queria saber mais sobre as circunstâncias que cercavam cada um. Era evidente que alguns estavam em código — conjuntos aparentemente aleatórios de letras e números —, e ele tentou usar as habilidades que aprendera com o irmão e Amyus Crowe para decifrá-los. Em alguns casos, o menino até teve sucesso. A maioria tratava de encontros discretos, provavelmente de pessoas que se amavam mas por algum motivo não podiam se ver em público; no entanto, outros eram mais estranhos. Um específico fez o sangue do menino gelar. Depois de decifrá-lo, as palavras diziam simplesmente: "Joseph Lamner, você vai morrer amanhã. Ponha seus negócios em ordem. Prepare-se para conhecer o Criador."

Relutante, Sherlock parou de ler os anúncios pessoais para não ficar obcecado demais com isso e passou os olhos pelo restante do jornal. Duas páginas continham breves notícias sobre o país, e a atenção do menino foi atraída por um relato em especial, que se referia à cidade para a qual eles se dirigiam.

> EDIMBURGO. Sir Benedict Ventham, empresário proeminente, foi encontrado morto ontem à noite em sua casa nos arredores da cidade. A polícia declarou suspeitar de assassinato por envenenamento, devido à expressão distorcida no rosto da vítima e à cor de sua língua, e anunciou que está prestes a efetuar uma prisão. Ao longo dos anos, o estilo empresarial agressivo de Sir Benedict lhe rendeu diversos inimigos. Nos últimos tempos, o empresário temia por sua vida e comia apenas o que era preparado por sua leal e confiável cozinheira, que trabalhou para ele durante quase duas décadas.

Frustrado com a escassez de detalhes, Sherlock se perguntou como poderia

descobrir mais sobre esse assassinato em Edimburgo. Ele duvidava que tivesse algo a ver com o desaparecimento de Amyus Crowe — seria uma coincidência muito grande se uma matéria de um jornal que ele comprara por acaso em uma estação intermediária estivesse diretamente relacionada com o motivo de ele estar no trem —, mas queria aprender algo sobre o lugar aonde estava indo, ter uma noção de como era Edimburgo e que tipo de coisa acontecia por lá. Um dos ensinamentos que Amyus Crowe lhe inculcara durante suas caminhadas regulares pelos bosques nos arredores de Farnham era que, quanto mais se pudesse saber sobre determinado ambiente, mais possível seria controlá-lo. Caso se perdesse em uma floresta, a maioria das pessoas ficaria com fome ou sede dentro de uma ou duas horas e não teria a menor ideia de como sair dali. Graças ao Sr. Crowe, porém, Sherlock agora sabia quais plantas poderia comer e quais deveria evitar, sabia seguir rastros de animais para encontrar água, e também como descobrir para que lado ficava o norte.

Ao pensar em técnicas de sobrevivência em terrenos desconhecidos, veio-lhe à mente uma lembrança de Nova York e de quando ele chegara lá, mais ou menos um ano antes. Na época, o menino ficara impressionado com a quantidade de jornais que eram vendidos nas esquinas. Ele agora se perguntava quantos jornais havia em Londres, e se todos publicavam as mesmas matérias. Supunha que não — cada um devia ter estilo e enfoque próprios. Se ele quisesse mesmo saber mais sobre o histórico e os detalhes daquele assassinato em Edimburgo, talvez fosse uma boa ideia comprar o maior número possível de jornais diferentes, recortar as matérias relevantes e compará-las, procurando divergências e elementos mencionados por uma matéria mas ignorados por outras.

O trem já estava a certa distância de Guildford, e Sherlock perdera a oportunidade de voltar à plataforma e comprar mais alguns jornais. Fez uma anotação mental para se lembrar de comprá-los na estação de Waterloo assim que chegasse lá.

Ao terminar de ler o jornal, Sherlock recortou cuidadosamente a reportagem sobre o assassinato em Edimburgo, dobrou-a várias vezes e a guardou no bolso. A comparação de matérias variadas seria no mínimo um exercício interessante.

Matty dormia encolhido no assento, com a cabeça apoiada na janela. Rufus Stone também estava de olhos fechados, mas, pela maneira como suas mãos se mexiam, estava ensaiando mentalmente a parte de violino da partitura.

Sherlock olhou pela janela de novo, mas a paisagem rural que passava rapidamente lá fora não o interessava. Ele abriu sua mala e pegou um livro sobre maquiagem para teatro — como fazer e como usá-la para produzir efeitos variados.

O menino mergulhou no livro, decorando os detalhes de como preparar pasta de maquiagem e aplicá-la para que a pessoa ficasse irreconhecível a menos que fosse vista de perto. O livro também descrevia como a mudança da postura podia fazer alguém parecer mais alto ou mais baixo. Sherlock se esqueceu do trem e da viagem, até que o vagão passou por um conjunto particularmente barulhento de agulhas, e então o menino ergueu os olhos e viu que Rufus Stone o observava.

— Considerando uma carreira no teatro? — perguntou Stone, apontando para o livro. — Não recomendo, da mesma maneira que não recomendo enfiar a mão na boca de um cachorro e puxar a língua dele. Paga-se pouco, trabalha-se muito e a sociedade não valoriza aqueles que a entretêm. Falo por experiência própria... Já passei mais tempo do que gostaria de lembrar em teatros escuros me apresentando para plateias pequenas e desagradáveis.

— Não sei o que quero fazer quando crescer — respondeu Sherlock com franqueza —, mas gosto da ideia de poder mudar minha aparência para que ninguém me reconheça.

— Para ser sincero — confessou Stone —, houve ocasiões em que foi valioso poder passar despercebido por um senhorio furioso ou uma ex-namorada.

— Você entende de maquiagem artística? — perguntou Sherlock, intrigado.

— Aprendi algumas coisas ao longo dos anos, trabalhando em teatros... ou, para ser mais preciso, passando tempo nos camarins com atrizes jovens e bonitas. E trabalhando para seu irmão também. Existem algumas semelhanças surpreendentes entre atuação e espionagem. — Ele sorriu, mas sem traços de humor. — É claro que morrer no palco, diante de uma plateia hostil, é muito menos doloroso do que morrer no beco de uma cidade estranha, com uma faca cravada entre as costelas.

— Você poderia me ensinar? — pediu Sherlock.

Stone deu de ombros.

— Posso tentar. Mas você vai precisar de um pouco de talento artístico bruto e muito treino... na verdade, mais ou menos a mesma proporção necessária para tocar violino direito. Diga o que já sabe e verei o que posso acrescentar.

Stone passou o restante da viagem ensinando a Sherlock algumas dicas sobre a arte da maquiagem. Deu vida aos fatos inertes do livro de Sherlock, contando histórias divertidas de ocasiões em que vira bigodes falsos caírem do rosto de atores ou vira a maquiagem deles se manchar com o suor de tal modo que eles pareciam um bizarro animal listrado. Sherlock ria, mas ao mesmo tempo aprendia, e o trajeto pareceu correr em um instante.

O menino já estava se acostumando com a estação de Waterloo. O lugar, com seus enormes arcos de ferro e vitrais, era-lhe agora um ambiente familiar, assim como a multidão de gente vestida com todo tipo de roupa, desde fraques pretos a paletós com padrão xadrez vermelho e amarelo.

Rufus Stone conduziu os meninos para fora da estação.

— Precisamos chegar à estação King's Cross — disse ele. — Fica do outro lado de Londres. Os trens para o norte do país saem de lá.

Sherlock olhou para trás à procura dos americanos, mas, se eles haviam continuado no trem, estavam fora de vista. Talvez tivessem ficado em Guildford para perguntar sobre um americano grande e uma menina que haviam passado por ali um ou dois dias antes.

Havia um cabriolé esperando em frente à estação, ignorando o trânsito que lutava para passar. O condutor balançava a cabeça em negativa para todo mundo que tentava chamá-lo ou abrir a porta da cabine. Sherlock presumiu que o homem esperava alguém importante, e estava prestes a passar direto quando Rufus Stone se aproximou sem hesitar e abriu a porta. Em vez de expulsá-lo ou gritar com ele, o condutor pulou para o chão e pegou a mala de Rufus, e então olhou para Sherlock e Matty com expectativa, evidentemente pronto para pegar as malas deles também.

Mycroft incentivara o irmão a nunca pegar o primeiro cabriolé que aparecesse — podia ser uma armadilha ou algum truque —, então a atitude de Stone surpreendeu o menino. Mas o violinista estava tão confiante que Sherlock acabou deixando a mala no chão e entrou também no veículo. Matty fez o mesmo.

Tudo ficou claro quando Sherlock percebeu que se acomodava diante do corpanzil de Mycroft Holmes.

— Ah, Sherlock — disse Mycroft. — Bem-vindo. Por favor, fique à vontade. E o jovem Sr. Arnatt; talvez você possa se acomodar aqui a meu lado. Acredito que haja espaço, se você não se incomodar em se espremer perto da porta. Peço

apenas para ter cuidado com minha cartola.

— Você enviou um telegrama para Mycroft — disse Sherlock a Rufus Stone, em tom acusador, enquanto os três se sentavam.

O menino ouviu o condutor jogar as malas na traseira da carruagem.

O violinista estava com uma expressão impassível.

— Precisei fazer isso — respondeu ele. — Trabalho para seu irmão, e, se ele descobrisse que eu deixei você ir a Edimburgo sem avisá-lo, seria um inferno para mim.

— De fato — confirmou Mycroft. — Orgulho-me de ter ciência de tudo que acontece à minha volta. Se eu soubesse que meu irmão passou despercebido pela cidade, ficaria arrasado.

— Ainda vou a Edimburgo — disse Sherlock, com firmeza.

Mycroft assentiu.

— Indubitavelmente. — Ele ergueu a mão e bateu a bengala no teto da carruagem. — King's Cross! — gritou.

— O quê?

Com um solavanco, a carruagem se afastou da calçada.

— Você acha que o desaparecimento de Amyus Crowe não me interessa? — Mycroft balançou a cabeça. — Além de ser o mais próximo que tenho de um amigo pessoal, ele é também um homem de habilidades excepcionais, alguém por quem tenho um profundo respeito profissional. Se desapareceu de súbito, com certeza há algum motivo, e desejo saber qual é. A presença desses dois americanos também é perturbadora, visto que não sabemos se eles são amigos ou inimigos. Assim como você, Sherlock, encontro-me confuso, e acho esse estado de espírito particularmente doloroso.

— E você? — perguntou Sherlock. — Virá conosco?

— Receio que meus dias de viajante ficaram para trás — respondeu Mycroft. — Nossa expedição à Rússia me convenceu de que é melhor para mim permanecer em Londres, onde estou confortável, e permitir que outras pessoas saiam atrás de indícios e respostas. Mas farei minha parte: enquanto você procura o Sr. Crowe e sua filha, farei investigações a respeito desses visitantes americanos.

Sherlock sentiu um aperto no coração. A decisão de Mycroft não o surpreendia, mas ele teria sentido muito mais confiança com o irmão a seu lado.

— Ah — continuou Mycroft —, quase esqueci. Parabéns por sua dedução quanto ao destino exato do Sr. Crowe. Não posso criticar sua lógica, embora possa criticar a decisão do Sr. Crowe de escolher uma cabeça de coelho. Certamente havia algo menos ofensivo ao alcance, e algo menos passível de ser roubado por um predador. — Ele passou o olhar pelo interior do cabriolé. — Você acha — murmurou, levando a conversa por uma tangente — que eu poderia mandar estofar, forrar e acarpetar uma carruagem de modo a reproduzir minha sala? Ou o Diogenes Club? Assim eu poderia viajar com absoluto conforto sem o mal-estar resultante do deslocamento.

— Mas quem lhe traria a sua xícara de chá da manhã ou o seu xerez da tarde? — perguntou Rufus Stone, sorrindo.

— Isso pode ser providenciado — respondeu Mycroft. — O cabriolé poderia parar diante de certos estabelecimentos em momentos predeterminados, para que os garçons passassem as bandejas pela janela. Refeições inteiras me poderiam ser entregues para que eu as consumisse em trânsito. Imagine o tempo que eu pouparia!

— Se você pudesse comer e beber aqui dentro — comentou Sherlock —, ficaria tão gordo que jamais conseguiria sair de novo, o que acabaria por anular a vantagem de se possuir a própria carruagem. Você seria um caracol dentro da concha.

Mycroft assentiu.

— Bem lembrado — reconheceu ele.

— Se não foi para nos impedir de ir a Edimburgo — interrompeu Matty —, por que você tá aqui, Sr. Holmes?

— Excelente pergunta, meu jovem, e que vai direto ao cerne da questão. Estou aqui para ver meu irmão mais novo, é claro, pois não o vejo há muito tempo, e também para avisar a vocês três para tomar cuidado. Suponho que lhes tenha ocorrido que algo capaz de fazer Amyus Crowe fugir em vez de lutar provavelmente é maior e mais perigoso do que imaginam. Sempre considerei o Sr. Crowe um homem destemido. Descobrir que existe algo capaz de assustá-lo é como descobrir que o outro lado da Lua é inteiramente oco, como se o satélite fosse uma vasilha e não uma bola como a Terra. — Ele suspirou. — Também sou levado a entender que Edimburgo é uma cidade excepcionalmente sombria e violenta. Os próprios escoceses são uma raça celta, o que significa que seu estado

de espírito tende a oscilar da depressão apática à raiva súbita. Não pensem que a Escócia será como Farnham ou Londres. Vocês não chegarão a transpor mares, apenas o rio Tyne, e as pessoas falarão inglês, ou algo próximo a isso, porém vocês deverão tratar a Escócia como um país estrangeiro. — Mycroft estendeu um envelope. — Tomei a liberdade de providenciar os preparativos para sua viagem. Aqui estão suas passagens e o endereço de um hotel com uma reserva em seu nome. Mantenham-me informado de suas descobertas. Lamento dizer que não tenho agentes em Edimburgo, ou teria pedido a eles que procurassem Amyus Crowe e sua filha, e também que protegessem vocês três.

— Obrigado — disse Sherlock, pegando o envelope. — Mycroft...

— Sim, Sherlock?

O menino hesitou antes de falar.

— Acho que você precisa saber que a Sra. Eglantine não trabalha mais na casa de tio Sherrinford e tia Anna.

Mycroft fitou o irmão por um bom tempo.

— Não? — murmurou ele, enfim. — Devo concluir que o repentino infortúnio daquela mulher extraordinariamente desagradável teve algo a ver com você?

— Teve tudo a ver com ele — disse Matty, orgulhoso. — E comigo também!

— Você me contará essa história na volta. — Mycroft continuou fitando Sherlock. Havia uma expressão estranha em seus olhos, como se ele visse alguém muito familiar e ao mesmo tempo completamente desconhecido. — Você tem meu talento para ver a semente em vez de só observar a flor — disse ele depois de alguns instantes —, mas também tem algo que me falta: um apreço pelas flores e uma aversão por ervas daninhas. Admiro-o, Sherlock. Admiro-o imensamente.

O menino desviou o olhar, sentindo um súbito nó na garganta. Ficou observando os edifícios passarem pelas janelas do cabriolé até conseguir controlar as emoções.

— Escreverei para nossa mãe — anunciou Mycroft, de repente. — Pedirei que ela convide nossos tios para passar alguns dias com ela. Já há muito que essa disputa familiar passou do ponto em que deveria ter sido esquecida. Quando nosso pai voltar da Índia, quero que isso esteja superado.

— Nossa mãe está... bem? — perguntou Sherlock, hesitante.

Mycroft tensionou os lábios de forma quase imperceptível.

— Ela tem dias bons e ruins, mas acredito que esteja se recuperando.

— E Emma?

— Nossa irmã está... bom, ela está como está — disse Mycroft, misterioso. — Digamos apenas assim.

A carruagem de repente se aproximou da calçada e parou. Sherlock ouviu o condutor descendo. Um instante depois, a porta se abriu.

— King's Cross — anunciou Mycroft. — Se bem me lembro dos horários, o próximo trem com destino a Edimburgo sairá dentro de uma hora.

— Obrigado por nos receber — disse Stone. — E pelas passagens e reservas no hotel.

— Cuide de meu irmão — respondeu Mycroft. Ele encarou Matty e ergueu uma sobrancelha. — E, se não se incomodar, cuide desse aí também. Acho-o curiosamente divertido, e é evidente que meu irmão gosta dele.

— Você é um sujeito engraçado — disse Matty, alegre. — Obrigado pelo passeio.

Mycroft voltou o olhar para Sherlock e estendeu a mão.

— Enviem-me um telegrama quando lhes for conveniente — disse ele. — Enderece ao Diogenes Club. Avisem-me do progresso de sua busca. E tomem cuidado. Muito cuidado. Tenho um mau pressentimento, e não acredito que se trate da gota que receio estar começando a desenvolver.

Os três — Sherlock, Matty e Rufus Stone — saltaram da carruagem. O condutor fechou a porta e subiu com agilidade de volta em seu assento. Sherlock ouviu Mycroft bater a bengala no teto e gritar, com a voz abafada:

— Arco do Almirantado, meu bom homem!

E então o cabriolé se afastou da estação.

— A gente agora tá por conta própria — disse Matty.

Capítulo oito

A ESTAÇÃO DE KING'S CROSS era idêntica à de Waterloo — um vasto espaço, cheio de gente esperando no pátio e de pombos empoleirados nas vigas de ferro fundido que sustentavam o teto de vidro —, só que menor. Fumaça pairava no ar, e o cheiro acre de carvão queimado era constante. As paredes e vigas estavam cobertas por uma fina camada de poeira negra.

Sherlock olhou em volta, imaginando se valeria a pena perguntar se em algum momento nos últimos dois dias alguém vira um homem grande de terno branco e chapéu acompanhado por uma menina. Não adiantaria nada perguntar às pessoas que pegariam os trens — eram escassas as chances de que elas também tivessem estado ali quando Amyus Crowe e Virginia passaram pela estação —, mas ele talvez pudesse falar com os bilheteiros ou os guardas da estação. Ou, pensou Sherlock enquanto passeava o olhar pelas paredes do saguão de embarque e desembarque, poderia falar com os mendigos e batedores de carteira, que circulavam como fantasmas pela multidão, invisíveis e incógnitos até que se ouvissem gritos ocasionais como: "Já falei, não *tenho* trocado, e mesmo se tivesse não o daria a você!" e "Minha carteira! Onde está minha carteira?", que pontuavam seus movimentos. Sherlock desconfiava de que mendigos e ladrões passassem dia e noite ali. Aquele era seu local de trabalho e também sua residência.

O menino desistiu antes mesmo de abordar o primeiro mendigo que visse e oferecer algumas moedas em troca de informações. Amyus Crowe já tentara lhe explicar sobre o problema de se tentar confirmar algo que já era conhecido. Sherlock tinha toda a certeza de que Crowe e Virginia haviam ido para Edimburgo e passado pela estação de King's Cross. Achar um mendigo que dissesse que realmente vira um homem grande de terno branco e chapéu passar por ali com uma menina não afetaria essa certeza — seria apenas uma informação adicional. Por outro lado, um mendigo que dissesse que não vira

ninguém que correspondesse à descrição não significaria que eles *não* haviam passado por ali. Não se poderia esperar que um mendigo se lembrasse de todas as pessoas que vira no pátio da estação. "O homem sensato", dissera Crowe, "não tenta confirmar o conhecimento que já possui; ele tenta refutá-lo. Encontrar indícios que comprovem suas teorias não é útil, mas encontrar indícios que as contrariem é inestimável. Nunca tente provar que você tem razão; em vez disso, sempre tente provar que está errado."

O problema era que, nesse caso, se Sherlock supunha que Amyus Crowe e Virginia haviam passado por King's Cross, a única maneira de provar que essa teoria estava errada era descobrir que eles haviam passado por outro terminal londrino — e isso significaria perder um dia inteiro conferindo Paddington, Euston, Liverpool Street e as outras estações principais. Não havia tempo para isso.

— Você parece pensativo — disse Rufus Stone, dando-lhe um tapinha no ombro.

— Só estou analisando um problema — respondeu Sherlock. — Estava pensando se valeria a pena perguntar por aí pelo Sr. Crowe, mas acho que isso apenas nos confundiria.

O violinista assentiu, concordando.

— Ainda que ele tenha comprado uma passagem aqui, não foi para Edimburgo. Ele teria despistado seu rastro da mesma maneira que o fez ao sair de Farnham. — Stone olhou ao redor. — Ainda falta um pouco até o trem partir, e meu estômago está achando que minha garganta foi cortada sem que lhe avisassem. Vamos arranjar algo para comer antes de embarcarmos... Eu pago.

Stone assim o fez. Achou um vendedor de castanhas não muito perto da multidão e comprou três saquinhos. Sherlock e ele precisaram assoprar as castanhas para esfriá-las um pouco antes de comer, mas a garganta de Matty parecia revestida de tijolos. O menino simplesmente engolia uma a uma, sorrindo sem parar.

Depois de ficarem satisfeitos, Stone conduziu os meninos pelo pátio na direção das plataformas. Ele apresentou as passagens ao guarda, e os três embarcaram. Em todos os aspectos em que Sherlock reparou, o trem era idêntico ao que os trouxera de Farnham.

— Será uma viagem longa — disse Stone, sentando-se em um compartimento

pequeno. — Acomodem-se. Durmam um pouco, se puderem. Existem duas coisas que um homem deve fazer sempre que possível: dormir e comer. Nunca se sabe quando ele terá outra oportunidade para isso. — O homem olhou para Sherlock. — Eu devia ter trazido o violino. Poderíamos continuar nossas aulas.

— Nesse caso — disse Matty, com um murmúrio alto o suficiente para ser ouvido —, eu teria pegado outro trem.

Rufus o encarou.

— Imagino — respondeu ele — que seu gosto musical se resume a uma mera flautinha de latão barata e um chocalho qualquer.

— Não fale mal das flautinhas. — Matty balançou a cabeça. — Dá para tocar muita coisa boa com uma flautinha de latão. Com uma dessas e um chocalho já dá para dançar, e é para dançar que a música serve. — Ele lançou um olhar de desafio para Stone. — Não é?

Stone apenas balançou a cabeça, fingindo tristeza, e não falou nada.

— Na verdade — disse Sherlock —, eu queria conversar um pouco mais sobre teatro... sobre maquiagem, disfarces e coisas do tipo.

O violinista assentiu.

— Eu ficaria muito feliz de falar mais sobre isso. Adoro me lembrar de minha época nos tablados, fazendo figuração no fundo de uma cena importante para alguma outra pessoa, ou dos tempos em que eu tocava no fosso da orquestra enquanto os atores exibiam sua arte no palco. — Ele ergueu uma sobrancelha, intrigado. — Você parece ter uma curiosidade muito grande pela arte e pelo ofício da interpretação. Posso perguntar o motivo disso?

Sherlock deu de ombros, pouco à vontade para falar sobre sonhos e preferências.

— Acho interessante — respondeu.

Stone continuou encarando-o, com expectativa, e Sherlock acrescentou, mal-humorado, para quebrar o silêncio:

— Se quer mesmo saber, foi desde aquele café em Moscou. Eu estava lá, sentado no meio de sete ou oito pessoas com quem eu havia passado os últimos três dias, e não os *reconheci*. *Nenhum* deles. — Sherlock sentiu o rosto arder com uma emoção súbita que parecia uma mistura desagradável de vergonha e raiva. Só ao dizer as palavras ele se deu conta do quanto aquele incidente o havia incomodado. — Eu achava que fosse um bom observador — comentou ele. —

Amyus Crowe sempre diz que tenho olho para pequenos detalhes, e ainda assim eles me enganaram. Eles *me* enganaram!

— Eles eram melhores que você — respondeu Stone calmamente. — Mas isso não é motivo para se envergonhar. Não sou o melhor violinista do mundo. Nunca *serei* o melhor violinista do mundo. Mas sou bom e estou melhorando.

— Quero ser o melhor — disse Sherlock, baixinho. — Quero ser o melhor violinista, o melhor rastreador e o melhor em disfarces. Se não posso ser o melhor, então de que adianta tentar?

— Você vai se decepcionar muito com a vida, meu amigo. — Stone balançou a cabeça. — Muito mesmo.

Houve um período de silêncio tenso na cabine, até que Rufus Stone, talvez para amenizar o clima, começou a contar histórias da época em que trabalhava no teatro e de determinados atores que entravam tão bem no personagem que pareciam mergulhar a própria personalidade na atuação.

— O problema — disse Stone — é que, se *você* não acreditar que é um velho, uma mulher ou um mendigo, como pode esperar que outra pessoa acredite nisso? Enxergar o personagem é só ver a superfície; o verdadeiro disfarce consiste em *ser* o personagem.

— Mas como eu faço isso? — perguntou Sherlock.

— Se você quer fingir que está triste, tente se lembrar de algum momento de sua vida que o tenha feito chorar. Se precisa parecer feliz, lembre-se de algo que o tenha feito rir. Se precisa ser um mendigo, lembre-se de quando esteve faminto, sujo e cansado... se puder. — Ele deu um sorriso maroto. — Se quer fingir que está apaixonado, pense no rosto de alguém importante para você. Assim, seu rosto e seu corpo vão assumir a postura certa de maneira natural, sem que você tenha que exagerar para reproduzir o efeito. Ah, e sempre aproveite a desatenção das pessoas.

Sherlock franziu o cenho.

— Como assim?

— Em geral, as pessoas veem apenas o que esperam ver. Elas não examinam detalhadamente todo mundo que encontram na rua. — Stone fechou os olhos por um instante e passou a mão pelo cabelo. — Como posso explicar? É como um pano de fundo no teatro. Se você quer que a plateia acredite que a peça é ambientada na China, não vai passar semanas pintando um pano de fundo

detalhado com a imagem de um palácio ou um povoado chinês tão realista a ponto de parecer que as pessoas estão vendo a paisagem verdadeira por uma janela imensa. Vai traçar apenas alguns detalhes, como um telhado curvo ou um bambuzal, e deixar que a mente da plateia complete a cena. A mente é ótima para decidir rapidamente o que se vê de relance, com base em alguns elementos que chamem a atenção, e então pegar alguma imagem da memória e colocá-la no lugar do que se está vendo de fato. Se você quer parecer um mendigo, *não* vai recriar minuciosamente cada detalhe das roupas, do cabelo e do rosto de um mendigo. Isso vai fazer você se destacar. Concentre-se em alguns elementos-chave, e então misture-se ao cenário. Entende o que quero dizer?

— Acho que sim.

Stone deu mais alguns exemplos, e os dois ficaram conversando por algum tempo, mas depois o assunto se esgotou e Sherlock começou a olhar pela janela da cabine.

Cidades iam e vinham, campos passavam muito rápido e aos poucos a paisagem plana e uniforme que Sherlock associava ao sul da Inglaterra foi dando lugar a um cenário mais rústico e descuidado. Até as vacas começaram a parecer diferentes: peludas, marrons e com chifres curvos na frente da cabeça, em vez das malhadas e de pelo curto que ele conhecia. O trem cruzou uma ou duas pontes sobre rios largos, e Sherlock se lembrou da ponte de madeira em cavaletes que ele havia atravessado com Virginia e Matty nos Estados Unidos, quando fugiam de Duke Balthassar.

Virginia. Só de pensar no nome dela seu coração dava um salto. Sherlock não podia negar que tinha algum sentimento forte pela menina, algo que não sentia por mais ninguém, mas não conseguia definir esse sentimento. Não sabia o que era, ou o que significava, e a intensidade o assustava. Ele não estava acostumado à ideia de que mais alguém fizesse parte de sua vida. Sempre fora solitário, tanto na escola quanto em casa. Detestava sentir que *dependia* de alguém, mas era isso o que sentia agora. Não imaginava uma vida sem que Virginia estivesse nela de alguma maneira.

O trem parou em Newcastle para se reabastecer de carvão e água. Os três aproveitaram a oportunidade para esticar as pernas na plataforma e comprar mais um lanche. Dessa vez comeram tortas de maçã, cozidas a ponto de ficarem quentes feito brasas. O vapor que subia parecia uma réplica em miniatura do que

saía da locomotiva.

Depois de algum tempo, Sherlock voltou à cabine, embora ainda faltassem alguns minutos para a partida do trem. Não tinha disposição para ficar andando incessantemente de um lado para o outro da plataforma. Nunca se interessara pela ideia de se exercitar sem propósito. Deixou-se cair no assento estofado e se pôs a encarar a parede em frente. Chegou à conclusão de que viagens de trem eram insuportavelmente tediosas. Viagens por mar eram mais longas, mas havia mais a ser visto, mais a se fazer. Navios dispunham de bibliotecas, salões de jogos, restaurantes e todas as atividades interessantes da vida a bordo. Trens não tinham nada.

Enquanto fitava a parede, contando os minutos até deixarem Newcastle, ele aos poucos se deu conta de que estava sendo observado. A conclusão não o alcançou por nenhuma forma sobrenatural, nenhum formigamento na nuca ou calafrio na espinha. Foi algo mais simples e prosaico: uma mancha rosada e vermelha, imóvel em sua visão periférica. Um rosto. Dois olhos azuis fitavam Sherlock sem piscar.

Sherlock tentou captar o máximo possível de detalhes sem ter que virar o rosto de repente e mostrar que havia reparado no seu observador, mas o corpo da pessoa estava parcialmente oculto por trás de uma pilha de caixotes em cima de um carrinho de carga.

Depois de extrair o que pôde sem deixar óbvio que havia percebido a pessoa que o observava, Sherlock decidiu olhar melhor. Virando-se subitamente, olhou para a direita, bem nos olhos de um homem que acreditou reconhecer.

Sentiu o coração vacilar.

O sujeito era a imagem do Sr. Kyte, um homem que lhe fora apresentado em Whitechapel como gerente e ator de uma companhia teatral, mas que demonstrara ser um agente da Câmara Paradol, envolvido em uma conspiração para assassinar um conde russo amigo de Mycroft. O homem era grande como um urso, com um tórax do tamanho e formato de um barril, uma juba ruiva que descia até a gola da camisa e uma volumosa barba da mesma cor, cobrindo-lhe o pescoço e parte do tórax como uma cascata de ferrugem. Da última vez que Sherlock vira o Sr. Kyte, o homem lutava desesperadamente com Rufus Stone dentro de uma carruagem em uma rua de Moscou. Ele escapara, e Rufus ficara ensanguentado, furioso e com desejo de vingança.

Sherlock se lembrou de que a pele na bochecha e em torno dos olhos do Sr. Kyte era cheia de centenas de pequenos arranhões. Na época, o menino achara que pareciam estranhos cortes feitos ao se barbear, mas em lugares onde não costuma crescer barba. Apesar do vidro manchado da janela que separava os dois, Sherlock agora estava perto o bastante para ver os cortes. Não havia dúvida — *era* o Sr. Kyte.

O homem o encarou por um bom tempo. Não sorriu, assentiu nem fez qualquer sinal de que percebera que fora visto. Alguns segundos depois, recuou lentamente para dentro da sombra de uma estrutura no meio da plataforma — algum depósito. O coração de Sherlock estava a mil, e o ar parecia topar com algum obstáculo no peito sempre que ele tentava respirar.

Ele precisava avisar Rufus Stone! Precisava contar para Mycroft! Não sabia se a presença do Sr. Kyte indicava que a Câmara Paradol estava envolvida no desaparecimento de Amyus Crowe, se eles estavam seguindo Sherlock porque o responsabilizavam pelo fracasso de seus planos, ou se era tudo uma grande coincidência, mas o fato era que o Sr. Kyte estava *ali*, observando-o, *observando-os*, e isso significava que a situação havia mudado. Já não era a mesma de apenas dez minutos antes.

O grito de um apito a vapor o arrancou de seus pensamentos. O trem estava prestes a sair. Percebendo que nem Matty nem Rufus Stone haviam voltado, o menino fez menção de se levantar. Porém, nesse momento, a porta da cabine se abriu e Matty entrou. Segurava um bolinho de carne.

— Qual é o problema? — perguntou Matty. — Parece que você viu um fantasma.

— Quase isso. Onde está Rufus?

Matty franziu o cenho.

— Achei que ele já tivesse voltado. Tava um pouquinho na minha frente. — Ele jogou o bolinho para cima e voltou a pegá-lo. — Vi um monte destes em uma barraca fora da estação. O cara que tava vendendo se distraiu com uma mulher que passava. Foi o tempo de eu surrupiar um.

— Mas... — começou Sherlock, e então se interrompeu.

Não era hora de conversar. Ele passou por Matty e saiu da cabine para o corredor que seguia ao longo do vagão. Em cada extremidade havia uma porta para a plataforma. Sherlock correu até a mais próxima e olhou pela janela.

Em toda a plataforma, passageiros voltavam a bordo, mas não havia sinal de Rufus Stone.

O apito do trem soou mais uma vez. Em poucos instantes restava apenas o guarda da estação na plataforma, olhando de um lado para o outro ao longo do trem, esperando para agitar a bandeira.

Sherlock olhou da esquerda para a direita. Rufus Stone não estava à vista. O menino queria saltar do vagão e procurar o amigo, mas o trem sairia a qualquer momento. E se Rufus tivesse apenas entrado por outra porta e agora estivesse andando pelo trem? Se fosse esse o caso e Sherlock saísse, *ele* seria o desaparecido. Esquecido em uma estação na qual a Câmara Paradol o observava.

Mas e se a Câmara Paradol tivesse capturado Rufus Stone? Com certeza havia assuntos pendentes entre Stone e o Sr. Kyte.

Com um solavanco, o trem começou a se mexer. A locomotiva se afastou da plataforma, puxando os vagões. Em pouco tempo a estação se distanciou e o trem saía da cidade rumo ao campo.

Sherlock voltou à cabine, mas ficou parado no corredor, olhando de um lado para o outro, torcendo para que Rufus Stone aparecesse, andando tranquilamente com aquele seu jeito insuportável. Depois de cinco minutos, Sherlock precisou reconhecer que Stone não apareceria. Ele ainda estava na estação de Newcastle, provavelmente nas mãos da Câmara Paradol.

— E então? — perguntou Matty quando Sherlock voltou para a cabine. Suas pernas estavam cheias de farelo. — Cadê o Sr. Stone?

— Acho que ele ficou para trás — respondeu Sherlock, com uma expressão grave.

— O que aconteceu? Ele topou com alguma garota? Se foi isso, é bem a cara dele. Aquele lá não pode ver um rabo de saia.

Sherlock balançou a cabeça.

— Não, acho que ele topou com a Câmara Paradol.

Matty contorceu o rosto, sem acreditar.

— Como assim, as pessoas para quem aquele barão francês trabalhava?

— E que incriminaram Mycroft de assassinato e tentaram matar o amigo dele em Moscou.

— O que eles tavam fazendo na estação?

— Devem ter nos seguido — respondeu Sherlock. Ele se sentia impotente,

sem a menor ideia do que fazer. — Não temos como saber. Só podemos especular, e a especulação é pior do que a falta de informação, porque nos leva na direção errada.

— Então o que a gente faz?

Depois de pensar por um instante, Sherlock respondeu:

— Vamos seguir para Edimburgo. Se um guarda do trem aparecer, podemos dizer que nosso amigo ficou em Newcastle e que estamos preocupados com a possibilidade de ele ter sofrido um acidente. Quando chegarmos à Escócia, iremos para o hotel que Mycroft providenciou para nós. Se Rufus conseguir escapar da Câmara Paradol ou de quem quer que o tenha capturado, ou se houver algum motivo inocente que explique por que perdeu o trem, ele sabe que estaremos lá.

Sherlock se acomodou melhor no assento, cruzando os braços e apoiando o queixo no peito. Matty encarou-o por um instante, depois se virou e ficou olhando pela janela. Apesar de estar com o amigo, Sherlock nunca se sentira tão desesperadamente sozinho.

— A gente poderia voltar para casa — disse Matty depois de um tempo, em voz baixa.

A ideia já havia ocorrido a Sherlock, mas ele a rejeitara.

— Poderíamos — respondeu ele —, mas isso não ajudaria o Sr. Crowe, Virginia nem Rufus. Além do mais, a Câmara Paradol sabe onde moramos. Nossa melhor opção é nos escondermos em Edimburgo até resolvermos toda essa confusão. Esperar a poeira baixar.

— Como Virginia e o Sr. Crowe — disse Matty. — Eles também escaparam e se esconderam.

— Eu sei. — Sherlock não olhou para Matty. — Eu sei. Mas eu queria saber *por quê*. Nem imagino o que poderia assustar o Sr. Crowe a ponto de fazê-lo fugir em vez de ficar e se defender.

Em algum momento, o trem passou da Inglaterra para a Escócia, mas Sherlock não viu se havia um sinal para indicar a fronteira.

As estações passaram a se suceder com uma frequência maior, e os nomes pareciam diferentes dos que havia nas placas das plataformas inglesas. A paisagem era mais acidentada e selvagem — colinas irregulares e escuras, em vez de montes suaves. Até o céu parecia mais encoberto.

Depois de algum tempo, um cobrador apareceu, e Sherlock explicou que seu amigo não havia voltado ao trem. O homem ficou bastante irritado e disse que falaria com o chefe da estação seguinte para ver se haviam recebido alguma mensagem ou se seria possível enviar alguma a Newcastle. Sherlock sabia que isso não seria suficiente e que era tarde demais. Dificilmente produziria algum resultado.

O tempo pareceu se arrastar. O cobrador voltou mais tarde para dizer que não havia notícias de Rufus Stone, e Sherlock ficou ainda mais soturno. Pouco depois, olhando pela janela, ele percebeu que o trem passava por uma concentração maior de casas. Não eram feitas de tijolos, mas de pedaços grandes de pedra cinzenta. Tinham um aspecto severo, permanente. O sol, que estava próximo ao horizonte, lançava sobre as construções uma luz alaranjada. O trem começou a reduzir a velocidade até por fim parar, com um chiado, ao longo de uma plataforma que parecia ter quilômetros de comprimento. As placas na plataforma diziam *Edimburgo*.

— Chegamos — disse Matty.

Eles saíram do trem segurando suas malas. Levaram a de Rufus também. Sherlock puxou Matty para um canto e parou. Queria observar enquanto os outros passageiros saíam, só para ver se reconheceria alguém — como o Sr. Kyte ou, quem sabe, Rufus Stone.

A estação era uma massa fervilhante de gente vestida com uma enorme variedade de roupas, como cartolas, paletós felpudos de tweed e calças remendadas. Havia até mesmo — e Sherlock precisou reprimir uma exclamação ao ver tal coisa — homens de saia.

Matty reparou na reação do amigo.

— É — disse ele —, me desculpe... acho que eu devia ter comentado antes. Também fiquei surpreso quando vim aqui alguns anos atrás.

— Homens de saia? Bom, talvez você tenha achado que eu não perceberia.

— Não são saias — respondeu Matty com firmeza. — São *kilts*.

— Kilts — repetiu Sherlock, experimentando a palavra desconhecida.

— São uma roupa tradicional usada pelos clãs escoceses. — Matty fungou. — Pelo que eu sei, "clã" é uma palavra chique para família. Enfim, os clãs costumavam estar sempre em guerra uns com os outros, até que todos resolveram se juntar e odiar os ingleses, e aparentemente era mais fácil lutar de *kilt*. Ou algo

assim. De qualquer modo, eles são pintados de cores diferentes de acordo com a família a que a pessoa pertence.

— Presumo — disse Sherlock — que fosse para ter certeza de que a pessoa está lutando com um homem de outro clã e não com um primo de terceiro grau.

— Deve ser — respondeu Matty.

Sherlock arquivou a informação no cérebro. Kilts de cores diferentes para famílias diferentes — isso merecia mais estudo. Em Londres, às vezes a única maneira de se descobrir o nome de alguém na rua era perguntando, mas, se em Edimburgo dava para ver um homem e saber no mesmo instante que ele se chamava MacDonald, bom, isso poderia ser útil.

— Mais alguma coisa que eu deva saber? — perguntou ele.

— Aquela bolsinha pendurada na frente do kilt chama-se "*sporran*" e é usada para guardar coisas pequenas, como dinheiro. Ah, e se um escocês estiver de kilt, é bem capaz que tenha uma adaga enfiada na meia.

— Entendi. Obrigado.

Sherlock continuou olhando em volta, e escutando. Havia muita gente conversando perto deles, mas as palavras eram pronunciadas com sotaque, difíceis de entender. Claro, Sherlock estava acostumado com sotaques locais — as pessoas em Farnham falavam de um jeito diferente das de Londres, e os vários americanos que ele conhecera falavam de forma diferente de qualquer pessoa da Inglaterra —, mas não imaginara que em um lugar relativamente próximo de Londres houvesse um sotaque tão carregado a ponto de ser quase incompreensível. Com Matty esperando a seu lado, paciente, Sherlock passou mais ou menos um minuto prestando atenção, analisando as conversas das pessoas à sua volta, até entender o básico. Quando seus ouvidos ficaram habituados, o sotaque pareceu se misturar ao ambiente, permitindo que as palavras se destacassem.

— Certo — disse o garoto depois que os últimos passageiros passaram pelas portas da estação, deixando a plataforma sem ninguém —, acho que já me adaptei. Vamos descobrir onde fica o hotel.

Eles saíram e pegaram o segundo cabriolé que viram. O condutor parecia indeciso quanto ao risco de levar dois garotos desacompanhados, mas Sherlock tirou um punhado de moedas do bolso e o homem assentiu. Desde que os garotos pudessem pagar, ele não se importava com a idade dos dois.

Sherlock já havia olhado o que tinha dentro do envelope que Mycroft lhes dera, então gritou para o condutor o nome do hotel.

O trajeto levou uns vinte minutos; passaram por conjuntos de altos edifícios geminados também feitos de blocos de pedra cinzenta e por grandes galerias e mansões cercadas por gramados enormes e cercas de metal. Vendo de perto, Sherlock percebeu que a pedra cinzenta tinha traços de outras cores — laranja, amarelo, azul, verde — e que até muitas pedras de fato cinzentas eram riscadas com tons mais escuros.

O cabriolé passou ao longo de um parque, virou de repente à esquerda e à direita e entrou em uma avenida larga cheia de lojas e hotéis. Era comparável a tudo que Sherlock havia visto em Londres, Nova York e Moscou. Ele já percebia que Edimburgo era uma cidade antiga e imponente.

O veículo virou de repente à direita e parou. Enquanto Sherlock e Matty saíam, o condutor tirou as malas deles do compartimento às suas costas e as jogou no chão. Obviamente achava que não deveria descer da carruagem por causa de crianças. Sherlock resistiu à tentação de jogar o dinheiro aos pés do condutor. Em vez disso, estendeu a mão até um pouco abaixo do alcance dele, de modo que o homem teve que se inclinar de forma desajeitada para pegar.

Eles haviam parado diante de um alto edifício geminado; a placa dizia "Hotel Frazer". O cabriolé se afastou e fez uma curva, voltando para a avenida principal, e parte do cérebro de Sherlock percebeu que eles estavam no alto de um aclive. O restante de seu cérebro estava ocupado admirando o castelo que apareceu quando o cabriolé foi embora: era enorme e sombrio, mas o fato de ser construído em uma colina parcialmente imersa em névoas fazia-o parecer uma gigantesca nuvem de tempestade pairando acima da cidade.

— E agora? — perguntou Matty.

Sherlock sentiu o grande peso da ausência de Rufus Stone. Sem o violinista, ele estava vulnerável, inseguro. Dois garotos sozinhos em Edimburgo. O que poderiam fazer?

— Não sei — respondeu ele.

Capítulo nove

DEPOIS DE DEIXAR AS MALAS no quarto, Sherlock e Matty desceram a escadaria do hotel e saíram para a cidade. O sol havia sumido no horizonte, e a escuridão da noite foi enfeitada pela iluminação de lâmpadas a gás e por tochas acesas instaladas em suportes nos edifícios de pedra. As ruas já estavam cheias de gente indo de taverna em taverna, aparentemente buscando um lugar onde pudessem se divertir mais do que onde estavam. Fazendo o possível para evitar tumulto, os dois encontraram uma taverna relativamente civilizada, onde puderam se sentar em um canto, comer uma torta de presunto defumado e beber uma cerveja aguada que o taverneiro pareceu não se incomodar em lhes servir. Porém, quando Sherlock pediu uma jarra de água, o homem só o encarou com desgosto e fez uma careta.

De quando em quando, alguém tentava se sentar ao lado deles e puxar assunto. Às vezes era uma mulher usando mais maquiagem que o necessário e roupas que pareciam não ser lavadas havia algum tempo, mas em geral era algum homem com barba por fazer, usando um terno manchado ou suspensórios com uma camisa cinzenta sem gola. Matty sempre dizia a mesma coisa — "Nosso pai vai chegar logo, e ele não vai gostar de ver você aqui" —, e rapidamente a pessoa ia embora resmungando um pedido de desculpas ou um palavrão. Quando isso aconteceu pela primeira vez, Sherlock apenas ignorou, mas depois da terceira vez ele encarou Matty com uma expressão intrigada. O menino evitou seu olhar.

— Tem muita gente estranha por aí — murmurou ele. — Qualquer que seja a cidade, alguém sempre vai tentar fazer amizade se você for um garoto e estiver sozinho. Você logo aprende a não se meter com nenhuma dessas pessoas.

Sherlock não perguntou mais nada. Era óbvio que Matty não queria entrar em detalhes, mas ele ficou novamente feliz por estar junto do amigo.

Passaram algum tempo discutindo o que fariam em relação a Rufus Stone. Estava claro que os dois haviam alimentado uma esperança secreta de que o

encontrariam no hotel, ou que, pelo menos, receberiam alguma mensagem dele. O fato de que não havia nada os incomodara mais do que gostariam de admitir.

— Poderíamos avisar à polícia — sugeriu Matty. — Dar Rufus como desaparecido.

— O problema é que não sabemos realmente o que aconteceu com ele, então a polícia não poderá fazer muita coisa. Não o vimos ser sequestrado. Vão dizer que ele só perdeu o trem e que vai aparecer amanhã. Ou pior: vão ficar preocupados ao saber que há dois garotos sozinho em Edimburgo. Vão nos deixar com um guardião ou nos mandar para a casa de algum filantropo até Rufus chegar. E isso não pode acontecer de jeito nenhum.

Matty assentiu.

— Entendo. Mas e o seu irmão? Poderíamos mandar um telegrama para ele, contando o que aconteceu.

— E em uma hora ele enviaria em resposta um telegrama mandando-nos voltar a Londres até ele descobrir o que houve com Rufus. Se ele fizesse isso, eu não poderia desobedecer... já tentei antes, e nunca dá certo. Não, precisamos ficar aqui. É melhor não contarmos para *ninguém* o que aconteceu.

— O que você acha que aconteceu com Rufus? — perguntou Matty, baixinho, sem olhar para Sherlock.

Sherlock suspirou. Vinha tentando não pensar muito no assunto.

— Não sei. Talvez aqueles americanos o tenham pegado e estejam interrogando-o. Considerando que Rufus não sabe nada que eles já não saibam, provavelmente vão soltá-lo.

Ou matá-lo, pensou Sherlock, mas não expressou esse medo em palavras. Embora Matty tivesse o tipo de conhecimento das ruas que ele nunca teria, era mais novo e precisava ser protegido de certas coisas.

— Ele sabe sobre Edimburgo — comentou Matty.

— Se eles estavam no trem conosco, também sabem sobre Edimburgo. Desconfio que isso não seja mais segredo. — Sherlock hesitou por um instante. — Por outro lado, se for a Câmara Paradol, então não sei *o que* querem com ele.

Sherlock percebeu que a conversa havia minado seu apetite. Pensar no que podia estar acontecendo a Rufus enquanto eles relaxavam em uma taverna confortável e comiam bem fez seu estômago revirar.

— Não quero deixar você preocupado — sussurrou Matty depois de um tempo

—, mas já viu aquele cara ali? — Ele indicou com a cabeça a parede do outro lado da taverna. — Sentado sozinho.

Sherlock tentou olhar disfarçadamente. Ficou preocupado, achando que talvez Matty tivesse visto o Sr. Kyte, mas deu um suspiro de alívio ao ver um sujeito magro desconhecido sentado sozinho a uma mesa. Porém, no instante seguinte, começou a se sentir inquieto. Não havia qualquer sinal de que o homem estivesse interessado neles dois, mas ele tinha algo de estranho, algo que Sherlock não conseguiu definir. Para começar, o homem era *extremamente* magro, como se tivesse passado semanas sem comer, e sua pele era quase translúcida de tão pálida. Os olhos do homem não podiam ser vistos sob a sombra das cavidades oculares, e os ossos da face e do queixo se projetavam sob uma pele esticada de tal forma que Sherlock achou que o rosto fosse rachar a qualquer momento. Suas roupas também eram estranhas: pareciam um dia ter sido as peças mais elegantes do sujeito, mas agora estavam cobertas de sujeira, e havia uma mancha verde nos ombros e nas mangas do casaco. Ele estava olhando para a frente, mas não parecia observar nada específico. Não havia ninguém sentado perto dele, e, embora o sujeito não tivesse nenhuma bebida na mesa, o taverneiro não parecia disposto a se aproximar para anotar um pedido ou expulsá-lo. O homem estava apenas ali sentado, sem fazer nada.

A taverna encheu, e depois de um tempo Sherlock e Matty não conseguiram mais ver o estranho homem pálido. Os dois terminaram de comer e se prepararam para ir embora. Quando se levantaram, abriu-se uma brecha na multidão. Sherlock olhou na direção da mesa distante. O sujeito não estava mais lá.

— Já ouviu falar dos ressurreicionistas? — perguntou Matty ao saírem da taverna.

Ele parecia tenso.

— Não reconheço o termo — respondeu Sherlock.

— Eram uns caras chamados Burke e Hare. O primeiro nome dos dois era William. Eles eram famosos por estas bandas há alguns anos. Ouvi falar deles quando meu pai tava trabalhando aqui. Eu me lembrei deles quando vi aquele cara lá. Muitos médicos vinham a Edimburgo para estudar, por causa da Edinburgh Medical College, mas eles tinham um problema: como é que iam aprender sobre o corpo humano se não tinham nenhum morto para examinar,

abrir, ver onde ficavam todos os órgãos e onde ficava o sangue?

— Achei que as faculdades de medicina pudessem usar o corpo de criminosos executados — disse Sherlock, franzindo o cenho.

— Na teoria, sim — respondeu Matty —, mas a quantidade de cadáveres disponíveis era sempre menor que a de estudantes de medicina querendo examinar algum. E a quantidade de crimes que levavam alguém à forca tinha diminuído muito, então havia muito menos corpos para se usar. Sessenta anos antes, uma pessoa podia ser enforcada por mil e um motivos diferentes. Depois, passaram a ser bem poucos. Então a faculdade só recebia uns dois cadáveres por ano. E foi aí que entraram Burke e Hare.

— Acho que já sei aonde isso vai chegar — disse Sherlock, baixinho, sentindo um arrepio na espinha. — Eles pegavam corpos nos cemitérios e vendiam, não é?

Matty o encarou.

— Não exatamente — disse ele —, mas realmente isso acontecia muito. As pessoas chamavam isso de "roubo de cadáveres". Era tão comum que o túmulo de um morto recente costumava ser vigiado por amigos e parentes para que ninguém o violasse. Os mais ricos mandavam construir uma jaula em volta do túmulo dos parentes. Antes de perceberem o que tava acontecendo, as pessoas iam visitar algum ente querido e viam que o túmulo tinha sido remexido, como se a pessoa tivesse voltado à vida e se arrastado para fora por conta própria. — Matty e Sherlock abriam caminho pelas ruas movimentadas em direção ao hotel. — Claro, quando as pessoas descobriram, os ladrões de cadáveres tiveram que mudar de tática. Eram bastante criativos, esses ladrões. Usavam pás de madeira, porque faziam menos barulho que as de metal, e cavavam na diagonal para não deixar sinais em cima dos túmulos. Aí eles chegavam a uma das extremidades do caixão, quebravam a madeira e puxavam o corpo com uma corda.

— Certo, mas você disse que esses tais Burke e Hare não eram ladrões de cadáveres. O que eles faziam, então?

— Para começar, eles eram irlandeses — respondeu Matty. — Vieram para Edimburgo trabalhar na construção do canal Union. Burke acabou se hospedando na pensão da mulher de Hare. Eles se encontravam para beber, e uma noite começaram a conversar sobre formas de conseguir dinheiro. Um deles sugeriu que podiam roubar o corpo de alguém que houvesse morrido de causas naturais na cidade e que não tivesse parentes, e vender para alguém da faculdade

usar em aulas de anatomia humana. Pouco tempo depois um hóspede velho da pensão, que devia quatro pratas a Hare, morreu de causas naturais. Os dois encheram de casca de árvore o caixão que ia ser sepultado e venderam o cadáver para um tal de Dr. Knox aqui da cidade, por sete pratas.

— Quanta iniciativa — comentou Sherlock, com cinismo.

— O problema era que não tinha gente suficiente morrendo de causas naturais, então eles decidiram dar uma ajudinha no processo. A primeira pessoa que eles mataram foi um moleiro da região. Embebedaram-no de uísque e depois o sufocaram. A segunda foi outro hóspede da pensão, uma mulher chamada Abigail Simpson. Depois disso... — Matty deu de ombros. — Bom, eles foram em frente. O Dr. Knox pagava um bom dinheiro para cada corpo que eles entregavam, e não fazia perguntas... dez pratas se o cadáver estivesse em boas condições, oito se tinha algum problema. Eles preferiam mulheres e crianças, claro, porque era mais fácil dominar e sufocar.

Sherlock começou a se sentir mal. O que o perturbava era a maneira casual com que Burke e Hare faziam aquilo. Os assassinatos não eram crimes passionais nem incidentes espontâneos "do calor do momento" — eram, na prática, uma série de decisões comerciais. Decisões comerciais que envolviam matar gente.

— Quantas pessoas eles acabaram matando? — perguntou Sherlock, baixinho; estavam virando uma esquina e se dirigindo à entrada do hotel.

— O mais provável é que tenham sido dezessete — respondeu Matty —, ao longo de um ano.

— E ninguém suspeitou? Quer dizer, o médico que comprava os cadáveres deve ter percebido que aqueles não eram criminosos executados. A forca com certeza deixa uma marca visível no pescoço, e aqueles cadáveres não deviam ter nenhuma.

— O Dr. Knox? É, ele sabia sim, mas Burke depois jurou que não. O cara só não queria interromper o fornecimento de corpos. Ele tava ganhando a reputação de ser o melhor professor de anatomia da região, e muitos estudantes queriam ter aula com ele e pagavam bem pelo privilégio. Ele não queria abrir mão disso. — Matty bufou. — Dizem que uma das vítimas de Hare e Burke, um homem chamado Jamie Maluco, era conhecido na cidade. Quando o Dr. Knox mostrou o corpo no auditório, para a aula, alguns estudantes o reconheceram. O médico disse que devia ser outra pessoa, mas começou a dissecação pelo rosto, para

deixar o corpo irreconhecível logo de uma vez.

— Como isso tudo terminou? — perguntou Sherlock, abrindo a porta do hotel. — Suponho que eles tenham sido descobertos, caso contrário você não saberia tudo isso.

— Burke e Hare mataram uma mulher chamada Marjory Docherty na pensão, mas não conseguiram se livrar logo do corpo, então o esconderam debaixo de uma cama. Havia algumas pessoas no local, e elas ficaram desconfiadas. Quando Burke saiu, elas foram ao quarto dele e acharam a mulher. Aí, chamaram a polícia. Burke e Hare tiraram o cadáver da pensão antes que a polícia chegasse, mas levaram para a casa do Dr. Knox, onde depois a polícia o descobriu. Hare aceitou testemunhar contra Burke em troca de imunidade. Burke foi condenado à forca, e o corpo dele foi dissecado em público na Edinburgh Medical College... tudo de acordo com a lei, claro.

— E o que aconteceu com Hare?

— Desapareceu. Ninguém nunca mais ouviu falar dele.

— Então ele ainda pode estar na cidade?

Matty assentiu enquanto abria a porta do quarto.

— Pode até ser, mas é mais provável que ele tenha voltado para a Irlanda.

* * *

Na manhã seguinte, ainda não havia notícias de Rufus Stone. Deprimidos, Sherlock e Matty comeram mingau de aveia no café da manhã, que fora servido silenciosamente por uma criada silenciosa. O mingau estava tão grosso que poderia ser cortado com uma faca, e tinha gosto de lavagem, mas eles o acharam incrivelmente saboroso e satisfatório.

— Qual é o plano? — perguntou Matty.

— Vou procurar uma livraria ou biblioteca — disse Sherlock. — Preciso de um mapa da cidade, e tenho que aprender mais sobre o lugar. Sinto que estou perdido aqui, não consigo me orientar. Que tal se você for aos lugares que conhecia e ver se alguém se lembra de você e pode nos ajudar? Vamos precisar de toda a ajuda possível. — Ele ficou em silêncio por um instante, pensando. —

Aquele parque, mais acima na rua do hotel... vamos nos encontrar nos portões ao meio-dia.

— Não tenho relógio — comentou Matty.

— Então pergunte as horas a alguém.

Quando terminaram o mingau, os dois se despediram e saíram à rua.

Sherlock encontrou uma biblioteca na avenida principal, próximo dali. O cheiro seco dos livros lá dentro era acolhedor e fez Sherlock se lembrar da biblioteca de tio Sherrinford. O menino sempre se sentia à vontade em meio a livros. Ele foi para a seção dedicada à Escócia, pegou uma braçada de volumes da estante e se sentou a uma mesa para ler.

Após uma hora, Sherlock tinha uma noção muito melhor da geografia e da história de Edimburgo e de sua relação com a história geral da Escócia. Descobriu que a cidade havia sido construída em cima de sete colinas, o que talvez explicasse o fato de que todas as ruas pareciam ladeiras.

Depois de algum tempo, as pequenas letras pretas que Sherlock tentava ler começaram a se misturar. Ele afastou o livro e fechou os olhos por um instante. O problema, concluiu, era que as informações que ele queria não estavam em livros de referência. Aonde as pessoas de Edimburgo iam quando tinham que fugir? O que faziam para se esconder se houvesse alguém procurando por elas? Quem era o mandante da comunidade criminosa da cidade? Essa pessoa preferiria ajudar alguém que estivesse sendo perseguido ou os perseguidores? Esse tipo de coisa Matty teria mais chance de descobrir com seus contatos, mas a informação acabaria se perdendo se não fosse registrada e atualizada de tempos em tempos. Sherlock concluiu que precisava anotar todos os fatos e detalhes que ele e Matty descobrissem pelo caminho. Se pudesse manter um fichamento dessas informações, ele talvez pudesse consultá-las novamente em outra ocasião.

Um pensamento súbito e perturbador lhe ocorreu, fazendo-o estremecer. Não havia muita diferença entre o que ele estava se propondo a fazer e o que Josh Harkness fizera: reunir e guardar informações sobre atividades suspeitas ou ilegais. A única distinção era o fato de que Sherlock não usaria isso para obter lucro.

O menino conferiu o relógio que pendia de uma corrente em seu colete. Onze e meia. Hora de começar a ir ao encontro de Matty.

Enquanto recolocava os livros nas estantes, Sherlock percebeu que havia mapas

de Edimburgo à venda por seis pence no balcão da biblioteca. Comprou um, voltou para a mesa onde estava lendo e o abriu. Deu uma olhada rápida nos detalhes: o formato da cidade e os sentidos das vias principais. Localizou a principal linha férrea que vinha de Londres e traçou a rota que o cabriolé havia percorrido. Eles tinham seguido por uma rua chamada Princes — claramente a principal via que cruzava a cidade. Com isso, Sherlock pôde identificar onde o hotel ficava e onde ele próprio estava naquele momento.

Ele dobrou o mapa e seguiu para o parque. Sentia-se mais confiante de que agora conseguiria se orientar.

O sol brilhava acima das nuvens, lançando feixes diagonais de luz pela extensão salpicada de azul e cinza, como se fossem vigas de sustentação do céu inteiro. Sherlock percorreu a Princes Street, vendo partes do castelo cada vez que olhava pelas ruas transversais ao longo do caminho. A construção já não parecia uma nuvem maciça e cinzenta sobre a cidade, mas havia algo nela que desafiava a geometria e a perspectiva. Era como se não fosse possível que houvesse o castelo *lá* em cima enquanto a cidade estava *ali* embaixo.

Ao passar por um determinado beco, Sherlock ouviu algo se agitando nas sombras. Parou, intrigado, e olhou para o lado. Não tentou se aproximar do beco — seria uma estupidez —, mas, se alguém o seguia, ele queria saber quem era.

Por um momento viu apenas uma área de sombras, como se fosse escuridão líquida, onde o sol jamais penetraria, mas depois de algum tempo seus olhos se habituaram ao contraste e ele percebeu algo que parecia estar flutuando, como um balão branco. O cérebro do menino precisou se concentrar por um instante até entender o que estava encarando: o rosto de alguém todo vestido de preto e parado no beco, olhando para a rua.

Sherlock deu um passo involuntário para trás. O rosto era branco como giz, e os olhos pareciam tão fundos que as cavidades oculares eram apenas buracos negros. Os ossos das faces eram muito pronunciados, e os lábios — se é que a figura os tinha — estavam recolhidos acima dos dentes, que pareciam sorrir para Sherlock, como se a pessoa estivesse se divertindo com alguma piada particular. Por bastante tempo o menino acreditou que havia um corpo humano em decomposição, quase um esqueleto, parado no beco olhando para ele. Teria sido tirado da cova e deixado ali, apoiado por um pedaço de madeira, para servir de advertência? Mas quem faria algo tão macabro?

A figura ergueu a mão até o lado do rosto e acenou, e então recuou para as sombras até que Sherlock não pudesse mais vê-la. Foi só depois que o sujeito desapareceu que Sherlock, tremendo e com frio, lembrou-se do homem na taverna, o que estava sozinho. Seria o mesmo? A figura parecera ainda mais esquelética, ainda menos viva, mas isso poderia ser efeito da iluminação ruim.

O que estava acontecendo? Sherlock pensou no que seus tios tinham lhe contado. Será que ele estava ficando louco, como o pai?

Por alguns segundos ele teve vontade de entrar no beco e procurar pela figura — procurar pela verdade do que vira —, mas recuou. Pela lógica, a explicação mais provável era que aquilo era uma armadilha, que a figura era um engodo para atraí-lo. Mas seria algo aleatório ou alguém sabia que muitas vezes a curiosidade de Sherlock superava seu bom senso? Abalado, o menino se afastou da entrada do beco e não olhou para trás.

O parque ficava só mais alguns minutos de caminhada adiante. Quando ele chegou lá, Matty já o esperava.

— Tá tudo bem? — perguntou o amigo. — Parece que você viu um fantasma.

— Não seja idiota — respondeu Sherlock, grosseiro. — Não existe isso de fantasma.

— Tá bem, não precisa ficar nervoso.

— Descobriu alguma coisa? — perguntou Sherlock.

Matty balançou a cabeça.

— A maioria dos caras e garotos que eu conhecia por aqui se mudou. Ou então morreu. Cheguei a achar algumas pessoas que se lembravam de mim, mas elas não sabem de nenhum americano grande que tenha passado por aqui. E você?

— Agora já sei me orientar pela cidade.

— Bom, já é alguma coisa — disse Matty, com cinismo. — Se a gente tivesse alguma intenção de se mudar para cá, quer dizer.

— Não subestime a importância do conhecimento geográfico.

O amigo o encarou.

— E o que a gente faz agora? — perguntou ele depois de algum tempo.

Sherlock refletiu por uns instantes. Ele também havia pensado no assunto.

— Acredito que possamos voltar à estação e conversar com os cobradores e guardas — disse ele, devagar —, mas eles devem ver centenas de passageiros por dia, e nada garante que vão se lembrar do Sr. Crowe. Além do mais, se ele

continuou com a mesma cautela que tinha em Farnham, deve ter saltado em uma estação anterior e talvez contratado uma carroça para trazê-lo a Edimburgo com Virginia.

— Se é que ele tá aqui — comentou Matty. — Afinal, a única coisa que apontou esta cidade para você foi uma cabeça de coelho e uma tora. Não é muito. Ainda acho que podemos ter seguido uma direção completamente errada.

— Mesmo com o desaparecimento de Rufus? — perguntou Sherlock.

Matty deu de ombros.

— Tem razão. A pista provavelmente era boa, mas, agora que a gente tá aqui, o que fazer? Esperar que apareça alguma outra?

— Matty — disse Sherlock, devagar —, já falei isso antes, e vou falar de novo: você pode não ser um gênio, mas desperta a genialidade das pessoas à sua volta.

— Como assim?

— Amyus Crowe deixou uma pista que nos traria a Edimburgo, se a interpretamos corretamente. Por que ele fez isso?

— Porque o Sr. Crowe queria que viéssemos atrás dele — respondeu Matty.

— Exatamente. Ele *queria* que o seguíssemos. Não estava dizendo apenas "Adeus. Estou indo para Edimburgo"! Queria que soubéssemos exatamente aonde ele estava indo, e o único motivo para isso é que ele queria que o seguíssemos. Ele quer nossa ajuda. Agora que estamos aqui, ele não vai nos deixar à deriva. Vai mandar outra pista, algo que nos leve até onde ele está.

— E ele não podia ter feito isso logo no começo?

— Ele sabia apenas que estava vindo com Virginia para Edimburgo. Quando chegasse aqui, arranjaria algum lugar para se acomodar em paz, algum lugar onde não pudesse ser encontrado. Ou seja, não seria um hotel. É mais provável que seja algum chalé alugado na periferia da cidade. Quando ele tivesse um endereço, daria um jeito de nos avisar.

— Mas ele não sabe onde estamos — comentou Matty.

— Então ele deixaria uma mensagem em algum lugar para que pudéssemos encontrar em qualquer lugar da cidade. — Sherlock pensou no jornal que tinha lido no trem. Lembrou-se especificamente da página de classificados que tanto o havia fascinado: mensagens de uma pessoa para outra, ou de uma pessoa para todo um grupo, tanto em palavras claras quanto em código. — Ele vai publicar um anúncio no jornal da cidade — disse, confiante. — Ele sabe que deduziu um

dos lugares onde eu procuraria.

— Mas e se tivermos perdido o anúncio? E se ele publicou a mensagem ontem?

Sherlock balançou a cabeça.

— Ele não tinha como saber que dia estaríamos aqui. Pelo que conheço de Amyus Crowe, ele deve ter pagado para publicarem o anúncio a semana inteira.

Matty assentiu. Ou ele achava que o que Sherlock dissera fazia todo o sentido, ou estava disposto a confiar no amigo.

— Então vamos comprar um jornal local. Vamos comprar todos.

— Quantos são? — perguntou Sherlock, pensando se os dois teriam que vasculhar dez ou doze jornais ou se Amyus Crowe teria colocado o anúncio em todos.

— Três — respondeu Matty. Ele se virou para começar a andar, mas depois voltou a olhar para Sherlock. — Você vai ter que ler os anúncios — comentou —, porque eu não sei ler. E tô sem dinheiro nenhum, então você também vai ter que comprar os jornais.

Viram um jornaleiro em frente ao parque e compraram um exemplar de cada um dos três jornais de Edimburgo, a edição daquele dia, e então voltaram ao parque e se sentaram em um banco para que Sherlock pudesse lê-los. Ele percebeu de imediato que a matéria sobre o assassinato em Edimburgo — a que ele havia visto no exemplar do *Times* no trem — estava na capa dos três. O primeiro — o *Edinburgh Herald* — dava o tom geral dos outros:

> Hoje pela manhã a polícia de Edimburgo prendeu uma mulher suspeita do assassinato por envenenamento do excêntrico empresário Sir Benedict Ventham. Fontes próximas à polícia relataram que a pessoa em questão chama-se Srta. Aggie Macfarlane, cozinheira do falecido Sir Benedict e, conforme apuramos, irmã de Gahan Macfarlane, famoso líder da gangue criminosa Saqueadores Negros. Acredita-se que ela tenha posto veneno na comida de Sir Benedict por motivos até o momento conhecidos apenas por ela.

Saqueadores Negros? O nome da gangue perturbou Sherlock. Soava perigoso, até sinistro. O menino estava prestes a passar à seção de classificados do jornal quando viu outra ocorrência do nome, em uma reportagem logo abaixo do texto sobre o envenenamento de Sir Benedict Ventham.

INCÊNDIO DESTRÓI QUITANDA LOCAL

Ontem à noite, o local onde funcionava a quitanda dos senhores MacPherson e Cargill, na Princes Street, foi consumido por um incêndio de proporções apocalípticas. Durante quase três horas transeuntes usaram baldes para combater as chamas com água retirada do rio próximo, sem muito sucesso. Não se registrou nenhuma morte, pois o incêndio aconteceu durante a noite. A quitanda de MacPherson e Cargill foi uma instituição na cidade por mais de cinquenta anos. Diversos indivíduos da comunidade local, que desejam permanecer anônimos, informaram à reportagem que os quitandeiros haviam atraído recentemente a atenção dos Saqueadores Negros — infame gangue criminosa que atua em Edimburgo extorquindo empresários (...)

Sherlock seguiu para a seção de classificados. Não era tão grande quanto a do *Times* — ocupava pouco mais de meia página. Quase todos os anúncios pareciam ser de lares à procura de criadas, cozinheiros ou mordomos ("imprescindível apresentar referências"), e um punhado de avisos de achados e perdidos ("Encontrado na King's Street um broche feminino — esmeraldas em base de ouro. Possíveis donos devem encaminhar uma descrição completa por escrito do item para que possa ser providenciado o retorno"). Não havia nada que parecesse ter sido escrito por Amyus Crowe.

Por via das dúvidas, Sherlock conferiu também as páginas de cartas. A maioria parecia ser reclamações sobre fatos incorretos em edições anteriores do jornal ou comentários sobre a falta de modos das classes inferiores, mas uma das cartas chamou a atenção do menino. Ele a leu em voz alta para Matty:

Senhor,

Escrevo em referência à recente onda de relatos sobre homens e mulheres em toda a cidade que só poderiam ser descritos como "falecidos mas ainda se mexendo". Tais eventos são uma afronta a Deus e atestam a fragilidade moral da população desta cidade. Peço a atenção dos leitores em relação às seguintes passagens da Bíblia:

Isaías 26:19: "Os teus mortos viverão, os seus corpos ressuscitarão; despertai e exultai, vós que habitais no pó; porque o teu orvalho é orvalho de luz, e sobre a terra das sombras fá-lo-ás cair."

Apocalipse 20:13: "O mar entregou os mortos que nele havia; e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e foram julgados, cada um segundo as suas obras."

Peço que todos reflitam: isso não indica que o Armagedom está próximo e que Deus logo nos julgará? Arrependam-se de seus pecados antes que seja tarde demais!

Com a graça de Deus, George Thribb, *Esq.*

A carta fez Sherlock pensar nas duas figuras esqueléticas que tinha visto — na taverna, na noite anterior, e na rua, apenas meia hora antes. Seria a isso que a carta se referia? Havia uma onda de pessoas que pareciam cadáveres andando pelas ruas? Se sim, o que isso significava?

Sherlock afastou esses pensamentos. Por mais interessantes que fossem tais especulações, não ajudavam na tarefa do momento: encontrar Amyus Crowe e Virginia, ou Rufus Stone.

No *Edinburgh Star*, os classificados eram mais voltados para anúncios sobre festas (ou "*cèilidhean*", como pareciam ser chamados), animais de estimação perdidos e cavalos à venda. Um anúncio em particular chamou a atenção de Sherlock: "Papagaio perdido, sabe recitar texto completo de *Hamlet* e poemas de Tennyson. Paga-se recompensa pelo retorno." Um pássaro que sabia recitar *Hamlet* inteiro? Sherlock não podia acreditar.

Foi no *Edinburgh Tribune* que ele encontrou o que procurava. Em meio à variedade habitual de anúncios, um se destacou imediatamente.

HOTEL SIGERSON

Encontre o lugar perfeito para descansar e relaxar. Basta nos dizer quais são seus sonhos, e nós os transformaremos em realidade. Dois dias em nossas instalações farão maravilhas, e todos os seus desejos serão realizados.

Nós, os respeitáveis Cramond, estamos perto de Kirkcaldy, em Fife.

— É isso — disse Sherlock, apontando para o anúncio.

— Eu não sei ler — repetiu Matty, com paciência.

Sherlock o leu em voz alta para Matty, que franziu o cenho.

— Meio cansativo — disse ele —, e também um pouco esquisito. Não parece um lugar que hospede gente normal.

— Não é um hotel de verdade — respondeu Sherlock.

— Como você sabe?

O menino indicou as duas primeiras palavras.

— Hotel *Sigerson*. Meu pai se chama Siger, Siger Holmes. Como eu sou o filho de Siger, esse anúncio foi escrito para mim.

Matty parecia incerto.

— Pode ser coincidência. Talvez *exista* um hotel Sigerson.

— É possível — reconheceu Sherlock —, mas o preço desses anúncios é calculado por palavra. Tem muitas palavras aqui, mais do que seria necessário para dizer às pessoas como o hotel é bom. No entanto, há palavras suficientes para conter uma mensagem secreta.

— Então o Sr. Crowe e Virginia estão em Kirkcaldy. — Matty fez uma careta. — Isso fica a quilômetros daqui. Achei que eles viessem para Edimburgo.

— A referência a Kirkcaldy é uma armadilha. Eles não estão lá.

— Estão onde, então?

Sherlock deu de ombros.

— Não sei. Preciso decifrar a mensagem.

Ele observou o texto mais uma vez. Se o anúncio fosse um conjunto aleatório de letras ou números, ele tentaria uma criptografia de substituição conforme Amyus Crowe lhe ensinara. Esse tipo de criptografia se baseava no princípio de substituição de um elemento por outro — por exemplo, trocar as letras *a* pelo número 1, as letras *b* por 2 e assim sucessivamente. Para decifrar esse tipo de código sem saber qual havia sido a estratégia de substituição era preciso conhecer a frequência com que determinadas letras apareciam na escrita normal. A mais comum era *a*, seguida de *e*, *o*, *s*, *r* e *i*. Então era preciso apenas procurar a letra ou o número mais frequente e substituí-lo por *a*, depois seguir com a lista. No entanto, para que houvesse boas chances de se decifrar o código, era necessário um texto codificado bastante longo. Só que, ao analisar a mensagem, Sherlock percebeu que não era uma criptografia de substituição. Em primeiro lugar, o texto fazia algum sentido, por mais estranho que fosse. Parecia uma propaganda. Trocar as letras de uma frase ou de um parágrafo produziria um conjunto de palavras completamente embaralhadas e sem significado. Então o código devia ser outro. Sherlock pegou uma caneta do bolso e rabiscou na margem do jornal as iniciais das palavras, mas logo nas primeiras — *e o l p p d e r*... — percebeu que aquilo não estava certo.

Pensou então que talvez fossem as últimas letras. Rabiscou outra série: *e o r o a r e r*... Não, isso também não parecia certo.

Talvez ele devesse partir do final, e não do começo. Tentou as duas opções de novo — iniciais e últimas —, mas só achou *f e k d p e c r o n*... e *e m y e o s d s s s*... A menos que Amyus Crowe tivesse resolvido complicar as coisas e escrever em outro idioma, Sherlock definitivamente estava no caminho errado.

Podia tentar as palavras, em vez das letras. Experimentou listar as primeiras palavras de cada frase — *encontre basta dois nós* —, depois as segundas — *o nos dias os*. Com a ressalva de que a primeira série lembrava um poema pessimamente escrito, também não fazia sentido.

Sherlock suspirou e mordeu a parte interna do lábio, ciente de que Matty o observava atentamente. Suas ideias estavam se esgotando. Talvez o código fosse complicado demais para ele.

O menino sentia algo perturbando-lhe a mente. Tentou se obrigar a relaxar, a parar de pensar, para que o raciocínio pudesse afluir à superfície. Ele havia tentado as primeiras palavras das frases, e as segundas palavras. E se... e se ele tentasse a primeira palavra da primeira frase, a segunda da segunda frase e assim sucessivamente?

A essa altura, Sherlock já havia decorado o anúncio; podia escrever as palavras sem nem relê-lo.

Encontre nos em Cramond

— Consegui! — sussurrou ele.

— O quê?

— Eles estão em um lugar chamado Cramond.

Matty parecia desconfiado.

— Achei que você tivesse dito que Cramond era o nome do pessoal do hotel.

— O hotel não *existe* — repetiu Sherlock. — É um código. O Sr. Crowe tinha que colocar o nome do lugar aqui, mas fez com que parecesse outra coisa, o nome de uma pessoa, e então disfarçou fazendo referência a um lugar de verdade: Kirkcaldy.

— Certo... Mas *onde* fica Cramond?

Sherlock pegou o mapa que havia comprado na biblioteca. No verso do de Edimburgo havia um dos arredores. No canto superior direito havia um índice referente à grade de letras e números ao longo da margem. Sherlock examinou o

índice até achar Cramond — com um breve sentimento de orgulho —, depois procurou pela grade de referência do mapa.

— Fica no litoral — disse ele. — Só a alguns quilômetros daqui. Talvez possamos arranjar uma carroça para nos levar até lá.

Ele dobrou o mapa e o jornal e os guardou nos bolsos. Sentiu-se tomado de alívio e esgotamento. Ele conseguira! Encontrara Amyus e Virginia Crowe!

Agora viria a parte difícil: descobrir por que eles haviam fugido e convencê-los a voltar.

Um movimento acima do ombro de Matty chamou a atenção de Sherlock para um lugar atrás do amigo. Havia dois homens se aproximando. Um trazia algo nas mãos: parecia um saco vazio. Sherlock levou um instante para reconhecer o americano com marcas de varíola que ele vira em Farnham e na estação de Guildford. Sentiu um calafrio, e seu coração se acelerou de repente. Virou os olhos ligeiramente para o rosto de Matty. Estava prestes a mandar o amigo correr quando percebeu que ele também olhava por cima de seu ombro. Seus olhos estavam arregalados e assustados.

Devia haver mais homens se aproximando por trás de Sherlock — entre eles, provavelmente, o sujeito de rabo de cavalo e sem orelha. Sherlock estava prestes a empurrar Matty para a esquerda e pular para a direita quando o homem atrás de Matty percebeu que o circo fora notado, correu e jogou o saco em cima da cabeça do garoto. Sherlock estendeu as mãos para arrancar o saco, mas algo pesado caiu em sua cabeça e cobriu seu rosto; o mundo se apagou. Ele sentiu mãos o agarrarem e o derrubarem no chão.

Capítulo dez

O SACO TINHA UM FORTE cheiro de fumo de cachimbo, e Sherlock começou a sufocar por causa do calor, do odor pungente e da falta de ar. Passava um pouco de luz através das falhas do tecido, mas não era o suficiente para que ele pudesse enxergar à sua volta. A malha de estopa roçava-lhe na testa, nas orelhas e na nuca. Sherlock sentia a pele se esfolar, alguns trechos ficando em carne viva. Ele ia sair dali bastante arranhado.

Se saísse.

Seus pulsos e tornozelos haviam sido amarrados de forma rápida e habilidosa, e com força suficiente para impedir a circulação do sangue. Os braços estavam presos em volta das pernas e do peito. Ergueram-no como se ele fosse um saco de batatas e o levaram às pressas pelo parque antes que alguém visse o que eles estavam fazendo. Provavelmente, o mesmo estava acontecendo com Matty. Sherlock tentou sacudir o pé esquerdo, mas a corda em suas pernas se apertou, e ele mal conseguia se mover um centímetro. Sentia-se preso por tiras de couro. Talvez fosse essa a sensação de morrer esmagado por uma daquelas cobras enormes da América do Sul — sucuris, pítons ou o que quer que fossem.

Sherlock abriu a boca para gritar e pedir socorro, mas levou um soco atrás da orelha. Uma fustigada vermelha agonizante se espalhou por sua cabeça como um raio, deixando um rastro de dor nauseante. Ele estava prestes a vomitar, mas sabia que, se o fizesse dentro daquele saco, precisaria suportar as consequências, então engoliu várias vezes, obrigando o estômago a se acalmar.

Quando abriu a boca, sentiu alguns flocos minúsculos de tabaco grudarem na língua e por dentro dos lábios. O gosto amargo provocou outra onda de ânsia, e Sherlock engoliu mais saliva desesperadamente. Ele sabia que algumas pessoas fumavam e mascavam tabaco. Como aguentavam aquilo?

Seus dedos pareciam grandes e inchados, como linguiças fritando em uma frigideira. Parecia que alfinetes e agulhas o espetavam enquanto o sangue se

esforçava para passar pelas cordas que prendiam seus pulsos.

Os homens que o carregavam o reacomodaram nos braços. Por um instante Sherlock se perguntou o que eles estariam fazendo, mas então sentiu a pressão no tórax e nas pernas relaxar, e depois balançaram-no rapidamente para trás, para a frente, e o soltaram. Ele voou pelo ar, impotente, sem saber sequer para que lado ficava o céu e o chão, esperando uma eternidade até atingir... o quê? Grama? Concreto? A superfície de um rio ou um canal?

Achando que talvez acabasse afundando de repente em água gelada, ele quicou em uma superfície macia e rolou até acertar uma tábua vertical. A caçamba de uma carroça, forrada com palha? Era o que parecia. Sherlock ouviu algo atingir a palha a seu lado, e logo em seguida um objeto pesado bateu nele com tanta força que o deixou sem fôlego.

Era Matty.

— Você está bem? — perguntou Sherlock através do saco de estopa, mas, antes que obtivesse uma resposta, algo o acertou nas costelas.

Sherlock sentiu ondas nauseantes de dor se espalharem pelo tórax. Arquejou. Matty, sensato, não falou nada. Talvez nem pudesse. Talvez estivesse inconsciente.

Os homens que os haviam capturado não disseram uma palavra sequer, mas a mensagem era clara: não se mexam, não resistam, fiquem quietos. Qualquer transgressão dessas regras seria castigada.

Apesar de tudo, pelo menos os dois ainda estavam juntos. Isso tinha algum valor. Enquanto permanecesse vivo e em pleno controle dos sentidos e da mente, Sherlock acreditava em sua capacidade de se livrar de quase qualquer situação.

Sua dedução de que os dois haviam sido jogados em uma carroça foi confirmada quando eles se puseram em movimento. Na posição em que Sherlock caíra, sua cabeça estava voltada para a direção em que a carroça seguia. Ele logo analisou tudo de que se lembrava do último minuto. Estivera de frente para Matty no parque e à sua esquerda havia o portão para a Princes Street. Quando o cobriram com o saco, pegaram-no e o levaram com a cabeça virada para a frente e a direita, para *longe* do portão e da Princes Street. Ele fora lançado de cabeça na carroça, então isso significava que, com quase toda a certeza, o veículo se afastava da Princes Street e do centro de Edimburgo.

Durante o trajeto, Sherlock tentou registrar todas as curvas que eles faziam —

em que direção a carroça virava e o tempo aproximado que havia levado desde a curva anterior. O esforço mental de contagem e memorização o ajudou a conter o pânico, e as informações seriam fundamentais se depois ele precisasse refazer o percurso.

Após algum tempo, a carroça parou. Mãos agarraram Sherlock e o puseram mais ou menos de pé. Ele foi jogado no ombro de alguém e levado embora. Ouvia os passos, deduzindo, então, que a pessoa não andava por grama. Seria pedra ou terra batida? O homem que o carregava tropeçou algumas vezes, então talvez fossem paralelepípedos, e alguns deviam estar soltos. Essa informação também poderia vir a ser útil.

Os dedos de Sherlock pareciam estar pegando fogo por causa da falta de circulação de sangue. Sua mente começou a imaginar a pele escurecendo e caindo. Desesperado, ele tentou se obrigar a pensar em outra coisa. Os passos! Haviam mudado: o homem que o carregava agora andava sobre madeira, e a luz que vazava pelas falhas do tecido estava mais escura, mais suave. Ele estava dentro de alguma construção.

O som dos passos no piso mudou, ficou mais oco. Sherlock percebeu também que estava sendo inclinado, com a cabeça acima dos pés. O homem que o levava subia um lance de escadas.

Quando chegaram ao andar superior, Sherlock voltou a ficar nivelado e ouviu mais alguns passos no piso de madeira. No entanto, o som parecia diferente de antes. O assoalho rangia mais, como se não fosse estável.

O homem que o carregava de repente o largou. O menino teve menos de um segundo para se preparar para a queda. Acertou o chão com o ombro esquerdo e gritou. Mordeu a língua de dor e sentiu gosto de sangue.

Outro impacto a seu lado — Matty, recebendo o mesmo tratamento. Ele não gritou, mas Sherlock o escutou gemer.

Algo afiado de metal passou entre as mãos de Sherlock. Antes que ele pudesse reagir, o objeto fez um movimento rápido e as cordas em seus pulsos caíram. No instante seguinte, fizeram o mesmo com as amarras em seus tornozelos.

Ele ergueu as mãos e tirou o saco da cabeça.

Uma luz cinzenta e pálida o ofuscou, e o menino piscou várias vezes. Estava em um cômodo do tamanho da sala de jantar da casa dos tios, mas as semelhanças paravam por aí. Em vez de coberto por tapetes, o piso era de tábuas,

e o reboco nas paredes estava rachado. Uma mancha esverdeada de mofo se espalhava pelos restos descascados do papel de parede. Era possível ver as ripas de madeira pelos buracos do reboco. Faltavam algumas tábuas no piso e fezes de rato se espalhavam pelo chão como minúsculas pedrinhas pretas. O teto estava praticamente sem reboco e as vigas pareciam costelas. O chão tinha poças d'água formadas pelas chuvas que se infiltraram pelo teto esburacado, contribuindo para o aspecto de descaso e decadência do ambiente.

Quando Sherlock tentou se ajoelhar, o jornal caiu do seu bolso sobre o piso apodrecido. Ele viu a palavra *Cramond* escrita na margem. Olhou para cima, horrorizado. Havia três homens diante de uma janela quebrada. Dois se encontravam de pé, e o terceiro estava sentado no meio deles e tinha as mãos apoiadas em uma bengala na frente do corpo, mas a luz que os envolvia fazia-os parecer bonecos de palito rabiscados com carvão em um papel. Sherlock forçou a vista, tentando enxergar o rosto dos três, mas não adiantou. A luz era forte demais.

Matty estava encolhido a poucos metros dele. Um saco semelhante ao que cobrira Sherlock continuava preso em volta da cabeça e dos ombros do amigo. Por um instante, Sherlock não percebeu qualquer movimento, e, com um aperto angustiante no coração, pensou se o amigo estaria morto, mas então viu que Matty respirava devagar. Ele estava vivo, provavelmente apenas desmaiara.

Considerando a suspeita de Sherlock quanto ao que aconteceria nos minutos seguintes naquele cômodo, desmaiar parecia uma boa opção.

Ele olhou além de Matty. Havia uma cadeira ao lado dos três sujeitos. Rufus Stone estava amarrado a ela. O homem olhou para Sherlock e sorriu. O gesto teria sido mais tranquilizador se Rufus não estivesse com a testa e as faces inchadas e os dedos ensanguentados. Parecia que haviam sido tratados com alicate.

— Permita-me explicar o processo — disse uma voz baixa, quase delicada. Sherlock achou que pertencia ao homem do meio. O sotaque era semelhante ao de Amyus Crowe; obviamente, o sujeito era americano. — Não sinto qualquer remorso quanto a machucar crianças. Já fiz isso antes, e farei de novo. Não é algo que me agrada, mas, caso necessário, causarei imensa dor a você para obter o que desejo.

— E o que você deseja? — perguntou Sherlock. — Não tenho dinheiro algum.

O homem não riu, mas Sherlock percebeu um toque de humor na sua voz quando ele respondeu:

— Seu dinheiro não me interessa, menino. Tenho tanto dinheiro que nem sei onde gastá-lo. Não, quero informações sobre seu amigo Amyus Crowe e a filha dele, e isso é algo que você *tem*.

— Não sei de nada — disse Sherlock, tentando demonstrar o máximo possível de convicção.

Ele estreitou os olhos, tentando identificar alguns traços no rosto ou nas roupas do sujeito apesar da luz intensa que o cercava. Só conseguiu ver que a bengala em que o homem apoiava as mãos tinha uma cabeça grande e estranha.

— Então você morrerá em agonia. Simples assim. Você está prestes a sentir muita dor, mas, quanto mais respostas verdadeiras me der, mais tempo viverá e menos dor sentirá. Agora, tenho uma série de perguntas a lhe fazer. São muito simples. Você as responderá com a mesma simplicidade, sem tentar mentir ou esconder a verdade.

O olhar de Sherlock parou no jornal. Ele precisava impedir que o homem o visse.

— O que acontece se eu não souber as respostas? — perguntou, pensando desesperadamente no que fazer.

O menino tirou os olhos do jornal de repente. Ficar olhando para baixo poderia chamar a atenção deles.

— Boa pergunta — concordou o homem —, e já refleti sobre ela em diversas ocasiões no passado. Como você deve imaginar, já realizei muitos, muitos interrogatórios como este. Felizmente, tenho uma solução. Entenda, nós o temos observado há algum tempo. Para várias perguntas que lhe farei, sei que você sabe a resposta. Para várias perguntas que lhe farei, *eu* já sei as respostas. Você, contudo, não sabe o que eu sei. Não pode correr o risco de mentir... Isto é, a menos que goste de dor. A melhor alternativa é me dizer a verdade. São poucas as chances de você me enganar, porque em algumas perguntas eu saberei, com certeza absoluta, se você mentir, ainda que diga "Não sei". As regras estão claras?

Sherlock pensou por um instante. A maneira como o homem calmo apresentara o problema era elegante e simples. Se o menino decidisse enganá-lo ou alegar ignorância, havia uma chance estatística de ser desmentido. O que Sherlock não sabia era a quantidade de perguntas que o homem faria e a

quantidade de respostas que já conhecia. Se essas quantidades fossem dez e uma, respectivamente, Sherlock talvez tivesse chance de preservar o segredo do esconderijo de Amyus Crowe. Se fossem dez e cinco, a chance seria bem menor.

Sua mente lógica sondou o problema por todos os lados, tentando encontrar alguma brecha, mas era impossível. O homem que faria as perguntas estava em vantagem. Havia pensado em tudo.

— Você entendeu as regras? — indagou o sujeito. Sua voz estava tão delicada quanto antes. — Não vou perguntar de novo.

— Sim, entendi — respondeu Sherlock, movendo o pé para o lado como se tentasse se ajeitar para uma posição mais confortável.

Ele conseguiu empurrar o jornal para uma das poças d'água formadas pela chuva que havia entrado pelo teto arruinado.

O homem virou a cabeça ligeiramente, de modo a olhar para Rufus Stone, e algo na maneira como a luz iluminou o rosto dele intrigou Sherlock.

— Desnecessário dizer — acrescentou ele — que não vou tolerar interrupções. Está claro?

Stone balançou a cabeça machucada e ensanguentada, mas Sherlock, muito preocupado com o que acontecia ao jornal, não prestou atenção ao amigo. A água começava a encharcar as folhas, mas uma mão ágil poderia tirá-las da poça.

Sherlock arriscou uma olhada. A tinta começara a ficar borrada, apagando as letras que ele escrevera nas margens. Em alguns minutos até a letra impressa seria indecifrável. O menino deu um suspiro de alívio e voltou sua atenção para o rosto do homem calmo, tentando determinar se ele vira algo. Sherlock de repente se deu conta do fato de que havia algo *errado* com a pele do sujeito. Parecia ser cheia de marcas, mas ele não conseguia distingui-las.

— Então vamos começar.

O homem ergueu uma das mãos que estava apoiada na bengala. Espantado, Sherlock percebeu que a cabeça do objeto era uma caveira dourada brilhando à luz que entrava pela janela, mas só conseguiu vê-la por um segundo, porque logo depois os outros dois homens ficaram na frente. Eles passaram por cima do corpo inerte de Matty, pegaram Sherlock pelos braços e o puseram de pé. As tábuas do piso rangeram e se curvaram sob seu peso.

Cada um segurava uma corda com um nó corredio na extremidade. Um dos homens — o de rabo de cavalo e sem orelha — passou o laço pela cabeça do

menino e o apertou no pescoço dele. Jogou a outra extremidade da corda por uma das vigas expostas do teto e puxou com força. Rufus forçou as amarras em protesto, mas o homem que estava mais perto dele lhe deu uma bofetada com o dorso da mão, indiferente. O violinista caiu para trás, gemendo.

Sherlock sentiu a corda se apertar embaixo do queixo, sufocando-o. Por instinto, ficou na ponta dos pés para tentar aliviar a pressão, mas o outro homem — o das marcas de varíola — passou o laço da corda que segurava por baixo dos pés do menino e o apertou na altura dos tornozelos.

— Sugiro — disse o homem calmo, com um tom de voz tranquilo e razoável, o tipo de voz que um vigário usaria ao pedir uma xícara de chá — que você se segure bem na corda acima de sua cabeça. Dentro de alguns segundos, sua vida vai depender de quão firme você conseguirá se segurar. E também, é claro, da sinceridade de suas respostas.

O homem que segurava a corda no pescoço de Sherlock puxou-a de repente. O nó se apertou, tirando os pés de Sherlock do chão. O menino se agarrou desesperadamente na corda acima da cabeça, para tentar não sufocar. As fibras da corda eram ásperas, mas ele sentia as mãos começarem a suar e sabia que, se escorregasse, acabaria pendurado pelo pescoço e se enforcando.

Seus pés balançavam no ar a centímetros do chão. O homem puxou com mais força, e Sherlock subiu mais, agarrando-se na corda. Sua visão estava ficando avermelhada, mas ele ainda pôde ver a silhueta do homem que segurava a corda atravessar o cômodo e amarrá-la em uma ripa exposta.

— Agora — disse o homem calmo —, vamos começar. — Ele pigarreou. — Qual é a natureza de sua relação com Amyus Crowe?

— Não... conheço... ninguém... com... esse... nome...! — respondeu Sherlock, arquejando em meio a preciosas golfadas de ar.

— Ora, sei que isso é uma evidente mentira — falou o homem calmo.

Ele ergueu a mão um centímetro acima da bengala. Quando Sherlock olhou para baixo, viu o homem que prendera sua perna se agachar, estender o braço para trás e pegar das sombras uma pedra do tamanho da cabeça do menino. A pedra estava enrolada em um barbante, e havia um anzol preso na extremidade. O homem ergueu a pedra com a mão e passou o anzol na corda em torno dos pés de Sherlock. E então soltou a pedra.

O peso de repente se transferiu para a corda e, portanto, para os pés de

Sherlock, puxando-o para baixo, esticando seus músculos e tendões e aumentando a pressão do nó em seu pescoço. O menino se agarrou com ainda mais força na parte de cima da corda, lutando desesperadamente para não sufocar.

— Partindo do pressuposto de que você seja dotado de uma burrice inata e não tenha entendido as regras — disse o homem calmo —, repetirei a pergunta. A penalidade em caso de mentiras deve estar óbvia agora. Como você com certeza já concluiu, eu *sei* a resposta a esta pergunta: qual é a natureza de sua relação com Amyus Crowe?

— Professor! — falou Sherlock, arfando.

— Ótimo. Obrigado. — Uma pausa. — Agora, a segunda pergunta: onde Amyus Crowe está agora?

A visão de Sherlock estava se reduzindo a um túnel embaçado. Ele sentia o sangue pulsando nos ouvidos, mas a pergunta ainda reverberava em sua cabeça. Ele não podia respondê-la — definitivamente não podia respondê-la! Mas se não o fizesse...

Ele não tinha escolha. Não podia entregar Amyus e Virginia.

— Não... sei... — disse, arquejante.

O homem calmo suspirou.

— Outra mentira. Você não teria vindo tão longe se não soubesse onde seu professor está. Você é teimoso ou apenas idiota?

Ele ergueu a mão mais uma vez, apenas um centímetro acima do joelho.

Desesperado, Sherlock tentou dar um chute na cabeça do homem agachado, mas a pedra em seus tornozelos era pesada demais. O homem estendeu a mão para as sombras e pegou outra pedra do mesmo tamanho. Esta também estava amarrada com um barbante e um anzol.

A corda já estava forçando o queixo de Sherlock para cima. Seus dedos começavam a ficar com câimbra. Ele não sabia quanto tempo ainda aguentaria sustentar o corpo e evitar a morte.

O homem aos pés de Sherlock prendeu o anzol na corda e soltou. A pedra bateu na que já estava pendurada. Sherlock sentiu como se seu peso tivesse dobrado desde que a corda fora amarrada em seu pescoço. Os músculos em seus ombros e braços tremiam com o esforço. Seu coração batia com força no peito, e sua visão se reduzira a um círculo do tamanho de uma moeda no meio de uma

escuridão avermelhada. A corda em seus pés feria sua pele, e o peso parecia prestes a deslocar suas pernas das articulações. O homem agachado aos pés de Sherlock se mexeu, e o menino ouviu o som distinto das tábuas do piso rangendo sob o peso do homem. Da mesma forma, o sujeito que prendeu a corda na cabeça de Sherlock deu um passo para a direita, e mais uma vez Sherlock ouviu as tábuas do assoalho rangerem sob o peso do capataz. Mesmo com a audição prejudicada pelo alucinante pulsar do sangue, Sherlock percebeu no rangido um sinal de que a madeira talvez pudesse se estilhaçar subitamente. As tábuas eram velhas e estavam podres. O menino teve uma ideia.

No entanto, precisaria acertar o tempo exato; caso contrário, não funcionaria.

— Você parece realmente incapaz de entender sua situação atual — disse o homem calmo. Sua voz parecia vir de muito longe. — A dor já deve ser imensa, e duvido que você sobreviva a mais uma ou duas perguntas. Admiro muito sua resistência, mas seus amigos valem mesmo o tormento? No fim das contas, eles morreriam por você?

Sherlock precisou obrigar as palavras a passar uma de cada vez pela garganta comprimida.

— Não... importa... o... que... eles... fariam. — Ofegou em busca de ar. — Importa... o... que... eu... faço!

— Ah, um homem de princípios. Uma raridade... inútil. — O homem calmo suspirou. — Perguntarei de novo, e desta vez sugiro que você me dê uma resposta aceitável. Onde Amyus Crowe está agora?

— Não... *sei*! — grunhiu Sherlock.

O homem calmo ergueu a mão mais uma vez. A cabeça de Sherlock estava tão inclinada pelo peso das pedras a seus pés e pela pressão do laço em seu pescoço que ele não conseguia olhar para baixo, mas ouviu o barulho de atrito da rocha na madeira quando o sujeito agachado pegou outra pedra das sombras. Quantas havia ali?

Um instante de silêncio, enquanto o homem prendia a pedra à corda e em seguida a soltava. A dor súbita do choque foi tão grande que era como se o próprio Amyus Crowe estivesse puxando as pernas de Sherlock. Os braços do menino estavam prestes a serem deslocados do ombro enquanto ele tentava desesperadamente se segurar à corda para evitar que o peso do corpo fosse sustentado pelo laço no pescoço. Mesmo assim, a corda apertava sua garganta

com tanta força que ele mal conseguia respirar. O problema era que ele precisava piorar a situação para poder escapar.

Com o último vestígio de energia que lhe restava, Sherlock firmou a mão direita na corda, acima da cabeça, e flexionou os músculos do braço com a maior força possível. E então soltou a mão esquerda.

De repente, o peso inteiro de seu corpo e das três pedras estava sendo sustentado pela sua mão direita e seu pescoço. Antes que seus dedos escorregassem pela corda e deixassem o peso todo recair apenas no pescoço, Sherlock baixou a mão esquerda e a enfiou no bolso da calça. Seus dedos se fecharam em torno do cabo da faca de Matty — o canivete que ele usara para furar o tanque no curtume de Josh Harkness e com a qual o próprio Sherlock ligara os furos na parede do chalé de Amyus Crowe, formando uma seta. Ele tirou a faca do bolso e, com um movimento rápido do pulso, abriu a lâmina. Sentindo — e não vendo — que os homens que o cercavam se aproximavam para impedi-lo de fazer o que quer que ele pretendesse, o menino ergueu o braço e traçou um arco no ar com a faca.

A lâmina atravessou a corda logo acima de sua cabeça. De repente, o laço em seu pescoço ficou menos apertado e ele caiu, sentindo os pulmões se encherem de ar puro e fresco como água de nascente. As pedras bateram no assoalho. Em uma fração de segundo os pés de Sherlock atingiram as pedras. O peso delas, somado ao do seu corpo e dos homens que já estavam junto dele, foi demais para a madeira apodrecida, que rachou e se partiu, abrindo um buraco pelo qual os três caíram até o andar inferior.

Sherlock contorceu o corpo ao desabar, recolhendo os joelhos para cair em cima dos homens. Ao cair, sentiu a madeira do piso ralar sua pele. O barulho dos homens atingindo o piso foi como o de uma explosão. A madeira cedeu com o impacto súbito, fazendo-os cair na terra úmida abaixo. Assustados pela luz repentina, ratos e baratas fugiram para todos os cantos.

Desajeitado, Sherlock puxou a corda no pescoço desesperadamente. O nó afrouxou, e ele conseguiu tirá-la por cima da cabeça e jogá-la de lado.

O menino alternou o olhar entre os homens e o buraco que ele havia criado no andar de cima, mas os sujeitos apenas gemiam e se retorciam de dor, e ninguém apareceu em cima do buraco para olhar para baixo.

Ele afrouxou o nó em torno dos pés. A corda apertada fizera sua pele inchar, e

ele desconfiava de que o mesmo acontecera no pescoço, mas não se importava. Estava livre!

Ele se levantou, mas logo em seguida caiu. Suas pernas não aguentaram o peso. Ele sabia, no entanto, que não podia ficar ali no chão, então tentou outra vez. E mais uma. Era apenas uma questão de força de vontade, Sherlock dizia a si mesmo. Seu corpo faria o que ele mandava, não o contrário.

Na quarta tentativa, as pernas ficaram mais ou menos firmes, exceto pelo tremor dos músculos. O menino respirou fundo e cambaleou pelo cômodo até a escada. Nem pensara em fugir da casa. Matty e Rufus estavam lá em cima, indefesos e vulneráveis. Ele precisava resgatá-los, por maior que fosse o risco.

Subir a escada talvez tenha sido a parte mais difícil. Seus músculos berravam por causa do esforço, e ele quase desmaiou duas vezes. Quando chegou ao topo, estendeu a faca na frente do corpo e entrou no cômodo onde havia sido torturado, pronto para lutar, mas o homem calmo havia ido embora. Desaparecera. Sherlock não entendeu como ele havia saído — a janela estava fechada e o único outro acesso era a escada por onde ele havia acabado de subir —, mas o sujeito fugira. Só restavam Rufus Stone e Matty.

Matty continuava encolhido, com a cabeça coberta. Sherlock olhou para Rufus — ensanguentado, mas sorridente —, que apontou com a cabeça para Matty.

— Cuide dele antes, rapaz — disse. Sua voz saía como se sua boca estivesse cheia de castanhas, o que Sherlock supunha ser o resultado da surra recebida. — Sinto como se tivesse lutado vários rounds com um pugilista sem luvas e, acredite em mim, já passei por essa experiência, mas estou bem. O menino não se mexeu desde que foi jogado ali. Talvez precise de ajuda. — Ele balançou a cabeça em admiração. — Foi uma improvisação incrível aquela, aliás. Se eu chegar aos cem anos, o que, a propósito, tenho grande intenção de fazer, duvido que volte a ver algo semelhante.

Sherlock foi até Matty e se ajoelhou. Preocupado com o que poderia encontrar, estendeu as mãos com cautela e puxou o saco de cima da cabeça do amigo. Os olhos cinzentos e azulados de Matty o encararam, impressionados.

— Você está bem — sussurrou Sherlock.

— Eu sempre tô bem.

— Achei que... você não se mexia, então...

Matty sorriu.

— Aprendi que, em situações como esta, o melhor a fazer é imitar um porco-espinho: se encolher todo e esperar as coisas se acalmarem. Se isso não der certo, então imite um texugo: ataque tudo loucamente, mordendo e arranhando o máximo possível.

Sherlock o ajudou a se levantar, e os dois libertaram Rufus das amarras. Sherlock estava preocupado com a quantidade de sangue nas mãos, no rosto e na camisa de Rufus, mas o violinista não se inquietou.

— Já fiquei pior caindo de telhados — disse ele —, mas terei que ficar algum tempo sem tocar violino com *pizzicato*. O que aconteceu com aqueles dois brutamontes? Eles devem voltar?

Sherlock se aproximou cuidadosamente do buraco no chão, ciente de que o restante do piso poderia desabar a qualquer momento, e olhou para baixo. Os homens continuavam caídos no buraco que o corpo deles havia criado. Eles gemiam, mas parecia que não sairiam dali tão cedo.

— Estou vendo os dois — respondeu Sherlock —, mas acho que não precisamos nos preocupar. Pelo menos não por enquanto.

— Tudo bem. Sherlock, minha admiração por você é infinita.

— O que aconteceu, Rufus? — perguntou Sherlock. — Perdemos você em Newcastle.

Rufus fez uma careta.

— Eles estavam nos seguindo desde Farnham — respondeu. — Pelo que ouvi, encontraram o chalé de Amyus Crowe vazio e deixaram alguém de vigia para o caso de o homem voltar. Foi aquele camarada de rabo de cavalo e sem orelha.

Sherlock franziu o cenho.

— Não o vi lá. E olhe que vasculhamos a casa toda.

— Ele estava escondido em algum lugar do lado de fora. Havia feito um buraco na parede e ligado um tubo acústico do chalé até seu esconderijo, passando por baixo da terra. Ouviu tudo que vocês disseram.

— Um tubo acústico? — perguntou Matty, confuso.

— Algo como o que o comandante de um navio usa para conversar com a sala de máquinas: um tubo de tecido reforçado e encerado. Se você falar em uma das entradas, alguém na outra ponta ouve claramente a centenas de metros de distância.

— Quem diria? — murmurou Matty, mas Sherlock estava se recriminando.

Ele vira um tubo assim saindo do chalé de Amyus Crowe, mas não dera importância àquilo na ocasião. Agora, jurou nunca mais ignorar qualquer coisa que parecesse deslocado ou estranho.

— Ele os ouviu na casa — continuou Rufus —, depois saiu atrás de vocês e os escutou falando de Edimburgo. — Rufus balançou a cabeça em lamentação. — Depois de avisar a seus compatriotas, só precisaram nos seguir até a estação de King's Cross e pegar o mesmo trem. Decidiram capturar um de nós em Newcastle para descobrir onde exatamente Amyus Crowe estava escondido em Edimburgo, se é que você havia acertado e ele estava de fato na cidade. — Rufus olhou para as próprias mãos ensanguentadas; tinha uma expressão triste no rosto. — Eles descobriram que eu não sabia nada além do fato de que ele estava em algum lugar por aqui, então me mantiveram em silêncio e me trouxeram junto caso pudessem me usar contra vocês. Estávamos no mesmo trem que vocês, mas o líder, o que fez as perguntas, havia reservado uma cabine inteira, para que não fôssemos incomodados, e eles esperaram até a plataforma ficar vazia para desembarcar. Quando chegamos a Edimburgo, arranjaram um lugar para montar a base de operações e deram um tempo para que vocês entrassem em contato com o Sr. Crowe, ou ele com vocês. Hoje de manhã resolveram raptá-los para descobrir se vocês sabiam mais do que eu. E, pelo visto, não sabem.

— Na verdade — disse Sherlock —, sabemos sim. — Ele olhou para o jornal no chão, agora uma massa encharcada. Mas não tinha problema: ele havia decorado a mensagem. — O que ainda não sabemos é por que eles estão atrás do Sr. Crowe. — Sherlock fitou as mãos de Rufus. — Você... você vai poder voltar a tocar violino?

— Preocupado com suas aulas? Nada de reembolso, camarada. — Rufus ergueu as mãos diante do rosto e tentou dobrar os dedos. Fez uma careta de dor, mas continuou flexionando-os. — Os músculos e tendões estão intactos. Os cortes e inchaços vão sarar com o tempo. Não vou arriscar nada de Paganini tão cedo, mas o restante do repertório está à minha disposição.

Sherlock olhou em volta.

— O que aconteceu com o homem que fazia as perguntas? O que tinha a bengala com uma caveira dourada?

Rufus franziu a testa.

— Ele não passou por você? Achei que tivesse descido pela escada.

— Não o vi. — Sherlock se lembrou da mão do sujeito, iluminada pela luz da janela, e acrescentou: — Qual era o problema da pele dele?

— Ah, você percebeu? — Sherlock assentiu, e Rufus explicou: — Ele tinha tatuagens no corpo inteiro. Rosto, pescoço, mãos, braços... tudo.

— Que tipo de tatuagens? — perguntou Sherlock.

— Nomes — respondeu Stone. — Nomes de pessoas. Alguns em tinta preta, outros, em vermelho. Na testa havia um maior que os outros, em vermelho. — Ele ergueu o olhar para Sherlock. — Era o nome de Virginia Crowe.

Capítulo onze

O CORAÇÃO DE SHERLOCK GELOU, mas, antes que pudesse perguntar a Rufus por que o nome de Virginia estaria escrito na testa do homem calmo, o músico ergueu uma sobrancelha, como se subitamente tivesse acabado de entender algo que fora dito alguns segundos antes.

— Então vocês sabem onde Amyus Crowe está?

— Ele publicou uma mensagem no jornal — respondeu Matty. — Tava em código, mas a gente decifrou.

Sherlock olhou para o menino e ergueu uma sobrancelha pelo "a gente", mas Matty apenas abriu um sorriso inocente.

— Bom trabalho. — Rufus olhou em volta. — Precisamos sair daqui antes que nosso amigo volte.

Os três desceram a escada e atravessaram o cômodo do térreo, desviando-se dos dois brutamontes que continuavam gemendo e se retorcendo de dor.

Rufus parou e os encarou por um instante. Um brilho em seus olhos sugeria que ele pensava em retribuir um pouco da dor que os dois haviam lhe causado, mas ele se virou e continuou andando.

— Poderíamos interrogá-los — falou, pensativo, como se ainda estivesse tentado pela ideia —, mas eles parecem difíceis de dobrar.

— Não sei — disse Matty, acompanhando o olhar dele. — Já parecem bastante dobrados.

Rufus os conduziu para o ar livre. O céu encoberto parecia revestido por uma película metálica, espalhando uma luminosidade sombria sobre a paisagem. Sherlock olhou em volta, curioso. Presumira que tivessem sido levados para uma casa, mas, ao ver o edifício de onde saíram e os outros que o cercavam, percebeu que se enganara. Os prédios, um colado no outro, eram estreitos e tinham seis andares. Os quarteirões eram divididos por becos apertados que pareciam trilhas retas entre penhascos verticais. No nível do térreo havia portas e mais portas,

uma ao lado da outra, e nos andares superiores havia janelas, das quais mais da metade estava sem vidro. Os edifícios pareciam vazios e sem alma, mais próximos de formigueiros do que de lugares habitados por pessoas.

— O que são esses prédios? — perguntou Sherlock.

Curiosamente, foi Matty quem respondeu:

— Cortiços — disse ele. — Eu me lembro da última vez que passei por aqui. Tem em todo canto. São lugares baratos onde mora gente pobre, mas a pessoa acaba ficando com apenas dois cômodos, empilhados junto dos cômodos de outras pessoas como se fossem gaiolas de passarinho. Os cômodos são todos iguais: portas iguais, reboco igual, janelas iguais. Quem mora tenta dar uma personalizada, com cortinas, vasos e coisas assim, mas é que nem botar um pedaço de fita para decorar um caixote empilhado com um monte de outros. Só mostra como tudo é sem graça. — Matty fungou. — E cheira a repolho cozido.

— O lugar parece deserto — comentou Rufus. — Uma base de operações perfeita para nossos captores de além-mar. Como será que eles descobriram isto?

— Quando eu vim aqui antes — continuou Matty —, ouvi um boato de que as autoridades tavam tentando tirar as pessoas dos cortiços. Parece que queriam vender o terreno para construir fábricas, mansões ricas ou algo do tipo. As pessoas com quem eu falei me disseram que as autoridades espalhavam um boato de que uma doença, como tuberculose ou a peste, tinha se espalhado pelo cortiço. Eles levavam todo mundo para um abrigo e então demoliam o cortiço e construíam outra coisa no terreno. E nisso eles ganhavam muito dinheiro. — Matty baixou o tom de voz até um sussurro. — Ouvi que, às vezes, se não tinha vaga nos abrigos, eles levantavam um muro para fechar os acessos dos cortiços e deixavam as pessoas lá dentro morrerem de fome, mas não acredito nisso.

— O problema — disse Rufus, pensativo — é que não fazemos ideia de onde estamos, não temos como ir embora daqui e não podemos pedir ajuda a ninguém.

Sherlock olhou em volta. Ainda tinha no bolso o mapa, mas não serviria de nada.

— Acho que nos carregaram até o prédio a partir dali — disse ele, apontando para um beco entre dois edifícios. — Não fizeram nenhuma curva, e esse é o único caminho reto.

— A carroça já deve ter sumido — comentou Matty, sério. — Aquele cara que

tava fazendo as perguntas deve ter ido embora nela.

Rufus balançou a cabeça.

— Ele tinha a própria carruagem. Foi assim que me trouxe para cá. Só ele e um condutor, que ficou esperando por ele dentro do veículo.

— Como os dois homens que nos sequestraram no parque ainda estão no cortiço — concluiu Sherlock —, a carroça ainda deve estar lá.

Os três se entreolharam por um instante, depois seguiram às pressas para o beco que Sherlock indicara. O beco se abria para uma rua de terra batida que levava para longe dos cortiços. Do outro lado da rua, alguns cavalos magros e fracos pastavam em um terreno baldio coberto de mato. Sherlock não resistiu ao impulso de comparar a cena com o chalé de Amyus Crowe em Farnham: um local bonito e rústico junto a um campo onde Sandia, a égua bem-cuidada de Virginia, pastava feliz. Ali, porém, tudo parecia uma inversão sombria daquele lugar que ele conhecia: sequências de edifícios idênticos com aspecto de prisões ficavam junto de uma faixa de terreno árido onde alguns cavalos, que pareciam irmãos esquecidos de Sandia, haviam sido deixados para morrer.

Ao olhar para uma das portas dos cortiços, Sherlock percebeu movimento. Estreitou os olhos, tentando ver o que era. Uma cortina balançando ao vento? Um pombo ou uma gaivota se acomodando no ninho?

Algo branco se mexeu na escuridão depois da porta. Dessa vez, Sherlock percebeu rapidamente que era uma caveira. As cavidades oculares profundas, a superfície careca da cabeça, as proeminências marcadas da face e o sorriso sinistro — outro morto o encarava!

A figura recuou para a penumbra antes que Sherlock pudesse chamar a atenção de Matty ou Rufus Stone. O menino observou a sequência de portas desesperadamente. Será que estava *mesmo* enlouquecendo? A maioria das portas estava vazia, mas... sim, ali! Havia outra figura esquálida e branca nas sombras, observando-o. Mas a figura recuou para a escuridão assim que percebeu que havia sido vista.

Aquelas criaturas tinham alguma relação com os americanos que os haviam capturado ou seriam alucinações, fruto de uma mente fragilizada?

Ele olhou para Matty e viu que o menino também encarava a porta do cortiço. Virou-se para Sherlock.

— Você viu aquilo? — perguntou Sherlock, desesperado.

Matty assentiu.

— Eram os mortos ambulantes, não eram? Eles estão nos seguindo. Eles *querem* a gente.

— Não acredito que mortos possam andar.

— Por que não?

— Você já viu coelhos mortos em açougues e peixes mortos em barracas nos mercados?

— Já. E daí?

— Eles nunca se mexem. Jamais. Quando alguém morre, a chama vital desaparece. Some. Só resta a carne, e a carne se decompõe. Animais mortos não voltam à vida, então pessoas mortas também não.

Matty não pareceu se convencer.

— Não tenho tempo para discutir com você — disse ele.

— Vamos! — gritou Rufus. — Precisamos sair daqui antes que eles voltem!

Havia uma carroça parada à beira do caminho, o cavalo preso a uma árvore mirrada. O animal parecia em condições muito melhores do que os que pastavam do outro lado da rua.

— Aquilo — disse Rufus — vai nos levar para casa... quer dizer, se ao menos soubéssemos como chegar lá.

— Eu decorei o caminho — respondeu Sherlock. — Posso comparar os tempos e inverter as curvas, e assim refazer a rota até o hotel.

— Mas precisamos cobrir sua cabeça com um saco — murmurou Matty. Ele olhou para Sherlock e sorriu. — Para que seja igual à viagem para cá. Senão, você talvez erre o trajeto.

Os meninos subiram na caçamba da carroça, e Rufus se acomodou no assento do condutor. Ele tentou agitar as rédeas, e o cavalo começou a trotar como se alguém tivesse disparado uma arma. O animal não parecia gostar de estar perto dos cortiços.

Sherlock se levantou atrás dos ombros de Rufus, segurando-se em uma tábua, e tentou inverter o caminho que eles haviam feito. O menino presumiu que a carroça seguia mais ou menos na mesma velocidade, então só precisava se lembrar das curvas e do tempo aproximado e inverter a sequência e, claro, a direção. Para cada curva que eles haviam feito à direita saindo do centro da cidade para os cortiços, precisariam agora fazer uma à esquerda para voltar.

Ele sentia o pescoço latejar, e seus tornozelos estavam em carne viva por causa da corda. Cada vez que respirava, sentia um aperto na garganta, como se a cartilagem tivesse sido empurrada para dentro. No entanto, pior do que as dores físicas era a sensação de impotência que o tomara quando ele estava pendurado no quarto do cortiço. Ele já havia corrido risco de morte antes, mas sempre acreditara que seria possível fazer algo, lutar de alguma forma. Até se lembrar da faca que trazia no bolso — da faca de *Matty* —, ele estivera completamente à mercê do homem calmo. Estivera a segundos de uma morte lenta e dolorosa.

Se não tivesse ficado com a faca de Matty, se seu amigo não tivesse falado para ele guardá-la, não teria conseguido escapar. Estaria morto.

A sobrevivência podia depender de circunstâncias tão triviais como essa. A ideia o incomodava. Ele olhou para Rufus, que também estava ferido, e se perguntou se ele também pensava nessa questão.

Levaram meia hora, e duas curvas na direção errada, até chegarem ao parque na Princes Street.

— Certo — disse Rufus. — Para onde agora?

Sherlock olhou para Matty.

— Você quer falar? — desafiou ele. — Afinal, *a gente* descobriu.

— Não. — Matty sorriu. — Pode falar.

— Eles estão escondidos em um lugar chamado Cramond. Já procurei no mapa e sei o caminho. Devemos levar mais ou menos uma hora para chegar lá.

— Vamos comer alguma coisa antes — disse Stone —, e tomar um banho. Não sei quanto a vocês, mas estou faminto.

Depois que eles comeram e se lavaram, Matty surrupiou um cachecol de algum lugar, e Sherlock o enrolou no pescoço para cobrir as marcas. Então, seguindo as direções de seu aluno, Rufus guiou a carroça para fora da cidade. Demorou um pouco até deixarem as casas para trás e entrarem na região rural, e durante mais ou menos meia hora Sherlock sentiu a presença da forma escura do Castelo de Edimburgo se erguendo acima deles, empoleirado em seu imenso monte rochoso. O céu cinzento e pesado refletia o estado de espírito de Sherlock. O que havia começado como uma aventura para encontrar seus amigos agora parecia algo muito mais sombrio e desagradável. Alguém queria ferir Amyus Crowe, com certeza. A pergunta era: por quê? No entanto, qualquer que fosse o motivo, Sherlock parecia ter indicado o caminho até ele sem querer. Agora, o máximo

que podia fazer era chegar a Amyus Crowe antes que seus inimigos descobrissem seu paradeiro.

Sherlock olhou para trás na estrada. Queria conferir se havia alguém a cavalo, ou alguma carroça ou carruagem acompanhando-os de longe mas sem nunca ficar muito para trás. Não viu nada, mas achou que precisaria fazer algo mais para identificar um possível perseguidor. Em duas ocasiões, pediu que Rufus guiasse para fora da estrada e escondesse a carroça atrás de um celeiro por vinte minutos enquanto ele próprio observava atentamente cada veículo ou cavaleiro que passava. Não reconheceu ninguém, e nenhum passante demonstrou confusão por ter perdido de vista alguma pessoa que estivesse seguindo.

A certa altura, enquanto o trio esperava, Sherlock inclinou-se para Rufus.

— Achei que você tivesse sido capturado pela Câmara Paradol, lá no trem — disse ele.

— Por que você pensou isso? Não vimos nem ouvimos um pio deles desde Moscou... tirando aquela tentativa de fazer com que você fosse diagnosticado como louco e internado.

Sherlock fez uma careta ao lembrar.

— Acho que vi o Sr. Kyte na estação de Newcastle. Ele estava atrás de um monte de bagagem, olhando para mim. — O menino hesitou, sentindo um aperto no peito. — Achei que a Câmara Paradol talvez tivesse decidido se vingar de alguma forma por termos estragado seus planos. Acho que eles ainda querem acertar as contas comigo, e com você.

— Seja como for — disse Rufus, dando de ombros —, não vi o Sr. Kyte na estação. Se tivesse visto, teria pegado aquela barba ruiva enorme e a enfiado toda pela goela dele. Um conselho, Sherlock: nunca confie nos ruivos, seja homem ou mulher. Eles nasceram para causar problemas.

— Virginia é ruiva — comentou Sherlock.

Rufus se virou para o menino e o fitou com uma expressão de advertência.

— Nesse caso, meu amigo, você tem um problema.

Pouco à vontade com o rumo que a conversa tomara, Sherlock disse logo:

— O que você acha que essas pessoas querem com o Sr. Crowe?

— O mesmo que você parece achar que a Câmara Paradol quer conosco: vingança.

— Mas o que o Sr. Crowe fez para eles?

— Amyus Crowe é uma fera complicada — respondeu Rufus. — Por um lado, ele é civilizado, justo e muito educado. Por outro... — Ele hesitou. — Digamos assim: acho que, se descobrirmos mais sobre o passado do Sr. Crowe, talvez não gostemos de tudo o que encontrarmos.

— Ele nos disse que foi um espião da União contra os Confederados durante a Guerra entre os Estados — protestou Sherlock. — E depois disso foi responsável por perseguir e capturar criminosos confederados que haviam saqueado cidades civis durante a guerra.

— Sim — reconheceu Rufus —, ele nos disse isso. Mas não detalhou tudo o que fez para capturar esses criminosos, e não falou quantos ele conseguiu levar à Justiça e quantos acabaram morrendo em tiroteios antes que fossem presos. Lembre-se, Sherlock, Amyus Crowe é um caçador de recompensas. Ele caça homens em troca de dinheiro. — Rufus suspirou. — Só que agora parece que está sendo caçado, e não por dinheiro. Esses homens querem dar o troco.

— Você não gosta dele, não é?

Rufus sorriu.

— Ah, deu para perceber? Não, ele não é o tipo de homem que eu convidaria para se sentar à minha mesa em uma taverna, para tomar uma cerveja e fumar um cachimbo. Acho que não teríamos muito assunto para conversar, mas teríamos muitos motivos para discutir. Tenho um enorme respeito pela santidade da vida humana, e acredito que o Sr. Crowe não precisaria de muito incentivo para tirar a vida de outro homem. E o pior: ele não gosta de música.

Sherlock ficou em silêncio por um momento, digerindo o que Rufus Stone dissera. Não encontrou nenhum erro na lógica nem na maneira como ele descrevera Amyus Crowe, mas também não pôde conciliar as palavras duras com o sorriso amigável que já vira no rosto do Sr. Crowe, nem com a forma como o professor o acolhera e cuidara dele. Será que todas as pessoas eram assim — complicadas e difíceis de serem compreendidas? Em caso afirmativo, o que dizer do próprio Rufus Stone? Ou de Mycroft?

Ou dele mesmo?

Sherlock afastou aquele pensamento. Preferia acreditar que as pessoas exibiam na superfície uma imagem do que eram de verdade.

— Quantos americanos você acha que estão aqui na Inglaterra caçando o Sr. Crowe? — perguntou ele depois de um tempo.

— É impossível saber — murmurou Rufus. — Havia três lá no cortiço. Contando o condutor da carruagem do líder, considerando que ele seja parte do grupo e não apenas alguém contratado para o dia, sabemos que restam dois. O problema é que pode haver outros, que *não* sabemos.

— Tinha dois me carregando — disse Sherlock.

— E dois me carregando — acrescentou Matty.

— Então são no mínimo quatro pessoas ainda à solta. O problema é que, se o líder veio para cá com dinheiro, pode contratar qualquer reforço que precisar, pessoas de qualquer nacionalidade. Em qualquer cidade grande nas Ilhas Britânicas existe gente disposta a matar a própria avó em troca de uma noite de bebida e apostas. — Rufus suspirou. — É muita gente ruim no mundo, e são escassas e preciosas as pessoas boas que as enfrentam.

— Tudo bem — disse Sherlock. — Um homem bom vale por dez ruins.

Matty bufou, e Rufus o encarou com uma expressão cética.

— Se o mundo funcionasse assim, as coisas seriam muito melhores.

— Quando eu crescer — murmurou Sherlock —, vou *fazer* com que sejam melhores.

— Quer saber? — disse Rufus, com um sorriso estranho. — Acho que vai mesmo. Tanto você quanto seu irmão, mas de maneiras radicalmente diferentes.

— Mas, ao contrário de Mycroft, não vou trabalhar para o governo.

— Por que não? — perguntou Matty.

— Não gosto de receber ordens — respondeu Sherlock, sério. — De ninguém. Sei que às vezes é preciso, mas não gosto.

Quando voltaram para a estrada, não havia ninguém à vista. Aparentemente, eles haviam saído da cidade sem serem seguidos.

A paisagem era formada por afloramentos rochosos e porções acidentadas cobertas de vegetação rasteira. O terreno era tão irregular que os trechos nivelados da estrada duravam apenas alguns minutos, e Rufus precisava se desviar do caminho para contornar algumas partes rochosas maiores.

Cramond ficava no litoral: um conjunto de chalés de granito com teto de palha. Os blocos de pedra das casas eram entremeados por camadas de mofo de um estranho tom esverdeado; pareciam aglomerações de algum tipo de alga que, trazida por uma tempestade, proliferara em vez de morrer. O ar cheirava a maresia, e gaivotas guinchavam como bebês abandonados.

Quando a carroça contornou uma colina, Sherlock de repente viu o mar se estendendo abaixo deles. O sol tocava a crista das ondas e as fazia brilhar com um tom hipnótico, pontos de luz dançando diante de um pano de fundo cinzento-esverdeado. As ondas mais próximas da costa quebravam em linhas paralelas de espuma branca que apareciam de repente, flutuavam um pouco e voltavam a sumir.

— Bom, aqui é Cramond — disse Rufus quando eles começaram a descer para o povoado. — Alguma ideia de aonde vamos agora?

— Sempre podemos perguntar se alguém viu um americano grandão de terno e chapéu brancos — sugeriu Matty.

— Acho que ele deve ter se desfeito das roupas chamativas — comentou Sherlock. — E nós dois já o vimos entrar em tavernas e outros lugares e fazer perguntas com um sotaque inglês tão bom que era como se ele tivesse crescido a alguns quilômetros de Londres. Não, o Sr. Crowe é um caçador com a habilidade de se adaptar ao ambiente de tal forma que só é possível reparar nele se ele quiser. A esta altura, já deve estar com um sotaque escocês tão perfeito que convenceria qualquer um de que nasceu em Edimburgo.

— Então repito a pergunta: alguma ideia de aonde vamos agora?

Sherlock pensou por um instante.

— Sabemos que ele quer que *nós* o encontremos, porque nos enviou uma mensagem em código. Então vai deixar um rastro que apenas nós possamos seguir, ou vai presumir que eu consigo descobrir. Não vai ficar no centro do povoado, porque estaria muito exposto. Por mais que ele mude o sotaque e as roupas, não tem como disfarçar a altura. E ele está com Virginia. Então vai arranjar um lugar isolado, e provavelmente vai esconder Virginia. — Sherlock deixou a mente trabalhar livremente nos diversos parâmetros do problema. — Ele não vai alugar um chalé nas estradas principais que entram e saem do povoado — murmurou —, porque seriam grandes as chances de que alguém o visse. Ele preferiria algum lugar alto, para que pudesse ver qualquer um se aproximando de longe, e para que tivesse a vantagem do terreno elevado. Se alguém o encontrasse, teria que se aproximar devagar, subindo, enquanto ele poderia jogar pedras e outras coisas pelo declive. — Sherlock franziu o cenho. — Talvez escolha um lugar no alto de uma colina, para que ele e Virginia possam escapar em qualquer direção se forem atacados, mas isso significa que qualquer

pessoa hostil poderia vir de qualquer lado, enquanto ele só poderia vigiar uma direção de cada vez, ou duas, se Virginia ajudasse. Não: é mais provável que ele tenha escolhido algum lugar perto do topo de uma colina, mas em uma fenda, uma depressão ou algo assim, de modo que qualquer aproximação tenha que ser feita pela frente.

— Isso restringe as opções — disse Rufus. — Podemos perguntar a alguém se há chalés assim por aqui.

— Tem um jeito melhor — disse Matty.

— Como?

— Garotos da minha idade. — Matty apontou para o próprio peito com o polegar, para dar ênfase. — Tem garotos como eu em qualquer cidade ou povoado. Eles vão para todo canto e veem tudo. Não tem como segurá-los. É só acharmos um e darmos uns trocados. Ele vai saber onde o Sr. Crowe tá escondido.

— Melhor ainda — acrescentou Sherlock —, o Sr. Crowe provavelmente está lhes pagando. Ele sabe que esses moleques — o menino lançou um olhar de desculpas para Matty — vão para todo canto e veem tudo. Vai dar um trocado para todos ficarem de olho no caso de alguém desconhecido aparecer. E vão ficar de olho em nós também.

Animados por essa estratégia, eles avançaram para o centro do povoado. Sempre que passavam por um garoto sozinho ou em grupo, com cabelo bagunçado e roupas sujas, Matty pulava da carroça e ia abordá-lo. Sempre voltava balançando a cabeça, dizendo que não conseguira nada, mas Sherlock percebeu que, cada vez que os três se afastavam, o garoto solitário ou alguém do grupo ia embora. Todos iam mais ou menos na mesma direção.

— Devemos seguir algum deles? — perguntou Rufus depois de um tempo.

A carroça estava parada em uma rua de terra perto do centro do povoado.

— Não — responderam Sherlock e Matty juntos.

— Eles devem ter ido avisar algum outro garoto, um mais velho, que centraliza as mensagens — explicou Sherlock.

— E esse vai mandar alguém falar com o Sr. Crowe — acrescentou Matty. — Se a gente chegar perto desse garoto mais velho, só vamos conseguir fazer com que ele dê no pé, e aí voltaremos à estaca zero.

— Considerando a extensão do serviço de inteligência do Sr. Crowe — disse

Sherlock —, é melhor esperarmos aqui. Quando ele receber as mensagens, vai mandar alguém ao nosso encontro.

De fato, passado algum tempo, um menino sujo e desarrumado se aproximou deles. Estava descalço, os pés quase pretos de sujeira.

— Tarde! — disse Rufus, tocando a testa.

— Tenho umas perguntas para fazer a vocês — disse o menino, com um sotaque escocês carregado.

— Vá em frente.

— Qual é o nome do cavalo da guria?

— Guria? — perguntou Sherlock.

— A garota — explicou Matty. — Virginia.

— Ah. — Sherlock falou mais alto. — É Sandia.

— Certo. E qual é o nome do *seu* cavalo?

Sherlock sorriu. Isso acabara virando uma piada entre ele e Virginia.

— Ele ficou um bom tempo sem nome, mas no final batizei-o de Philadelphia.

— Certo — confirmou o menino. — E qual é o *seu* sobrenome do meio?

— Scott — disse Sherlock. — Sou Sherlock Scott Holmes.

— Vamos lá então. Vou levar vocês até onde querem ir. — Quando Rufus agitou as rédeas para fazer o cavalo andar, o menino acrescentou: — Melhor deixar a carroça aqui. Vamos subir ladeira.

Ele conduziu os três por uma trilha fora da estrada e colina acima, pulando de pedra em pedra e de montinho em montinho. Sherlock, Matty e Rufus seguiram-no da melhor forma possível. A trilha era íngreme, e o corpo castigado de Sherlock teve dificuldade para acompanhar o ritmo. Depois de alguns minutos, ele ofegava e sentia algo raspar no fundo do peito. Os tornozelos começaram a doer no ponto onde a corda havia apertado, e em dez minutos as fisgadas se estendiam pelos músculos da panturrilha. Mas ele continuou andando. Não tinha escolha. Percebeu que Rufus estava penando também.

A trilha passava diante de vários chalés espalhados pela encosta da colina, com vista para a cidade abaixo e o mar. De quando em quando, Sherlock olhava a paisagem por cima do ombro. O mar parecia um lençol levemente ondulante — cinzento agora, visto do alto, e não verde como quando ele o vira ao chegar ao povoado —, e era possível ver áreas mais escuras onde, Sherlock supôs, havia depressões súbitas na areia abaixo da superfície. A água tocava a terra ao longo de

um cais de pedra, onde havia uma série de barcos de pesca ancorados, os mastros balançando ao sabor das ondas. De maneira geral, era uma paisagem extraordinariamente pacífica. Apesar da dor nas pernas e no peito, Sherlock sentiu o aperto no coração relaxar de algum modo. Matty parecia sentir o mesmo.

Passaram por uma capela de pedra e um cemitério — o ponto mais alto da área do povoado. Depois disso, começaram a escalar, pelo mato alto e cardos. Os gritos das gaivotas os acompanhavam. Ao olhar para trás, para o mar, Sherlock percebeu que haviam subido tanto que as gaivotas agora voavam abaixo deles.

Depois de vinte minutos de escalada intensa, chegaram a um ponto onde a colina se elevava à direita e à esquerda. Seguiram então por uma garganta estreita no meio, com um aclive ligeiro, cercada de penhascos rochosos imensos pelos dois lados. Olhando por cima do ombro, o menino disse:

— Subida difícil mais adiante. Preparem-se.

Ele tinha razão. Depois de uns trinta metros de aclive constante, por entre os penhascos cada vez mais próximos, os quatro chegaram a um trecho onde o terreno à frente era uma subida íngreme de uns três metros. Não era tão vertical quanto os penhascos de ambos os lados, mas ainda assim era bastante íngreme. A única possibilidade era escalar usando tanto as mãos quanto os pés. Quando chegaram ao topo, Sherlock olhou para trás. Ficou impressionado com a altitude em que estavam. Lá longe viu a linha escura onde o céu cinzento encontrava o oceano, também cinzento.

O caminho continuou cada vez mais estreito até uma curva abrupta à direita, de modo que o final da garganta — se algum dia chegassem lá — ficava oculto. Seguiram escalando, exaustos de tanto esforço.

Depois de alguns minutos, Sherlock olhou para trás mais uma vez. Viu a beirada do trecho que eles haviam escalado com as mãos e os pés, mas, fora isso, não havia mais nada além do céu. A descida era muito íngreme.

Enfim, quando terminaram de contornar a curva na garganta, viram um chalé isolado. Feita com o mesmo granito cinzento e afetada pelos anos de tempestades, a construção parecia ter brotado da colina. Estava encravada em uma fenda em V, onde a garganta terminava de repente, e o chão entre a curva e a fenda estava cheio de pedras variadas que haviam caído dos penhascos ao longo dos anos. Dos dois lados, paredões rochosos se elevavam até o topo da colina. Se

aquele era o esconderijo de Amyus Crowe, tinha a aprovação de Sherlock. A única via de acesso era uma subida, pela frente. Por toda a volta, um paredão rochoso erguia-se pelos lados e por trás. Qualquer pessoa que tentasse descer por ali arriscaria a própria vida.

O menino que os conduzia parou diante das janelas do chalé. Esperou ali, enquanto Sherlock, Rufus e Matty se juntavam às suas costas, e então uma das janelas se abriu e se fechou. Um sinal de que eles podiam se aproximar. De repente, Sherlock imaginou Amyus Crowe sentado dentro do chalé, apontando uma arma grande para a janela. Se alguém se aproximasse sem esperar para ser identificado ou receber o sinal para seguir em frente, Sherlock não tinha dúvida de que ele abriria fogo.

O menino escocês se virou e falou:

— O homem grande diz que vocês podem entrar.

— Obrigado — respondeu Sherlock. Por impulso, ele enfiou a mão no bolso e pegou uma moeda. — Agradecemos a ajuda — acrescentou, estendendo a moeda.

O menino olhou para o dinheiro com uma expressão triste.

— O homem grande nos paga bem — disse ele, mantendo as mãos junto ao corpo. — Ele diz que quem aceita dinheiro de dois senhores não merece a confiança de nenhum.

Sherlock assentiu e recolheu a mão.

— Bom conselho — disse ele.

O menino desceu a colina assoviando.

— E agora? — perguntou Matty.

— Agora vamos descobrir o que é que está acontecendo — respondeu Sherlock, indo na direção do chalé.

Capítulo doze

PARA SHERLOCK, AQUELES ÚLTIMOS METROS talvez tenham sido os mais difíceis de sua vida. Ele não sabia que tipo de recepção o esperava — se Amyus Crowe ficaria feliz em vê-lo, se Virginia estaria ali ou escondida em outro lugar, e, acima de tudo, se eles voltariam a Farnham ou deixariam o país. Sherlock não tinha indícios suficientes para deduzir, e isso o incomodava.

Chegou lá com o coração pulando. Estava fechada. Ele bateu.

— Pode entrar — disse uma voz conhecida.

Sherlock empurrou a porta para abri-la e entrou, seguido de Rufus e Matty. Levou alguns segundos para seus olhos se acostumarem à escuridão do chalé — o que ele supôs ser uma medida intencional. Quando conseguiu enxergar direito, percebeu que Amyus Crowe estava de pé do outro lado do cômodo. Usava um terno escuro e segurava uma arma.

— Muito bem — disse Crowe. — Você decifrou as charadas. Sabia que ia conseguir.

— Não foi difícil — disse Sherlock, dando de ombros.

— Talvez não para você. — Crowe fitou os companheiros de Sherlock. — Jovem Sr. Arnatt, bem-vindo aos meus aposentos temporários. E o Sr. Stone também. Sintam-se em casa, todos vocês. Se não se importarem, vou ficar perto da janela. Não estou esperando mais ninguém, mas nunca se sabe quando alguém pode aparecer para fazer uma visita. Gostariam de beber algo? Um pouco d'água, talvez?

— Depois dessa trilha — disse Rufus Stone —, uma bebida cairia muito bem. Você não teria cerveja, por acaso? Ou talvez sidra? Uma jarra de sidra seria perfeito agora.

Crowe sorriu.

— Posso ver se acho algo do tipo por aqui. — Ele ergueu a voz: — Virginia, já pode sair. Temos visitas.

Uma porta atrás de Crowe se abriu, e Virginia entrou no cômodo. Seu cabelo parecia brilhar feito fogo na penumbra. Ela olhava para baixo, estranhamente tímida, mas depois de alguns segundos ergueu a vista e encarou Sherlock.

E então a menina correu até ele, envolveu seu pescoço com os braços e o beijou. Ele havia sonhado com esse momento, imaginando como seria beijá-la, mas a realidade era muito mais intensa do que ele pensara. O peso do corpo dela em seus braços, o calor dos lábios dela colados aos seus, o cheiro do cabelo dela... Sherlock se sentiu tomado pela emoção. Sua mente não sabia o que fazer, mas ele logo se deu conta de que o corpo não esperou instruções e já retribuía o beijo.

De repente a menina interrompeu o contato, recuando um passo, mas sem afastá-lo. Sherlock teria visto isso como um gesto de rejeição, não fosse o fato de que ela continuava com as mãos nos braços dele. Virginia o encarou com aqueles olhos violeta profundos, e Sherlock viu que ela estava prestes a chorar.

— Você veio atrás de nós — sussurrou ela.

— Eu tinha que vir — respondeu ele, simplesmente. As palavras saíram do nada, imprevistas. — Não posso viver sem você.

— Por mais que eu deteste interromper o reencontro — disse Amyus Crowe, com uma voz grave —, precisamos ter uma boa conversa, e acredito que o Sr. Stone vai acabar perdendo o fôlego aí na porta se eu não lhe der algo para beber. Ginnie, faça a delicadeza de buscar bebidas para nossos convidados.

Virginia apertou os braços de Sherlock por um segundo e então o soltou. Ela se afastou, sem interromper o contato visual. Sherlock sentiu que poderia se afogar naqueles olhos. Era como se ela estivesse enviando uma mensagem, mas ele não sabia qual era. Talvez ela também não soubesse. Talvez o mais importante fosse a *existência* de uma mensagem, e não seu conteúdo.

A menina baixou os olhos, e Sherlock se sentiu como uma marionete cujas cordas tivessem sido cortadas subitamente. Virou-se para olhar o restante do cômodo e as outras pessoas: o mundo parecia ter mudado. Tudo estava igual, mas diferente. Ele não sabia explicar muito bem.

Amyus Crowe o encarava com uma expressão estranha no rosto. Ergueu uma de suas sobrancelhas cheias.

— Para mim basta um aperto de mão, se não se importar.

Sherlock sorriu.

— Fico feliz de saber que você está bem — disse ele. — Fico feliz de saber que

vocês estão bem. Quando vimos o chalé vazio, ficamos preocupados.

Crowe assentiu.

— Não tivemos escolha. Ouvi dizer que tinha alguém nas redondezas procurando por mim e minha menina. Normalmente eu teria ido atrás das pessoas que estavam fazendo as perguntas e faria algumas para elas também, mas, quando ouvi a descrição dos sujeitos, decidi que mais valia a discrição que a bravura e dei o fora.

— Eles são tão perigosos assim? — perguntou Stone. — Preciso dizer que o jovem Sherlock aqui lidou muito bem com dois deles: um camarada de cabelo preto que parece ter problemas de audição e um amigo dele com cara de batata.

— Esses são Ned Fillon e Tom Payne. — Crowe pareceu perceber de repente que ainda estava segurando a arma, e a colocou em uma mesa a seu lado. — Eles são os peixes pequenos. É o homem para quem eles trabalham que me deixa tremendo nas bases.

— Acho que o conhecemos — disse Sherlock. — Não consegui ver o rosto dele, mas ouvi sua voz. Ele falava muito baixo.

— Eu o vi — disse Stone —, e queria muito não ter visto. Ele tinha tatuagens no corpo inteiro. Nomes de pessoas.

Ele lançou um olhar rápido para Virginia, mas Crowe balançou a cabeça ligeiramente para alertar Rufus. Apenas Rufus e Sherlock perceberam.

— Bryce Scobell — disse Crowe, com ar grave. — Então ele está aqui. — O americano suspirou. — Eu estava esperando que ele só tivesse mandado seus homens atrás de mim, mas acho que foi otimismo demais da minha parte. Ele está tão louco atrás de mim que veio ele próprio dos Estados Unidos. Você o viu em Farnham, imagino.

— Receio que ele tenha nos seguido até aqui — admitiu Sherlock. — Até Edimburgo.

Mesmo com a iluminação ruim, Sherlock percebeu que o rosto de Crowe pareceu ficar mais pálido e ainda mais rígido que o normal. Os sinais eram bem claros para Sherlock. Seu mentor estava controlando alguma emoção forte. Ele estendeu a mão para a arma sobre a mesa e deu uma olhada na direção da janela, por onde podia ver qualquer um que se aproximasse do chalé.

— Eu esperava — disse o enorme americano, escolhendo as palavras com muito cuidado, como se estivesse pisando em pedras para atravessar um rio

perigoso — que você fosse disfarçar seu rastro bem o bastante para que ele não o seguisse. Ele sabe deste chalé?

— Não.

— É apenas uma questão de tempo. — Crowe balançou a cabeça, irritado. — Sherlock, como diabos você pôde ser tão descuidado e deixar que ele o seguisse?

— Ele ouviu Matty e eu conversando sobre Edimburgo antes mesmo de começarmos a viagem — disse Sherlock, nervoso. — Tinha uma espécie de tubo acústico no seu chalé.

— Ah. — Crowe assentiu. — Foi uma atitude muito esperta da parte dele.

— Ele raptou Rufus no trem — acrescentou Matty —, e depois raptou nós dois, mas a gente fugiu.

— Vocês fugiram? — Crowe contorceu o rosto e fez uma careta. — Duvido. Ele os deixou fugir.

Matty ficou ultrajado.

— Sherlock quebrou as pernas daqueles dois sujeitos... Fillon e Payne.

Crowe deu de ombros.

— Scobell consideraria isso um preço baixo, se assim pudesse segui-los até aqui.

— Ele estava me torturando para obter informações — comentou Sherlock. — Teria sido muito mais fácil continuar me torturando até que eu falasse, em vez de abrir mão de dois de seus homens.

A raiva de Crowe não pareceu diminuir, mas ele afastou a mão da arma.

— Talvez — concordou ele. — Vocês têm certeza de que não foram seguidos até aqui?

— Sim — respondeu Sherlock com firmeza.

— O que esse tal de Scobell tem de tão ruim? — perguntou Matty. — Tirando o fato de que ele gosta de machucar pessoas. Tem muita gente *neste* país que gosta de machucar pessoas. Não entendo por que ele seria tão pior.

Sherlock assentiu, concordando. As palavras de Matty o lembraram Josh Harkness, o chantagista para quem a Sra. Eglantine havia trabalhado. Harkness era uma figura terrível; seria possível que Bryce Scobell fosse pior?

— Eu poderia dar vários exemplos — respondeu Crowe —, mas vou deixar que apenas um dê conta do recado. — Seus olhos pareciam não fitar Sherlock nem ninguém específico, e sim algo que só ele enxergava. — Scobell era um

tenente-coronel do exército confederado. Ele não batia bem da cabeça, mesmo naquela época. Acho que não existe uma palavra para descrever o que ele era, o que ele *é*. Ele não é exatamente *maligno*, mas também não tem emoções como culpa, remorso ou vergonha, como todos nós. Ele nem sente coisas como raiva ou felicidade. Parece só seguir pela vida, em completa indiferença a tudo, exceto a própria sobrevivência. Acredita ser ele próprio a coisa mais importante do mundo e que todo o resto existe para fazer com que sua vida seja melhor e mais fácil. — Crowe soltou um longo suspiro. — A primeira vez que ouvi falar de Scobell foi quando ele foi enviado para lidar com uma rebelião de tribos indígenas. Tinham aproveitado a confusão da Guerra entre os Estados e começado a atacar famílias, colonos ou qualquer um que conseguissem cercar e matar. Scobell estava sob o comando do coronel John Chivington na época, e eles levaram uma tropa da força de voluntários para impedir que os arapaho e os cheyenne realizassem esses ataques.

Virginia voltou à sala trazendo uma bandeja com cinco copos e um prato de panquecas de aveia. De tão envolvidos na história do pai dela, ninguém havia visto a menina sair. Ela deu cerveja a Crowe e a Rufus Stone, e então entregou copos d'água a Matty e Sherlock. Todos se serviram das panquecas.

— Isso foi há uns cinco, seis anos — continuou Crowe. — Chivington era pastor, mas sua tolerância pelo próximo não se estendia aos índios. Ele os odiava com uma energia que a maioria dos homens dedica a escorpiões e cachorros sarnentos. Scobell, o subcomandante, não os odiava, mas os considerava seres inferiores que não tinham lugar em seu mundo. Nenhum dos dois oficiais tinha qualquer pensamento solidário. Seguindo as ordens de Chivington e Scobell, os soldados atacaram não só os cheyenne e os arapaho, mas também os sioux, os comanche e os kiowa.

Crowe tomou um gole da cerveja. Ninguém quebrou o silêncio tenso que reinava no cômodo.

— Os índios estavam sendo fortemente atacados — continuou ele —, e decidiram que queriam paz, então combinaram de se reunir com as autoridades. Os índios saíram do encontro achando que tinham fechado um acordo de paz, mas ninguém chegou a assinar nada. Alguns dias depois, um cacique chamado Chaleira Preta acampou com a tribo perto do forte Lyon. Eles não estavam incomodando ninguém... estavam só seguindo os búfalos ao longo do rio

Arkansas. Eles viviam dos búfalos, sabem... aproveitavam a carne, faziam roupas, usavam a gordura, tudo.

Crowe se calou por um instante e olhou pela janela. Estendeu a mão na direção da arma, mas o que quer que tivesse visto era provavelmente algo inocente — um pássaro, talvez, ou algum animal passando pelas pedras —, porque o americano recolheu a mão e voltou a falar:

— Eles se apresentaram no forte Lyon, tal como tinha sido acertado, e montaram acampamento em Sand Creek, uns sessenta quilômetros ao norte. O acampamento ficava em uma depressão, cercada por colinas baixas. Pouco depois da chegada deles, Chivington e Scobell entraram no forte Lyon e disseram ao comandante da guarnição que iam atacar a tribo de Chaleira Preta. O comandante disse que o cacique já havia se rendido, mas Scobell o convenceu de que seria uma oportunidade perfeita para eliminar mais índios do mundo. Ele parecia capaz de ter esse tipo de influência sobre as pessoas. No dia seguinte, Chivington conduziu seus soldados, a maioria bêbada, pelo que ouvi falar, e cercou o acampamento. Seguindo a sugestão de Scobell, Chivington levou quatro canhões.

Virginia sentou-se ao lado de Sherlock. De alguma forma, sua mão encontrou a dele. O menino a apertou, para confortá-la, e Virginia apertou a dele.

— Quando viu as tropas se reunindo à sua volta, Chaleira Preta hasteou uma bandeira branca de paz em cima de sua tenda. Sem qualquer advertência, e sem consultar Chivington, Scobell ordenou o ataque.

Crowe se calou por um instante; o silêncio que pairou no cômodo aquele momento parecia pesado e vivo.

— Foi como se uma tempestade de fogo, morte e destruição caísse do céu em cima deles — sussurrou Crowe. — Homens, mulheres, crianças... todos foram massacrados pelos tiros de canhão e de fuzil. Não tiveram chance de se defender. E quando acabou a munição, Scobell conduziu os homens para o acampamento, e eles mataram todo mundo a coronhadas e facadas. Todo mundo.

— Com certeza alguém fez alguma coisa — disse Sherlock, chocado. — Quer dizer, Chivington e Scobell romperam o tratado de paz.

Crowe deu uma risada fria.

— Que tratado de paz? Não existia qualquer papel assinado para servir de referência. — Sherlock abriu a boca para dizer algo mais, mas Crowe ergueu a

mão para interrompê-lo. — Um ou dois anos depois, Chivington foi levado à corte marcial e expulso do Exército. Scobell desapareceu, e tem fugido desde então.

— Mas... *crianças*? — sussurrou Virginia. — Por quê? Não faz sentido.

— Quando perguntaram, na corte marcial, por que as crianças haviam sido mortas, Chivington respondeu: "Porque o mal se corta pela raiz." O engraçado é que aposto que dava para ouvir a voz de Bryce Scobell falando pela boca de Chivington. Aposto que Scobell tinha muito mais influência sobre seu superior do que as pessoas pensavam na época.

— E suponho — disse Rufus Stone — que você tenha sido enviado para levar Scobell à Justiça.

— Isso, ou para lhe dar a justiça que eu decidisse — respondeu Crowe, simplesmente. — Recebi a permissão do presidente Andrew Johnson em pessoa. — Ele balançou a cabeça. — Quase peguei Scobell três vezes, em lugares diferentes do país. Perdi vários homens bons em trocas de tiros pelo caminho.

— E o que aconteceu? — perguntou Matty, sem fôlego.

Crowe o encarou.

— Deixe-me dar um exemplo de como Scobell é — disse ele. — Cincinnati, três anos atrás: eu tinha descoberto que Scobell estava hospedado em uma pensão. Cercamos o local e invadimos o quarto. Ele já havia fugido, mas a dona da pensão estava lá, sentada na cama. Tinha uma banana de dinamite em uma das mãos e um palito de fósforo na outra. Quando nos viu, riscou o palito e acendeu a dinamite. — Crowe fez uma pausa, balançando a cabeça. — Quase não conseguimos sair do quarto a tempo. A explosão matou a mulher, é claro. Depois descobrimos que Scobell havia raptado a filha dela e falado que mataria a menina se ela não se fizesse de armadilha viva para nós. E a mulher acreditou.

— O que aconteceu com a filha? — perguntou Matty.

— Ah, ele a soltou. Já não precisava mais da menina. Obviamente, ela ficou sem mãe, mas Scobell não se importava com isso.

Sherlock fitou Amyus Crowe. O americano estava escondendo alguma coisa.

— Por que ele mudou de tática? — perguntou Sherlock. — Você começou perseguindo ele, mas agora é ele quem o persegue. O que aconteceu?

Crowe encarou Sherlock com uma expressão tranquila.

— Você não deixa passar nada, hein, garoto? Tem razão. Aconteceu algo. Falei

que perdi alguns homens em trocas de tiros, armadilhas e coisas do tipo. Mas Scobell também perdeu algo. Ele perdeu... — Crowe hesitou e olhou para Virginia. — Nunca contei isso para você, Ginnie. Acho que vai me achar uma pessoa ruim ao ouvir o que estou prestes a dizer, mas não tem jeito. É a verdade, que Deus me perdoe.

Ele respirou fundo, obviamente se obrigando a continuar. Sherlock percebeu que estava prendendo a respiração, na expectativa.

— Bryce Scobell tinha esposa e filho. Não acredito que ele amasse nenhum dos dois. Não acredito que ele seja capaz de amar. Mas acho que eles foram o mais próximo que Scobell chegou disso. Talvez estivesse mais para sentimento de posse... não sei. No entanto, o que aconteceu foi que encurralamos Scobell e seus guarda-costas em uma casa de fazenda em Phoenix. Eles começaram a atirar quando nos viram, e atiramos também. Dois de meus homens morreram no fogo cruzado, e também a mulher e o filho de Scobell. Nem imaginávamos que eles estavam lá. Scobell escapou, como sempre, mas naquele dia jurou que me faria pagar pelo que eu havia feito. — Crowe fez uma careta. — Um mês depois, recebi uma mensagem. Era de Scobell. Ele dizia que mataria minha esposa e minha filha, e que eu seria obrigado a ver minha família morrer. Disse exatamente o que ia fazer. Não era... o tipo de coisa que ocorreria a alguém normal e temente a Deus, mas eu conhecia Scobell... sabia que, quando ele enfiava uma ideia na cabeça, tornava-a realidade. Com a permissão do presidente Johnson, tirei uma licença e vim para cá.

— E agora ele o seguiu — falou Sherlock, quebrando o silêncio que se seguira à confissão de Crowe.

— Como eu disse, quando ele enfia uma ideia na cabeça, essa ideia vira realidade.

— Você podia ter pedido ajuda — comentou Rufus Stone. — Mycroft Holmes com certeza teria colocado guardas para vigiar seu chalé. Ou poderíamos ter recrutado algumas pessoas da cidade para ajudar.

— Por quanto tempo? — perguntou Crowe. — Ainda que o Sr. Holmes nos oferecesse guarda-costas dia e noite, não poderia mantê-los para sempre. Em algum momento eles precisariam ser transferidos para alguma tarefa mais importante. — Ele balançou a cabeça. — Bryce Scobell é um homem paciente. Paciente e muito, muito esperto. Ele teria esperado até que todo mundo ficasse

entediado e cansado, e então atacaria.

— Mas você já enfrentou outros homens perigosos — observou Sherlock. O menino estava confuso. Não entendia por que Amyus Crowe não ficara para lutar. Sempre achara que seu mentor fosse o tipo de homem que preferia enfrentar a dificuldade a fugir. Sherlock não disse, mas sentia-se um pouco decepcionado. — Eu estava lá nos túneis abaixo da estação de Waterloo quando você lidou com aquele homem que queria me matar. Você quase quebrou o pescoço dele, e não parecia nem um pouco assustado. O que esse Scobell tem de tão diferente?

— *Sim,* eu já enfrentei outros homens perigosos — concordou Crowe. — Alguns dos sujeitos mais fortes e cruéis do mundo; mas Bryce Scobell é outra história. — Ele suspirou. — É difícil descrever, mas aquele homem tem algo... inumano. A maioria das pessoas evita se ferir, evita se machucar, e isso serve de vantagem em uma luta, mas ele não. Ele não se importa. Não digo que não *sinta* dor, porque ele sente, só a ignora. Não se importa. E também não se *lembra* da dor. Se você der alguns socos no rosto de um homem normal, chega um momento em que ele se afasta para não levar outro, mas Scobell... se você acertar um primeiro golpe, ele vai se lembrar de ter sido atingido, mas não vai aprender com a dor. Ele não tenta evitar o golpe seguinte. Se ele cai, levanta-se de novo, e de novo, e de novo. Ele continua atacando, como uma máquina. — Crowe balançou a cabeça. — Sei que o que estou falando não faz muito sentido, mas enfrentar Bryce Scobell é como enfrentar alguma força sinistra da natureza. Ele é implacável. Já seria ruim o suficiente se ele fosse burro, mas Bryce Scobell é um dos homens mais inteligentes que conheço. Ele antecipa vários movimentos, como se estivesse jogando xadrez, e atrai gente como ele.

— Não entendo os nomes tatuados na pele dele — disse Virginia, de repente. Ela havia ficado em silêncio até então. — Por que ele faria isso? O que quer dizer?

— É uma fixação dele — respondeu Amyus Crowe, grave. — Ouvi falar que, quando ele entrou para o exército confederado, tinha apenas três nomes tatuados no braço. Alguém perguntou o que eram. Ele disse que eram os nomes dos homens que ele havia matado. — Crowe fez uma pausa e balançou a cabeça, triste. — Ele tinha só dezoito anos. Havia mandado gravarem para sempre na pele dele os nomes e as datas. Disse que queria garantir que os nomes jamais

fossem esquecidos. — Crowe deu de ombros. — É claro que na guerra a gente raramente sabe o nome dos homens que mata, então ele deixou um espaço no corpo e fez o possível para descobrir quem eram e de onde vinham a partir do regimento a que pertenciam. Depois que a Guerra entre os Estados acabou, ele gastou muito dinheiro tentando descobrir o nome de todos os soldados da União que haviam morrido em determinados lugares e momentos. Tentou até descobrir o nome dos índios que havia matado. Tatuou o nome de Chaleira Preta bem na nuca. É uma obsessão dele.

— E os nomes em vermelho? — perguntou Rufus Stone. — Como se eu já não soubesse a resposta...

Crowe o encarou com uma expressão severa. Sherlock presumiu que o americano estava dando um aviso tácito para que Rufus não mencionasse o nome de Virginia.

— São de pessoas que ele quer matar mas ainda não conseguiu — respondeu ele, devagar. — Planejando o futuro, acho. Está deixando claro que algumas pessoas têm seus dias contados. Quando as pessoas morrem, ele tatua em preto por cima. — Crowe olhou para fora mais uma vez. — Ouvi dizer que ele tatuou meu nome em vermelho no antebraço, bem onde ele possa ver todos os dias.

Rufus Stone tinha o cenho franzido.

— Para um homem supostamente inteligente — murmurou ele —, esse Bryce Scobell parece ter escorregado feio. Quer dizer, ele está fugindo de você, está fugindo de todo o governo dos Estados Unidos, e faz questão de se fazer cada vez mais reconhecível. Se fosse eu, tingiria o cabelo de louro e ficaria escondido, em vez de tatuar um monte de nomes na pele.

— É uma compulsão — explicou Crowe. — O homem não consegue se conter. E é incrível o que luvas e um pouco de maquiagem artística no rosto e no pescoço podem fazer.

— Então qual é o plano? — perguntou Matty. — O que a gente faz?

— Não fazemos nada — respondeu Crowe. — Ginnie e eu vamos sair do país. Vamos para outro lugar. Mudar de nome. Mudar nossa aparência o máximo possível. Vocês três vão voltar para Farnham e tentar nos esquecer.

Sherlock sentiu as palavras atingirem-no como socos. Olhou para Virginia.

— Acho que não conseguiremos fazer isso — disse ele, baixinho.

Rufus Stone franziu o cenho.

— Não entendo. Por que você deixou pistas para que viéssemos a Edimburgo se não queria nossa ajuda?

Crowe fechou os olhos por um instante.

— Porque eu queria me despedir apropriadamente — respondeu ele. — E porque queria explicar cara a cara por que estava fugindo. Queria que vocês entendessem a dimensão do que estou enfrentando. Scobell vai nos perseguir até nos encontrar. E mesmo que eu tente virar a mesa e caçá-lo, ele é esperto demais. Vai apagar os rastros e se esconder até eu parar de procurar; ou, pior, vai me atrair para uma armadilha.

Um silêncio preencheu o cômodo enquanto todos tentavam assimilar o que Crowe estava dizendo.

— Há dois problemas nesse pensamento — disse Sherlock depois de um tempo.

Crowe ergueu uma sobrancelha.

— Ah é, é?

— O primeiro — continuou Sherlock, sem se abalar pelo tom de Crowe — é que esse homem, Bryce Scobell, não vai parar de persegui-lo. Se ele é assim tão esperto e dedicado, vai encontrá-lo onde quer que você esteja, mais cedo ou mais tarde.

— Você tem razão — disse Rufus Stone, assentindo com a cabeça.

— E o outro problema? — perguntou Matty.

— É que você está tratando a situação como se fosse uma caçada qualquer. — Sherlock ficou quieto por um instante, tentando organizar os pensamentos. — Pelo que você me ensinou, sei que, em uma caçada, devemos tratar as pessoas como animais. Se estiver caçando alguém, devemos observar os hábitos dela para tentar prever suas ações e procurar sinais de sua presença, sinais que ela deixa sem perceber, exatamente como os animais deixam rastros.

— Sempre acreditei que o ser humano é só um tipo diferente de animal — concordou Crowe —, e muitas vezes tirei vantagem desse fato. Aonde você quer chegar?

— Bryce Scobell não é um animal. Ele virou a mesa. Está tratando *você* como o animal, está rastreando *você*, e isso o assustou. A maneira como você costuma lidar com as situações não vai funcionar. O jogo se inverteu.

— Está dizendo que ele é mais esperto que eu? — questionou Crowe,

encarando Sherlock sob suas fartas sobrancelhas grisalhas.

— Sim — respondeu Sherlock, tranquilamente. — Então, se o jogo se inverteu, vamos mudar as regras. Se Scobell é melhor que você como caçador, vamos fazer com que isso não seja uma caçada. Se ele é melhor que você como jogador, vamos fazer com que isso não seja um jogo. Não deixe que ele escolha a luta. Mude as regras.

— É mais fácil falar do que fazer, meu jovem — murmurou Crowe, mas a expressão em seu rosto sugeria que o menino o surpreendera.

— Se ele está procurando você — disse Sherlock —, então não se esconda. Não faça o que ele espera. Fique exposto. Ele vai se perguntar o que você está fazendo. Vai achar que é uma armadilha e recuar.

— E depois? — questionou Crowe.

— Depois ele vai cometer algum erro, e será a sua vez de virar o jogo.

Crowe assentiu devagar.

— Quando o jogo é uma caçada e você está perdendo, mude as regras.

— Quando você está enfrentando alguém mais esperto e mais cruel — concluiu Sherlock —, cuide para que o jogo não precise ser vencido por esperteza ou crueldade.

Crowe sorriu e abriu a boca para dizer algo, mas ouviu-se um baque repentino no teto do chalé. Ele olhou para cima, já com a mão na arma, e então voltou a olhar pela janela. Sherlock seguiu seu olhar. A trilha estreita que descia a partir do chalé estava vazia, deserta, mas o ar tinha algo de diferente. Um cheiro. Algo... queimando.

— Fumaça! — exclamou Sherlock. — Sinto cheiro de fumaça.

Amyus Crowe avançou rapidamente até a janela.

— Não tem nada lá fora.

Sherlock olhou a porta que se abria para o restante do chalé. Era imaginação sua, ou havia uma leve névoa ali?

— É Scobell — disse ele. — Ele ateou fogo ao chalé!

— Mas como? — gritou Rufus. — Ninguém chegou perto! E como diabos ele nos encontrou?

— Eles não precisavam chegar perto — respondeu Sherlock. — Está no topo do penhasco acima do chalé e jogou algo em chamas no teto de palha! Isso é palha seca... vai queimar em segundos!

Capítulo treze

— VAMOS! — GRITOU MATTY. — A gente precisa sair daqui!

Sherlock se preparou para pegar a mão de Virginia e garantir que ela chegasse à porta a salvo, mas Crowe o pegou pelo ombro.

— Scobell vai estar lá fora, garoto! — berrou ele. — Deve estar com rifles. Vai nos matar um a um, como coelhos!

Por uma fração de segundo, Sherlock pensou no coelho decapitado no chalé de Amyus Crowe em Farnham. Ele não queria acabar do mesmo jeito.

— Não temos escolha — disse Rufus Stone. — Se ficarmos aqui dentro, vamos morrer queimados.

Já era possível escutar o fogo se espalhando pela palha — um som estalado, como gravetos sendo partidos por mãos gigantescas.

A fumaça entrava pela porta aberta. Já estava difícil respirar, e até enxergar.

— Não acho que ele queira nos matar com fogo — disse Sherlock, de repente.

Crowe o encarou, intrigado.

— Ele quer se vingar de você. Um incêndio não basta, ainda mais se, ao vir os destroços, ele não tiver como confirmar se você sequer estava aqui.

— Então o que ele está tentando fazer? — perguntou Rufus Stone, tentando não tossir.

— Ele quer nos obrigar a sair do chalé. Deve ter homens esperando mais abaixo. Eles estarão armados e nos capturarão quando sairmos.

— Mas é a nossa única saída! — gritou Matty.

Crowe balançou a cabeça.

— Não exatamente. Um pouco abaixo, se conseguirmos chegar lá, existe uma trilha que sobe o penhasco e se afasta da casa. É difícil de ver, mas sei onde fica.

Stone cobriu a boca e tossiu.

— O problema vai ser alcançar essa trilha — disse ele. — Os homens de Scobell não vão deixar que cheguemos muito longe.

— Acho que tenho uma ideia.

Sherlock correu até a porta da frente do chalé. Crowe e Rufus estavam logo atrás, seguidos por Matty e Virginia. Sherlock abriu a porta de repente. O sopro súbito de ar fresco sugou a fumaça e formou uma nuvem enorme que alertaria imediatamente qualquer observador no topo do penhasco rochoso acima — e Sherlock tinha certeza de que haveria alguém lá.

Havia pedras de todos os tamanhos espalhadas pelo chão por onde eles tinham passado antes de entrar no chalé. A uns seis metros de distância, o terreno ficava íngreme e descia por uns três metros — o trecho que eles haviam escalado com as mãos e os pés. Os homens de Scobell se escondiam em algum lugar depois disso, ocultos pelo declive súbito.

— Ei, me ajudem! — gritou Sherlock, começando a deslocar uma das pedras maiores.

Quando perceberam o que ele estava fazendo, Rufus e Crowe também correram para outras duas pedras ainda maiores. Matty e Virginia se juntaram a Sherlock, tentando fazer a rocha se mexer.

Sherlock apoiou o ombro no pedregulho e fez força. Sentiu a garganta e os tornozelos pulsarem por causa das feridas provocadas pelas cordas, mas ignorou a dor e continuou empurrando. O pedregulho se mexeu sob seu peso, levantando-se ligeiramente e inclinando-se para a frente.

— Conseguimos! — gritou ele.

Sherlock ouviu algo passar chiando junto à orelha e se cravar no chão a seu lado. Com o susto, soltou a pedra, que voltou a cair no buraco onde estava, com um baque que deu para sentir na sola dos pés. Ele olhou para o objeto novo, surpreso. Por um instante achou que fosse um graveto, mas havia penas na ponta traseira. Arrancou-o do chão. A extremidade da frente era pontuda, como uma flecha.

O menino olhou para cima. No alto do penhasco em forma de V que cercava o chalé, ele viu a silhueta de homens segurando objetos no formato de cruzes. Estavam mirando em Sherlock tal como fariam com um rifle.

As armas eram bestas. Sherlock nunca havia visto uma, mas conhecia por imagens. Parecia um arco pequeno, mas deitado de lado e feito de metal em vez de madeira. Disparava setas — que eram uma espécie de flechas pequenas — muito rápidas e com força para atravessar uma armadura de metal.

— Saiam da frente! — gritou Matty, puxando Sherlock na direção do chalé.

— Ele não está tentando atirar em nós. Está tentando nos assustar para fugirmos! — berrou Sherlock, livrando-se de Matty e usando todo o peso do corpo para empurrar a pedra. — Lembre-se, eles não querem nos matar!

A pedra se deslocou outra vez, inclinando-se para a frente até quase rolar colina abaixo.

O que era exatamente o que Sherlock queria.

Mais setas de besta atingiram o chão à sua volta, mas ele as ignorou. Deu um último empurrão no pedregulho, com todas as suas forças. A rocha rolou pela grama — e continuou rolando declive abaixo, ganhando velocidade, quicando ligeiramente pelo solo irregular. Amyus Crowe também fez uma pedra descer — uma ainda maior, que rolava pesadamente em vez de quicar, criando uma vala de mato e terra pelo caminho. Mas descia — cada vez mais veloz.

O pedregulho de Rufus Stone começou a sair do lugar, mas, em vez de seguir as outras duas na direção da abertura da garganta, desviou-se para o paredão rochoso do penhasco em forma de V. Por um momento Sherlock achou que a rocha fosse parar, mas apenas bateu no paredão e quicou, acertando duas pedras menores no caminho e fazendo-as rolar também.

As pedras grandes e pequenas desapareceram no final do barranco. Passaram-se alguns segundos de silêncio — e então Sherlock ouviu uma gritaria vindo lá de baixo. Imaginou os pedregulhos derrubando a fileira de homens de Bryce Scobell como uma bola de boliche acertando os pinos, quebrando pernas e esmagando pessoas. O menino abriu um sorriso sombrio.

— Mais! — gritou ele, na mesma hora firmando as mãos embaixo de outra pedra e pegando-a do chão.

A pedra saiu do lugar com facilidade. Ele a ergueu até o ombro e a arremessou. Ela bateu no chão e desceu a colina, rolando até sumir de vista. Matty e Virginia também arremessaram pedras menores, enquanto Amyus Crowe e Rufus conseguiram deslocar outros dois imensos pedregulhos.

Mais duas setas se cravaram no chão à sua volta, espalhando terra para todos os lados, mas os atiradores haviam percebido que a tática não estava funcionando. Por um momento Sherlock temeu que eles começassem a atirar diretamente *neles*, em vez de acertar o chão, mas pelo visto os homens não haviam recebido essa ordem. Os disparos continuaram de forma esporádica, mas já não pareciam

perigosos.

A essa altura, a gritaria mais abaixo estava histérica. Sherlock não sabia quantos homens Scobell havia deixado lá, mas, pelo barulho, estavam todos incapacitados ou no mínimo distraídos com a confusão e a dor. Eles provavelmente haviam imaginado um punhado de fugitivos desesperados, que seriam capturados com facilidade, mas em vez disso receberam uma avalanche de pedras.

— Vamos! — gritou Sherlock.

Seguido de Crowe, Virginia, Matty e Rufus, o menino disparou ladeira abaixo, na mesma direção das pedras. O declive parecia mais íngreme do que quando eles haviam subido, e Sherlock sentia que sua velocidade estava ficando descontrolada. Quase escorregou no mato molhado. Tentou desacelerar, mas Amyus Crowe veio por trás, sem querer empurrando-o para a frente.

Enquanto eles desciam resvalando pelo barranco, Sherlock viu as outras partes da emboscada de Bryce Scobell. Havia cinco homens em uma depressão mais adiante. Quatro estavam feridos e ensanguentados. Era impossível saber a gravidade dos ferimentos, mas dois deles estavam prensados pelos pedregulhos que Crowe e Stone haviam lançado colina abaixo. O quinto tentava ajudar os companheiros, mas parecia não saber para que lado correr. Havia bestas espalhadas pelo chão ao redor deles.

Sherlock passou correndo pelos homens antes mesmo de eles perceberem sua presença. Ao olhar para trás, viu Crowe e Rufus diminuindo a velocidade, esperando Matty e Virginia passarem e então voltando a correr, assumindo a retaguarda. Um dos homens de Scobell tateou o chão, tentando pegar uma besta, mas Crowe chutou a arma para longe ao passar.

Eles continuaram correndo, deixando a emboscada para trás.

De vez em quando uma seta disparada dos penhascos se cravava no chão ou ricocheteava nas pedras, mas a distância era grande demais e o ângulo, ruim, e Sherlock sabia, simplesmente *sabia*, que os atiradores não eram uma ameaça.

Enquanto corria, o menino se sentia eufórico. *Ele* havia resgatado Amyus Crowe!

— Ginnie! Sherlock! *Aqui!*

Sem parar, Sherlock olhou por cima do ombro. Amyus Crowe estava na base de uns degraus praticamente imperceptíveis no paredão do penhasco a pouco

menos de cinquenta metros de distância do menino. Nem ele nem Virginia perceberam aquilo ao passar correndo, mas Rufus Stone e Matty já haviam começado a escalar. Aquela devia ser a trilha oculta que Crowe mencionara! Sherlock e Virginia pararam de repente, preparados para se virar e voltar até Crowe, mas, quando estavam prestes a dar o primeiro passo, três homens de Scobell vieram correndo ladeira abaixo atrás do americano. Suas roupas e rostos estavam ensanguentados — os três tinham feito parte da emboscada arruinada —, e eles pareciam dispostos a matar, quaisquer que tivessem sido as ordens de Scobell. Queriam se vingar do ataque de avalanche.

Crowe viu o olhar de Sherlock e se virou. O menino percebeu os ombros dele ficarem tensos no mesmo instante. Crowe virou a cabeça de repente para Sherlock e Virginia, e seus olhos estavam arregalados, uma expressão de fúria e terror. Era óbvio que ele havia feito o mesmo cálculo mental do menino. Os homens corriam colina abaixo. Se Sherlock e Virginia tentassem voltar até Crowe, teriam que subir a encosta. De forma alguma eles o alcançariam antes dos homens de Scobell. Apesar da admiração e confiança que Sherlock tinha pelo amigo e mentor, o menino duvidava de que ele sozinho desse conta de três homens furiosos. Ainda mais se esses homens estivessem armados.

— Vá! — gritou Sherlock. — Cuide de Rufus e Matty! Eu cuido de Virginia!

— Não *posso*! — berrou Crowe.

Seu rosto estava pálido de pavor.

— Você *precisa*! — respondeu Sherlock. Ele se virou para Virginia, que alternava o olhar entre o menino e o pai. — Confie em mim... precisamos continuar descendo.

Virginia olhou para o pai. Ele estava com uma expressão desesperada. Depois de um tempo que pareceu várias horas, mas que não deve ter durado mais de um segundo, ele assentiu.

Virginia se virou e correu para Sherlock. Crowe escalou a trilha oculta, com uma velocidade extraordinária para um homem daquele tamanho.

A menina agarrou a mão de Sherlock e correu com ele, disparando colina abaixo, para longe dos perseguidores.

Enquanto corriam, Sherlock olhou para trás. Amyus Crowe, Rufus e Matty estavam fora de vista, ocultos pelas pedras. Os perseguidores haviam visto Crowe subir. Dois foram atrás dele, e o terceiro continuara descendo.

A colina começou a ficar menos íngreme à frente de Sherlock e Virginia. À esquerda, o menino viu a capela por onde haviam passado ao subir. Logo estariam na cidade. Conseguiriam despistar o perseguidor lá, ou será que já havia homens de Scobell esperando por eles?

Ainda apertando a mão de Sherlock, Virginia puxou-o na direção da capela.

— Talvez possamos nos esconder ali — falou ela, ofegante.

Eles se agacharam atrás de uma lápide coberta de limo e inclinada em um ângulo perigoso. Mal havia espaço para os dois. Sherlock teve que ficar bem perto de Virginia para que eles pudessem caber sem ser vistos. Ele sentiu o hálito dela no pescoço, sua respiração quente e rápida.

Ouviram o som de botas pisando nas pedras rapidamente desaparecer.

— E agora? — perguntou Sherlock depois de alguns minutos de silêncio.

— Acho que precisamos reencontrar meu pai, Rufus e Matty. De algum jeito.

Sherlock assentiu.

— Certo.

Ele virou a cabeça. Os olhos dela estavam a apenas um centímetro dos seus.

Sherlock queria beijá-la, mas apenas disse:

— Vamos.

A vegetação de urze e tojo dificultava a caminhada. Os pés de Sherlock se prendiam nos caules o tempo todo à medida que eles avançavam pelo mato. Os sapatos de Virginia eram muito mais práticos, de forma que ele precisou se esforçar para acompanhar o ritmo dela.

Os dois olhavam os arredores ao avançar, para ver se alguém os alcançara; observavam as construções atrás e o muro baixo do qual se aproximavam aos poucos, mas não havia mais ninguém. Todo o entorno parecia curiosamente deserto. Sherlock tinha medo de que um vulto surgisse de algum lugar de repente, apontasse para eles e gritasse, mas nada aconteceu.

O pôr do sol projetava as sombras dos dois pela urze, roxo sobre roxo. O ar estava frio e com cheiro de flores. Apesar de ser quase inverno, havia algumas abelhas voando morosas, procurando pólen de flor em flor.

— Em que você está pensando?

Sherlock virou a cabeça. Virginia olhava para ele com uma expressão intrigada. Ela havia percebido o ar preocupado do menino.

— Só estava pensando nas abelhas — explicou ele.

— Abelhas? — Virginia balançou a cabeça, sem acreditar. — Fomos separados dos nossos amigos, estamos fugindo de um bando de assassinos, e você pensa em abelhas?

Sherlock deu de ombros, de repente na defensiva.

— Eu entendo as abelhas — disse ele. — Elas não são complicadas. Fazem o que fazem por motivos óbvios. São como pequenas máquinas. Fazem sentido.

— E você não entende as pessoas?

Ele continuou andando, demorou um pouco a responder.

— Por que isso tudo está acontecendo? — perguntou ele de repente. — Foi porque Bryce Scobell decidiu que não gostava dos índios americanos e resolveu matá-los em vez de se mudar para algum lugar onde não houvesse nenhum? Foi porque mandaram seu pai prendê-lo e ele ficou obcecado em encontrá-lo, sem ligar para quantas pessoas acabassem morrendo no processo? Foi porque Scobell, por sua vez, ficou obcecado em se vingar do seu pai e o seguiu até a Inglaterra em vez de se esconder em qualquer outro lugar do mundo? Não entendo! Se as pessoas agissem de forma lógica, nada disso estaria acontecendo agora!

— Scobell é louco, de acordo com meu pai — disse ela, baixinho. — Ele não tem nenhuma moral, nenhum escrúpulo. Faz o que for necessário para conseguir o que quer.

— Deixando a loucura de lado — ponderou Sherlock, contido e pensando no próprio pai —, essa é a única parte que eu entendo em toda essa história. É um comportamento muito lógico.

— Só é lógico se você for a única pessoa a agir assim — comentou ela, ainda baixinho. — Se todo mundo agisse da mesma forma lógica, todos lutariam entre si, a civilização ruiria, o caos se instalaria e só os fortes sobreviveriam.

Caminharam em silêncio por algum tempo. Sherlock sentia que ela o observava, mas não tinha nada a dizer.

De repente, os dois se assustaram quando algo se mexeu subitamente e fez um barulho apressado, mas era apenas um pássaro saindo de algum abrigo e voando.

A essa altura, estavam quase diante do muro de pedra que haviam visto antes. Sherlock olhou para trás de novo, acreditando que veria o mesmo cenário deserto de todas as outras vezes, mas agora havia gente perto da capela. Daquela distância, ele não tinha como saber se eram pessoas do povoado ou homens de Scobell, mas não estava disposto a arriscar. Antes que ele fizesse qualquer coisa,

Virginia pegou seu braço e o puxou para o muro. Era da altura da cintura deles; ela pulou por cima com agilidade e sumiu de vista. Sherlock saltou também, indo cair a seu lado.

O menino se ajoelhou e espiou por cima do muro, olhando mais abaixo na colina. Ainda havia gente perto da capela.

— Vamos — instou Virginia. — Precisamos continuar em frente. Precisamos encontrar meu pai.

— Tudo bem — disse ele —, mas com cuidado. Vamos ficar fora de vista.

Os dois seguiram ao longo da sombra do muro, permanecendo abaixados atrás das pedras caso alguém olhasse naquela direção.

Sherlock tentou enxergar mais adiante. Viu um bosque ao longe, após um trecho de terreno irregular.

— Vamos até lá — disse ele. — Precisamos encontrar abrigo antes do anoitecer.

Apesar de toda a tensão, a caminhada até as árvores foi tranquila, até mesmo entediante. Sherlock estava exausto depois de tudo o que havia acontecido aquele dia; a mera ação de pôr um pé na frente do outro sem parar era uma das coisas mais aborrecidas que ele já precisara fazer. De vez em quando o menino tropeçava em uma pedra ou enfiava o pé em um buraco e quase caía — e Virginia achava graça.

Ele ficou atento para o caso de qualquer movimento que indicasse que os dois haviam sido vistos, mas, fora um ou outro coelho e os pássaros voando, Sherlock viu apenas um veado majestoso parado em uma elevação do terreno. Sua galhada parecia duas pequenas árvores sem folhas. O animal os encarou, impassível, com a cabeça inclinada para um lado. Quando teve certeza de que os dois não representavam ameaça, abaixou a cabeça até o chão e começou a comer a urze.

Enquanto Sherlock e Virginia andavam, a cor do céu passou do azul ao anil e do anil ao preto. As estrelas começaram a brilhar: primeiro uma ou duas, mas depois de alguns minutos era impossível contar todas.

Pensando no veado e na maneira casual como o animal os ignorara e começara a mastigar a vegetação, Sherlock se deu conta de que estava com fome. Não, estava *faminto*. Tirando as panquecas no chalé de Amyus Crowe, ele não comia desde o café da manhã.

Virginia mordia o lábio. Ela também parecia ter fome.

Quais eram as opções? Tentar perseguir um coelho assim que algum aparecesse? O menino tinha poucas chances de sucesso. Jogar a faca de Matty — que ainda estava em seu bolso — e torcer para acertar algum? Sherlock não sabia muito bem como arremessar facas, embora tivesse visto pessoas fazerem isso em feiras. No entanto, ele desconfiava de que as facas precisavam ser cuidadosamente balanceadas para que pudessem girar com leveza sem se desviar do caminho. A de Matty tinha um cabo muito volumoso em relação à lâmina. Sherlock não conseguiria mirar direito.

Ele então se lembrou da primeira lição que Amyus Crowe lhe dera, no bosque que ficava em torno da mansão Holmes em Hampshire. Crowe lhe ensinara quais cogumelos eram comestíveis e quais eram venenosos. Se encontrassem alguns bons, eles poderiam se alimentar. Sherlock olhou em volta. Provavelmente não encontraria nenhum em campo aberto, mas talvez mais perto das árvores achasse alguns fungos crescendo em troncos podres caídos em montes de folhas em decomposição.

Ele ergueu a vista para ver quanto faltava até o bosque. As árvores estavam a pouco menos de um quilômetro de distância.

— Veja — disse Virginia. — Podemos passar a noite ali.

Sherlock olhou na direção em que ela apontava. A princípio não viu nada, mas então percebeu uma pequena construção de pedra em meio às árvores. Por um segundo, pensou que fosse a casa de alguém, mas então notou que era pequena demais, sem janelas nem porta. Era uma cabana, construída para abrigar pastores durante tempestades.

— Você tem um ótimo olho — disse ele.

— Alguma chance de conseguirmos algo para comer? — perguntou Virginia. — Estou morrendo de fome depois de andar tanto.

Sherlock pensou por um instante. Calculou que seria seguro deixá-la sozinha por algum tempo enquanto ia em busca de cogumelos.

Ele lhe contou seu plano. Virginia o encarou, cética.

— Cogumelos? Está tentando me envenenar?

— Confie em mim... seu pai é um bom professor.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Pode até ser, mas você tem certeza de que ele sabe do que está falando?

— Só tem um jeito de descobrirmos.

— Olhe, que tal eu juntar um pouco de lenha e acender uma fogueira enquanto você busca os cogumelos? Assim ganhamos tempo.

— Tem certeza de que vai ficar bem? Tem gente atrás de nós.

Ela o encarou, erguendo uma sobrancelha.

— Sei tomar conta de mim.

Deram uma olhada no interior do abrigo de pedra. Tinha apenas um cômodo, e o vento havia jogado folhas nos cantos, mas parecia razoavelmente seguro. Havia até um pequeno braseiro de lenha, além de umas frigideiras amassadas e alguns pratos de metal.

— Você vai demorar? — perguntou Virginia.

Sherlock deu de ombros.

— O tempo que for necessário. Você quer jantar, não quer?

Ela sorriu.

— Nunca aconteceu de um homem realmente sair para *caçar* o jantar para mim, tirando meu pai. Até que eu gosto da ideia.

Sherlock não conseguiu se conter.

— E quanto a *convidá-la* para jantar? Alguém já fez isso? Quer dizer, sem contar o Sr. Crowe.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— E *preparar* o jantar para você?

— Não.

Ele sorriu.

— Volto assim que der.

O bosque o envolveu em poucos instantes: troncos largos como o corpo dele brotavam de raízes emaranhadas e subiam em direção ao céu, formando com os galhos um teto que parecia rendado. Sherlock caminhou sob o luar débil que atravessava essa cobertura. Pequenos gravetos pareciam tatear seu rosto. Filamentos pendurados de musgo — ou talvez finíssimas teias de aranha — roçavam suas faces e sua testa, e ele os afastava constantemente. Uma coruja piou, e de vez em quando Sherlock ouvia um som vago de algo maior — texugos, furões, talvez um ou outro cervo — mexendo-se pela vegetação rasteira.

Em algum ponto distante, um graveto se partiu como se tivesse sido pisado. Folhas se agitaram. Teria sido o vento ou uma pessoa?

Sherlock ficou tenso, com medo de que os homens de Scobell os tivessem encontrado, mas, depois de pensar um pouco, convenceu-se de que não era isso. Ainda ouvia as corujas e os outros animais. Se os homens de Scobell estivessem por perto, a vida selvagem do local estaria muito mais cautelosa.

Ao se lembrar do cortiço em Edimburgo e dos rostos de homens mortos que ele havia visto encarando-o de dentro de portas escuras, Sherlock começou a sentir um sinal de pânico no peito. Será que eram mortos perseguindo-o pela floresta? Estariam eles se aglomerando em torno da entrada do abrigo de pastores naquele instante, prestes a invadir a construção e atacar Virginia? Seu coração se acelerou. Ele começou a se virar, preparado para voltar correndo para salvá-la, mas se conteve e respirou fundo. Mas que bobagem. Com mãos mentais firmes, ele segurou o pânico no peito e o forçou para baixo. Mortos não andavam. Não existiam fantasmas. Isso não era *lógico*. Era apenas *superstição*. Amyus Crowe lhe ensinara muito ao longo daquele ano, mas tudo o que o menino aprendera estivera fundamentado pelo ceticismo elementar que fazia parte de sua personalidade. Tudo precisava de um motivo para acontecer. Precisava haver uma causa. O que estava morto, estava *morto* — não continuava se mexendo. A morte era a ausência de vida. O que quer que ele tivesse visto no cortiço, o que quer que ele e Matty tivessem visto em Edimburgo, não se tratava de gente morta.

Sentindo-se melhor, Sherlock voltou a andar. Qualquer que fosse o barulho no bosque, era o vento ou animais correndo. O restante era apenas sua imaginação chegando a conclusões erradas a partir de indícios insuficientes. Ele decidiu que especular sem informações corretas era uma atividade infrutífera. No futuro, se precisasse chegar a conclusões, faria questão de baseá-las em evidências.

Chegou a uma pequena clareira. Sob o luar, o menino viu um punhado de cogumelos que se espalhava pelo material em decomposição no chão da floresta. Aproximou-se e se ajoelhou diante dos fungos. Tinham uma cor alaranjada viva, e as beiradas eram onduladas como folhas de alface. Sherlock os reconheceu como *cantharellus*. Arrancou do chão o máximo possível e os enfiou no bolso do casaco.

A alguns metros, achou alguns *morchella*, com a inconfundível cor marrom e a estrutura interna semelhante a um favo de mel. Do outro lado da clareira, alguns metros para dentro do bosque, encontrou uma massa dos filamentos brancos

distintos dos cogumelos *hericium,* crescendo em um tronco caído.

Com os bolsos e os braços cheios, Sherlock começou a voltar para o abrigo. Tinha cogumelos suficientes para mantê-los alimentados até de manhã. Se encontrasse um pouco de água, poderia cozinhá-los nas frigideiras. E então pensou — haveria algumas ervas ali por perto para usar como tempero?

Ele chegou à cabana pensando em como impressionar Virginia com suas habilidades culinárias.

— Voltei! — avisou em voz baixa, para o caso de ela estar dormindo. — E trouxe o jantar!

Sherlock entrou no abrigo, onde Virginia havia acendido uma fogueira no braseiro. Com a luz das chamas, viu que a menina estava encolhida no chão, dormindo. Ela havia encontrado alguns juncos do lado de fora do abrigo e improvisado um travesseiro. Juntara alguns também para Sherlock e os deixara por perto.

Sherlock não sabia bem o que fazer. Talvez pudesse preparar a comida e depois despertá-la, mas a caminhada pela colina tinha sido longa, e eles ainda precisariam andar mais quando amanhecesse. Seria melhor a menina dormir agora.

Ele deixou os cogumelos no chão e se sentou ao lado de Virginia. Algo no ar fresco e na longa travessia pelo bosque também abatera seu apetite. Eles não morreriam de fome se pulassem uma refeição. Poderiam cozinhar os cogumelos ao amanhecer.

Sherlock observou o rosto dela. Adormecida, Virginia parecia muito relaxada. Seus lábios formavam um ligeiro sorriso, e Sherlock nunca a vira com uma expressão tão tranquila. Ela costumava parecer muito atenta, especialmente quando olhava para Sherlock, mas agora era como se todo o resto tivesse sido removido e ele pudesse ver a verdadeira Virginia. A menina que ele desesperadamente queria conhecer melhor.

Sherlock estendeu a mão e afastou uma mecha de cabelo dos olhos dela. Virginia se mexeu de leve e fez um barulho, mas não acordou.

Ele a observou por algum tempo, hipnotizado por sua incrível beleza. Era difícil olhar para ela quando os dois estavam juntos à luz do dia, porque ela o veria encarando-a e o encararia também, ou então perguntaria o que ele estava olhando, mas agora Sherlock podia admirá-la o quanto quisesse.

Por fim, ele se deitou ao lado de Virginia, apoiando a cabeça nos juncos que ela havia preparado. Sentiu o sono envolvê-lo aos poucos. Apesar do perigo, apesar de toda aquela situação, Sherlock estava feliz. Era como se tivesse encontrado o lugar a que pertencia.

O sono chegou de forma tão gradual que ele nem percebeu quando dormiu, mas acordou de repente. A luz do sol entrava pela abertura do abrigo. Sherlock devia ter se virado durante a noite, porque agora estava voltado para o outro lado, de costas para Virginia.

Ele se virou, e seu coração congelou.

Não havia sinal dela. Três figuras esqueléticas brancas estavam de pé no meio do cômodo, encarando-o com olhos fundos, enormes e sem pálpebras. Suas mãos seguravam lâminas curvas como as foices que fazendeiros usavam para colher trigo.

Sherlock se arrastou na direção da porta, desesperado, mas braços magros o agarraram por trás. Os dedos que seguravam as mangas de seu casaco pareciam gravetos, mas eram duros feito osso e machucavam ao apertar seus braços.

Capítulo catorze

SHERLOCK SE AGITOU DESESPERADAMENTE, TENTANDO se soltar, mas os dedos dos agressores permaneceram firmes. Um deles apertou uma faca em seu pescoço. A lâmina estava suja, como se tivesse passado anos enterrada no chão. A mensagem era clara; ele parou de resistir.

As figuras o fizeram se virar. Sherlock percebeu, estremecendo de medo, que as roupas deles estavam esfarrapadas e sujas, como se tivessem passado um bom tempo dentro do solo. Enterradas.

Abaixaram-se e pegaram os pés dele, levantando-o sem dificuldade. Apesar da aparência, os captores eram fortes. Sherlock foi carregado para fora do abrigo como um saco de batatas. Ninguém disse nada, mas o menino de repente percebeu que ouvia as criaturas respirarem. Uma delas chiava como se tivesse asma, enquanto as outras pareciam apenas homens normais carregando algo pesado. Sherlock disse a si mesmo que homens mortos não precisavam respirar. Aqueles indivíduos não tinham *cheiro* de mortos. O menino conhecia o odor repulsivo e terrível de carne em decomposição: já vira vários animais abatidos no bosque. Pela aparência de seus captores, era de se esperar um fedor abominável, mas Sherlock sentia apenas cheiro de suor. Então não eram mortos. Aqueles homens apenas *pareciam* mortos. Mas *por quê*? E o que eles haviam feito com Virginia?

Sherlock olhou para baixo e viu os próprios braços marcados por aquelas mãos magras. O tecido de seu casaco estava manchado de tinta branca. Maquiagem? Nas *mãos*? O menino deu um suspiro de alívio. Ele não havia chegado a pensar que fossem pessoas mortas, mas ficou aliviado de corroborar a dedução. Achou que fazia sentido: se a ideia é que as pessoas acreditem que você está morto, é preciso se vestir a caráter. Mãos brancas e rostos brancos indicavam falta de circulação sanguínea. Se eles fossem vistos apenas de longe, como acontecera com Sherlock até o momento, era convincente.

Os sujeitos o levavam colina abaixo, afastando-se de Cramond. De cabeça para baixo e sendo sacudido, Sherlock de vez em quando via rostos de relance. De tão perto, percebeu, apesar da maquiagem branca, que havia barba por fazer nas faces e nos pescoços dos homens. Viu também minúsculos pedaços de papel grudados no rosto deles, para dar a impressão de pele seca e solta, e sombreamentos bem-realizados, que faziam parecer que o osso estava exposto. Em um dos sujeitos, as faces estavam pintadas de um jeito que, visto de longe, pareceria uma caveira sorridente. Era tudo disfarce e mentira. Fantasias.

— Digam-me aonde estamos indo! — exigiu Sherlock.

O "cadáver" à sua direita olhou para ele e sorriu. Os dentes estavam sujos de verde, como se fosse musgo, mas até isso era maquiagem.

— Você vem com a gente — grunhiu o sujeito, como se estivesse falando com a boca cheia de lama. — Vai ver Líder do Clã dos Mortos.

— Vocês não estão mortos — disse Sherlock. — Só estão fingindo.

O "cadáver" continuou sorrindo.

— Tem certeza? — perguntou ele. — Aposta sua vida nisso?

Sherlock ficou sem resposta.

Carregaram-no através de um terreno acidentado durante o que pareceu uma hora. Ele tentava olhar em volta para ver se encontrava Virginia, mas, se ela também estivesse sendo carregada, devia estar mais à frente, fora de vista. Tomara que ela tenha conseguido escapar, pensou ele.

Depois de algum tempo, Sherlock foi jogado no dorso de um cavalo. Seus braços e pernas foram amarrados por uma corda passada por baixo da barriga do animal, e prenderam o cinto do menino na sela para que ele não escorregasse durante a viagem. Um dos "cadáveres" montou no cavalo, e eles saíram a galope.

Sherlock ficou enjoado com o impacto repetitivo do traseiro do cavalo em sua barriga e o cheiro forte do animal. Estava sempre prestes a cair da sela, e se isso acontecesse, as pernas enormes do cavalo o acertariam diversas vezes até esmigalhar seus ossos. Sherlock firmou os membros da melhor forma possível, tentando não sair do lugar.

Sua cabeça balançava tanto, para cima e para baixo, que ele não conseguia ver por onde passava. Mas percebia vagamente que havia outros cavalos na sua frente e atrás. Estaria Virginia em algum deles? À medida que o desconforto piorava, Sherlock torcia para que ela não estivesse.

O barulho dos cascos do cavalo mudou. Eles não estavam mais cavalgando em chão de terra; era de pedra. Sherlock ouviu ecos, como se estivesse cercado de centenas de cavalos. Estava em alguma espécie de pátio de pedra. O animal diminuiu a velocidade e parou. Sherlock foi impelido para a frente, bateu de lado na parte de trás da sela e perdeu o ar.

Mãos o agarraram. Uma faca cortou as cordas que o prendiam ao cavalo. Ele foi carregado de novo, fraco e enjoado demais para sequer levantar a cabeça. Viu apenas paralelepípedos e um ou outro trecho de parede de pedra.

E sombras irrequietas. O lugar inteiro parecia iluminado por tochas.

Onde ele estava? O menino pensou na silhueta de granito do Castelo de Edimburgo acima da cidade. Eles certamente não haviam cavalgado o bastante para voltar a Edimburgo, não é? Será que havia outros castelos pela região?

Sherlock foi carregado por um corredor e para dentro de uma sala. Ouviu latidos e rosnados. Do outro lado do cômodo havia um espaço cercado. Homens olhavam para dentro dessa área com muito interesse, e alguns trocavam dinheiro. Pelos buracos da cerca, Sherlock viu dois cachorros grandes brigando. Eles pulavam um no outro, mordendo orelhas e arranhando olhos e pele. Sob a luz bruxuleante das tochas, Sherlock viu que havia sangue espalhado no chão. Um pouco daquilo era sangue fresco, mas também havia sangue seco. Cachorros — e provavelmente outras criaturas — lutavam ali havia algum tempo.

O menino foi levado para outra sala. Nessa, não havia área cercada — em vez disso, homens e mulheres se reuniam em volta de um círculo irregular marcado com giz no piso de lajotas. No centro, dois homens cansados fintavam e se encaravam. Estavam sem camisa, o tórax de ambos brilhando como se cobertos de óleo. Um deles tinha marcas de unhas ao longo do torso. O outro deu um pulo súbito para a frente. Agachou-se, pegou o adversário pela cintura, ergueu-o no ar e o jogou no chão. A multidão foi à loucura, gritando e torcendo.

Depois de alguns instantes, Sherlock foi levado para fora dessa sala também. No cômodo seguinte, uma passarela corria ao longo das paredes, e no centro havia um fosso retangular que parecia uma piscina. Mas não tinha água, e era todo contornado por uma cerca de placas largas de madeira. Sherlock sentiu um cheiro rançoso, bestial.

Algo soltou um rosnado. O menino percebeu que havia algum bicho preso ali dentro. Era evidente que o animal tinha ouvido os homens carregando o menino,

porque se jogou na cerca. As placas de madeira estremeceram. O que será que havia ali dentro?

Os homens apertaram o passo para chegar à porta do outro lado do cômodo, obviamente apavorados com aquela fera, qualquer que ela fosse.

Sherlock foi levado para uma sala grande e jogado no chão.

Ficou caído por um tempo, olhando para cima. Sentia como se seus braços e pernas tivessem crescido quase dez centímetros. Sabia que seu corpo estava todo coberto de hematomas. Considerando a situação, pensou, ele não estava em boas condições para enfrentar ninguém.

O teto era revestido de gesso branco em quadrados delimitados por vigas de madeira. Parecia antigo e era um tanto quanto impressionante, mas os cantos estavam cheios de teias de aranha, que pendiam como trapos cinzentos.

Sherlock fechou os olhos e aguçou os ouvidos. Escutou o crepitar de uma fogueira — lenha rachando com o calor — e um murmúrio no fundo que soava como se um grupo de pessoas estivesse aguardando algo — sussurros, risos, pés se deslocando. O som de uma plateia à espera do começo de uma apresentação. Sherlock sentiu o cheiro de suor e de comida, e misturado a tudo havia o odor rançoso do animal no fosso do outro cômodo.

Depois de algum tempo, o menino se sentou e olhou em volta.

Estava em um salão de pedra. Nas paredes, tochas incandescentes iluminavam tudo com um brilho avermelhado bruxuleante. Entre as tochas pendiam peças de tapeçaria que pareciam pedaços antigos de tapetes carcomidos por traças. E, em meio à tapeçaria e às tochas, cabeças empalhadas de animais, montadas em placas semelhantes a escudos. A maioria era de veados com galhadas grandes, mas tinha também alguns lobos de boca aberta, expondo as presas, e algo que Sherlock juraria ser um urso. Talvez devesse ficar feliz por não haver nenhuma cabeça humana na parede.

À sua frente havia um tablado, e sobre o tablado, uma cadeira. Parecia ter sido entalhada a partir de um tronco imenso. Na cadeira, estava sentado — *esparramado*, como um rei no meio da corte — um homem grande como Amyus Crowe, mas, se o americano costumava ser uma sinfonia de branco — cabelo branco, roupas brancas, chapéu branco —, esse homem era um concerto de preto. Sua juba, as sobrancelhas cheias e a barba desgrenhada eram da cor da noite. O casaco xadrez e o kilt que ele usava eram também quase todos pretos,

com uma ou outra linha branca ou vermelha. Como Crowe, ele devia ter uns cinquenta e muitos ou sessenta e poucos anos, mas, também como o mentor de Sherlock, parecia que o sujeito seria capaz de lutar com vários homens mais jovens ao mesmo tempo e vencer.

Havia diversos homens atrás dele. Pareciam boxeadores ou lutadores — muito musculosos, com nariz achatado e orelhas grossas e retorcidas. Eles também usavam casaco e kilt do mesmo tecido preto xadrez. Cores do clã — não era esse o termo que Matty havia usado? Isso indicava que aqueles homens faziam parte do mesmo clã?

O homem na cadeira olhou para Sherlock e ergueu uma sobrancelha.

— Então — disse ele, com um sotaque escocês mais pesado que um pedregulho —, esse é o outro garoto que os ianques estão procurando. — Ele ergueu a mão e fez um gesto para um dos homens às suas costas. — Traga os amigos do jovem. Vamos fazer uma pequena reunião de família antes da inevitável e trágica separação.

O sujeito assentiu e saiu por um portal em arco. Enquanto todos esperavam, Sherlock aproveitou a oportunidade para olhar em volta. De ambos os lados do tablado, um grupo variado de pessoas observava Sherlock ou o sujeito na cadeira. Havia homens, mulheres e algumas crianças, mas todos pareciam o tipo de gente que ganhava a vida de forma desonesta — olhos sérios e atentos, e pele que havia visto muito sol e muita chuva. Eles não usavam o mesmo padrão xadrez. Suas roupas eram uma mistura de remendos e tecidos surrados. Quando o menino via alguém usando um casaco que combinava com a calça, supunha que devia ser por acaso ou porque as peças haviam sido roubadas juntas. Em meio à multidão aglomerada em torno do tablado, Sherlock percebeu vários daqueles sujeitos esqueléticos de rosto branco. As outras pessoas não pareciam se incomodar com a presença deles — não como os fregueses da taverna. Os indivíduos estavam perfeitamente integrados, conversando com os companheiros; ninguém os evitava. Eles não agiam da forma como Sherlock vira antes, distantes, como se fossem cadáveres. O menino não sabia por que estavam vestidos daquela maneira, mas com certeza havia algum motivo.

A multidão se alvoroçou, interessada, e todos se viraram na direção da entrada em arco. Segundos depois, Crowe, Virginia, Rufus Stone e Matty foram trazidos aos empurrões. Eles olharam em volta para se situar. Crowe foi direto até

Sherlock ao vê-lo no meio do salão.

— Garoto — disse Crowe, assentindo enquanto Sherlock se levantava. — Quando vi que eles tinham capturado Ginnie, imaginei que teriam pegado você também.

— Sinto muito por não ter conseguido protegê-la — falou Sherlock.

Crowe balançou a imensa cabeça.

— Não havia nada que você pudesse fazer — respondeu ele. — Esse pessoal é organizado. Pegaram-nos no alto do penhasco e nos trouxeram para cá.

Sherlock franziu o cenho.

— Acho que eles não trabalham para Bryce Scobell — disse ele. — Parecem ser daqui; parecem escoceses.

Crowe assentiu.

— Desconfio que sejam uma gangue criminosa dos arredores de Edimburgo. Parece que caímos nas mãos deles, embora eu não saiba muito bem o motivo, nem o que querem.

O homem que havia ido buscá-los deu um passo na direção de Crowe.

— Nada de conversa — rosnou ele, levantando a mão para dar um tapa na orelha de Crowe.

Tranquilo, Crowe pegou a mão dele e a torceu, fazendo o sujeito gritar e ficar de joelhos.

— Não aprecio ser tratado com grosseria — disse ele, baixinho —, e já estou farto disso. Ficaria grato se você pudesse parar.

O sujeito no chão se levantou com dificuldade, e dois brutamontes que estavam atrás do homem barbudo na cadeira avançaram para Crowe, mas o líder levantou a mão.

— Deixem-no, por enquanto. Ele tem coragem. Admiro isso em um homem. — O sujeito assentiu para Crowe. — Acalme-se, Sr. Crowe. Eu poderia mandar todos os meus rapazes para cima de você ao mesmo tempo, o que com certeza seria divertido de se assistir. Como você está vendo, gostamos de ver boas lutas aqui... e também de fazer apostas. O problema é que você causaria estragos a alguns dos meus homens, e preciso deles para outras coisas.

Crowe o encarou.

— Você está em vantagem em relação a mim, senhor. Sabe meu nome, mas creio que não fomos apresentados.

O homem se levantou. Era ainda mais alto do que Sherlock havia imaginado, e seu tórax era largo como um barril de cerveja.

— Meu nome é Gahan Macfarlane, do Clã Macfarlane, e tenho uma pequena proposta de negócios para você.

O nome "Macfarlane" ecoou na mente de Sherlock. Ele havia ouvido esse nome não muito tempo antes. Mas onde?

Crowe sorriu, mas sua expressão não mostrava muito humor.

— Você não me parece um homem de negócios — respondeu. — Está mais para bruto e bandido.

Macfarlane retribuiu o sorriso.

— Palavras fortes para um homem em desvantagem numérica. Existem muitos tipos de negócios, meu amigo, e muitos tipos de homens de negócios. Nem todos usam fraque e cartola.

— Então que tipo de negócio é a sua área de atuação?

— Ah, minha cartela de atividades é uma beleza. — Macfarlane passou o olhar pela corte, ao que todos riram, obedientes. — Digamos apenas que trabalho com seguros.

— Seria — respondeu Crowe, grave —, suponho, o tipo de seguro em que comerciantes da região lhe pagam certa quantia toda semana para garantir que não haja... acidentes?

— Correto — reconheceu Macfarlane. — E você ficaria surpreso com a frequência com que acidentes acontecem logo depois de algum comerciante decidir que já não pode mais bancar o tipo de seguro que ofereço. É um mundo perigoso. Lojas pegam fogo o tempo todo, e comerciantes são espancados por bandos de vagabundos sem qualquer motivo. Na minha opinião, ofereço um serviço público ao protegê-los desses perigos.

Crowe se virou para Sherlock.

— Extorsão — disse apenas. — Comerciantes esforçados e inocentes pagam para que esse homem não mande os capangas darem uma surra neles, destruírem as mercadorias ou incendiar as lojas. É um ganha-pão bastante desonesto.

Macfarlane deu de ombros.

— É a natureza, nua e crua — disse ele. — Todos os animais têm medo de alguma coisa, algo que possa matá-los e comê-los. Não é diferente em Edimburgo. As pessoas daqui fogem dos impostos sempre que possível. Os

comerciantes vendem cerveja e pão, mas diluem a bebida com água e põem serragem no pão para economizar farinha. Eu apareço e pego a minha parte. É a vida, meu amigo. — Ele sorriu. — Somos chamados Saqueadores Negros — disse, com orgulho. — E somos conhecidos e temidos daqui até Glasgow.

Sherlock se lembrava de ter lido o nome nos jornais de Edimburgo. Os Saqueadores Negros eram aquela gangue tão temida.

— Então do que *você* tem medo? — perguntou o menino, ousado. — Quem pega uma parte de vocês?

Macfarlane virou a cabeça barbada para Sherlock.

— Estou no topo da cadeia alimentar por estas bandas, rapazinho — respondeu ele, sério. — Não tenho medo de ninguém. — Ele voltou a olhar para Crowe. — E sejamos justos: não me meto com prostituição, chantagens, sequestros nem nada disso. Aliás, nada que afete crianças. Deixo isso para bandidos de categorias inferiores. Tenho meus critérios. — Ele deu de ombros. — Às vezes uma ou outra carteira roubada ou casa invadida. Ou de vez em quando alguns homens nas docas deixam algum caixote cair e quebrar e pegam algumas coisas. Não organizo os crimes, nem os executo, mas os ladrões me dão uma parcela pelo privilégio de atuar em meu território.

— Um criminoso com moral — debochou Crowe. — Que comovente.

— Um criminoso com uma postura prática — corrigiu-o Macfarlane. — A polícia fica mais agitada com sequestros, chantagens e assassinatos do que com roubos e extorsões. Tento não chamar a atenção deles.

— Então *existe* alguém acima de você na cadeia alimentar — comentou Sherlock.

O homem fez uma careta.

— Até o urso evita atiçar o vespeiro — retrucou.

Interessante, pensou Sherlock. Esse era um ponto sensível para o sujeito.

O menino passou o olhar pela corte de Macfarlane, todos bandidos e ladrões. E, claro, pelos "cadáveres" espalhados pela multidão.

— Mas por que fingir que você controla pessoas mortas? — continuou Sherlock. — Quer dizer, está tudo muito bem-feito, muito convincente, mas não entendo a finalidade.

— Eu governo pelo medo, rapazinho — respondeu Macfarlane. — As pessoas aceitam ser extorquidas porque têm medo do que vai acontecer se não pagarem.

Descobri que sou mais temido se todo mundo achar que tenho poderes que ninguém entende. Às vezes alguém tenta enfrentar meus homens, tenta fazê-los recuar ou lhes dar dinheiro, mas como ameaçar ou subornar um cadáver? Se as pessoas acreditarem que posso controlar os mortos, terão um medo mortal de mim e continuarão me pagando. — Ele riu. — Alguns já não nos chamam mais de Saqueadores Negros... chamam-nos de *Ressuscitadores* Negros, pois ressuscitamos os mortos!

— Mas são apenas pessoas fantasiadas e maquiadas para parecerem cadáveres — observou Sherlock. — Ninguém *percebe*?

— As pessoas acreditam no que querem acreditar. Edimburgo é um lugar sombrio. As pessoas daqui *querem* acreditar que os mortos podem andar. Depois de Burke e Hare, das partes na cidade que foram enterradas e de todas as histórias de fantasmas envolvendo o castelo, não tive muito trabalho.

— Por mais fascinante que seja — disse Crowe —, não vejo bem o que temos a ver com o seu belo empreendimento. Não somos ladrões e não somos comerciantes. O que exatamente estamos fazendo aqui?

— Ah — exclamou Macfarlane. — Esta é uma pergunta interessante. Ouvi falar que alguém novo na região estava procurando um grupo. Estava procurando um homem grande de cabelo branco e um sotaque estranho que viajava com uma menina de cabelo ruivo vestida com roupas de menino. Na verdade, disseram que a menina talvez até estivesse disfarçada de menino, mas que ela poderia ser reconhecida pela cor incomum dos olhos. — Ele fez um gesto na direção de Crowe e Virginia. — E aqui estão vocês... um homem grande de cabelo branco e um sotaque estranho, e uma menina de olhos da cor da flor do tojo. Quando me disseram que vocês tinham sido vistos perto de Cramond, decidi dar uma olhada pessoalmente. Queria ver o que vocês tinham de tanto valor.

— Valor? — perguntou Crowe.

Ele tinha uma expressão grave no rosto. Parecia saber o rumo daquela conversa cheia de lacunas, e Sherlock também já imaginava.

— Ah, não comentei? Dizem que existe uma recompensa pelo homem e pela menina que descrevi. Vivos, é claro. Falou-se de quinhentas libras. É uma quantia considerável por estas bandas. Não há recompensa se estiverem mortos. Na verdade, falam de uma ameaça específica caso eles sejam mortos sem querer. — Ele sorriu para Crowe. — Não sei quem vocês são nem quem irritaram, mas

tem alguém muito ansioso para encontrá-los. Não que seja importante, mas poderia me dizer por que querem tanto vocês?

Crowe encarou Macfarlane.

— Todo mundo tem medo de alguma coisa — murmurou.

Macfarlane assentiu.

— Palavras corajosas — disse ele. — Mas você está aqui e não parece muito assustador. Mandei uma mensagem ao homem que estava oferecendo a recompensa por sua captura. Ele chegará em breve. E então veremos o que acontece.

— E os meninos? — perguntou Crowe, fazendo um gesto com a cabeça na direção de Sherlock e Matty. — Você disse que nunca machuca crianças. Eles se envolveram nesta história por acaso. Eu agradeceria se pudesse considerar a possibilidade de libertá-los. Não existe recompensa por eles, e dou-lhe minha palavra de honra de que causarei menos problemas se você os soltar.

Macfarlane refletiu por um instante.

— É verdade que não sou de aceitar violência contra jovens — disse ele, pensativo.

— Eu não vou embora! — gritou Sherlock.

Crowe o repreendeu:

— Você vai se eu mandar, garoto — chiou. — Não sabe do que Bryce Scobell é capaz.

— Mas...

Crowe ergueu a mão.

— Não discuta. É melhor que sejamos só nós dois enfrentando Scobell do que todos os cinco. Eu ficaria mais tranquilo se soubesse que você e o jovem Matthew estão em segurança. — Ele se virou para Macfarlane. — E então? Temos um acordo?

Macfarlane o encarou por um tempo.

— Por um lado, você tem razão... não existe nenhuma recompensa específica pelos garotos. Por outro, eles são sagazes, e acho que, por mais que você diga que não, talvez esteja mais disposto a cooperar se eu os deixar aqui. Então, não, não temos um acordo. Estou com todas as cartas na mão e não vejo motivo algum para me desfazer de nenhuma tão cedo.

Algo ainda pipocava nas profundezas da mente de Sherlock, algo sobre o nome

“Macfarlane”. Ele tentou dar liberdade para que o pensamento brotasse, para que ficasse mais à vista. Algo que ele havia ouvido aqueles dias? Não, algo que ele havia *visto*.

— Aquele assassinato! — disse ele de repente, quando a lembrança emergiu de seus pensamentos. — De Sir Benedict Ventham. — Ele tentou pensar nas imagens dos jornais: o que ele lera no trem de Farnham para Londres e o que lera no parque da Princes Street. — A mulher que prenderam... o nome *dela* era Macfarlane, e o jornal dizia que havia alguma relação entre ela e os Saqueadores Negros.

Foi como se um silêncio de repente cobrisse todo o salão. O rosto de Macfarlane pareceu assumir uma expressão de fúria.

— Minha irmãzinha — rosnou ele. — Que isso tenha acontecido com ela! Ela nem tem culpa! Não faria mal a uma mosca!

— Ela é parente do líder de uma gangue criminosa — disse Crowe, nervoso. — Suponho que a polícia tenha dado uma olhada na árvore genealógica e a jogado na cadeia.

Macfarlane se levantou, desceu do tablado e foi até Crowe. Os dois ficaram cara a cara, nariz com nariz. Tinham a mesma altura e eram igualmente enormes e cabeludos. A única diferença era que o cabelo de Gahan Macfarlane era todo preto, não branco.

— Ela não é culpada de crime algum — disse Macfarlane, bem baixo, as palavras caindo no silêncio tenso do salão como pedras em uma poça imóvel de água. — Ela sempre detestou esse ramo em que comecei a atuar. É uma moça temente a Deus, e nada jamais mudaria isso.

— Às vezes coisas estranhas acontecem — disse Crowe, também em voz baixa. — Talvez esse Sir Benedict Ventham a tenha atacado, e ela tenha precisado se defender.

— Ela escreveu para mim. — Macfarlane não piscava. Encarava Crowe, desafiando o americano a continuar procurando motivos para que sua irmã pudesse ser culpada. — Jurou para mim, pela Bíblia, que não fez *nada* que pudesse ter resultado na morte dele, e que lamentava isso como lamentava a morte do nosso próprio pai. Acredito nela.

— Nesse caso — disse Sherlock, alto —, *eu* tenho uma proposta de negócios para *você*.

Capítulo quinze

MACFARLANE FICOU UM BOM TEMPO encarando Crowe, como se não tivesse ouvido Sherlock, até que por fim girou a cabeça na direção do menino.

— Continue, rapazinho. Vamos ver se me impressiona.

— Se conseguirmos limpar o nome da sua irmã, mostrar que ela é inocente, você nos liberta. Não nos entrega a Bryce Scobell.

Sherlock ouviu um murmúrio de incredulidade correr pelo salão.

Crowe também se virara para encarar Sherlock. A expressão tranquila, quase serena, de Macfarlane contrastava com a dele, que franzia o cenho como se tentasse imaginar o que Sherlock pretendia com aquilo. Mas o menino precisava reconhecer que também não sabia.

— Deixe-me ver se entendi — disse Macfarlane, devagar. — Você quer... o quê? *Investigar* o assassinato? Procurar algo que a polícia tenha deixado passar? E acha mesmo que consegue reunir provas suficientes para convencer os policiais de que a pequena Aggie não tem culpa?

Sherlock deu de ombros.

— O que você tem a perder? Se não conseguirmos provar que ela é inocente, você nos entrega a Bryce Scobell e recebe a recompensa. Se conseguirmos, e ela for solta, você recupera sua irmã. De um jeito ou de outro, você sai ganhando.

Macfarlane sorriu como se achasse graça da confiança de Sherlock.

— Você é um pouco novo para ser policial, rapaz.

A mente de Sherlock voou de volta a alguns meses antes, quando seu irmão Mycroft fora acusado de assassinato. A polícia não havia demonstrado interesse em investigar o crime: eles estavam diante de um suspeito e tinham provas suficientes para condená-lo. Fora Sherlock quem encontrara o verdadeiro assassino.

— A polícia só vê o que quer ver — respondeu ele, amargurado. — Eles veem o que é mais *fácil*. Não me deixo distrair pelo óbvio. Consigo ver o que eles não

veem.

Macfarlane o encarou sem falar nada. Sua expressão era uma combinação estranha de desprezo condescendente e fugaz esperança. Algo na voz de Sherlock o estava convencendo.

— Acredito que você consiga — disse ele, depois de um tempo —, mas preciso de algo mais, antes de permitir que você saia para investigar. Isso pode ser uma tentativa de fuga.

— Não quando você ainda está com meus amigos — comentou Sherlock.

O menino olhou em volta, desesperado para encontrar algo — qualquer coisa — que pudesse ser usado para convencer Macfarlane de que era capaz de fazer o que havia prometido.

— Você falou que alguns dos seus homens trabalham nas docas, certo? — perguntou.

Macfarlane assentiu.

— E se eu lhe disser quais deles trabalham nas docas e quais não? Isso o convenceria?

— Só de olhar para eles? Sem fazer nenhuma pergunta? — Macfarlane balançou a cabeça. — Não sei como você vai saber quais são.

— Separe vinte de seus homens — disse Sherlock. — Não me diga nem mesmo quantos desses trabalham nas docas. Eu vou descobrir.

— Vamos dificultar, então — respondeu Macfarlane. — Você também não pode olhar para as mãos deles, caso esteja contando em encontrar marcas de cordas ou algo do tipo.

Sherlock deu de ombros.

— Se isso o deixa mais feliz.

Macfarlane se afastou de Amyus Crowe como se nem se lembrasse de que o americano estava ali. Apontou para diversas pessoas na multidão.

— Você, você e você... para lá, na parede. Dougie, você também. E você, Fergus... Mãos para trás, todo mundo.

Enquanto Macfarlane escolhia os vinte homens, Rufus Stone fez um gesto para Sherlock.

— Tem certeza disso, Sherlock? Você consegue fazer isso?

— Acho que sim — respondeu o menino. — Não sei se temos escolha. Precisamos arranjar alguma moeda de barganha para convencê-lo a nos libertar.

Se você tiver alguma ideia melhor...

Rufus deu de ombros.

— Não me ocorre nada.

— Certo — anunciou Macfarlane. — Vejamos seu truquezinho.

Havia vinte homens alinhados na parede, todos com as mãos nas costas. Eles variavam em idade, desde um garoto como Sherlock até alguns homens na casa dos sessenta anos. Todos estavam com sujeira incrustada no pescoço e atrás das orelhas e tinham tatuagens azuis grosseiras no antebraço. Alguns tinham cabelo até os ombros, outros tinham rabo de cavalo e outros, ainda, apenas uma sombra de cabelo na cabeça.

Sherlock foi até a ponta da fila. Em vez de se aproximar e olhar o rosto e as roupas de cada um — o que ele desconfiava que fosse a expectativa de Macfarlane —, agachou-se e examinou os sapatos do primeiro homem o mais atentamente possível. Ouviu risadinhas abafadas vindo da multidão de brutamontes e ladrões, mas ignorou-as. Percorreu a fila engatinhando no chão, conferindo sapatos, botas e barras dobradas de calças.

Quando chegou ao fim, levantou-se. Os homens na parede estavam esticando o pescoço, olhando para ele com fascínio, alguns com desconfiança, enquanto o restante da multidão conversava e apontava para Sherlock.

— Certo — disse o menino. Ele caminhou ao longo da fila, apontando para cinco dos vinte homens. — Você, você, você, você e... sim, você. Um passo à frente. — Olhou para Macfarlane, que o observava fascinado. — Esses cincos trabalham nas docas com regularidade. Os outros quinze, não.

— Você tem razão. Tem toda razão. — Ele gesticulou para que os homens voltassem à plateia. — Como soube?

— Eles trabalham perto de água do mar — respondeu Sherlock —, e é isso o que os entrega. Devem se molhar com a água das docas com alguma frequência. Já percebi isso antes. A água do mar faz duas coisas. Quando encharca o couro dos sapatos e seca, deixa algumas marcas brancas, onde o sal ficou depositado no próprio couro. E também, quando gotas d'água caem nas barras dobradas das calças e depois secam, deixam cristais de sal. Esses cinco estão com marcas brancas no couro dos sapatos ou cristais de sal na barra das calças, ou ambos.

— Estou impressionado — reconheceu Macfarlane. — Você parece ser bem esperto, e não posso dizer o mesmo dos policiais que estão investigando o

assassinato do qual minha irmã foi acusada. Tudo bem, então: vou aceitar sua oferta. Mas devo dizer que você não tem muito tempo. Agora são — ele conferiu o relógio — nove horas, mais ou menos. Tenho um encontro às duas horas desta tarde, com os homens que estão atrás dos seus amigos americanos. Você tem cinco horas, nem mais, nem menos.

Sherlock olhou para Amyus Crowe, e então para o rosto pálido de Virginia, depois para Matty. O amigo sorriu e fez sinal de positivo com o polegar.

— Se é o que tenho, então é desse tempo que eu vou precisar — respondeu ele, sério, torcendo para que conseguisse dar conta do combinado.

Macfarlane gesticulou para um de seus homens.

— Dunlow, você está por dentro da situação. Leve uma carruagem lá para a frente agora mesmo. Você e Brough vão com o garoto. Levem-no à delegacia primeiro. Se ele tentar fugir, vão atrás dele. Haja o que houver, tragam-no de volta para cá até as duas. Entendido?

Os homens assentiram.

— O mordomo da casa de Sir Benedict Ventham é um... cliente meu — disse Macfarlane a Sherlock. — Diga que você está trabalhando para mim, e ele o deixará dar uma olhada pela casa, embora eu nem imagine o que você vai encontrar a esta altura.

— Nem eu — murmurou Sherlock. Ele começou a sair com Brough, um dos homens de Macfarlane, mas então se virou e sorriu para Virginia. — Vou voltar para resgatar você.

— Eu sei que vai — respondeu ela.

Brough era um sujeito de trinta e poucos anos, magro e com uma careca sardenta. Seus lábios eram retorcidos, como se ele estivesse sempre sentindo algum cheiro desagradável. O homem acompanhou Sherlock pelos cômodos por onde o menino havia sido carregado antes. Enquanto eles passavam, o animal dentro do fosso, qualquer que fosse, farejava algo do outro lado da cerca, mas no cômodo seguinte os homens ainda lutavam, parados bem perto um do outro e trocando golpes lentos, movendo apenas os braços. Pareciam exaustos e tinham o rosto inchado e cheio de sangue. A rinha de cachorros havia terminado, e a multidão em volta do ringue se dispersava. Ainda havia dinheiro trocando de mãos.

Sherlock e Brough se dirigiram para a porta principal e emergiram para um dia

de luz fraca e desbotada que atravessava pesadas nuvens de chuva. Sherlock se virou para ver o edifício de onde haviam saído. Considerando as lajotas do piso, as tapeçarias, as cabeças de animais empalhadas e as tochas acesas, o menino esperava no mínimo uma mansão antiga, talvez até mesmo um castelo, mas ficou chocado ao descobrir que era apenas um armazém de madeira enorme e indistinto, cercado de outros armazéns. A região parecia deserta. Provavelmente, ficava perto das docas onde aqueles homens trabalhavam. Visto de fora, o armazém parecia um edifício para guardar sacas de grãos, e não a base central de uma gangue criminosa. Mais disfarces, concluiu ele. Qualquer coisa podia ser adaptada para parecer outra, bastando que fosse investida a dose suficiente de esforço.

Dunlow já os esperava do lado de fora. Era mais velho que Brough, e também mais baixo e largo, mas dava a impressão de que tinha mais músculo que gordura. Os dois conduziram Sherlock a uma carruagem preta.

Meia hora depois, pararam diante de um edifício de pedras cinzentas e um telhado comprido de placas de ardósia preta. As janelas tinham grades. Na pedra acima da porta estava escrito *Polícia de Edimburgo e Lothian*.

— É aqui que a irmã do chefe está presa — disse Dunlow. O som de sua voz era como duas pedras raspando uma na outra. Ele parecia pouco à vontade em estar assim tão perto de uma delegacia. — Deixe-me entrar e ver se vão deixar você conversar com ela.

— Isso é possível? — perguntou Sherlock. — Quer dizer, não sou parente nem nada, e, mesmo se você disser que *sou*, eles vão perceber que não sou escocês assim que eu abrir a boca.

— Por estas bandas o pessoal costuma deixar que cidadãos paguem um trocado para observar criminosos nas celas — respondeu Dunlow, sombrio. — A classe média gosta de ver os pobres nas mãos da polícia... assim eles dormem mais tranquilos à noite. Vou passar um xelim para o sargento e dizer que você é filho de um lorde inglês em visita ao país. Ele vai deixar você ficar uns dez minutos sozinho com ela, sem perturbar. — Ele viu a expressão de choque de Sherlock e bufou. — O quê, você acha que a polícia é melhor que os bandidos? A única diferença é que eles têm uniforme e a gente, não.

Dunlow entrou na delegacia e voltou cinco minutos depois.

— O guarda na recepção vai levar você às celas — disse ele. — Saia em quinze

minutos, ou eles vão querer mais um xelim.

Desconfiado, Sherlock entrou na delegacia. O lugar tinha um cheiro desagradável de mofo. De fato, um guarda uniformizado o esperava junto da porta. Suas suíças acabavam em um bigode farto.

— Por aqui — disse ele de forma ríspida, sem olhar para Sherlock. — Quinze minutos para olhar e falar com ela. Sem gracinhas, ouviu?

— Sem gracinhas — disse Sherlock, sem saber exatamente com o que acabara de concordar.

Eles desceram um lance de degraus de pedra curvos pelo desgaste de várias gerações de pés. A visão das celas trouxe a Sherlock a lembrança desagradável da ocasião em que visitara Mycroft em uma delegacia de Londres. Ele esperava que a visita de hoje tivesse um resultado tão positivo quanto aquela.

O guarda parou diante de uma porta e a destrancou com uma chave grande presa em um aro em seu cinto. Abriu e fez um gesto para que Sherlock entrasse.

— Quinze minutos — avisou ele. — Ela passa a maior parte do tempo chorando, então duvido que vá fazer alguma coisa idiota, como atacar você, mas com essa laia nunca se sabe. Se ela avançar, bata na porta. Estarei esperando aqui fora.

Sherlock entrou. A porta se fechou às suas costas, e o menino ouviu a chave virar na fechadura. Estava sozinho com uma assassina em potencial.

A assassina em potencial estava deitada em um catre de metal que parecia preso à parede por dobradiças e correntes. A mulher olhou para ele. Tinha aproximadamente trinta e cinco anos, olhos azuis e cabelo que parecia palha. Sua cabeça tinha um formato que lembrava o do irmão, mas ela era menor e mais delicada. Seu rosto estava sujo e marcado por lágrimas, e as roupas, amarrotadas, como se a mulher tivesse dormido com elas — o que provavelmente era o caso.

— Não preciso de um padre — disse ela. Sua voz estava fraca mas firme. — Ainda não estou pronta para ficar em paz com Deus.

— Não sou padre — respondeu Sherlock. — Fui enviado por seu irmão.

— Gahan? — Ela se endireitou na cama. Seus olhos demonstravam pânico. — Ele não pode se envolver. Não *pode*. — A mulher olhou para a porta, com medo de que o guarda estivesse ouvindo do lado de fora. — Se a polícia achar que ele tem alguma coisa a ver com isso, vai persegui-lo por todos os cantos da Terra e não descansará até pegá-lo!

— Não se preocupe — falou Sherlock, para tranquilizá-la. — Ele não está envolvido. Eu pedi para vir vê-la. Quero descobrir o que aconteceu.

— O que aconteceu? — Ela virou o rosto, e seus olhos se encheram de lágrimas. — Sir Benedict está morto, e a polícia acha que eu o matei, senhor. Foi isso o que aconteceu.

— E você o matou?

A mulher olhou para ele de novo, consternada.

— Eu não poderia matar Sir Benedict! Eu trabalhava para ele havia vinte anos. Senhor, ele era como um pai para mim!

O menino assentiu.

— Tudo bem. Então por que a polícia acha que você é a assassina?

Ela apoiou a cabeça nas mãos.

— Porque sou a cozinheira dele. Quer dizer, *era* a cozinheira dele. Preparava todas as suas refeições. E ele foi envenenado, ou pelo menos é o que estão dizendo. Então, se ele foi envenenado, deve ter sido por mim. É óbvio, não é?

— Mas com certeza outras pessoas tocaram na comida dele, ou a levaram, ou tiveram algum acesso ao que ele comia, não?

Ela balançou a cabeça.

— Sir Benedict era muito... desconfiado. Ele acreditava que seus rivais queriam destruí-lo. Estava convencido de que, se pudessem, atacariam-no ou envenenariam sua comida. A casa estava cheia de guardas para evitar que alguém entrasse ou ateasse fogo em tudo, e ele só saía acompanhado de um dos guardas. Todas as portas e janelas eram trancadas e reforçadas, e a única pessoa em quem ele confiava para preparar e servir a comida era eu. — Ela deu um leve suspiro. — Às vezes aquilo parecia uma prisão, e mesmo assim eu era feliz. Eu trabalhava para Sir Benedict fazia muito tempo, e ele sabia que eu nunca faria nada para machucá-lo. Além disso, ele incluiu no testamento que eu herdaria *quinhentas* libras se ele morresse de causas naturais. O mesmo valia para o mordomo, as criadas, o jardineiro e todos os guardas. — Ela fungou. — Ele sabia que assim ninguém o machucaria ou entraria na casa usando de suborno. — Ela fungou mais uma vez. — Não que eu fosse fazer ou deixar de fazer qualquer coisa por causa de dinheiro.

— Então a senhora preparava a comida dele sozinha e a servia? Só a senhora?

— Isso mesmo — confirmou ela. — E era eu quem providenciava todos os

alimentos também. Comprava todos os temperos e legumes e leite no mercado e pegava a carne no açougue. E também fazia todo o pão dele.

— Então, se a carne ou os legumes estivessem envenenados, outra pessoa na região também teria morrido, e isso não aconteceu.

— É exatamente isso, senhor, e é por isso que estou aqui agora, na fila da forca.

Sherlock conferiu o relógio. O tempo estava passando. Faltavam apenas algumas horas até que Bryce Scobell se encontrasse com Gahan Macfarlane.

— E você só obtinha os alimentos no mercado e nos açougues?

— Sim. — Ela fez uma pausa, hesitante. — Exceto um ou outro coelho. O jardineiro os capturava com armadilhas. Ele os trazia para mim, ainda quentes, e eu tirava as tripas e a pele. Sir Benedict adorava coelho ao molho de creme de mostarda... pedia esse prato várias vezes por semana. — Ela fungou, à beira das lágrimas de novo. — Disseram que foi isso o que o matou. Deram os restos do jantar para um cachorro, que morreu também.

— Interessante. A última refeição dele foi um coelho ao molho de creme de mostarda?

Ela assentiu.

— E você preparou tudo sozinha?

— Sim. Comprei o creme no mercado, assim como as sementes de mostarda. O próprio jardineiro pegou o coelho. Ainda estava quente, então dava para saber que o animal tinha acabado de morrer.

Sherlock vasculhou o cérebro em busca de mais alguma pergunta. Nada apareceu. Ele olhou a mulher sentada naquele banco duro de metal, o rosto coberto de lágrimas, uma expressão sofrida mas esperançosa. Ela dependia de Sherlock para provar sua inocência, assim como Amyus e Virginia Crowe, Matty Arnatt e Rufus Stone. O menino não podia decepcioná-los, mas não imaginava como Aggie Macfarlane poderia ser inocente. Se ela dissera a verdade, Sherlock não via forma alguma de a refeição ter sido envenenada. Contudo, se Aggie Macfarlane fosse culpada, ela teria contado uma história que indicasse a possibilidade de outra pessoa ter envenenado a comida, não? Provavelmente seria condenada à forca por conta de sua honestidade.

— Preciso ver a casa — disse ele, abatido —, para conferir a cena do... do crime. Se eu descobrir alguma coisa, aviso.

Sherlock deixou a cela sob o olhar da mulher, um olhar reavivado por uma nova esperança.

Ele disse a Dunlow e Brough que queria visitar a mansão de Sir Benedict Ventham. Os dois ergueram as sobrancelhas, mas partiram sem falar nada.

A viagem levou outros vinte minutos. Sherlock olhou para o relógio pelo menos umas cinco vezes, contando todos os minutos e segundos.

A carruagem saiu da rua para uma pista que fazia uma curva e levava a uma casa grande e pouco receptiva. Em vez de parar na frente, porém, o veículo passou direto e seguiu por um acesso nos fundos.

— Entrada de serviço — explicou Dunlow.

Eles desceram e foram até uma porta nos fundos da casa, Dunlow na frente de Sherlock e Brough atrás. Quando os três chegaram à porta, ela se abriu. Um homem alto e magro, com um bigode fino, encarava-os. Usava calças listradas e paletó preto. Sua face esquerda parecia ligeiramente inchada, e Sherlock se perguntou se o sujeito estava comendo algo antes de eles aparecerem.

— O que em nome de Deus vocês dois estão fazendo aqui? — chiou ele. — Já dei o dinheiro desta semana para o patrão de vocês. Saiam daqui!

— Macfarlane quer que este garoto aqui veja o lugar onde Sir Benedict morreu.

— Isso aqui não é atração turística — disse o homem. — Não oferecemos visita guiada.

— A polícia está na casa?

O mordomo balançou a cabeça em negativa.

— Disseram que já têm tudo de que precisam.

— Então não há motivo algum para você não nos mostrar a sala onde seu chefe morreu e a cozinha onde a refeição foi preparada. Ou quer explicar para *meu* chefe que você não está disposto a fazer isso?

O mordomo hesitou e encarou Sherlock.

— Apenas o menino, então, e só por alguns minutos. Não mais que isso.

Dunlow olhou para Sherlock.

— Isso deve bastar — disse o menino.

O mordomo o conduziu pela casa, passando da área da criadagem, onde as paredes precisavam de uma nova pintura e o tapete estava desgastado, para a parte principal da residência, onde a tinta estava imaculada e os tapetes eram tão

espessos e macios que Sherlock sentia estar andando nas nuvens. O mordomo o levou ao salão principal. Havia um carrilhão junto a uma parede. O tique-taque era alto, contando cada segundo. O mordomo virou para um lado e entrou em uma sala de jantar. Sherlock percebeu que ele mastigava algo.

— Foi aqui que Sir Benedict morreu — disse o mordomo. Ele fez um gesto com a cabeça na direção da ponta da mesa. — Estava sentado ali.

Quando o mordomo falou, Sherlock sentiu um cheiro de tabaco encher o ar. Isso explicava a bochecha inchada — ele estava mascando tabaco.

— Quem trazia a comida? — perguntou Sherlock.

Ele já tinha ouvido a resposta da cozinheira, mas queria conferir se ela havia falado a verdade.

— Aggie Macfarlane. — O mordomo torceu os lábios. — Era muito próxima de Sir Benedict. Próxima demais para meu gosto. Ela veio trazendo o prato como se estivesse tudo normal, mas sabia que a comida estava envenenada.

— O senhor tem certeza de que foi ela quem pôs o veneno?

O mordomo fez uma careta.

— Quem mais poderia ter feito isso?

Era uma pergunta razoável, e Sherlock estava pensando o mesmo.

— E o prato? — perguntou ele. — O veneno não poderia ter sido colocado direto no prato?

O mordomo pensou antes de falar, e Sherlock percebeu que ele passava o tabaco de um lado para o outro dentro da boca.

— A cozinheira recebera instruções explícitas de sempre lavar o prato logo antes de servir a refeição — respondeu ele após um tempo. — Todo mundo sabia disso. Não faria sentido colocar veneno no prato. — Ele hesitou, pensando. — E ouvi dizer que a polícia deu a mesma comida para um cachorro, e não a tiraram desse prato, mas da travessa que ela havia usado no forno. O cachorro morreu. Com certeza isso significa que o veneno estava na comida, não no prato.

— Sim — disse Sherlock, devagar —, mas significa também que a comida estava envenenada antes de ir para o forno. Por que envenenar a comida e *depois* assá-la? O veneno poderia ser destruído pelo calor. Faz mais sentido colocar o veneno depois de servi-la no prato.

Sherlock sentiu uma pequena agitação de entusiasmo no peito. Esse era o primeiro indício concreto de que Aggie Macfarlane talvez fosse inocente. Não

bastaria para limpar o nome dela, mas sugeria que Sherlock estava no caminho certo.

O relógio no saguão fez um barulho de repente, quando o mecanismo interno se mexeu. Sherlock olhou para os ponteiros: ele tinha que estar no caminho certo.

— Tenho que ir à cozinha — disse ele.

— Venha comigo.

Enquanto voltavam à área da criadagem, Sherlock conferiu o relógio. Dez e meia da manhã. Faltavam duas horas e meia — e meia hora disso seria perdida no retorno ao armazém de Macfarlane. O tempo estava acabando.

A cozinha era praticamente idêntica à da mansão Holmes: uma mesa grande no centro, manchada pelos anos de uso, um fogão enorme com várias portas de forno, um aparador cheio de pratos e louças, um suporte preso no teto do qual pendiam corpos de faisões e coelhos, uma grande pia quadrada... todos os itens tradicionais às artes culinárias. Não havia pratos sujos nem frigideiras com restos de comida — ou Aggie arrumara a cozinha enquanto preparava o jantar, ou não fora presa imediatamente.

Sherlock não ia descobrir nada ali.

— O coelho que estava envenenado — disse ele. — Preciso ver onde ele foi capturado.

— Esse — respondeu o mordomo, fungando — não é o meu departamento. Meu domínio é o *interior* da casa, não o exterior. Chamarei o jardineiro. — Ele foi até uma porta que dava para a área externa e a abriu. Cuspiu o tabaco, lançando um jato marrom no chão perto da porta, e gritou: — Hendricks! Venha cá! — Então voltou-se para Sherlock. — Hendricks responderá a quaisquer outras perguntas que você tiver. Agora, se me dá licença, preciso procurar um novo emprego.

Ele se afastou, deixando Sherlock sozinho. O menino ficou ali parado na porta da cozinha, olhando para o jardim bem-cuidado e sentindo o cheiro desagradável do tabaco emanando de onde o mordomo havia cuspido. Ficou ligeiramente enjoado com o cheiro. Não entendia qual era a graça do tabaco — fosse para fumar ou para mascar. Eram hábitos asquerosos. Sherlock não tinha a menor intenção de adotar nenhum dos dois quando crescesse.

Uma figura surgiu no final do caminho, passando por uma brecha na cerca

viva. Tinha quarenta e poucos anos, cabelo e barba ligeiramente grisalhos, e usava um casaco verde-escuro e calças grossas de algodão.

— Alguém me chamou?

A voz do homem tinha um som escocês marcado, completamente diferente do sotaque estrangulado do mordomo.

— Sr. Hendricks?

— Só Hendricks está bom. — Ele olhou para as roupas de Sherlock. — Senhor — acrescentou. — Como posso ajudar?

Sherlock pensou se deveria tentar explicar quem era e o que estava fazendo, mas logo decidiu dizer ao homem apenas o que queria.

— O coelho que você pegou, o último que Aggie Macfarlane preparou para Sir Benedict. Preciso ver onde ele foi capturado.

Hendricks o encarou por um momento.

— Tudo bem — disse ele, depois de um tempo. — Melhor vir comigo, então.

Sherlock conferiu o relógio. Aquilo estava demorando demais! Seu tempo estava cada vez mais curto, e a vida de seus amigos estava em jogo!

Capítulo dezesseis

HENDRICKS SEGUIU PELO CAMINHO E passou pela brecha na cerca viva. Do outro lado havia um trecho de bosque, ainda nos limites da propriedade. O homem prosseguiu, avançando a passos seguros, sem olhar para ver se Sherlock o acompanhava.

O menino conferiu o relógio mais uma vez. Quase onze horas, e ele estava apenas caminhando pelo campo. Não ia dar tempo!

O jardineiro parou diante de um barranco coberto de grama. Do outro lado do barranco havia uma depressão natural mais ou menos redonda e sem árvores. Sherlock viu buracos escuros ao longo do barranco — tocas de coelho, presumiu.

De repente, uma lembrança lhe ocorreu: a cabeça de coelho dentro da toca em Farnham. O que dera início à viagem. Parecia ter passado tanto tempo, mas foram apenas alguns dias.

— Foi aqui que coloquei as armadilhas — disse Hendricks. Em vez de olhar para Sherlock, ele preferiu fitar a distância. — Usei uma armadilha de laço ligada a um caule curvado. O coelho passa a cabeça dentro dela e a ativa, e o caule aperta o laço e tira o bichinho do chão. Confiro as armadilhas a cada duas horas, mais ou menos.

O menino olhou para onde a armadilha havia sido instalada, mas não sabia o que ela poderia indicar. Sem pensar, foi até o barranco onde ficavam as tocas de coelho. Abaixou-se para conferir a mais próxima. Não havia sinal dos animais, mas ele viu alguns caules caídos bem na entrada da toca. Por um momento Sherlock supôs que fossem os restos de uma refeição que os coelhos haviam levado de volta para a toca, mas então se deu conta de que essa não era uma explicação possível. Ele nunca vira coelhos levarem comida de um lugar para outro — sempre comiam onde quer que encontrassem alimento. Sherlock pegou um dos caules. Em uma das extremidades havia flores parecidas com um sino violeta, e a outra havia sido cortada. Aquelas plantas tinham sido postas ali na

entrada da toca de propósito. Mas quem faria isso?

— Você reconhece essa flor? — perguntou ele, erguendo o caule para que Hendricks pudesse ver.

— Dedaleira — respondeu o jardineiro, olhando o caule e franzindo o cenho. — Tome cuidado com isso, senhor. Chamam de "Campainhas da Morte". Você pode morrer só de dar uma mordidinha em uma dessas folhas. Tem gente que diz que dá para morrer só de respirar perto da planta, mas não boto muita fé nisso. Venho andando por este bosque há anos e nunca tive problemas. — Ele franziu o cenho. — Também não vi muitas dedaleiras. São bastante raras por aqui.

— Por que coelhos comeriam plantas venenosas? — perguntou Sherlock. — Animais com certeza evitam plantas venenosas. — Ele revirou o caule na mão. — Aliás, por que alguém colocaria uma planta venenosa em um lugar onde um coelho vai acabar achando?

— Dizem — comentou Hendricks — que os coelhos são imunes à dedaleira. — Ele retorceu o rosto, como se estivesse pensando em algo. — Não sei se isso é verdade, mas se for...

— Se *for* verdade — disse Sherlock, dando voz aos pensamentos que passeavam por sua cabeça —, então o veneno da dedaleira poderia se acumular na carne do coelho. Isso poderia envenenar qualquer um que o comesse.

Ele ergueu os olhos e trocou um olhar com Hendricks. O jardineiro o encarava, ainda com o cenho franzido em uma expressão grave. Ocorreu a Sherlock que, se o jardineiro tivesse sido a pessoa a deixar as dedaleiras perto da toca, na esperança de que os coelhos fossem comê-las e acumular o veneno no corpo, e se o homem dera o coelho a Aggie Macfarlane sabendo que ela o prepararia para o jantar de Sir Benedict, então ele cometera um assassinato particularmente ardiloso. Talvez tentasse impedir que Sherlock contasse para alguém. O menino ficou tenso, preparando-se para se levantar e correr caso Hendricks fizesse algum movimento suspeito.

Mas não — se ele fosse um assassino, por que diria exatamente o que Sherlock precisava saber para solucionar o crime?

— Alguém deixou as dedaleiras aqui de propósito, para os coelhos comerem? — perguntou o homem. — Para que, se eu pegasse um coelho, a carne dele já estivesse envenenada?

Sherlock assentiu.

— Quanto tempo levaria para o veneno se acumular?

— Uma semana — respondeu Hendricks. — Talvez duas. Mas... quem *faria* algo assim? Algo tão *bárbaro*?

Em vez de responder, Sherlock olhou o chão. A terra era dura — dura demais para preservar qualquer pegada de sapato ou bota. Ele podia saber *como* o crime havia sido realizado, mas essa informação não valia de nada sem saber *quem* o cometera.

Queria olhar mais uma vez o relógio, mas se conteve. Saber quão pouco tempo faltava não o ajudaria a pensar mais rápido.

Passando o olhar pelo barranco das tocas, procurando algo, *qualquer coisa* que pudesse ser importante, ele de repente percebeu que havia algo estranho no chão. Era marrom e seco e se parecia vagamente com uma minhoca, comprida e reta. Sherlock encarou aquilo por alguns instantes, perguntando-se por que uma minhoca morta ficaria reta daquele jeito, e então se deu conta.

Não era uma minhoca. Era a marca deixada por alguém que havia cuspido um bocado de tabaco e saliva.

O menino olhou para Hendricks. O jardineiro seguiu seu olhar e fitou a marca de tabaco.

— Você masca tabaco? — murmurou Sherlock.

— Nunca adotei o hábito — respondeu ele. — Não masco tabaco e não fumo. Mas sei quem masca.

Sherlock se lembrou do mordomo e de sua boca cheia de tabaco, e também de quando ele alegara que o jardim e o bosque não eram seu departamento. Se isso fosse verdade, por que ele fora até ali, tão longe da casa?

— Você precisa ir à polícia — disse Sherlock. — Diga a eles o que encontrou.

— O que *você* encontrou — respondeu o jardineiro, contrariado. — Eu devia ter visto isso tudo, mas não vi.

Sherlock balançou a cabeça.

— A polícia não vai me escutar... Sou um garoto; além disso, não sou escocês. É mais provável que eles acreditem em você. Se quer que Aggie Macfarlane seja solta, precisa lhes contar tudo.

— Certo. Vou contar. — Um canto de sua boca se curvou para cima. — Sempre tive um carinho especial por Aggie. Vou fazer o possível para soltá-la.

Mas e quanto a você?

Naquele momento, Sherlock conferiu o relógio.

Uma e dez. Ele tinha menos de uma hora para voltar e convencer Macfarlane de que poderia limpar o nome de Aggie.

— Preciso correr — disse ele. — Preciso chegar logo a um lugar.

E ele correu. Correu até a casa, onde Dunlow e Brough o esperavam. Antes mesmo de chegar à carruagem, já estava gritando:

— Rápido! Precisamos voltar!

Ao subir na carruagem já em movimento, Sherlock olhou mais uma vez para a mansão. Pensou ter visto o mordomo observando-o de uma janela no térreo, mas a carruagem sacudia muito e ele não pôde ter certeza. Enquanto se afastavam, Sherlock não pôde deixar de pensar na Sra. Eglantine. Todos os empregados responsáveis por administrar residências eram assassinos em potencial?

Ficou segurando o relógio enquanto a carruagem avançava pelas ruas, pistas e vielas de Edimburgo. Seu coração estava pulando, e o menino sentia pressão nos ouvidos e nas têmporas. Queria saltar da carruagem e *correr*, mas isso não seria lógico. Não adiantaria nada. A carruagem já estava indo mais rápido do que suas pernas seriam capazes de levá-lo.

Sherlock detestava esperar. Detestava depender de outras pessoas. Queria *fazer* alguma coisa.

Olhou pela janela pela milésima vez. Muros, janelas, placas e postes de luz passavam correndo, uma massa amorfa e indistinta. Sherlock tinha certeza de que Edimburgo era um lugar maravilhoso, mas naquele momento detestava a cidade.

Quando começou a ver mais armazéns do que casas normais, o menino percebeu que estavam chegando. A carruagem desacelerou até parar, e ele saltou e correu na direção do armazém que havia visto antes. A base de Macfarlane.

— Garoto — gritou Dunlow —, espere por nós!

Sherlock disparou a toda pela porta. Os homens que montavam guarda tentaram segurá-lo, mas o menino conseguiu se esquivar de suas mãos. Deixou para trás um rastro de gritos e alertas enquanto seguia em frente pela sala com as rinhas de cães e pela outra onde os dois homens estavam lutando antes.

— Consegui! — gritou ele ao correr para dentro do salão da corte de Macfarlane. Viu Amyus Crowe, parado junto de Virginia de forma protetora, e

também Rufus Stone e Matty. Os quatro olharam para ele, impressionados, enquanto o menino corria e parava diante do tablado de Macfarlane. — *Consegui!* — repetiu ele. — Eu sei quem matou Sir Benedict Ventham, e não foi sua irmã! Foi o mordomo. Não sei por quê, mas sei que foi ele.

— Excelente notícia — disse Macfarlane. Sua voz parecia séria, e o bom humor de antes havia evaporado. — Estou em dívida com você, rapazinho, como havíamos combinado. O problema é que não estou em posição de pagar, e você não está em posição de cobrar.

Sherlock estava a ponto de perguntar o que ele queria dizer, de argumentar que eles tinham firmado um acordo, mas de repente percebeu que a maioria dos olhares no salão não estava voltada para ele nem para Macfarlane, mas para algum ponto atrás do menino, na direção da porta. Ele se virou, já sabendo o que veria.

Havia dez homens dispostos ao longo da parede, ocultos para qualquer um que estivesse fora do salão. Nove deles apontavam bestas para Macfarlane e seus homens, e também para Sherlock. O décimo estava um passo à frente dos outros, tranquilo. Tinha uma estatura mais baixa que a média, e seu cabelo cuidadosamente penteado cobria-lhe a testa. Suas roupas tinham um caimento perfeito. Ele apoiava as mãos em uma bengala preta de madeira, cuja ponta estava no chão, entre seus pés. O punho da bengala era uma caveira dourada. Sherlock percebeu tudo isso em um relance, mas sua atenção se fixou no rosto e nas mãos do sujeito. Não havia um único centímetro quadrado de pele sem algum nome tatuado. De onde estava, Sherlock viu "Alfred Whiting", "Cb Bill Cottingham", "Winnie Thomas" e "Paul Fallows". Estavam todos em preto, mas na testa dele, destacando-se em vermelho, ele leu "Virginia Crowe".

— Bryce Scobell — disse Sherlock calmamente.

— Eis que voltamos a nos encontrar — disse Scobell, com sua voz curiosamente precisa e delicada. — Peço desculpas. Sei que nosso encontro estava marcado para mais tarde, mas eu simplesmente não consegui esperar. O Sr. Crowe e sua linda filha ocupam meus pensamentos, e minha pele, há bastante tempo. — Ele fitou Sherlock. Seus olhos eram tão pretos que o menino não distinguia a pupila da íris. — Você me causou problemas consideráveis ontem. Suas ações incapacitaram dois de meus homens.

Sherlock olhou pela fileira de capangas de Scobell, mas não viu ninguém

engessado ou com curativos.

— Ah, você não os verá agora — continuou Scobell. Ele tinha um ligeiro sorriso no rosto. — Eu mando sacrificá-los quando eles se ferem; como fazemos com cavalos.

— Então por que os outros continuam trabalhando para você? — perguntou Sherlock. — Se eu fosse eles, não correria o risco.

Enquanto falava, Sherlock observava todo o corpo de Scobell, procurando algo — qualquer coisa — que pudesse servir de vantagem se fosse preciso lutar, ou qualquer coisa que ele pudesse usar para influenciar o homem, mas não havia nada. A figura de Scobell não oferecia pista alguma. Era como se ele fosse um manequim ambulante e dotado de fala.

— Eles temem o que lhes acontecerá se fugirem, é claro — respondeu Scobell —, e eu lhes dou recompensas suficientes para que o risco valha a pena. Algo que descobri sobre os seres humanos: ninguém acredita na própria morte. Sim, as outras pessoas à sua volta podem morrer, mas cada um se acredita invencível.

A atenção de Sherlock se voltou para a caveira dourada no alto da bengala. As cavidades escuras dos olhos pareciam encará-lo. O menino pensou ter visto algo em cima da caveira, uma espécie de fenda, mas, antes que ele conseguisse identificar o que era, Scobell levantou a bengala e apontou a extremidade inferior para o rosto de Sherlock. O homem fez um ligeiro movimento com o dedo e apertou a cavidade ocular esquerda da caveira, ao que uma lâmina estreita pulou da bengala por essa extremidade. A ponta ficou parada no ar, a um centímetro do olho direito de Sherlock.

O menino sentiu o suor brotando na testa.

— Infelizmente — disse Scobell, ainda com aquele tom terrivelmente delicado —, não tenho tempo para conversar e trocar gentilezas. Estou com o horário apertado e preciso cumprir uma promessa que fiz a mim mesmo há anos. A vingança, dizem, é um prato que se come frio, mas já esperei tanto que a minha congelou no prato. — Ele olhou para Crowe. — Você me deve. Você me deve pela morte de minha mulher e meu filho.

— Deixe os garotos irem embora, Scobell! — gritou Amyus Crowe de cima do tablado. — Eles não fizeram nada contra você. Sou eu quem você quer.

— Pelo contrário — respondeu Scobell. — Eles me custaram vários de meus melhores homens. Realizarei minha vingança sobre eles mais tarde, mas primeiro

cuidarei de sua linda filha, que não será tão linda depois que eu terminar. E então cuidarei de você.

Gahan Macfarlane deu um passo à frente.

— Esta é minha casa — rosnou ele —, e você é um convidado. Eu é que dou as ordens aqui.

Devagar, Scobell apoiou a extremidade da bengala no chão. Ele empurrou a caveira dourada, e a lâmina se retraiu para dentro.

Sherlock ouviu um *clique* quando ela travou algum mecanismo de molas que voltaria a liberar a lâmina quando necessário. A atenção do menino continuava concentrada na fenda em cima da caveira. Para que aquilo servia?

Scobell olhou tranquilamente para Macfarlane.

— Estou com todas as cartas na mão — comentou ele. — Você não fez nada contra mim... ainda não. Mas, se quiser viver para ver o sol se pôr, continue assim.

— Você *não* — rugiu Macfarlane — dá ordens na minha...

Antes que Macfarlane terminasse a frase, Scobell ergueu a mão livre. Um dos homens atrás dele fez um ligeiro movimento com a besta e apertou o gatilho. Com um barulho súbito, a corda foi liberada e lançou uma seta pelo ar. Dunlow foi atingido no meio do peito. Ele a encarou por um instante, horrorizado, e então caiu de joelhos. Olhou para Macfarlane e tentou dizer algo, mas tombou de lado no piso de lajotas.

— Dou ordens sempre que eu quiser e onde eu quiser — disse Scobell, sua voz tranquila como se ele estivesse comprando jornal.

Sherlock olhou em volta, atento a tudo que via, calculando o que poderia ser usado para mudar a dinâmica da situação. Mas, com os homens de Scobell em vantagem, Sherlock não via escapatória. Em questão de minutos ele perderia Virginia e Amyus Crowe. E minutos depois estaria morto também, junto com Matty e Rufus Stone. Ele *precisava* fazer alguma coisa.

Seu olhar encontrou o de Gahan Macfarlane, que o encarava. O escocês então olhou para a sala anterior, depois de novo para Sherlock. E assentiu.

O que ele estava tentando dizer?

Sherlock se lembrou do fosso no centro daquela sala, da criatura presa ali dentro. Era isso que Macfarlane queria indicar? O menino não sabia qual era a criatura, mas, considerando a rinha de cães e a luta de boxe nas outras salas e as

várias cabeças empalhadas nas paredes do salão onde estava agora, concluía-se que Macfarlane gostava de ver animais e pessoas brigando. O que estava atrás daquelas placas de madeira, fosse o que fosse, devia ser grande e assustador. Macfarlane com certeza fazia aquilo enfrentar cachorros, ou talvez até pessoas, e as apostas eram não sobre a possibilidade de vitória sobre o animal, mas sobre quanto tempo seu adversário levaria para morrer.

Sherlock teve uma ideia, mas precisaria chegar lá primeiro.

— Está na hora — disse Scobell. — Os nomes em minha testa e meu antebraço estão vermelhos há tempo demais. É hora de cobri-los de preto.

Quando Scobell deu um passo à frente, Sherlock fixou o olhar mais uma vez na caveira dourada da bengala. Uma lâmina na extremidade inferior era ativada por uma das cavidades oculares. Mas a caveira tinha *duas* cavidades oculares...

Sherlock estendeu a mão e enfiou o indicador na cavidade *direita* da caveira.

Uma lâmina emergiu da fenda e atravessou a mão de Scobell. Ele gritou: um barulho estridente e consternado que paralisou todo mundo no salão, menos o próprio Sherlock. Ele então passou por Scobell e correu para a porta que levava à outra sala — onde ficava a fera, dentro do fosso. Os capangas de Scobell se recuperaram e tentaram mirar enquanto o menino corria, mas ele já havia passado pela porta quando as setas foram disparadas. Ouviu as setas voarem atrás de si, e gritos quando algumas encontraram um alvo. Os homens de Scobell estavam atirando uns nos outros sem querer.

O salão de onde ele saíra ficou um caos, gritos, berros e o barulho de gente correndo, mas Sherlock estava mais preocupado com o que havia a sua frente: o fosso, que mais parecia uma piscina, contornado pelas placas de madeira que chegavam à altura da cintura.

A criatura dentro do fosso rugiu. Sherlock ouviu patas e garras batendo no chão à medida que a fera corria para a beirada.

Ele pegou uma das placas e a puxou para cima. Ligeiramente presa no chão, a madeira resistiu por um instante, mas, com a força de seu desespero, Sherlock conseguiu arrancá-la. Ele não podia se dar ao luxo de falhar. A placa devia ter uns quatro metros e meio de comprimento e um de largura, e era tão pesada que não foi fácil manuseá-la, mas de alguma forma Sherlock conseguiu virá-la e jogá-la dentro do fosso, de modo a deixar uma das extremidades em cima da borda a seus pés.

Pronto: uma rampa para que o animal pudesse sair dali de dentro.

Foi a única ideia que lhe ocorreu para tentar compensar a desvantagem da situação em que estava.

Com um rugido, uma silhueta imensa se ergueu do fosso e parou acima de Sherlock, estendendo braços peludos para os lados e abrindo garras que pareciam facas. Era um urso — um urso-pardo —, e devia medir uns três metros da ponta do rabo até o focinho. Seus olhos pareciam vermelhos de fúria e loucura. Só Deus sabia onde Macfarlane conseguira aquele animal. Provavelmente o tinha desde que era filhote. Com certeza o urso havia passado anos preso, sendo provocado e fustigado, obrigado a brigar, e agora estava livre.

O animal atacou Sherlock com sua imensa pata. O menino se jogou no chão e rolou por baixo da fera, e os homens restantes de Scobell apareceram pela porta procurando por ele. O urso se esqueceu de Sherlock. Viu os homens, e viu as bestas. Lembrou-se de toda a dor que havia sofrido.

E atacou.

Sherlock rolou pela beirada do poço. Enquanto caía, ouviu os homens de Scobell gritarem e o urso soltar rugidos apavorantes.

Ao atingir o fundo do fosso, o menino perdeu o fôlego de uma só vez. Sua visão se encheu de pontos luminosos. Ele levou um minuto para se recuperar. Virou-se no chão e se levantou com cuidado, olhando em volta. O fosso tinha uns quatro metros e meio de profundidade, e os cantos estavam cheios de ossos. Alguns eram velhos, mas havia outros recentes e ensanguentados. Sherlock poderia jurar que alguns eram humanos.

Ele subiu a rampa cuidadosamente. O urso tinha entrado no salão principal de Macfarlane, mas havia cinco ou seis dos homens de Scobell caídos perto da porta. Pelo estado deles, era difícil determinar quantos homens havia exatamente.

Com cuidado, o menino passou pela porta.

A maioria dos homens de Macfarlane fugira. O próprio, no entanto, continuava ali no tablado, perto do trono, cercado de Rufus Stone, Matty, Amyus Crowe e Virginia. Todos assistiam horrorizados ao que acontecia no centro do salão.

Os outros homens de Scobell tinham sido destroçados pelas garras do urso. Era óbvio que eles haviam tentado impedi-lo: as bestas tinham disparado, e

várias setas estavam cravadas na pele da fera, mas isso não servira de nada. Tendo matado os capangas, o urso agora se erguia junto a Bryce Scobell. O animal era quase o dobro do tamanho dele. No rosto de Scobell não havia qualquer traço de medo. Também não havia traço de dor, apesar do sangue que jorrava de sua mão direita, a que fora atravessada pela lâmina da bengala.

— Saia da minha frente — disse ele, com apenas um toque de irritação na voz. — Tenho negócios a tratar.

O urso lhe deu uma patada letal. As garras afiadas o acertaram no peito, erguendo-o como se ele fosse um boneco de pano. Ele foi arremessado pelo salão e atingiu a parede. Sherlock viu o corpo dele deslizar até o chão, quebrado e inerte. A expressão em seu rosto era tão tranquila e indiferente, como sempre, e agora permaneceria assim pela eternidade.

O urso então farejou as pessoas no tablado. Abaixou-se até ficar nas quatro patas e foi na direção delas. O rosnado que emergia de seu peito reverberava por todo o piso.

Sherlock foi atrás do animal. Ele sabia que precisava impedi-lo, mas não sabia o que fazer. Uma das bestas que os homens de Scobell haviam derrubado estava a seus pés. Não tinha sido disparada ainda. Ele se abaixou e a pegou. O couro do urso já estava com cinco ou seis setas, mas talvez Sherlock acertasse em algum ponto vulnerável. Será que ursos *tinham* pontos vulneráveis?

Gahan Macfarlane deu um passo à frente, mas Amyus Crowe pôs a mão em seu ombro. Macfarlane olhou para o americano e franziu o cenho. Crowe passou por ele e desceu do tablado. Foi em direção ao urso. Matty e Rufus Stone estavam paralisados. O urso corria na direção de Crowe, rosnando. Sherlock viu Virginia erguer a mão à boca. Sua expressão era de choque, os olhos arregalados. Ela veria a morte do pai acontecer bem à sua frente.

Sherlock ergueu a besta e mirou na nuca do animal. Talvez ele conseguisse romper a medula espinhal do urso. Sabia que tinha poucas chances, ainda mais com as mãos tremendo daquele jeito. Mas precisava fazer algo.

O urso se ergueu nas patas traseiras ao alcançar Crowe, estendendo as patas dianteiras e as garras. Levantando o focinho no ar, soltou um rugido ensurdecedor.

E então Amyus Crowe fez a coisa mais impressionante que Sherlock já vira. Ele abriu os braços, levantou a cabeça e também rugiu. Sua voz ecoou pelo salão.

Com seu tórax imenso e seus braços e pernas muito musculosos, ele de repente parecia invencível. Era também um urso, mas branco em vez de castanho — um urso-polar, em vez de urso-pardo.

O urso baixou a cabeça e olhou para ele. Fungou, desconfiado.

— Já dei conta de ursos maiores que você com um pé nas costas — disse Crowe, sem vacilar. — Volte para o lugar de onde veio, amigo. Viva mais um dia.

Era inacreditável, mas o urso deixou cair o corpo, voltando a ficar nas quatro patas. Mesmo nessa posição, porém, sua cabeça chegava à altura de Crowe. Ele o farejou por um bom tempo, depois se virou e saiu correndo do salão, voltando para o fosso. Passou por Sherlock sem nem levantar a cabeça.

— Isso sim — disse Macfarlane, quebrando o silêncio — é algo que as pessoas pagariam para ver. Posso lhe oferecer um emprego, Sr. Crowe? Duas lutas por semana, ordenado a combinar?

Crowe olhou para Sherlock. Viu a besta ainda nas mãos do menino e assentiu.

— Parei de lutar com ursos faz alguns anos já — respondeu ele. — Prefiro ser professor. É um trabalho que oferece mais desafios.

Capítulo dezessete

VOLTARAM PARA CASA NO DIA SEGUINTE. Sherlock passou a maior parte da viagem dormindo. Estava mental e fisicamente exausto. Todos os outros pareciam pouco dispostos a conversar. Nas poucas ocasiões em que a mente de Sherlock emergia das profundezas do sono, ele via que seus amigos também estavam dormindo, lendo jornal ou apenas olhando a paisagem passar pela janela, com uma expressão melancólica. Matty saiu correndo do trem quando chegaram a Newcastle e voltou quando a locomotiva estava prestes a partir, trazendo um saco cheio de pãezinhos. Foi o maior acontecimento da viagem.

Quando chegaram a Farnham, despediram-se enquanto, em volta deles, passageiros desembarcavam e carregadores tiravam caixas e engradados do trem.

— Vai ficar por aqui? — perguntou Rufus a Crowe, expressando a dúvida que Sherlock não tivera coragem de expressar.

— Não temos motivo para ir a lugar algum agora — respondeu Crowe. Ele envolvia os ombros de Virginia com o braço esquerdo de forma protetora. Ela parecia pálida. — Não precisamos mais fugir, e não temos por que voltar para nosso país. — Ele olhou para Virginia, e então para Sherlock. — Na verdade, temos bons motivos para ficar. Desde que o chalé ainda esteja inteiro e ninguém o tenha ocupado, acho que ainda vamos nos ver bastante.

— Acredito que falo por todos nós — respondeu Stone — quando digo que estou feliz. A vida seria muito menos interessante sem você por perto, embora eu deva reconhecer que seria também muito mais segura.

Crowe estendeu a mão direita para Stone.

— Vocês nos ajudaram quando precisamos. Para mim, essa é a única definição de amizade que importa. Obrigado.

Pego de surpresa, Stone apertou a mão de Crowe. Fez uma careta ao sentir a pressão do aperto de Crowe em seus dedos ainda sensíveis.

— Eu diria que foi um grande prazer, Sr. Crowe, mas, na verdade, não foi; e

eu diria que você não deve hesitar em nos chamar de novo quando precisar de ajuda, mas espero sinceramente que dispense a oportunidade. — Ele sorriu, para indicar que não estava falando sério. — No entanto, independentemente disso... não tem de quê.

Crowe então apertou a mão de Matty.

— Rapaz, você é corajoso e esperto. Com os seus instintos, e o cérebro de Sherlock, vocês são uma dupla imbatível. Obrigado.

— De nada, eu acho — disse Matty, sem graça.

Ele não estava acostumado a elogios nem a ser o centro das atenções.

Crowe se virou para Sherlock. Olhou para ele por um bom tempo e então balançou a cabeça.

— Sherlock, sempre que acho que o conheço, você dá um jeito de me surpreender. Já não sei mais qual de nós é o aluno e qual é o professor. Desconfio que agora seja uma parceria entre iguais, mas não acho essa situação nada desagradável. Não estou velho demais para aprender. — Ele hesitou e engoliu em seco. — O fato é que, se não fosse você, Virginia e eu estaríamos mortos ou ainda em fuga. Estou em dívida, mais do que posso expressar.

Sherlock desviou o olhar, observando a cena agitada no átrio da estação.

— Não gosto de mudanças — murmurou ele depois de um tempo. — Gosto que tudo na minha vida permaneça do mesmo jeito, e preciso saber o lugar de cada coisa. Isso vale tanto para objetos quanto para pessoas.

— Bom, rapaz, você sabe onde *nós* estamos. Não deixe de nos visitar.

Crowe tirou o braço de sobre os ombros da filha, pronto para ir para casa, mas Virginia se aproximou de Sherlock.

— Obrigada — disse apenas, e o beijou na boca.

Antes que Sherlock pudesse ter qualquer reação além de ficar vermelho, ela já se havia afastado e agora caminhava de braço dado com o pai.

Na estação, o apito do trem soou. Estava pronto para partir.

— Acho — disse Rufus Stone, rompendo o silêncio pesado — que preciso de uma boa dose de rum e uma faixa impregnada de unguento para os dedos. Ou uma boa dose de unguento e uma faixa impregnada de rum para os dedos. Tanto faz. O rum das tavernas de Farnham tem gosto de unguento mesmo. — Ele inclinou a cabeça e olhou para Sherlock. — Não precisamos ter pressa para voltarmos às nossas aulas de violino, tudo bem? Desconfio que seus dedos serão

muito mais ágeis que os meus por algum tempo, e detesto passar vergonha.

Olhando para Matty, Rufus ergueu um dedo à testa e fez uma saudação.

— Até a próxima, Sr. Arnatt.

Stone saiu andando, alegre. Sherlock ficou vendo-o se afastar. O menino sabia que aquelas despedidas deviam ter lhe provocado algum sentimento, mas seus lábios ainda formigavam com o beijo de Virginia.

— Vejo você amanhã? — perguntou Matty.

— Acho que sim — respondeu Sherlock. — Agora só consigo pensar em dormir, e muito.

Matty olhou os engradados que haviam sido descarregados do trem.

— Parece que tem alguns petiscos bem bons ali — disse ele. — Acho que vou seguir aqueles engradados por um tempo, só para o caso de acontecer um acidente e um deles se quebrar.

Sherlock sorriu. Matty era irrefreável. Ele sobreviveria, não importava o que acontecesse. Na verdade, Sherlock não ficaria surpreso se, dali a quinze ou vinte anos, algum Matthew Arnatt fosse um empresário extremamente bem-sucedido com atividades pelo país inteiro. Mas ele ainda roubaria salgados de barracas de feira, só para não perder a prática; disso Sherlock tinha certeza.

— As pessoas acham que existe uma linha clara entre ações legais e ilegais — disse ele, baixinho. — Acho que, se aprendi algo desde que vim para Farnham, foi que essa linha *não* existe. Há um monte de cinza entre o branco de uma ponta e o preto da outra. Só precisamos tomar cuidado com o lugar onde pisamos.

— Desde que eu esteja mais perto do lado branco do que do preto, provavelmente vou ficar bem — respondeu Matty.

Ele abriu um sorriso de repente, e então se virou e saiu correndo.

Sherlock permaneceu ali por um instante, esperando que algo acontecesse. Não sabia bem o que poderia ser, mas tinha a impressão de que a tempestade fizera apenas uma breve pausa, mas não terminara. Depois de um tempo, como ninguém veio falar com ele nem houve qualquer acontecimento digno de nota à sua volta, ele foi embora, sentindo-se um tanto esvaziado.

Voltou à mansão Holmes de carona, na carruagem de um fazendeiro que passava. Saltou diante dos portões e andou pela pista de acesso até a porta principal, carregando sua mala de roupas e artigos de higiene.

A porta estava destrancada; ele a abriu. A luz do sol invadiu o saguão. O

espaço que durante tantos meses parecera sombrio e ameaçador agora estava cheio de calor e luz. Parecia uma casa totalmente nova. Ele enfim se acostumara, ou isso teria algo a ver com a partida da Sra. Eglantine? Ela levara consigo as sombras e a escuridão?

Quando ele entrou no saguão, uma figura surgiu da sala de jantar.

— Ah, imagino que seja o Sr. Sherlock — disse uma voz.

O olhar cansado de Sherlock repousou na forma de uma mulher de meia-idade com cabelo cor de palha preso com uma rede em um coque atrás da cabeça. Seu rosto era gentil, e seus olhos eram castanhos e vivos. Embora a mulher estivesse de preto, algo em suas roupas dava a impressão de festas e bailes, não de funerais e enterros.

— Sim — respondeu ele. — Passei alguns dias fora.

— Foi o que o Sr. Holmes disse. Ele mencionou que o senhor chegaria em breve. — Ela sorriu. — Sou a Sra. Mulhill, a nova governanta. Comecei ontem.

— Bem-vinda à mansão Holmes.

— Obrigada. Estou muito ansiosa para trabalhar aqui. — Ela olhou para a mala de Sherlock. — Com certeza o senhor tem aí roupas que precisam ser lavadas. Se quiser descansar em algum lugar, posso levar-lhe uma bandeja com chá e biscoitos. O Sr. e a Sra. Holmes não se encontram no momento, mas voltarão para o jantar.

— Chá e biscoitos — disse ele. — Seria ótimo.

Sherlock deixou a mala aos cuidados dela e foi até a biblioteca. Na ausência do tio, aquele era o lugar onde se sentia mais à vontade. A sala de visitas servia para receber convidados, a sala de jantar era para comer, e ele não estava disposto a subir para o quarto.

Acomodando-se na cadeira de couro do tio, Sherlock inspirou o cheiro dos livros e manuscritos que o cercavam. Na mesa, viu a pilha de sermões, cartas e afins que Sherrinford Holmes lhe havia pedido para organizar antes que Josh Harkness, Gahan Macfarlane e Bryce Scobell invadissem sua vida. Tudo parecia muito distante, no passado.

O sermão diante de Sherlock era um dos que ele já havia olhado — um texto em que um vigário em algum lugar na região central da Inglaterra atacava várias heresias e cismas dentro da Igreja. O olhar de Sherlock encontrou mais ou menos no meio da folha a expressão “Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos

Dias", e então foi como se uma luz se acendesse de repente em sua cabeça.

Pratos de ouro. A Sra. Eglantine vinha procurando pratos de ouro porque ouvira tio Sherrinford falar sobre isso. Ela ficara obcecada com a ideia de que, escondido em algum lugar da casa, havia um conjunto de pratos de ouro — algum tesouro —, mas nunca os encontrara.

Havia um tesouro, mas não era o que ela havia imaginado.

Sherlock relembrou o que havia lido sobre a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — também conhecida como Mórmon — na biblioteca do tio. O movimento começara na América, uns quarenta anos antes, liderado por um homem chamado Joseph Smith Jr. Ele se dizia em posse de um texto sagrado chamado Livro de Mórmon, que afirmava ser um suplemento da Bíblia. Quando perguntaram de onde esse livro sagrado havia saído, Smith alegou que, quando tinha dezessete anos, um anjo chamado Morôni lhe falara que um conjunto de escritos antigos, gravados em placas douradas por profetas ancestrais, havia sido enterrado em uma colina perto de Nova York. Os escritos falavam que Deus conduzira uma tribo de judeus desde Jerusalém até a América seiscentos anos antes do nascimento de Cristo.

Placas douradas.

Sherlock sentiu o peito se encher com uma vontade de rir. A Sra. Eglantine provavelmente ouvira Sherrinford Holmes conversar com tia Anna sobre as placas douradas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Teria ele mencionado a palavra "tesouro" também? Teria sido o caso de ele dizer algo como "Esta carta é um tesouro, minha querida, pois me fornece tudo de que preciso para defender que as placas douradas dos mórmons nunca existiram", e a Sra. Eglantine, escutando por trás da porta, entender "pratos dourados" e chegar a uma conclusão completamente equivocada? Sherlock jamais teria como saber sem perguntar a ela, e o menino tinha a sincera esperança de nunca mais voltar a vê-la, mas só podia ser isso. O tesouro que ela havia procurado tão arduamente era uma quimera. Uma completa ilusão.

Sherlock deu outra risada. Contaria ao tio assim que ele voltasse, claro, mas era improvável que Sherrinford fosse lamentar a notícia de que não havia tesouro algum. Ele não se importava muito com os bens materiais.

Enquanto ria, Sherlock sentiu um cheiro doce. Era um odor familiar, vagamente medicinal. Ele o conhecia de algum lugar, mas não conseguia se

lembrar de onde. Por um momento, achou que a Sra. Mulhill havia voltado com a bandeja de biscoitos prometida, mas não havia mais ninguém na biblioteca.

Sherlock tentou se levantar, mas sua visão começou a ficar desfocada. Estendeu a mão para a mesa, para se firmar, mas não a alcançou. Caiu para a frente, batendo a cabeça no mata-borrão, mas não sentiu o impacto. Não sentiu nada além de um delicioso esgotamento. Uma névoa acolhedora se fechou à sua volta, e ele dormiu.

Visões indistintas, como uma colagem de retratos, preencheram sua mente. Uma carruagem preta. Cordas. Um lenço com um cheiro doce enjoativo. O céu. Um rosto, de barba ruiva e olhos arregalados, que Sherlock reconhecia mas não conseguia identificar...

Quando acordou, tudo estava diferente.

Ele se viu coberto por um emaranhado de cordas grossas e alcatroadas, dentro de um cômodo pequeno. As paredes, o chão e o teto eram feitos de tábuas grosseiras. Sua cabeça latejava, e seu estômago estava se revirando. O chão parecia se mexer a seus pés, mas só quando ele tentou afastar as cordas e se levantar ficou claro que o problema era realmente o cômodo, e não seu equilíbrio. O chão *estava* se mexendo.

Sherlock abriu a porta e saiu, ainda se segurando no batente para não cair.

Encontrou-se olhando para um convés de navio. Para além do guarda-corpo, viu um mar cinzento encrespado e cheio de espuma branca. Não havia terra à vista.

Um marinheiro apareceu a um lado e parou de repente ao ver Sherlock. Deu um longo suspiro e se virou para trás.

— Chamem o Sr. Larchmont — gritou ele. — Temos um passageiro clandestino! — O homem se virou para Sherlock e balançou a cabeça. — Você escolheu o navio errado para viajar escondido, garoto.

— Por quê? — perguntou Sherlock. — Aonde estamos indo?

— Não é um cruzeiro turístico pelo Mediterrâneo — respondeu o marinheiro. Ele sorriu, revelando um punhado de dentes manchados de tabaco. — Este é o *Gloria Scott*, e estamos navegando rumo à China!

Notas históricas

VOCÊ TALVEZ ACHE QUE PESQUISAR para um livro ambientado na mesma ilha onde moro seria mais fácil do que pesquisar para uma história ambientada, digamos, na América ou na Rússia. Com certeza era o que *eu* achava antes de começar a escrever este livro. O estranho é que a história acabou sendo bem diferente.

Comecei a pensar em ambientar um livro em Edimburgo quando passei alguns dias na cidade. Eu ia dar uma palestra no Edinburgh Festival e depois visitar algumas escolas e conversar com alunos sobre Sherlock Holmes, sobre mim e sobre por que eu queria escrever essa série de livros. Estava hospedado em um hotel pequeno no centro da cidade — bem perto da Princes Street, para falar a verdade —, e todos os dias, quando saía do hotel, olhava para a direita e via a cúpula vulcânica imensa de Castle Rock e o Castelo de Edimburgo empoleirado como uma nuvem cinzenta sólida acima da cidade. Era uma visão tão impressionante que não pude deixar de imaginar Sherlock Holmes escalando Castle Rock, arriscando a vida para salvar alguém. Esse alguém provavelmente seria Virginia.

O que eu devia ter feito, é claro, era ir à livraria mais próxima e comprar o máximo possível de livros sobre a história de Edimburgo. Mas minha mala já estava muito cheia, e na ocasião eu estava ocupado escrevendo o mistério anterior do jovem Sherlock Holmes, *Gelo negro*, então não tinha tempo para pensar no livro *seguinte*. Guardei as imagens e paisagens em uma caixinha com cadeado dentro da cabeça para ver depois. Bem depois.

Esse "bem depois" chegou mais rápido do que você poderia imaginar. Quando comecei a escrever *Tempestade de fogo*, eu já havia voltado a Dorset, que é praticamente o lugar mais longe possível de Edimburgo sem sair da ilha. Ao procurar inspiração nos arredores, encontrei apenas o livro *Edinburgh — A History of the City*, de Michael Fry (publicado em 2009 pela Macmillan — que

também publicou a série *O jovem Sherlock Holmes* na Inglaterra, o que significa que eu provavelmente podia ter pedido para me mandarem um exemplar de graça em vez de comprar um). Contudo, esse livro me ofereceu uma boa noção de como a cidade tinha se desenvolvido e que tipo de gente morava lá.

A história sobre os ladrões de cadáveres Burke e Hare que Matty conta a Sherlock quando os dois estão na taverna em Princes Street é cem por cento verdadeira. Edimburgo era uma cidade famosa por sua escola de medicina, e de fato havia uma escassez de corpos. Burke e Hare encontraram a solução perfeita para esse problema: matar pessoas e fornecer cadáveres sob encomenda para os estudantes de medicina. Burke realmente foi enforcado, e seu corpo foi dissecado no mesmo lugar onde tantas de suas vítimas haviam acabado, e Hare de fato desapareceu e nunca mais foi visto.

A outra história que Matty conta a Sherlock — depois, quando eles estão saindo dos cortiços onde foram interrogados por Bryce Scobell — não é verdadeira, embora seja uma crença difundida.

> Quando eu vim aqui antes, ouvi um boato de que as autoridades tavam tentando tirar as pessoas dos cortiços. Parece que queriam vender o terreno para construir fábricas, mansões ricas ou algo do tipo. As pessoas com quem eu falei me disseram que as autoridades espalhavam um boato de que uma doença, como tuberculose ou a peste, tinha se espalhado pelo cortiço. Eles levavam todo mundo para um abrigo, e então demoliam o cortiço e construíam outra coisa no terreno. E nisso eles ganhavam muito dinheiro. Ouvi que, às vezes, se não tinha vaga nos abrigos, eles levantavam um muro para fechar os acessos dos cortiços e deixavam as pessoas lá dentro morrerem de fome, mas não acredito nisso.

O cortiço em questão é chamado Beco de Mary King. Construíram tantas coisas em cima dele ao longo dos anos que os becos se tornaram túneis subterrâneos. É possível visitar o lugar hoje e ouvir histórias sobre as pessoas que foram presas ali para morrer de fome, e sobre os fantasmas que ainda aparecem à noite nos cômodos, mas a verdade é mais prosaica. Muitas vezes, pessoas que contraíam a peste se isolavam voluntariamente na própria casa para não passar a doença para mais ninguém, e indicavam sua condição colocando bandeiras brancas nas janelas. Amigos e vizinhos lhes entregavam comida e suprimentos até que elas melhorassem (improvável) ou morressem (muito mais provável). Havia até mesmo lugares especiais fora da cidade onde vítimas da peste podiam se isolar de todo mundo.

Curiosamente (ou não), Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo em 1859 e estudou medicina lá entre 1876 e 1881. Um de seus professores era um homem chamado Joseph Bell, e é muito difundida a teoria de que Doyle se baseou em Bell para criar o personagem Sherlock Holmes (diziam que, só de olhar, o professor era capaz de diagnosticar não apenas a doença de seus pacientes, mas também sua profissão). Por um breve instante, considerei incluir uma aparição de Joseph Bell neste livro, mas decidi não fazê-lo. Teria permanecido como uma piada interna, e não havia qualquer motivo sólido para incluí-lo.

A propósito, seria errado de minha parte não mencionar *O secretário italiano* (Record, 2008), romance do escritor americano Caleb Carr sobre Sherlock Holmes. A história é ambientada em grande parte nos arredores de Edimburgo. Carr é um escritor excelente, e é possível que sua versão de Sherlock Holmes seja a mais próxima da original desde a morte de Arthur Conan Doyle, em 1931.

A história que Amyus Crowe conta sobre o coronel John Chivington e o ataque pavoroso que ele realizou contra a tribo indígena liderada pelo cacique Chaleira Preta é, lamentavelmente, verdadeira. Cresci assistindo a filmes de faroeste em que os índios americanos (ou peles-vermelhas, como eram conhecidos na época) eram os bandidos e os nobres soldados brancos, os mocinhos. Esses filmes eram mentirosos, e ainda me sinto traído pelo fato de que Hollywood convenceu tanta gente do contrário. Claro, não existe qualquer registro de que Chivington tivesse um subcomandante chamado Bryce Scobell, mas também não existe registro de que não tenha tido.

A primeira vez que li sobre o fato bizarro de que coelhos são imunes ao veneno do caule e das folhas da dedaleira foi no livro *The Wordsworth Guide to Poisons and Antidotes*, de Carol Turkington (Wordsworth Editions, 1997). Desde então, pesquisei um pouco mais e descobri que as opiniões sobre o assunto divergem. Talvez sejam corretas, talvez não. De qualquer forma, Sherlock Holmes acredita que isso seja verdade.

Durante séculos as lutas com ursos foram um "esporte" conhecido na Inglaterra, até se tornarem ilegais em 1835. Normalmente era um urso preso a uma estaca sendo atacado por cachorros. Ou o urso matava os cachorros, ou os cachorros matavam o urso. Lutas entre um urso e uma pessoa eram raras, mas aconteciam. Por algum motivo (talvez uma abundância de ursos), a Rússia era mais conhecida pelas disputas entre homens e ursos. Minha intenção original era

fazer Amyus Crowe encarar um urso em *Gelo negro*, mas não achei nenhuma forma de incluir essa cena de modo que fizesse sentido. Por algum motivo, fez mais sentido neste — provavelmente porque Crowe não teve muito a fazer em *Gelo negro*, mas em *Tempestade de fogo* ele acaba sendo praticamente levado ao limite.

As informações em relação à crença da Igreja de Mórmon de que a palavra de Deus foi entregue ao profeta Joseph Smith Jr. em 1823 na forma de placas douradas também são verdadeiras (isto é, a história que descrevo é mais ou menos o que a Igreja de Mórmon afirma — não estou dizendo que a história é de fato *verdadeira*. Isso não cabe a mim).

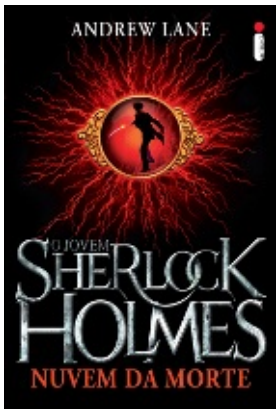
Então, Sherlock finalmente enfrentou a maligna Sra. Eglantine e a expulsou da residência dos Holmes. Ele também cresceu a ponto de caminhar com as próprias pernas e resgatar seu irmão e os pais substitutos (Amyus Crowe e Rufus Stone), e não depender de que *eles* o resgatem. Qual é a próxima aventura de Sherlock? Bom, de acordo com Arthur Conan Doyle, que escreveu os cinquenta e seis contos e quatro romances sobre um Sherlock Holmes adulto, o personagem era especialista em artes marciais. Fiquei pensando: onde ele *aprenderia* essas artes marciais? Na China, talvez; ou no Japão. O tempo, e ventos e correntes favoráveis, dirão.

Sobre o autor

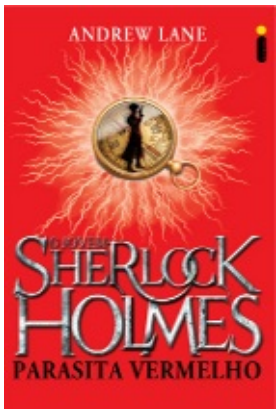


Andrew Lane, que por anos atuou como redator de imprensa especializado em televisão, é autor de vários romances ambientados no universo de conhecidas séries da rede BBC inglesa, como *Doctor Who, Torchwood* e *Randall and Hopkirk (Deceased)*, além de obras de não ficção dedicadas a filmes e personagens famosos, como James Bond. Vive em Dorset, no sul da Inglaterra, com a mulher e o filho, em meio a uma vasta coleção de livros sobre Sherlock Holmes, acumulada ao longo de vinte anos — o que, agora ele afirma, foi uma despesa mais que justificada.

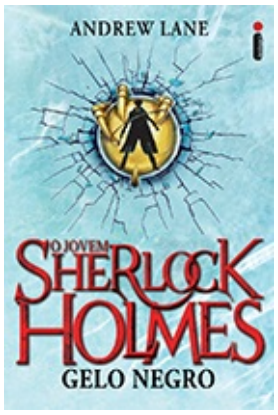
Conheça os livros do autor



O jovem Sherlock Holmes:
Nuvem da morte



O jovem Sherlock Holmes:
Parasita vermelho



O jovem Sherlock Holmes:
Gelo negro